MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO

POR DENTRO DA HISTÓRIA: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)

ASSIS
2015

MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO

POR DENTRO DA HISTÓRIA: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador(a): Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva

ASSIS
2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

T727p

TOURINHO, Mary Angélica Costa

Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)/ Mary Angélica Costa Tourinho. – Assis-SP: UNESP, 2015.
239f.

Orientadora: Dra. Zélia Lopes da Silva

Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista - UNESP, Área de conhecimento: História e Sociedade, 2015.

1. Comércio – Parnaíba - história. 2. Parnaíba – história. 3. Mulheres – Parnaíba. I. SILVA, Zélia Lopes da. II. Universidade Estadual Paulista - UNESP. III. Título.

CDD 380.018122

MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO

POR DENTRO DA HISTÓRIA: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista - para obtenção do título de Doutor em História. (Área de conhecimento: História e Sociedade)

Aprovada em: ___/___/___

Comissão Examinadora:

_____

Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis

_____

Profa. Dra. Tania Regina de Luca
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis

_____

Profa. Dra. Roseli Terezinha Boschilia
Universidade Federal do Paraná – UFPR

_____

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____

Profa. Dra. Ivana Guilherme Simili
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Aos meus pais Maria Clara e José Almeida(seu Zezinho, *in memoriam*). Tudo começou com eles. Aos meus amores e parceiros, de projetos e de vida, Washington Júnior, Artur e Ciro.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são bem vindos em qualquer trabalho, significa que muitas pessoas contribuíram para que ele se concretizasse, e eu, graças a Deus, posso agradecer a muita gente, o que me impede de citar o nome de todos que estiveram comigo, de alguma forma, nesse projeto.

Quero primeiro agradecer a minha grande e maravilhosa família, presença firme e protetora. Primeiramente meu marido e filhos, Washington Tourinho Júnior, Artur Costa Tourinho e Ciro Costa Tourinho.

A minha mãe Maria Clara e a outras duas matriarcas que nunca me faltaram, além de torcerem sempre por mim, Maria Amélia e Maria José (Mazé).

Aos Irmãos e irmãs, Gorethe, Maria José, Custódio, Emília, Carlos Sérgio, George, Ana Claudia, Ana Clara e José Filho.

Aos Cunhados, e cunhadas, Avelino, Josana, Isidoro, Claudia, Erika, Úrsula, Josete, Márcia, Andréia e suas respectivas famílias.

Duas sobrinhas lindas que me acolheram em minhas andanças por São Paulo, Patrícia Tourinho e Rebeca Tourinho.

Dedico um agradecimento especial, a minha tia Eliane Viana dos Santos (*in memoriam*) e a minha irmã, Maria do Amparo Viana França (*in memoriam*), que não vão poder me acolher com um grande abraço por essa conquista. Mas a saudade não tira o aprendizado e o que ficou de bom de vocês.

Aos meus irmãos do coração Claudia e Janilson.

Ao tio Agenor, sua filha Liêda e os filhos Agenor Filho, Luís Antônio e Luís Carlos, que sempre nos acolheram com muito carinho.

Aos amigos e colegas de trajetória de trabalho e de vida, de São Luís, especialmente Antônia Mota e Maria da Glória; a querida turma de Assis, de maneira especial a Otavio, Augusto, Lucas, Humberto, Alexandre, Tiago, Anelize, Camila, Danilo, Pedro e minha querida Priscila David, com a sua família, sempre presente, amável e disponível para socorrer alguém que veio do litoral do nordeste para o sertão paulista.

A Luciane pelas indicações de entrevistas, transcrições e cordial disponibilidade.

A todos os “Caros Amigos de Parnaíba”, de modo especial a Ivanilda, Quixaba, Vânia e Gregório, que me confiaram material, informações e uma preciosa amizade.

Aos queridos colegas e amigos, que se prontificaram a ajudar com material e informações, Diderot, Erasmo, Maria de Jesus, Francisco e Yeda.

À UESPI (Universidade Estadual do Piauí) representada pelos colegas da Coordenação de História, da Diretora do Campus de Parnaíba, a professora Rosineide Candeia de Araújo, e os demais funcionários(as), pela atenção e disponibilidade em resolverem eventuais dúvidas e problemas.

A FAPEPI - Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí, bela concessão da bolsa, importante instrumento para a efetivação do trabalho.

À UNESP – Universidade Estadual Paulista – representada pelos professores da Pós - Graduação, especialmente Tânia Regina de Luca e Karine Anhenzini, e dos funcionários, Zélia, Suely, Marcos e Clarice.

Ás pessoas que abriram suas casas, dedicando um pequeno e precioso relato sobre parte de suas vidas e sobre a cidade de Parnaíba, de forma tão disponível e gentil. Gostaria de citar cada uma delas: Odelita Neves Ribeiro; Maria de Lourdes França; Raimundo Nonato Lopes do Prado; Maria José Ferreira Santos; Neusália dos Santos Mavignier.

Além das pessoas que concederam entrevista quero expressar meus agradecimentos à gentil receptividade, bem como o acompanhamento da entrevista de Bernadethe, Maria Costa do Nascimento (Socorrinho) e Sólima Genuina.

E por fim, à minha querida orientadora, Dra. Zélia Lopes da Silva, por confiar e assumir o meu projeto; pela orientação, sendo decisiva diante de minhas indecisões, assumindo com responsabilidade e a competência que lhes são peculiares, a tarefa de me acompanhar nesse processo de construir um doutorado. Sou muito grata a você Zélia.

“No pilão, no tacho, fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.
Aceso sempre o forno de barro.
As quitandas de salvação, carreando pelos tabuleiros os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis.
Eram as costuras trabalhadas, os desfiados, os crivos pacientes.
A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.
Os bordados caprichados, os remendos instituídos, os cerzidos pacientes...
Tudo economizado, aproveitado”. (Cora Coralina)

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **POR DENTRO DA HISTÓRIA: mulheres operosas no mundo no comércio em Parnaíba (1930 a 1950)**. 2015. 239f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

RESUMO

Apresento neste trabalho, mulheres em meio às atividades produtivas, no mundo do comércio da cidade de Parnaíba–PI de 1930 a 1950, apoiando-nos em documentação diversificada, principalmente o Almanaque da Parnaíba, memorialistas, entrevistas, jornais e um referencial teórico que privilegia o cotidiano, o gênero, a análise do discurso e o paradigma indiciário. Neste período, acentuaram-se as transformações urbanísticas, advindas do incremento econômico local, alavancado pelo crescimento das exportações dos produtos regionais que ganhavam espaço no mercado mundial. Estas mudanças urbanísticas e as diversas influências que se processavam em âmbito internacional e nacional, interferiram, sobremaneira, no cotidiano da cidade, alternando-lhe feições de ordem estética e comportamental, que atingiram mulheres, principalmente as que podiam ter acesso aos espaços facultados por essas mudanças, incluindo-se aí o trabalho, o lazer e a instrução; que aumentaram-lhes as possibilidades de sobrevivência, devido à ampliação dos espaços de trabalho, tanto formais, quanto informal. Dessa forma, mulheres de diversificados meios sociais têm mais possibilidades de adentrarem no mercado de trabalho. Em meio a esse contexto, apresenta-se a cidade com os diferentes sujeitos sociais, e ainda como repositório de discursos institucionais que se desenvolveram, ou se afirmaram como modelo de civilidade e modernização; imbuídos de referenciais patrióticos e um ideário que privilegiava uma maternidade responsável, proporcionadora de uma infância saudável, fundamental para o bem do Estado. Estes discursos estavam na base dos projetos instituídos no período em que Getúlio Vargas esteve à frente do poder do Brasil. Alusões ao trabalho, formal e informal, aos seus perigos, direitos e deveres, à instrução, a circulação dos valores e regulações que incidiam de forma mais evidente sobre as mulheres; são analisadas, além dos discursos dirigidos para o sexo feminino e os produzidos por mulheres, em âmbito nacional e local, colocando-as como os sujeitos em destaque nessa abordagem. Por fim, apresentamos e analisamos os espaços de trabalho ocupados pelas mesmas e como se distribuíram, com suas respectivas atividades pela cidade de Parnaíba, evidenciando-se algumas experiências e dando-lhes visibilização nesse universo do mundo do comércio.

Palavras-chave: História. Mulheres. Trabalho Feminino. Comércio. Parnaíba – PI. Visibilização.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **FOR STORY INSIDE: workers at women in the world trade in Parnaiba (1930-1950).** 2015. 239f. Thesis (Doctorate in History). - Faculty of Science and Letters, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

ABSTRACT

I present in this work women among the productive activities in the world of commerce of the city of Parnaíba-PI, from 1930 to 1950, relying on diversified documentation, mainly the Almanac of Parnaiba, memoir writers, interviews, newspapers and a theoretical framework that favors the study of daily life, gender, the discourse analysis and the evidential paradigm. During this period have widened the urban transformations, coming from the local economic growth; these urban changes and the influences that were processed at the international and national levels, interfered in the city daily life, changing his appearance and behavior order, which reached women, especially those who might have access to the tools provide by these changes, including work, leisure and education; also increase the survival chance of then, due to the expansion of workspaces, both formal and informal, including women of the most diverse social groups. Amid this context, we present the city as a reproducer of institutional discourses that have developed as representatives of civility and modernity who understood the responsible motherhood, imparting of a healthy childhood as essential for the good of the state, these speeches were at the base of the projects established in the period in which Getúlio Vargas headed the power of Brazil. Allusions to the women work, the dangers, the rights and education, were disseminated through newspapers and almanacs responsible for the movement of values which concentrated on the local society and, more specifically, on women; is analyzed in this work the speeches directed to women and discourses produced by them, as well as the effective forms of work, formal and informal, putting women as the featured subject in this approach, finally, we present and analyzed spaces occupied by them and how were distributed, with their respective activities by the city of Parnaíba, demonstrating some experiments and giving them visibility in this universe of the world of commerce.

Keywords: History. Women. Female Work. Commerce. Parnaíba - PI. Visibilization.

LISTA DE IMAGENS/ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1. Mapa político do Estado do Piauí 34

IMAGEM 2. Representação da Bacia Parnaibana 35

IMAGEM 3. Anuncio da Casa Inglesa, divulgando suas atividades 39

IMAGEM 4. Inaugurações de obras em 51

IMAGEM 5 Área lateral do Mercado Público de Parnaíba 52

IMAGEM 6. Prédio da União Caixeiral e sua Escola 56

IMAGEM 7. Amplificadora e o prefeito Mirócles Veras 61

IMAGEM 8. Jardim do Rosário em festa, com a Igreja e a Praça da Graça 71

IMAGEM 9 - Estádio do Parnaíba Esporte Clube 74

IMAGEM 10. O Bairro Coroa durante o período chuvoso 76

IMAGEM 11. Ruas da cidade de Parnaíba inundadas 80

IMAGEM 12. Ruas da cidade de Parnaíba inundadas 81

IMAGEM 13. Desfile do corso em Parnaíba 84

IMAGEM 14. Concludentes do Curso de Guarda Livros de1942 122

IMAGEM 15. Concludentes do Curso de Contabilidade de1946 123

IMAGEM 16. Publicação que faz alusão à colação de grau de Alda Cunha 130

IMAGEM 17. O prédio do Banco do Brasil e do Cinema Apollo Apollo 136

IMAGEM 18. Propaganda de um produto da *toillete* feminin*a* 138

IMAGEM 19. Lavadeiras à beira do Rio Igaraçu 152

IMAGEM 20. Coreto e Pavilhão Bar 155

IMAGEM 21. Bar Pimpão, em Parnaíba, na década de 1930 157

IMAGEM 22. Garçonetes do Bar Pimpão 158

IMAGEM 23. Propaganda do Bar Pimpão 160

IMAGEM 24. D. Odelita e suas colegas de trabalho à paisana 162

IMAGEM 25. Propaganda do Bar Pimpão 163

IMAGEM 26. Café e Pensão Central (Pensão do Nagib) 167

IMAGEM 27. Anúncio do Parnaíba Hotel 169

IMAGEM 28. Casas Comerciais localizadas à Rua 7 de janeiro 179

IMAGEM 29. Armazéns que circundam parte do Bairro São José 179

IMAGEM 30. Operárias no beneficiamento da cera de carnaúba 180

IMAGEM 31. Anúncio de Mercearia 183

IMAGEM 32. Imagem da Rua Marechal Deodoro 186

IMAGEM 33. Senhoritas fantasiadas para festa de Carnaval 188

IMAGEM 34. Pagina da Carteira de Trabalho de Lourdes França 194

IMAGEM 35. Lourdes França concludente de 1952 195

IMAGEM 36. Lourdes França entre as vitrines da Loja Rosemary 196

IMAGEM 37. Funcionárias da Loja Rosemary de Teresina 198

IMAGEM 38. Yone Fonseca Pinto. Professora e Guarda Livros. 204

IMAGEM 39. Funcionário(as) da Casa Inglesa em Parnaíba 207

IMAGEM 40. Funcionárias em frente à Casa Inglesa em Parnaíba 208

IMAGEM 41. Funcionários(as) das Casas Pernambucanas 209

IMAGEM 42. Empregados(as) do escritório de Ranulpho Torres Raposo 212

IMAGEM 43. Funcionários(a) da Recebedoria do Estado - Parnaíba – PI 213

IMAGEM 44. *Miss* Caixeira 1935 216

IMAGEM 45. *Miss* Parnaíba de 1930 217

IMAGEM 46. Rainha dos comerciários do ano de 1943 218

LISTA DE QUADROS DEMONSTRATIVOS

QUADRO DEMONSTRATIVO 1	40
QUADRO DEMONSTRATIVO 2	44
QUADRO DEMONSTRATIVO 3	46
QUADRO DEMONSTRATIVO 4	47
QUADRO DEMONSTRATIVO 5	120
QUADRO DEMONSTRATIVO 6	172
QUADRO DEMONSTRATIVO 7	175
QUADRO DEMONSTRATIVO 8	200
QUADRO DEMONSTRATIVO 9	210

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 14

CAPÍTULO 1 - A CIDADE DE PARNAÍBA: atividade comercial, mudanças urbanísticas e sociabilidades 33

1.1.Urbanização, homens, mulheres e uma cidade comercial..... 42

1.2.Parnaíba: sujeitos, espaços e sociabilidades distintas..... 67

CAPÍTULO 2 – DISCURSOS SOBRE O SER FEMININO E O TRABALHO EM PARNAÍBA 93

2.1 Representações femininas: do Almanaque de Parnaíba aos romances de Assis Brasil..... 96

2.2 O mundo feminino na percepção de suas protagonistas e dos outros..... 106

CAPÍTULO 3 - "BRAÇOS E INTELIGÊNCIAS VÁLIDAS": Espaços de atuação das mulheres no mundo do comércio em Parnaíba 141

3.1 Existências numéricas e trabalho no Piauí..... 142

3.2 Mulheres entre memórias e vivências de trabalho..... 147

3.2.1 Em meio à rua e a casa, entre bancas e balcões..... 147

3.2.2 Comerciaria, caixeira e auxiliar de comércio..... 192

3.3 Um pouco de lazer..... 214

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 222

REFERËNCIAS..... 225

INTRODUÇÃO

A presente tese aborda as interações que se processaram, de 1930 a 1950, entre mulheres identificadas com funções produtivas, vinculadas direta ou indiretamente, às atividades com fins comerciais na cidade de Parnaíba. Mulheres percebidas, em muito, pela ótica da minha experiência de trabalhadora, migrante e historiadora, que buscava entender o papel social e produtivo das mulheres na história da cidade. Olhar aguçado também por alguns elementos apresentados por Parnaíba, a exemplo das placas de formatura da escola fundada pela União Caixeiral, que se destinava a constituir mão de obra para atuar no comércio local. Olhando mulheres entre os homens perguntei-me sobre elas. O que fizeram com essa formação, onde atuaram, sabendo-se da existência de uma imagem de cidade que era apresentada como um grande empório comercial. Dai comecei uma busca, que me levou também àquelas que não tiveram acesso ao privilegiado mundo da instrução escolarizada.

Também fui instigada por uma coluna do jornal O Bembém que falava sobre "Mulheres de outrora", escrita por Benjamim Santos[1], que se referindo à Parnaíba, falando contemporaneamente, descreve uma cidade do início do século XX, onde mulheres pouco apareciam - embora ele identifique muitas delas - invisibilizadas pelo domínio da imagem masculina: [...] "procuro reencontrar mulheres da velha Parnaíba, cidade dominada por homens e homens: um mundo imponente de jaquetões, gravatinhas, suspensórios, chapéus e bengalas. Homens que deixavam pouco espaço para mulheres aparecerem"[2]. A menção é coerente com os textos, que na maioria das vezes falavam sobre o feminino, mas não punham mulheres em destaque com os seus nomes e funções.

Além das mulheres que foram citadas pelo referido autor, que integram parte desse trabalho, queria encontrar outras, pouco notadas, quase nunca nominadas. Busquei pelos seus

---

[1]Nascido em Parnaíba em 04 de julho de 1939, Piauí, Benjamim Santos estudou em Recife e Olinda. No Recife, estudou dois anos na Faculdade de Direito. Em 1961, deixou o curso para trás e, no seminário de Olinda, estudou Filosofia. É escritor, teatrólogo e jornalista. Escreveu para teatro infantil, recebeu duas vezes o troféu Mambembe como melhor autor do ano, no Rio de Janeiro, onde também dirigiu shows de música popular brasileira e escreveu textos teatrais que foram montados anualmente em praça pública pela Prefeitura do Rio. Na área de show foi roteirista e diretor de espetáculos de Ademilde Fonseca, Ângela Maria, Carmem Costa, Conjunto Coisas Nossas, Kleiton e Kleidir, Dominguinhos, Elba Ramalho, Francis Hime, Grande Otelo, Henrique Cazes, João Bosco, Márcia Cabral, Maria Lúcia Godoy, Marlene, Miltinho, Miúcha, MPB-4, Nara Leão, Olívia Hime, Roupa Nova, Verônica Sabino, Wanderley Cardoso, Geraldo Azevedo, Cristina Buarque e de vários outros cantores. Benjamim Santos foi atuante no movimento de renovação do Teatro Infantil ocorrido no Rio de Janeiro durante a década de setenta. Foi um movimento renovador de um teatro que se fazia até então e que era dominado por Maria Clara Machado.
Durante Dez anos, esteve à frente desse movimento, ao lado de Sylvia Ortof, YloKrugli, Maria Lourdes Martini, Bia Bedan, Maria Lúcia Lacerda. Fonte: Pró Parnaíba. Disponível em <www.proparnaíba.com>. Acesso: 29 de set. de 2011.

[2] Jornal O Bembém, 21 out. 2008, p. 10.

nomes, locais de trabalho e fragmentos de experiências, de modo que as percebêssemos enquanto sujeitos da história do trabalho, desenvolvendo atividades no mundo comercial de Parnaíba.

A partir dessa expectativa do encontrar, buscamos visibilizar, a participação feminina, em meio aos discursos exemplares dirigidos ao mundo feminino e iniciativas de mulheres, nos diversos espaços já existentes e que vão se constituindo no mundo do trabalho, em um cotidiano que integra diferentes vivências e sociabilidades, no processo de urbanização da cidade, que toma corpo de forma mais evidente nesse período; as vinculações de ordem produtiva, assentada principalmente na atividade comercial, e transformações que de modo geral atingem o local. Essa perspectiva permite-nos uma compreensão da mulher que circula e integra o espaço da cidade com o seu trabalho, em meio à sociedade da qual fazia parte, analisando esta sociedade, entre complexos arranjos com questões locais e conjunturas externas ao seu território.

A delimitação do trabalho de 1930 a 1950 justifica-se por dois aspectos. Primeiro, por ser um período onde se acentuam transformações urbanísticas na cidade, advindas do incremento econômico local, alavancado pelo crescimento das exportações dos produtos regionais, sendo a cera de carnaúba o principal produto, dentre outros. Estas mudanças urbanísticas interferem sobremaneira no cotidiano da cidade, alterando feições de ordem comportamental, experimentada pelo mundo feminino, que passa a ter um acesso mais fácil, aos utensílios facultados pela urbanização, a exemplo do lazer, instrução, informação e consumo, aumentando também as possibilidades de sobrevivência, possibilitada pela ampliação dos espaços de trabalho, tanto informal, quanto formal. Sobre o trabalho formal, intensificam-se, neste período, a participação feminina em repartições públicas, lojas e escritórios além da possibilidade de ingresso em escolas que tinham por finalidade a formação para estas áreas.

A segunda justificativa tem uma feição simbólica visto que é no ano de 1950 – conforme atestam os relatórios oficiais e editoriais sobre o Estado e a cidade – que se evidencia uma guinada negativa e explícita, no volume de negócios, até então apresentado, salvo algumas exceções, em franco ritmo de prosperidade. Ou seja, mesmo com a manutenção de uma dinâmica social aparentemente próspera, a economia já não ruma em um sentido ascendente.

Embora datas não demarquem mudanças de comportamento, o ano de 1950, além de caracterizar um processo de desaceleração da economia local, anuncia também o fim de um

período marcado pelos resquícios e consequências da grande guerra, estado de exceção e valores patrióticos exacerbados anunciando os anos dourados da classe média brasileira, com novas e "requentadas" normas sobre o que seria ideal para ordem social e às mulheres como parte dessa ordem.

Entre os anos de 1930 a 1950, fase creditada ao apogeu parnaibano, ainda observamos duas referências históricas marcantes. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com posterior instauração do estado Novo[3], levando à iniciativas de ordem administrativa e da efetivação de obras do poder público, federal, estadual e local, na cidade. Também, devido às sistemáticas alusões e apologias que intelectuais locais, alguns com projeção nacional e regional, faziam ao desenvolvimento e a prosperidade da cidade, em diferentes áreas da vida pública e econômica, local e nacional.

Com relação às mulheres, o centro das nossas análises, é imperativo observar, historiograficamente falando, a abordagem que empreendemos sob o ponto de vista do gênero de referenciais teóricos, que incluem a análise do discurso, do cotidiano, da história oral e dos indícios documentais que buscamos lançando mão de documentos escritos, impressos, imagens e memórias com o intuito de perceber as mulheres de Parnaíba trabalhando no universo comercial da cidade e, como elemento com visibilidade para historiografia.

Michelle Perrot[4] adverte que: "Os homens e as mulheres vivem juntos os grandes acontecimentos, as rupturas do tempo. Juntos e diferentemente, em razão de sua situação na sociedade do momento". E, em se tratando de mulheres ocidentais, é certo que, ao longo dos últimos séculos, integram um movimento crescente, de participação no mundo do trabalho, incluindo-se o intelectual, em espaços públicos e privados urbanos e rurais. E foi diante desta constatação, fruto das interrogações, principalmente de mulheres que adentraram no espaço acadêmico, que uma pergunta se tornou inevitável, questionando paradigmas assentados em um sujeito universal masculino até então dominante. Se o mundo era constituído de homens e mulheres - com - onde estavam as mulheres nas narrativas históricas?

E, em torno dessa pergunta, da presença ou não das mulheres nas narrativas históricas - assim como outros sujeitos sociais, com pouca ou nenhuma visibilidade – bem como de questionamentos, pela forma como apareciam nos relatos, é que tem se desenvolvido um longo debate teórico, aliado a uma vasta produção historiográfica, já largamente discutida,

---

[3] GOMES, Ângela Maria de Castro; D´Araújo Maria Celina Soares. **Getulismo e trabalhismo**: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro. Rio de Janeiro Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

[4] PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 141.

sobre dois aspectos que vamos considerar neste trabalho: os discursos empreendidos sobre o ser feminino, em um mundo letrado, com uma forte tutela masculina, e a visibilidade das mulheres com relação as suas falas, ações e ocupação de espaços de trabalho.

Considerando as questões acima delineadas, deve-se observar que os debates em torno desta temática, integram um conjunto de mudanças sociais, que se imiscuem pelo conhecimento, incluindo-se o histórico, possibilitando a percepção de novos objetos de pesquisa, que compreendem categorias sociais e sujeitos, que até então não recebiam atenção da historiografia, como observa Matos[5]:

> Nesse contexto, foram particularmente frutíferos os estudos históricos sobre as mulheres, que procuraram recobrar os poderes e as lutas femininas, repensando mitos e estereótipos, revendo imagens e enraizamentos impostos pela historiografia e questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas às mulheres, entre outros fatores, por um discurso universal masculino.

Com relação às mulheres, se a princípio, as inferências sobre a sua existência no âmbito da historiografia buscavam uma evidenciação coligadas com o debate em torno das questões de classe, com o tempo se voltaram para o âmbito do cultural, do cotidiano e do simbólico. Relações de poder que se reproduziam na normalidade passaram integrar essas abordagens, uma vez que, as lutas de feministas e a presença de mulheres em espaços intelectualizados, não foram suficientes para explicar a continuidade de práticas discriminatórias, assimétricas e invisibilizadoras que teimavam em persistir em recintos onde era comum a presença não só de homens, como também de mulheres, bem como a persistente imagem de que o seu trabalho era fruto de dotes naturais, desconhecendo-se complexos processos de formação de conhecimentos que se davam, tanto no âmbito das tradições, como no de formação escolar.

Convém lembrar que, "entrar para a história tem sido um valor disputado"[6], sendo portanto, necessário pensar sobre a elaboração de atitudes de exclusão e inviabilização, visto que, assim como os homens, mulheres integravam contextos analisados em pesquisas específicas. Desta forma, visibilizar as mulheres é "tornar histórico o que fora escondido da

---

[5] MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.24.

[6] PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005, p. 83.

história"[7], observando como sujeitos e instituições foram histórico, social e culturalmente constituídos.

O tornar histórico no sentido da revalorização do indivíduo integrado a uma rede de relações que se reproduzem cotidianamente, além da percepção das diferenças e analogias que se processavam não só entre homens e mulheres, mas, entre mulheres e mulheres, em diferentes aspectos étnicos, culturais e econômicos, redundado no estudo não só das mulheres, mas nas relações de gênero[8] que revelam "múltiplas diferenças dentro da diferença"[9], como observa Joan Scott[10], ao construir um conceito já historicamente posto, o do gênero:

> [...] torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.

Essa abordagem do gênero possibilita a percepção de mulheres, cuja existência integra-se a diferentes lugares de atuação, não como vítimas de uma ordem social específica, mas como partícipes de mudanças, e ativas na história, em convívios relacionais e "interações que provocam mudança".

Sendo diferentes os gêneros eles integram o convívio social, sendo a sociedade, constituída por estes diferentes sujeitos, como observa Michelle Perrot[11]. A história do gênero descortinou novas necessidades analíticas, de pesquisa, leituras e percepções da realidade, sobre os documentos considerados oficiais, bem como a utilização de outro *corpus* documental como jornais, diários, registros paroquiais, narrativas de viagens e a memória,

---

[7] SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. Tradução: Lúcia Hadad. Revisão técnica: Marina Maluf. Projeto **História**, São Paulo, 16 de fev. 1988. p. 299.

[8] A emergência de um "campo intelectual" em diferentes disciplinas das ciências humanas, definido por privilegiar os "estudos sobre mulheres" (denominação corrente nos anos setenta), os estudos sobre as "relações sociais de sexo" (denominação preferida no atual contexto francês) ou de "gênero" (*gender*, denominação preferida no atual contexto anglo saxão e nórdico), é recente e devedora do surgimento dos movimentos sociais feministas e de "liberação das mulheres" dos anos setenta. Se seus primórdios devem ser datados nos Estados Unidos em sessenta é nos anos setenta que os "novos feminismos" eclodem em vários países europeus e latinos - americanos, mantendo-se com visibilidade decrescente nos anos oitenta e noventa. Ver: MACHADO, Lia Zanota. **Estudos de gênero**: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Gênero sem fronteiras:* oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Mulheres, 1997, p. 93 – 94.

[9] PEDRO Maria Joana; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 287, 2007.

[10] SCOTT, op.cit., p.75.

[11] PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15 – 16.

escrita e oral, que passaram a se constituir em importantes elementos de inquirição dos historiadores[12].

> Os estudos históricos com a abordagem de gênero trouxeram a luz uma diversidade de documentações, uma teia de novos sentidos e significados, requerendo-se de uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada, para descortinar a história de mulheres.

Essa história impõe um grande desafio, quando o objetivo é a identificação de mulheres com funções de trabalho. Um anonimato as envolve, na maioria das vezes, necessitando, como observa Carlo Ginzburg[13], de se "examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados [...]", os "indícios imperceptíveis para a maioria"[14] , esboçados no tecido social da qual as mulheres fazem parte. O campo de fontes da "minha história das mulheres"[15] é lacunar, busca-se entre diversos indícios, tomados em um espaço, tempo e temática específicos, para o processo de construção de uma lógica, traduzida em texto.

Principalmente quando se trata de trabalhos, considerados marginais ou "relegados ao terreno das rotinas obscuras", tem-se que enfrentar a escassez e o "esquecimento ideológico". [...] "as informações se escondem, ralas e fragmentadas, nas entrelinhas dos documentos, onde pairam fora do *corpus* central do conteúdo explícito. Trata-se, por conta dessa singularidade, de reunir dados muitos dispersos e de esmiuçar o implícito"[16].

Os estudos voltados para o cotidiano mostraram mulheres que circulavam em diferentes meios, com comportamentos e funções específicas no mundo social, doméstico e público, sendo ele realizado tanto dentro, quanto fora de casa, integrando relações complexas que não podem ser encaixotadas com perfeição nos discursos institucionais, embora não desconsideremos estas redes discursivas e a sua influência.

Em se tratando da esfera do discurso, em um processo de construção, interpretação e reinterpretação de linguagens, ele é de fundamental importância para "[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída,

---

[12] TEDESCHI, Antonio Losandro. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológico. Dourados, MS: UFGD, 2012.
[13] GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 144.
[14] Ibid., p.149

[15] Faço alusão ao livro de Michelle Perrot, que tem esse título. Cf.: PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
[16] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 14.

pensada, e dada a ler", conforme defende Chartier[17]. O sentido de discurso que adotamos no trabalho, admite-se referências de Roger Chartier, por conta de discursos modelares, erigidos em tratados textuais, dirigidos às mulheres, muitas vezes "reempregados" por estas, no seio de uma determinada ordem. Chartier[18] analisa a linguagem como elemento de poder, embora no processo de incorporação, ela erija interpretações singulares.

> Nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação masculina tomam a forma de dilacerações espetaculares, nem se exprimem sempre pela irrupção singular de um discurso de recusa ou de rejeição. Elas nascem com frequência no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação se encontrar e empregada para marcar uma resistência.

Os discursos que vamos analisar proferidos por homens e mulheres, precisam ser pensados como apropriações, a partir do espaço de ação de quem os profere e bem como dos que fazem a leitura dos mesmos.

Outro viés de análise se inspira em Michel de Certeau[19], pois entendemos que mulheres, assim como homens têm experiências em um dado contexto social, que é apreendido como um lugar praticado, pois a vivência não segue outro caminho senão o da prática cotidiana.

Mulheres estão em uma dada ordem e assumem ações como consumidoras de uma "cultura arbitrária", constituindo formas próprias de assimilação dos produtos a elas impostos, utilizando-se da astúcia, da sutileza e de diferentes estratégias, inventando:

> Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz e resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que "fazer com". Nesses estratagemas de combatentes, existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor.[20].

Estes sujeitos históricos, destinatários de produtos considerados de dominação ou controle[21], criam lugares relacionais onde transitam, desenvolvendo uma experiência peculiar,

---

[17] CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002, p 17.
[18] Ibid. p.42.
[19]CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 **-** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
[20] Ibid. p.79.
[21]As relações de poder na sociedade se entrecruzam; não se desenvolvem de forma unilateral, os poderes deslizam na trama social criando uma legitimação que só pode ser percebida no cotidiano. A sociedade seria um misto de "práticas exorbitadas organizadoras de suas instituições normativas" com as "outras práticas". Essas outras práticas constroem relações de poder que organizam espaço e linguagem própria que são materializadas no cotidiano como "táticas" que na sua versão mais sutil, no jogo de sobrevivência em um contexto humano social, demandam nas astúcias que o autor considera como um "saber **-** fazer não discursivo, essencialmente sem

equilibrando-se entre um dizer/fazer, construído no cotidiano, lugar que abriga as inscrições dos seres humanos "comuns"[22]. Entre o dito e o vivido, existem riquezas comportamentais, que, embora sujeitas às injunções discursivas e práticas, revelam *astúcias* decorrentes de diferentes necessidades.

Com relação às fontes, diversos suportes nos servem como referências documentais, embora sejam o *Almanaque da Parnaíba*, os memorialistas, imagens, jornais, e as entrevistas que se sobressaiam no trabalho.

Sobre o *Almanaque da Parnaíba*, é importante ressaltar que atualmente, se constitui em uma significativa ferramenta para o estudo da história local, sendo importante referência e o principal periódico deste trabalho. E como tal, carece de um mapeamento e análise, sobre sua trajetória e características, pois, como observa Tania Regina de Luca[23]:

> Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa.

O *Almanaque da Parnaíba* era um anuário[24] e foi publicado pela primeira vez em 1924[25], com 44 páginas e uma tiragem de cinco mil exemplares[26]. Seu idealizador, primeiro editor e diretor foi Benedito dos Santos Lima (1893–1958)[27], um integrante do cotidiano comercial e intelectual da cidade. Era também conhecido como Bembém[28], sendo este

---

escritura", uma imensa reserva de arte e ofício, cuja ciência, faz um enorme esforço para colonizar. Cf.: CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

[22] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 **-** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

[23] LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. UNESP/Assis, Pesquisadora do CNPq. Disponível em: <http://www.brasa.org/ Documentos /**BRASA**_IX /Tania-Luca.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014.

[24] As publicações presentes no do *Almanaque da Parnaíba* eram referente ao ano anterior a sua publicação.

[25]*O Almanaque da Parnaíba* continuou sendo publicado anualmente, até o ano de 1980. Em 1984 a família de Ranulpho Torres Raposo passou os direitos autorais do Almanaque para a APAL - Academia Parnaibana de Letras. Disponível em: <http://www.acesso343.com.br/2013/07/apal-comemora-aniversario-com.html>. Acesso em: 02 jun. 2014.

[26]ALMANAQUE da Parnaíba. 1938, p. 3.

[27] Benedito dos Santos Lima (1893 – 1958). Nasceu no sítio São Raimundo, localizado no município de São Bernardo – MA, passando a residir em Parnaíba em 2 de setembro de 1910. Além de jornalista e contista, era proprietário da mercearia "O Bembem", sendo este também o seu apelido, e agente da Loteria Federal do Brasil, em Parnaíba. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1938, p. 18 e o site:<http://mariadilmapontedebrito.blogspot.com.br/2013_08_11_archive.html>. Acesso em: 12 jan. 2015.

[28] No dia 21 de janeiro de 2008 publicou-se pela primeira vez em Parnaíba - PI, um jornal denominado de *O Bembém*, cujo editor é Benjamim Santos, parente de Benedito Santos. No Editorial de apresentação, ou "anunciação", evidencia-se a homenagem a Benedito dos Santos Lima, e o formato adotado para o jornal. Mensário, segundo o editor "tem a configuração do Velho *Almanaque* editado pelo Bembém que se

também o nome de uma mercearia pertencente ao mesmo, agregava a este negócio a venda de bilhetes da Loteria Federal do Brasil e o de representante do *Correio do Ceará*[29], dos Diários Associados. No ano de 1942 o Almanaque já aparece com outro editor e proprietário, Ranulpho Torres Raposo, destacado empresário da cidade[30], que chegou a ter uma gráfica em Fortaleza – CE, a "Oficinas do *Almanaque da Parnaíba*"[31].

Na edição de lançamento, em 1924, no texto de apresentação, intitulado de "Ao público", foram delineados os objetivos, os meios utilizados para sua edição e importância do *Almanaque*, em si, e para a cidade[32]:

> O Almanaque constitui um repositório precioso de informações úteis, passatempos, curiosidades e distrações, sendo, portanto, um livro de necessidade em toda casa. Para o sertanejo, é às vezes, o livro único que guarda, cuidadosamente, para orientação da sua despreocupada vida, durante todo um anno. Nota-se a ausência, nesta cidade, de uma dessas publicações annuaes de tanto interesse e de incontestável utilidade. Sanando semelhante, a "MERCEARIA BEMBEM" si propoz dirigir e iniciar a publicação do presente ALMANACK DA PARNAHYBA, mas o fez de modo a apresentar uma publicação atrahente, caprichando na multiplicidade das leituras, ao mesmo tempo em contendo o mais completo serviço de informações de toda espécie, sobretudo commerciais.[33]

O *Almanaque da Parnahyba* se enquadrava nas características mais comuns a esse tipo de publicação. Atingia diferentes classes, tinha uma função didática, envolvendo diversos conhecimentos e especialistas de diferentes áreas, além de interagir com poderes dominantes em seus interesses políticos, dentro de seus parâmetros formativos[34].

---

caracterizava por seções de amenidades mescladas com matérias de alta importância textual; notícias culturais da cidade, do estado e do mundo; homenagem de capa a uma personalidade de valor reconhecido; necrológios de mortos recentes; poesia e prosa literária; incentivo a escritores jovens de alto potencial; apresentação de grandes escritores brasileiros pouco divulgados no Piauí; incentivo à leitura e à reflexão; muitas ilustrações, divulgação comercial e, sobretudo, revisão cuidadosa. Também um dos nossos objetivos é ativar a memória piauiense, sobretudo dos filhos de Parnaíba, os peagabês, com contribuição à História da cidade. Sem dúvida, O Bembém é um jornal de estilo". (*O Bembém*, 21 de jan. 2008, p. 1).

[29] Cf. ALMANAQUE da Parnaíba, 1943, p. 72.

[30] O Editor proprietário Ranulpho Torres Raposo, em nota, explicou as razões da transferência de direção do *Almanaque da Parnaíba,* conforme a transcrição que segue: "Benedicto dos Santos Lima, que nos procurou para entregar espontaneamente os direitos editoriais desta obra, cansado já das decepções, trabalhos, desgostos, contrariedades que lhe ficavam como consequência do perseverante tentamem de manter vivo o Almanaque da Parnaíba [...]". ALMANAQUE da Parnaíba, 1942, p 6. (O Bembém, 21 de jan. de 2008, p. 1).

[31] Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1945, p. 238.

[32] O nome era originalmente "*Almanack da Parnahyba*". Na década de 1930 perdurava esta grafia somente na capa, desaparecendo totalmente nos anos de 1940.

[33] ALMANAQUE da Parnaíba, 1924, p. 1.

[34] Cf.: AGUIAR, Adailton Aragão. **O riso na mídia**: o Barão de Itararé e seus Almanaques – os Almanaques do jornal A manhã. São Paulo: PUC, 2006. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3046>. Acesso em 03 jun. 2014.

O Almanaque, a princípio, aparece como "uma publicação que (era) distribuída gratuitamente"[35], segundo o seu primeiro editor, aos amigos da cidade e anterior - que pode-se se traduzir também como colaboradores/patrocinadores - expandindo-se em números de páginas e tiragem[36] nos anos subsequentes.

Com uma abordagem mais localizada sobre a cidade nos primeiros anos da sua publicação, o Almanaque vai assumindo uma feição mais regional[37]. Isto pode ser explicado pelo fato da cidade assumir uma representação de destaque na região e os contatos do editor com editores de outros estados. Era propagandístico, com grande destaque para anúncios locais e regionais; contanto com calendários, observando festas religiosas, fixas e móveis e nacionais; divulgava curiosidades sobre diferentes culturas; dava destaque aos personagens considerados importantes ou curiosas para cidade e o restante do mundo; publicava crônicas e poesias, biografias e impressões de viajantes; era noticioso, trazia imagens fotográficas da cidade e região, na maioria das vezes; dados sobre profissões e instituições, e contava com uma seção de charadas que se demarcava como elemento interativo do periódico.

No contexto do trabalho, as publicações referentes às transformações da cidade desenvolvem um caráter laudatório, com ênfase nas imagens de urbanização, desenvolvimento comercial e civilidade, seguindo preceitos de sofisticação, comuns a centros urbanos de expressão nacional e internacional[38]. Fruto de investimentos dos lucros obtidos com a exportação e como parte de políticas desenvolvidas pelo estado brasileiro, as imagens e textos fazem emergir ações que assumem um caráter modernizador, vivido pela cidade, onde, só vez por outra, podem-se vislumbrar os problemas que também atingiam o cotidiano de muitos dos seus habitantes.

Alusão ao lançamento do Almanaque, e sua distribuição para diferentes congêneres, e ao público em geral, aparecem nas suas páginas. Os contatos mantidos com editores dentro e fora do estado, o esforço despendido para a sua publicação, e as formas de divulgação utilizadas para que fosse de conhecimento da sociedade local, os novos números publicados.

---

[35] ALMANAQUE da Parnaíba. Apresentação, 1938, (s. p.). Obs. Essa publicação saiu em caráter extraordinário, por conta do centenário da cidade.

[36] Não encontramos números relacionados à tiragem, a não ser informação que o mesmo tinha uma grande tiragem. Depois passou a ser vendido – segundo o jornal **O Norte**, (1 de jan. de1932, p. 1), em Parnaíba, na Livraria Chaves - em outras cidades do Piauí, além de outras capitais e cidades brasileiras. Em Teresina era vendido na Papelaria Popular, situada na Rua Álvaro Mendes, n. 17. Cf.: DIÁRIO OFICIAL DO PIAUÍ. 5 maio, 1942, p. 3.

[37] No *Almanaque da Parnaíba* eram veiculados anúncios de prestadores de serviços, indústrias e casas comerciais de outras cidades do Piauí e de outros estados, principalmente do Nordeste brasileiro.

[38] Sobre a análise desse perfil do *Almanaque da Parnaíba* Cf.: LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Um pirilampo nas páginas do Almanaque:** imagens reluzentes de uma Parnaíba que deseja ser, se vendo. Ver: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de; LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Parnaíba:** cidade que nos habita. Parnaíba: Sieart, 2013.

A citação que segue publicada no próprio Almanaque, transcrita do Jornal *O Norte* de 27 de dezembro de 1939, nos informa sobre este momento, o lançamento, feito anualmente, na cidade de Parnaíba[39].

> Como as solenidades dos anos anteriores, circulou sábado último, o vitorioso anuário de propriedade e direção do nosso prezado confrade Benedito dos Santos Lima (Bembém), Almanaque da Parnaíba.
> [...]
> No momento de ser iniciada a distribuição, a redação do "Almanaque da Parnaíba", à porta da qual tocava a banda municipal, achava-se repleta de convidados e visitantes. Nesse momento a senhorinha Maria Luiza, gentilíssima filha do diretor do anuário, em apreço, proferiu o seguinte discurso:
>
> Minhas senhoras,
> Meus senhores,
>
> Parnaíba recebe hoje o seu "Almanaque". Há dezessete anos que meu pai, quando chega o Natal, oferece ao povo desta cidade querida, como presente de festas o "Almanaque da Parnaíba".

O discurso citado anteriormente, prossegue destacando a importância do Almanaque para a cidade, o esforço do editor, os nomes dos principais colaboradores, sendo neste ano de 1941, a sua maioria, políticos, e a importância do periódico para cidade.

O *Almanaque da Parnaíba* atravessou diferentes momentos da história local e mundial, participando, notificando e sofrendo interferências das mudanças que se processam no mundo da edição, como o tipo de impressão, fotolito, etc., e as de natureza socioeconômica e política. O advento do Estado Novo[40] (1937 – 1945) será o momento mais explícito desta interferência, com relação à forma que o Almanaque apresentar-se-á ao público em termos noticiosos e informativos.

Durante o Estado Novo o *Almanaque da Parnaíba* sofrerá um controle maior, assim como outros periódicos no Brasil. Foi registrado na Junta Comercial do Estado do Piauí sob o n. 19 e licenciado pelo Decreto – Lei n. 300 de 24 de fevereiro de 1938[41], trazendo na contra capa a informação de que o editor era filiado a Associação Brasileira de Imprensa[42] e os assuntos a serem tratados nesta edição, mantendo-se esta característica nas edições subsequentes. O periódico também assume um tom oficioso[43], mais evidente entre 1939 a

---

[39] ALMANAQUE da Parnaíba. 1941, p.315.

[40] O nome não é adotado originalmente no Brasil. Foi utilizado em Portugal de 1933 a 1974.

[41] Através do conhecimento do espaço de produção e impressão, da regulação de importação do papel, maquinário, acesso aos conteúdos publicados e fiscalização alfandegária o governo criava mecanismos para controlar o material gráfico produzido no país. Cf.: **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1938** – *v. 1*. Decretos Leis (janeiro a março). Cap. XVII – das empresas jornalísticas, p. 228.

[42] Presidida por Herbert Moses entre os anos de 1931-1965.

[43] O *Almanaque da Parnaíba* recebeu convite para integrar a Biblioteca Central de Conselho Nacional de Geografia, feito por Cristovan Leite de Castro, Secretário Geral deste órgão. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 171.

1946, perdendo em muito, o aspecto de registro cotidiano, em relação a pessoas e à cidade, feição que o caracterizava antes dessa fase[44]. Imagens e discursos oficiais, articulistas pró-governo e temáticas ligadas à higiene social, e dados estatísticos, ganham espaço destacado na publicação. Até o ano de 1950, mesmo sem uma explícita intencionalidade política, ele segue com um caráter formativo e enfatizando assuntos de ordem econômica e estatística.

Além do *Almanaque da Parnaíba*, memórias escritas, ou transcritas, a partir de entrevistas, encaminhadas de acordo com os interesses deste trabalho, estarão assinaladas. Homens e mulheres, que compõem, com suas narrativas, o texto do trabalho com informações demarcadas na seletiva memória.

Com relação aos e às memorialistas e suas narrativas, estes(as), são analisados, levando-se em conta algumas questões. Não costumam se preocupar em seus textos com maiores esclarecimentos de tempo – com exceção de algumas datas consagradas, públicas ou pessoais - e origem dos dados. Se a princípio isto possa parecer falho por um lado, por outro, assim como a história oral, com o diferencial da materialidade de um texto elaborado *a priori*, revelam facetas dificilmente registradas em jornais e documentos tidos como oficiais, salvo as crônicas, é claro. É uma narrativa de construção própria, de edificação dos "seus", pessoas e tempos, como assinala Nataniél Dal Moro[45]:

> A construção no presente do ato de edificar um determinado discurso sobre o passado é uma das tarefas a que se presta a maior parte dos textos memorialistas, para não dizer todos eles. Essa situação, por seu turno, é perfeitamente compreensível. Como textos altamente políticos e comprometidos com valores de certos grupos, os escritos memorialistas servem a determinados propósitos, logo, é aceitável que tendam e se prestem integralmente a defender os valores e a cultura dos sujeitos e dos grupos neles externados.

Os textos memorialísticos apresentados no trabalho manifestam atos de edificação, em diferentes propósitos: erigir genealogias, constituindo um sentido histórico às trajetórias

---

[44] Observamos que este tom oficioso não se manifestou de forma imperiosa em todas as edições publicadas durante o Estado Novo, sendo mais evidente esta característica na edição de 1939. As distenções políticas atingiram de cheio o setor da imprensa. Sobre isso ver: LUCA, Tânia Regina de. *A Grande Imprensa no Brasil da primeira metade do século XX*. UNESP/Assis, Pesquisadora do CNPq. Disponível em: <http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014.

[45] MORO, Nataniél Dal. Os memorialistas e a edificação de um passado glorioso. **Revista Crítica Histórica** Ano III, nº 6, dezembro/2012, p. 4. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica /attachments /article/144/Os%20memorialistas%20e%20a%20Edificacao%20de%20um%20Passado%20Glorioso.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.

pessoais de determinados grupos, com o qual se tem identificação ou se queira ser identificado. É guardar a sua memória, ser "historiador de si mesmo"[46].

São memórias que assinalam trajetórias pessoais e familiares em meio aos espaços por onde se transitou, fundamentados por seus narradores, onde o passado se transforma em um lugar de gênese de uma trajetória já quase que, previamente traçada. A gênese do caráter que o individualiza e do trabalho, que geralmente, o destina à prosperidade, mesmo que as dificuldades e tristezas surjam ao longo da narrativa.

> Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.[47]

Construir referências de si e a necessidade de guardar um tempo percebido como ideal, também impele a escrita de textos memorialísticos. Neste aspecto, os dois elementos podem ser identificados com relação à cidade de Parnaíba.

No primeiro tem-se o intuito de indicar que houve, tempos atrás, uma cidade próspera e melhor de viver e, consequentemente, lamentar-se do fato da cidade ter perdido referências importantes de desenvolvimento. Isso revela uma memória construída, em meio a um arcabouço de experiências pessoais e de representações sociais que envolvem essa memória[48]. A cidade, portanto, vai sendo desenhada a partir do mundo do narrador(a), e suas muitas correlações, sendo possível a visualização da mesma, sob diferentes nuanças. Tem-se acesso à cidade que almanaques e jornais não abarcavam, além de vivências e impressões de sujeitos, homens e mulheres, inseridos no cotidiano urbano.

No segundo, podemos perceber por meio dessas memórias, o poder que as construções imagéticas têm na constituição destas memórias, não se desconsiderando, no caso de Parnaíba, a influência exercida pelo período Vargas que se utilizou, assim como seus congêneres, dos instrumentos de comunicação em massa[49] disponíveis para afirmar uma imagem de mudança e prosperidade, mesmo que elas não tenham sido partilhadas da mesma forma por todos.

---

[46] NORA, Pierre. **Entre a memória e história.** A problemática dos lugares. Projeto História 10. Revista do Programa de Estudos dos Pós – Graduados em História e do Departamento de História. N. 10. PUC/SP: Dez. 1993. p. 17.
[47] POLLACK. Michael. **Memórias e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 5
[48]POLLACK, Michael. Op. Cit. p. 200 - 212.
[49] BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Por fim, é importante destacar que consideramos essas memórias repositórios de vivências cotidianas que carregam significados pessoais e coletivos, sendo importantes fontes de leitura do mundo que nos propomos analisar. A memória, dessa forma, é construída em meio a um arcabouço de experiências pessoais e de representações sociais que a envolvem[50].

As entrevistas[51] com os fundamentos da história oral, vão ser tomadas como fonte e não como objeto em si, embora seja importante considerá-las com os cuidados inerentes ao uso de quaisquer documentos. No processo de escolha dos(as) entrevistados(as), levamos em conta dois aspectos: primeiro, mulheres integradas ao mundo comercial da cidade[52], e segundo, pessoas, independente do sexo, que transitaram por esse universo, conviveram ou conheceram mulheres envolvidas com essa atividade.

As entrevistas objetivam evidenciar mulheres integradas ao cotidiano da cidade, sem desconhecer o elemento masculino. A auto percepção que elas tinham do trabalho que desenvolviam, bem como dos espaços de circulação social a que tiveram acesso, sendo um ponto importante nas entrevistas, entendo-as ainda como "pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito"[53].

Ainda sobre o uso da história oral, buscando-se referencia em Alessandro Portelli, entendemos que, ao se passar do oral para o texto escrito, já se processam inúmeras intervenções. Começando na oralidade do narrador ele é encaminhado e concluído, em um texto escrito pelo historiador[54]. Embora a ética que acompanha essa feitura do texto, deva respeitar o narrador, considerar e entender que mesmo nas "distorções" é preciso compreender o sentido de uma fala[55].

---

[50]POLLACK. Michael. **Memórias e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 - 212.

[51] Fizemos nove entrevistas, uma por pessoa, reservando-se um dia para cada pessoa, porém, só utilizamos cinco desse total. Foram elas: **Odelita** Neves Ribeiro nasceu em 29 de abril de 1913 em São Miguel – PI. A entrevista foi concedida em 27 de julho de 2012; **Raimundo Nonato** Lopes do Prado nasceu em 27 de outubro de 1930, na localidade denominada de Morros da Mariana (pertencente a Parnaíba). Embora ele tenha sido registrado em Araioses - MA, conforme relatou em sua entrevista que foi concedida em 27 de julho de 2012; **Maria José** Ferreira Santos nasceu em 25 de outubro de 1925, em São Luís, MA. Concedeu a entrevista em 15 de julho de 2012; **Maria de Lourdes** França nasceu em Parnaíba – PI em 19 de novembro de 1925. A entrevista foi concedida em 19 de nov. de 2013; **Neusália** dos Santos Mavignier que nasceu em 29 de abril de 1923 em Parnaíba Piauí. A entrevista foi concedida em 24 de nov. de 2014. Além dessas utilizamos a de **Cândido de Athayde** (19. 09. 1905 – 17. 02. 1998) feita em 17 de jan. de 1984 em Parnaíba. Foi concedida ao Núcleo de História Oral da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO (Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí).

[52] Poucas estavam em condições de darem depoimentos, dai buscarmos a segunda opção.

[53] ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 15.

[54] PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. Proj. **História**, São Paulo. (22). Jun. 2001, p.13.

[55] PORTELLI, Alessandro. **Sonhos ucrônicos**: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Proj. História, São Paulo. (10), dez. 1993.

As entrevistas[56] serão interpostas com outro corpus documental, nos possibilitando perguntar de forma plausível e entender o que é respondido.

Além das referenciais documentais já citadas, outras complementam a construção do trabalho como jornais, relatórios de governos e mensagens de governadores, censos demográficos, imagens[57] e uma diversificada bibliografia.

A visibilidade, entendida no sentido de tornar histórico, as trajetórias de mulheres em meio às diversas formas de trabalho ligadas à atividade comerciais, bem como a visualização dos locais onde circulavam, movidas por diversas necessidades, nos levou ao uso de imagens[58] da cidade e de anúncios de casas comerciais. As imagens utilizadas, além de apresentarem esses espaços, também são elementos que corroboram discursos sobre a cidade, tais como os que a viam de modo diferenciado, em relação às demais, do Piauí. Sendo a maioria dessas fotos provenientes do *Almanaque da Parnaíba*, com raras exceções, costumam apresentar a cidade sob um viés do embelezamento estético, entre benfeitorias que anunciavam modernização e a prosperidade local. Zita Rosane Possamai[59] observa que o processo de modernização das cidades brasileiras foi muito parecido, resguardada as peculiaridades de cada uma. Essas cidades, através de seus fotógrafos, elaboraram "uma visualidade urbana", que ela classifica em quatro padrões temáticos:

> *monumentalidade*, *circulação urbana*, *paisagem* e *infra-estrutura urbana*. O padrão *monumentalidade* abrange as imagens de edificações realizadas a partir de tomadas restritivas, com efeito formal de singularidade, nas quais a estrutura arquitetônica é apresentada como elemento principal no centro da imagem, por vezes sendo valorizada por meio de seu isolamento do contexto urbano. O padrão *circulação urbana* compreende imagens de ruas, avenidas e esquinas com alta dinamicidade, atestada pela presença de vários elementos móveis na cena fotografada. São as fotografias de ruas e de avenidas com maior movimento comercial, principalmente, e que apresentam o trânsito de automóveis e de bondes e o ir e vir de transeuntes. O padrão *paisagem* foi definido a partir das imagens que continham os elementos figurativos praça, acidentes naturais e arborização urbana. O padrão *infra-estrutura urbana* refere-se àquelas imagens que contêm elementos dos denominados serviços urbanos (iluminação, pavimentação, saneamento), incluindo aqueles que possibilitam a circulação e a comunicação (rodoviária, porto, trilhos)[60].

---

[56] Ao longo do texto, quando feitas as primeiras referências a cada um(a) dos(as) entrevistados(as), as notas informativas sobre os(as) mesmos(as) serão retomadas para melhor localizar o leitor ou leitora. Prosseguindo o seu uso, só indicaremos o nome do(a) entrevistado(a).

[57] As imagens são observadas no texto "sob o ponto de vista da significação e não da emoção e do prazer estético". Cf.: JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 1994. p. 30.

[58] A palavra imagem pode assumir diversos significados e a ela ser atribuído diversos sentidos. No trabalho serão consideradas como vestígios, indícios e representações. Cf.: JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 1994. p. 44.

[59] POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**. São Paulo, 27 (2), 2008, p. 270.

[60] Id. Ibdem.

Resguardada as singularidades, como o fato de Parnaíba não ter bonde e outros predicados de capitais mais ricas e populosas, essas quatro características, apresentam-se em inúmeras imagens da cidade, utilizadas no trabalho.

Além destas imagens urbanas, mulheres aparecem figuradas ou representadas[61], podendo-se perceber através dessas fotografias, que o ato de fotografar pessoas, e estas serem fotografadas, sugerem inúmeras representações. Nas imagens utilizadas podemos analisar poses que sugerem: projeção social, distinção, familiaridade, poder, autoridade, recato, lugar social, profissional[62] e questões da ordem do gênero. A fotografia acaba sendo um elemento de distinção, pois, em se tratando do trabalho e de determinados locais onde eles aconteciam, nem todas as mulheres recebiam o mérito desse registro. As que aparecem no Almanaque da Parnaíba, por exemplo, integram o mundo socialmente aceito como feminino, ou, quando trabalhadoras, estão em espaços identificados com o grande comércio local em funções consideradas adequadas.

O trabalho que desenvolvemos tem como referência parte de um mundo feminino, que embora tenha contribuído com o contexto de efervescência econômica e cultural da cidade de Parnaíba PI, foi pouco percebido pela memória reificada sobre a cidade. Vamos considerar formas de atuação efetivas em um mundo habitado por pessoas diferentes, sob o ponto de vista do gênero, embora sejam as mulheres os sujeitos em evidência. Sobre homens, muitos registros, bem como suas falas e impressões, porém, sobre mulheres, nesta sociedade, há uma escassez de informações, havendo necessidade de buscá-las entre clarezas discursivas, brumas documentais, experiências cotidianas de trabalho, precisando-se lançar "mão da criatividade, na busca de pistas que lhes permitam transpor o silêncio e a invisibilidade"[63].

Mulheres que moravam em Parnaíba– PI, entre 1930 a 1950, viviam em meio às moralidades vigentes e se movimentavam em diferentes realidades. Frequentavam e eram donas de escolas, vendiam produtos advindos de atividades extrativas[64] e artesanais, costuravam e lavavam para fora, trabalhavam em casa, nas lojas, escritórios, feiras e vendiam na rua. Tinham bancas no mercado, eram donas ou cuidavam de hotéis/pensões. Fossem acompanhando pais ou maridos, como autônomas ou empregadas assalariadas eram operosas junto à dinâmica comercial parnaibana. Percorriam as ruas e os diversos espaços de trabalho e

---

[61] Cf.: BARTHES, Roland. **A câmara clara***:* nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
[62] MICELI, **Imagens negociadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;
[63] SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 274.
[64] Referimo-nos às mulheres que "riscavam" as folhas de carnaúba com o intuito de retirar a cera e garantir a sua utilização na fabricação de vassouras, chapéus, redes e esteiras.

lazer. Anônimas ou "distintas", por profissão ou família, vítimas e reprodutoras de discursos e ações modelares, compunham o cotidiano da cidade.

No trabalho, demarcam-se mulheres que atuaram no ambiente comercial e urbano local, no desempenho de funções e negócios comerciando produtos e força de trabalho. Fosse como proprietárias de casas comerciais, hotéis, bares, ambulantes, empregadas de casas comerciais e escritórios (de setores públicos ou particulares), estas mulheres também integraram, de forma ativa, um universo urbano e uma dinâmica produtiva que promoveu a imagem da cidade como grande gestora de atividades comerciais no Estado, de 1930 a 1950.

Assinalam-se as referências discursivas que se constituíram sobre o ser feminino, dando destaque às mulheres operosas que se moviam entre casas e ruas, praças, ruas e vielas da cidade, diversificada, ajudando, sobremaneira, a moldar a ideia do fausto e do apogeu desenhadas em obras contemporâneas ou posteriores ao período delimitado.

Porém, encontrar no contexto da pesquisa, textos femininos nos periódicos tradicionais da cidade[65], ou mesmo alusão às mulheres que faziam parte do mundo trabalho local e, de modo mais específico, do mundo comercial de Parnaíba, é deparar-se com dois aspectos evidentes: a escassez de registro e a invisibilização quanto a sua nominação pessoal na imagética construída sobre um dado tempo. Porém, invisibilizadas do ponto de vista de vivências cotidianas, estas mulheres teimam em aparecer, quer em fotos, em pequenas notas, em alusões laudatórias, ou em críticas veladas ou explícitas à sua atuação.

A mulher que emerge da maioria dos relatos, encontra-se sob os padrões discursivos, grosso modo, como: mãe zelosa e perfeita; fonte de inspiração lírica ou nefária dos poetas; a solteirona mostrada na maioria das vezes como triste, ranzinza ou abnegada; as donas de diáfana beleza; e a "transgressora" que alça a patamares de reconhecimento, postulados como positivos ou não, no mundo de idealidades construído por diferentes instituições. "Todas essas razões explicam que haja uma falta de fontes não sobre a mulher, mas sobre sua existência concreta e sua história singular"[66].

Sobre mulheres concretas ligadas a um cotidiano de trabalho formal ou não, dá-se destaque apenas às professoras, as que praticam a benemerência e parteiras, ou seja, profissões que se concebem como femininas. Rara ou nenhuma alusão costuma ser feita àquelas que desenvolviam funções e atividades ligadas ao comércio, a não ser em listas onde

---

[65] Com exceção do Instituto Histórico e Genealógico de Parnaíba, que guarda parte do acervo do *Almanaque da Parnaíba*, livros documentos e jornais mais recentes, a cidade não dispõe de um Arquivo Público. O da capital, Teresina, tem poucos exemplares de jornais de Parnaíba, do período do trabalho, e a maioria se encontra indisponível para consulta.

[66] PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 22.

se menciona os nomes de funcionários(as) públicas, nas cobranças de impostos, dados demográficos e em entrelinhas bem estreitas visto que raramente são protagonistas desses escritos.

Para concluir, é sobre mulheres, em meio aos discursos e papéis sociais atribuídos, bem como no exercício de funções e atividades em um cotidiano de trabalho e múltiplas vivências sociais, que nos deteremos, percebendo-as por meio da documentação e do aporte teórico, entendendo ser de fundamental importância, para a composição do mosaico histórico de Parnaíba, perceber a existência de um mundo feminino, em um contexto de transformações urbanísticas, econômicas, culturais e sociais em uma cidade que construiu o significado de sua existência em torno da prosperidade econômica e social, facultada pelo comércio em um curto período temporal. Portanto, a história da cidade e suas trabalhadoras se entrelaçam.

Com relação ao desenvolvimento do trabalho serão apresentados três capítulos, com subdivisões que permitem uma compressão do desenrolar da análise.

No primeiro capítulo, a cidade se apresenta como cenário de diferentes sujeitos sociais, dentre eles, mulheres, e ainda como repositória de discursos e instituições que se desenvolveram de 1930 a 1950. Analisam-se ainda mudanças urbanísticas e o caráter político, com ênfase no período Vargas; aspectos que demarcam sociabilidades comuns ao espaço urbano; e diferenças sócias urbanísticas, existentes na cidade de Parnaíba. Os sujeitos de um tempo integram a paisagem de um determinado local, significam-no e são significados por este espaço, em meio a diversos enredamentos que vão se constituindo entre estes sujeitos, o espaço a que pertencem, não se desconsiderando ainda as diferentes correlações que este "local" estabelece com outros ambientes.

Ao apresentarmos mulheres de um lugar e um tempo específicos, o universo físico e relacional do qual faziam parte precisa ser entendido, pois entendemos que, "cada prática humana tem também uma dimensão espacial"[67]. A cidade de Parnaíba, entre 1930 a 1950, é o principal espaço relacional de mulheres, que participaram do mundo de trabalho da cidade, vivenciando experiências que se entrecruzam com a história local. Agregaram e sofreram influências de diferentes eventos que iam para além do território do qual fizeram parte de forma mais direta.

Captar essa atmosfera por meio de falas apresentadas, nesse tópico do trabalho, resulta da análise do *Almanaque da Parnaíba* e da narrativa de memorialistas, que produzem e produziram relatos a partir das suas vivências na cidade. Esta memória apresenta-se, sob esses

[67]ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **História***:* a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 60.

olhares como "territórios que condicionam múltiplas experiências pessoais e coletivas"[68]. De 1930 e 1950, os periódicos de maior expressão da cidade, sofriam um controle maior, daí, o recurso de usar memórias, que embora estivessem sob a influência deste contexto político, registram elementos que o texto "oficioso" não elenca como primazia.

No segundo capítulo, apresentamos e analisamos discursos que eram apresentados e dirigidos a um ser feminino. Embora os relatos sobre o cotidiano de mulheres, principalmente aquelas ligadas ao mundo do trabalho sejam raros, era corriqueiro a apresentação de textos e conselhos dirigidos ao público feminino, preconizados por diferentes instituições. Eram falas que ressoavam e corporificavam-se de forma própria, tendo em Parnaíba os seus propagadores, a exemplo de outros espaços no Brasil. Discursos a respeito de idealidades comportamentais, bem como de interdições; as alusões ao mundo do trabalho feminino no âmbito nacional e local; e ainda textos produzidos por mulheres de Parnaíba, é o cerne deste capítulo, que analisa mudanças, bem como permanências, assinaladas ao longo do período do trabalho.

O ano de 1950 apresenta-se como referência das mudanças que marcam a imagem de decadência para cidade, sendo também divisor e indicativo de outro momento dos ditames comportamentais femininos.

Por fim, o terceiro capítulo objetiva desenvolver uma análise sobre espaços de trabalho feminino, em meio ao mundo do comércio, observando: suas existências e, por conseguinte, o lugar destinado á mulher nesse ambiente; a visibilização delas nesse universo; destacando as funções onde atuavam com mais frequência, enquanto sujeitos que viviam inseridos em um sistema produtivo; e impressões de homens, e principalmente mulheres, a respeito de uma existência, praticada no âmbito da cidade de Parnaíba - PI.

[68] MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 35

CAPÍTULO 1

A CIDADE DE PARNAÍBA: atividade comercial, mudanças urbanísticas e sociabilidades.

No extremo norte do Piauí, localiza-se o município de Parnaíba[69] que recebe o mesmo nome do principal rio da região[70]. A cidade também é conhecida, principalmente entre os moradores e nativos como: "Princesa do Igaraçu", Capital do Baixo Parnaíba e Capital do Delta. Com relação às denominações, a primeira se justifica devido a sua importância na região e por ser banhada pelo braço do rio Parnaíba, denominado de Igaraçu; a segunda por conta da sua localização (IMAGENS 1 e 2); e a terceira, é uma referência mais recente, por ser considerada um portal para o Delta do Parnaíba, também conhecido como Delta das Américas[71], único Delta em mar aberto das Américas. Está a 318 km da capital Teresina e, segundo o censo 2010, é a segunda maior cidade do Estado do Piauí em desenvolvimento econômico e populacional[72].

---

[69] Parnaíba está localizado na microrregião do Litoral Piauiense, compreendendo uma área irregular de 431 km^2 e tendo como limites: ao norte o município de Ilha Grande e o oceano Atlântico, ao sul Buriti dos Lopes e Cocal, a leste Luís Correia, e a oeste o estado do Maranhão. O município foi criado pela Lei Provincial nº 166 de 16/08/1844, sendo desmembrado do município de Piracuruca. Ver: AGUIAR, Robério Bôto de & GOMES, José Roberto de Carvalho (orgs.). Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Parnaíba. Ceará: Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.

[70]O Rio Parnaíba nasce na Chapada das Mangabeiras, fronteira do Piauí com Tocantins, numa altitude de 709 metros, com o nome de Riacho de Água Quente, mudando de nome quando se encontra com o Rio Uruçuí Vermelho. Corre do Sul para o Norte, sendo uma fronteira natural entre o estado do Piauí e o estado do Maranhão. Disponível em: <http://www.piauihp.com.br/hidrografia_do_piaui.htm>. Acesso em: abr. 2014.

[71]O Rio Parnaíba, desemboca em forma de Delta de cincos bocas no Atlântico: Tutóia, Caju, Carrapato, Canários, Igaraçu. Ele é navegável em quase todo o percurso de 1.485km. A possibilidade de navegação deste rio facilitou o povoamento e as comunicações até pouco tempo atrás. Hoje, a navegação é feita, principalmente na época de cheias, por pequenas embarcações. Dentre os portos fluviais do Parnaíba destacam-se: Santa Filomena, Uruçuí, Floriano, Amarante, Teresina, Luzilândia e Parnaíba.
Disponível em:<http://www.piauihp.com.br/hidrografia_do_piaui.htm>. Acesso em: 05 abr. 2014.

[72] A capital tem um total de 814.230 e Parnaíba 145.705 habitantes. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/pdf/censo_2010_piaui.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2013.

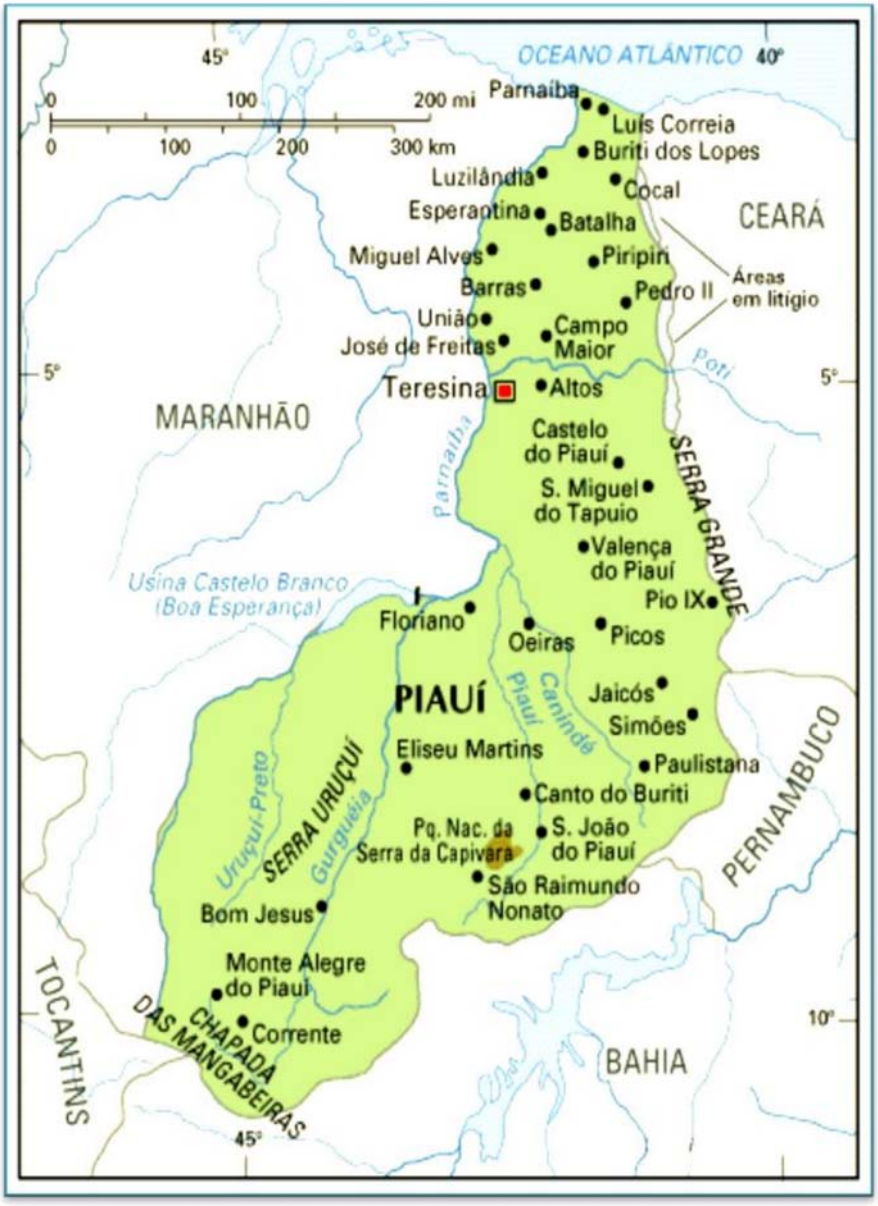


IMAGEM 01. Mapa político do Estado do Piauí.
onte:http://coisaspraver.blogspot.com.br/2013/01/mapa-do-piaui-com-todas-as-cidades.html#U17dsIFdX_A.

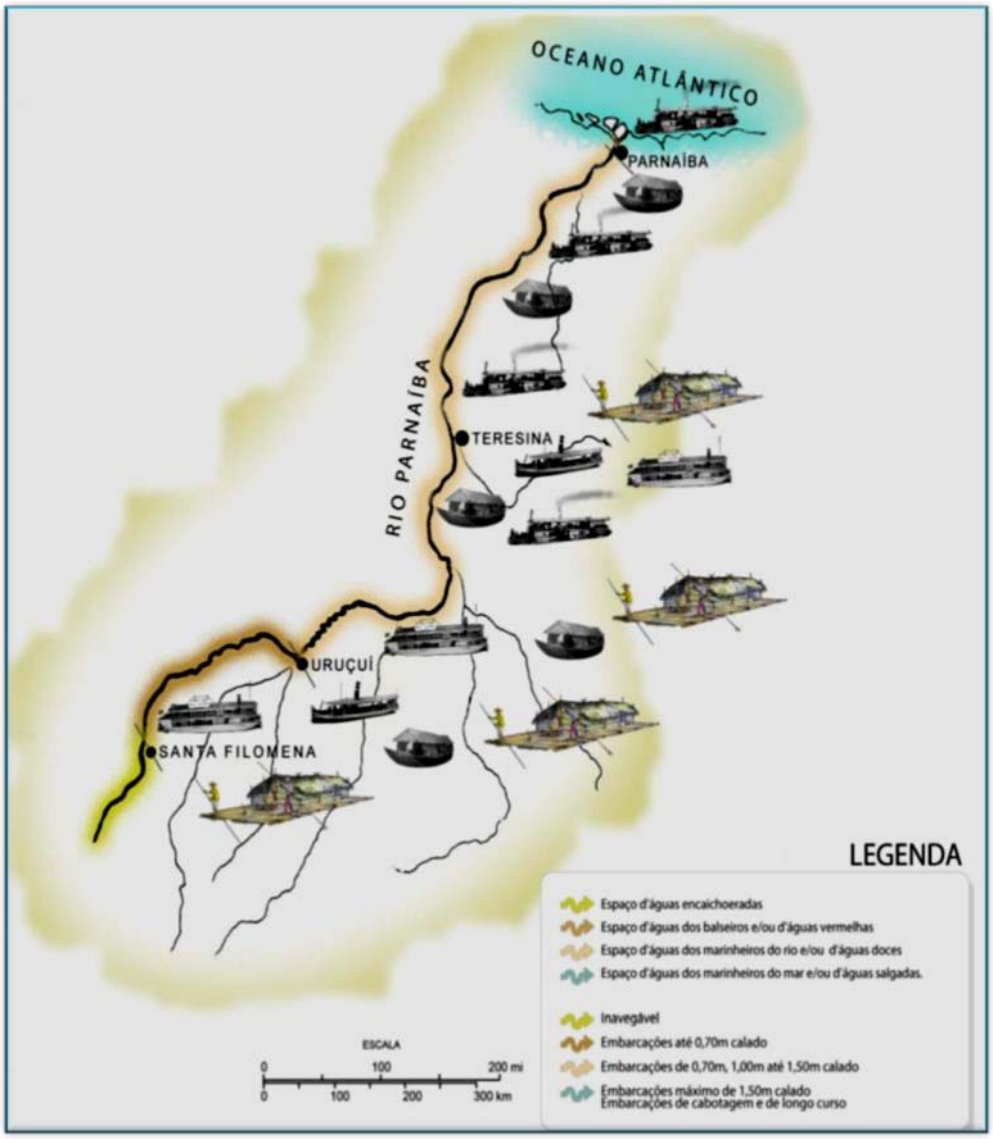


IMAGEM 2. "Representação da Bacia Parnaibana. Alto, Médio, Baixo Parnaíba e seus afluentes. Adaptado por Gercinair Silvério Gandara a partir do original publicado por BAPTISTA, João Gabriel. **Geografia Física do Piauí**. 3.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1989. Reprodução visual por Giorgio Richard Nunes Silvério". Fonte: GANDARA, Gercinair Silvério. MEMÓRIAS DO SERTÃO: o rio Parnaíba dos oitocentos. 2011, p. 6[73].

Os mapas se tornam necessários pelas feições peculiares dominantes nos discursos sobre a formação e desenvolvimento da cidade, a saber, ser um centro exportador/comercial do Piauí, por conta da sua privilegiada posição geográfica – fator considerado importante no seu desenvolvimento – reforçando-se um conceito de prosperidade diferenciada, em relação às demais cidades, obtendo primazias em iniciativas e artefatos, identificados com a

[73] Disponível em: <http://www.academia.edu/1645995/MEMORIAS_DO_SERTAO _o_rio_Parnaiba_dos_ oitocentos>. Acessado em 28 de maio de 2014.

modernização do estado, como ressalta Queiroz[74] ao explanar sobre essa característica que marcou a história de Parnaíba:

> Em Parnaíba, em 1913, já estavam instaladas a Alfândega e demais repartições próprias de porto marítimo e a cidade possuía casas comerciais importantes, tanto de importação como de exportação. A ligação fluvial com Teresina durava cerca de 12 dias, em média. O crescimento demográfico, acentuado, apresentava um dos mais altos índices do período e a cidade já era o maior empório comercial do Estado. Teresina, na mesma época, era descrita como tendo mais ou menos 500 casas de alvenaria e todas as demais de pau a pique. Havia ruas inteiras de casas de palha, a iluminação era lampião de querosene, inexistia qualquer sistema de esgoto e o cavalo era o único meio de condução.

O destaque dado à cidade, nos discursos correntes, resulta em muito, das atividades produtivas que vão marcar a sua história, desde os primórdios da sua ocupação[75]. A princípio a pecuária, indústria do charque e beneficiamento do couro, conforme notam Santos e Kruel[76]:

> Já no século XVIII, Parnaíba, a exemplo de Caxias **(Ma)**, se tornava um dos centros comerciais mais importantes do meio norte do Brasil. Por meio do Porto de Parnaíba se vendia charque (produzido pelo comerciante Domingos Dias da Silva) para outras capitanias. Pelo Porto das Barcas, em Parnaíba, saía cerca de um quarto do gado exportado e havia suficiente número de negociantes bons fundos, de acordo com documentos da época. (Grifo nosso)

Posteriormente, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, passando pelo período que analisamos, atividades extrativas se confirmaram como as maiores geradoras de riqueza para o estado e para a cidade – ao lado das já citadas atividades produtivas e comerciais. Rocha e Gandara[77] enfatizam:

> Ao findar o século XIX e iniciar-se o século XX, o comércio dos produtos extrativistas foi se transformando aos poucos em uma das fontes de dinamismo da economia piauiense. A dinâmica da economia passou a ser dada pelas exportações de produtos extrativos para mercados externos. O coco babaçu, a carnaúba, a maniçoba assumem uma importância crescente na pauta de exportações da Província. O Rio Parnaíba, por sua vez, assumiu definitivamente o papel de estrada

---

[74] QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo: Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

[75]Embora o núcleo populacional que originou a cidade seja anterior a esse período, Parnaíba foi erigida à categoria de Vila (sob a denominação de São João da Parnaíba), em 18 de agosto de 1762 pelo primeiro Governador João Pereira Caldas, empossado a 20 de setembro de 1759 (SANTOS; KRUEL, 2009).

[76] SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. **História do Piauí**. Teresina: Haley/Zodíaco, 2009. p.36.

[77] ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. A presença estrangeira no Piauí no século XIX. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009. p.299.

> que unia não só duas regiões e, sim, estas ao mundo, uma vez que as transações comerciais se faziam fundamentalmente por ele.

Observa-se que parte da história de Parnaíba integra-se ao contexto das atividades que marcaram a vida econômica de localidades do norte e nordeste brasileiro, estimulada pela comercialização em larga escala de produtos extrativos[78], a exemplo da borracha, no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Conforme Boris Fausto[79]:

> A grande expansão – o boom da borracha – começa nessa época (1890). Não só as exportações aumentaram como ocorreu a formação de um polo econômico regional. Até aí, os negócios se concentravam nas mãos de um pequeno grupo de intermediários portugueses e de algumas casas exportadoras estrangeiras. Com a expansão surgiu uma rede bancária, cresceu o número de intermediários e de casas importadoras de bens de consumo, daí resultando o crescimento de Belém e Manaus.

Tal como Manaus e Belém, São Luís e outras localidades, Parnaíba entrou nessa ciranda de negócios, tendo um grande impulso entre os anos de 1920 a 1950, sendo o ponto propulsor da economia do Piauí, com investimentos nos negócios de exportação de variados produtos[80] - a cera de carnaúba[81], babaçu, mamona, algodão e couro (com mais evidência); e outros com menor expressão: gergelim, goma, farinha de mandioca, cera de abelhas, crinas de animal, sementes de algodão, jaborandi, jalapa, resinas de jatobá e angico, peles de cabras, ovelhas e animais silvestres, polvilho, fibra de paco-paco, oiticica e cereais - além de empreender também a extração da borracha de maniçoba[82]. A cera de carnaúba[83] foi o carro chefe dessa capitalização mais expressiva.

---

[78] Atividades extrativas e de beneficiamento da cera de carnaúba, fazem parte da economia dos estados do Nordeste. Ver: Câmara Setorial da Carnaúba. *A carnaúba*: preservação e sustentabilidade. / Câmara Setorial da Carnaúba. - Fortaleza: Câmara Setorial da Carnaúba, 2009.

[79] FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p.136.

[80] Nos anúncios das casas comerciais, feitos no *Almanaque da Paranaíba*, entre 1930 e 1951 encontramos os mais variados produtos exportados, através de Parnaíba para outros portos nacionais e internacionais.

[81] Atualmente o Piauí é o segundo maior produtor de cêra. O primeiro é o Ceará. Ver: ALVES, Maria Odete; COELHO, Jackson Dantas. **Extrativismo da carnaúba**: relações de produção, tecnologia e mercado. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil 2008.

[82] Segundo Terezinha Queiroz (1984, p. 29): "A exploração dos maniçobais, para a produção de borracha, inscreveu-se em limites históricos bastante precisos. Como atividade econômica generalizada nessa região, principalmente nas áreas semiáridas, alcançou relativa importância entre 1897 e 1913. A partir de 1911 a tendência dos preços foi persistentemente decrescente, o que não desativou por completo a produção, mas, contribuiu para que diminuísse de forma progressiva. Na década de vinte a exportação era insignificante no conjunto da economia regional".

[83] A cera, obtida do pó que é extraído e processado das folhas, é um insumo valioso que entra na composição de diversos produtos industriais, como cosméticos, cápsulas de remédios, revestimento de componentes eletrônicos, verniz e produtos de limpeza. A cera chamou a atenção dos europeus para a árvore ainda nos tempos do Brasil Colônia. Usada para fazer velas que já no século 18 iluminavam as noites nas metrópoles, a carnaúba era a origem de um dos principais produtos brasileiros de exportação. Mas foi no século XX que a cera ganhou status

Além de ser beneficiada pela impulsão desses produtos, a sua localização privilegiada foi um ponto importante na sua ascensão econômica. Ainda no século XIX é fundada a Casa Inglesa, em 1849, sendo um indicativo da importância comercial da cidade como escoadouro de produtos para a região. A Casa Inglesa seguia um modelo comercial que consistia na venda de manufaturados e compra de matérias primas para exportação, e importação dos que eram produzidos em praças internacionais e nacionais. Apoiava-se em uma estrutura matriz – filial, auferindo vantagens, intercambiando informação entre os dois polos onde atuava[84]. De modo geral, casas comerciais do porte da Casa Inglesa agiam com representantes locais de empresas de outras praças, nacionais e internacionais, agindo como revendedoras, e distribuidoras; e eram grandes compradoras de uma gama de produtos da terra[85]. Outros negociantes à frente de casas comerciais[86] – de grande, médio e pequeno porte - entraram nessa ciranda de atividades de importação, revenda e exportação, entre a segunda metade do século XIX e século XX em Parnaíba.

Essas casas comerciais estendiam suas ações regionalmente, e atuavam em diversas cidades do Piauí, e dos estados do Ceará, Maranhão e Goiás, como ilustra a imagem (3), publicada em 1943 no *Almanaque da Parnaíba*, bastante representativa do que eram os objetivos de empresas como estas, que através da interiorização, ampliavam o espaço de vendas, conseguindo, por outro lado, o acesso direto a produtos interessantes à exportação. Estas casas comerciais também abasteciam os estoques do comércio de pequeno e médio porte da cidade de Parnaíba e cidades próximas, inclusive de estados vizinhos.

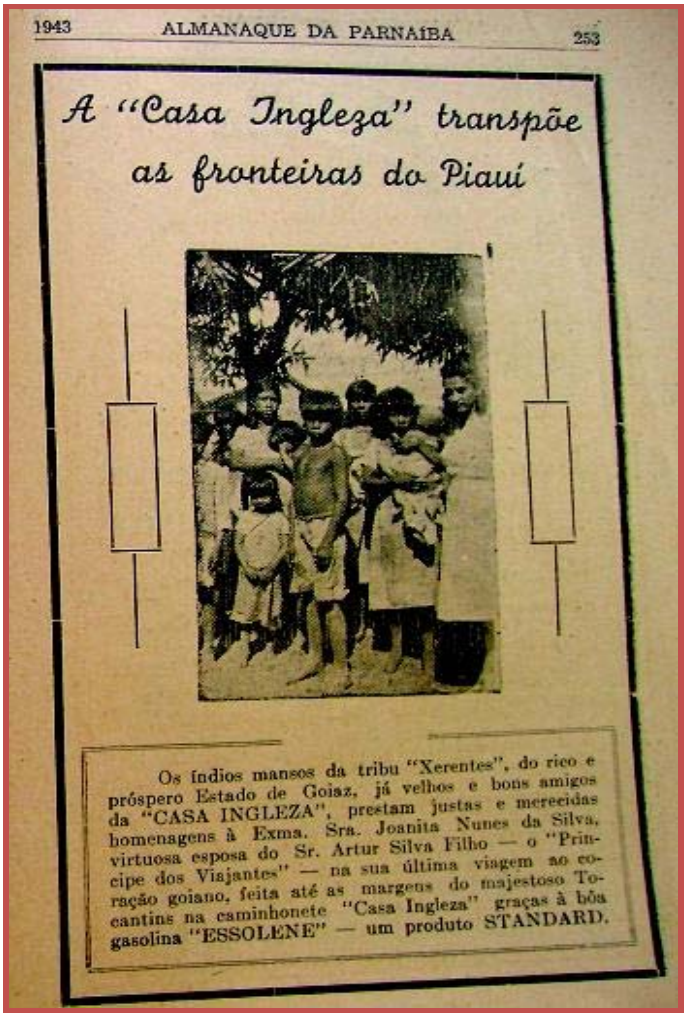
---

de produto estratégico para a indústria, ao se tornar matéria-prima obrigatória de papel-carbono e graxa para sapatos, impermeabilização de metais e na fabricação dos antigos discos de vinil.
Disponível em: <http://www.gmceras.com.br/his-cera-de-carnauba.html>. Acesso em: 06 abr. 2013.

[84] Sobre a estrutura e comportamento comercial destas empresas. Ver: MONTEIRO, Denise Mattos. **O capital mercantil estrangeiro no Brasil no século XIX**: a atuação da casa Boris Frères no Ceará. In: **História Econômica da Independência e do Império**. SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José Roberto do Amaral (orgs). São Paulo: Hucitec, 2002.

[85] Esta é uma denominação comumente encontrada nos anúncios de firmas que negociavam cera, carnaúba, couros, etc.

[86] Roland Jacob; James Frederick Clark & Cia Lta; Narciso Machado e Cia; Francisco Alves Cavalcanti; Celso Nunes; Almendra & Irmãos; J. Narciso; Moraes e Cia.; Leônidas Leão & Filho; Werner Schluepmann; A. Sales e Eloi Carvalho. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 351.


1943 ALMANAQUE DA PARNAIBA 253

A "Casa Ingleza" transpõe as fronteiras do Piauí

Os índios mansos da tribu "Xerentes", do rico e próspero Estado de Goiaz, já velhos e bons amigos da "CASA INGLEZA", prestam justas e merecidas homenagens à Exma. Sra. Joanita Nunes da Silva, virtuosa esposa do Sr. Artur Silva Filho — o "Principe dos Viajantes" — na sua última viagem ao coração goiano, feita até as margens do majestoso Tocantins na caminhonete "Casa Ingleza" graças à bôa gasolina "ESSOLENE" — um produto STANDARD.

IMAGEM 3. Anuncio da Casa Inglesa, divulgando suas atividades comerciais em Goiás. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1942, p. 59.

Divulgando as atividades comerciais em áreas indígenas, chama atenção (IMAGEM 3), o fato de a esposa, Joanita Nunes da Silva, acompanhar o marido, Artur Silva Filho geralmente em difíceis condições, por conta de as estradas ainda serem carroçais ou mesmo picadas, abertas em meio aos matagais. A imagem nos permite outras observações. A mulher surge como uma referência de cordialidade entre a casa, seus parceiros e clientes comerciais, nesse caso índios mansos de outro estado; a extensão e importância da instituição chegando a espaços próximos e remotos, inclusive aldeias indígenas; de seriedade, pois ao mostrar a mulher do caixeiro, evidenciando que a mesma viajava ao lado do marido, reforça-se a ideia de seriedade dos seus caixeiros, e de ambiente familiar da empresa. Em se tratando do nosso trabalho, a imagem da mulher também, acaba por ser utilizada como elemento de propaganda - embora não saibamos se de forma intencional - dessa importante casa comercial da cidade de Parnaíba.

A atividade comercial da cidade, bem como o intercâmbio com outras praças comerciais, atraia sujeitos com diferentes objetivos para a cidade. Fossem como trabalhadores ou investidores das atividades extrativas, de beneficiamento de cera e interesses comerciais, eles se juntavam à população já existente (QUADRO 1).

QUADRO DEMONSTRATIVO 1. Comparativo da população do município de Parnaíba e da capital Teresina entre 1930 a 1950.

Ano	População de Parnaíba	População de Teresina – Capital do Piauí
1930	32.119	57.500[87]
	19.247 no Distrito municipal de Buriti dos Lopes	
	10.714 no Distrito municipal de Amarração (atualmente Luís Correia)	
	Total: 62.080	
1940	42.605	67.641
1950	49.369	90.723

Fontes: *Almanaque da Parnaíba* de 1933, p. 267 e 1942, p. 302 e *Censo Demográfico* de 1950 do IBGE, p. 182.

Configura-se em muitos textos das décadas de 1930 e 1940, uma cidade que é um grande empório, com uma dinâmica de atividades cotidianas que se entrecruzam e se

[87] Como em 1930 não houve censo, utilizamos os dados do *Censo Demográfico* de 1920 para a capital Teresina e informações sobre a população, contidas no Almanaque para Parnaíba nas edições de 1933.

orientavam para algum porto: o Salgado em Parnaíba; o de Amarração em Luís Correia; o de Tutóia, no Maranhão; Europa, Estados Unidos... como narra Renato Castelo Branco[88].

> Na estação madrugavam os cegos, os bagageiros e os moleques com tabuleiros de cocadas e rebuçados, aguardando a chegada do trem de Amarração, ou de Piracuruca e Piripiri. O cabo Cajazeira se espreguiçava na rede, na cadeia em ruínas, e dormia de novo. A comadre Venância, do Hotel Carneiro, acordava as cunhãs e mandava-as para a cozinha. A cidade ia despertando: abriam-se as portas das casas, dos armazéns, das vendas, da Igreja, da escolinha. E as tropas de burros começavam a cruzar as ruas, com carregamentos de maniçoba, de tucum, de mamona, de cera de carnaúba, de oiticica, de peles de cabra ou coro bovinos, produtos das fazendas circunvizinhas, que convergiam para os depósitos do Roland Jacob, dos Morais Correia, da Casa Inglesa, em busca dos portos exportadores[89].

O comércio conciliado com atividades extrativas – exportadoras – foi, portanto, o elemento demarcador de desenvolvimento da cidade permitindo o acesso de diferentes sujeitos, sob o ponto de vista do status social e do trabalho, composto por homens e por mulheres, como a D. Venância, nominada respeitosamente, e outras trabalhadoras anônimas, merecedoras de uma alcunha genérica, a de cunhãs[90], nas memórias de Renato Castelo Branco.

Mesmo que o trabalho de muitas mulheres não tenha sido indicado, de forma direta, na citação anterior, podemos vislumbrá-las por entre as atividades que foram demarcadas. Estavam lá, nas lides cotidianas de trabalho e lazer, fazendo as cocadas que os meninos vendiam na estação de trem, cuidando e abrindo as portas das Igrejas e das escolas, como professoras, ou mesmo como donas de escolas, com diferentes finalidades. Vendendo

---

[88]Renato Castelo Branco nasceu na cidade de Parnaíba, Piauí, em 12 de setembro de 1914 e faleceu em 19 de setembro de 1995 em São Paulo. Foi para o Rio de Janeiro em 1933, e graduou em Direito em 1937. Foi assistente de redator do escritor e publicitário Orígenes Lessa na Agência de Publicidade N. W. Ayer em 1935. Em 1939 ingressou na J. Walter Thompson, Rio de Janeiro e, mais tarde, em 1961, transferiu-se para São Paulo. Na JWT permaneceu, em períodos alternados, por 30 anos, aonde chegou a Presidente, cargo exercido até o seu desligamento em 1969. Em 1965, Castelo foi eleito Vice-Presidente da Thompson dos Estados Unidos, o único latino-americano a receber essa distinção até os dias de hoje. Em 1971, criou a sua própria agência de publicidade, a CBBA, juntamente com alguns companheiros da JWT. Ajudou a criar, em 1937, a APP - Associação Paulista de Propaganda; em 1949, ajudou também a criar a ABAP - Associação Brasileira de Agências de Publicidade. Em 1951, participou da criação da Escola de Propaganda, hoje ESPM, na qual foi Diretor, Professor e Conselheiro. Em 1964 criou o Conselho Nacional de Propaganda e foi seu primeiro Presidente. Além de Publicitário, Renato Castelo Branco foi poeta e escritor, principalmente de romances históricos. Ao todo, deixou uma bagagem literária de 22 livros. Fonte: Portal Entre textos. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/dicionario-de-escritores/renato-pires-castello-branco,132.html>. Acesso em 12 fev. 2015.

[89] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L.R. Editores, 1981.

[90] O termo é designativo de mulher jovem e também mulher de caboclo. Cf.: http://www.aulete.com.br/cunh%C3%A3. No contexto deste trabalho o termo é utilizado para designar mulheres jovens consideradas desprovidas de status social significante, em meio às hierarquias sociais locais.

diversos produtos extraídos da terra e do trabalho das suas mãos habilidosas de artesãs, como ambulantes, donas de quitandas ou negociando nos mercados atrás de alguma mesa ou banca. E fazendo o serviço meticuloso que o conhecimento das letras e dos números exigia, nas farmácias, depósitos e casas de comércio de varejo, importação e exportação.

1.1 Urbanização, homens, mulheres e uma cidade comercial

As narrativas sobre a prosperidade da cidade de Parnaíba, já desde a década de 1920, de modo geral, anunciam-se como decorrentes de uma vocação comercial, onde se desenvolveram projetos a partir dos negócios com o charque e couro, sendo ampliadas e diversificadas as iniciativas exportadoras, com produtos regionais, sob as graças de estrangeiros europeus; a princípio portugueses, e posteriormente, ingleses, franceses e alemães, até a chegada da decadência, quando a imagem de um Porto, dinâmico em exportação e importação com a frequente presença de estrangeiros desaparece. O texto de Raimundo de Sousa de Lima[91] é um bom exemplo, de como a história de Parnaíba costuma ser traduzida por memorialistas locais:

> Comerciantes de larga experiência, apoiados na eficácia do sistema europeu, aqui começaram pelos Dias da Silva, portugueses de origem, ao implantarem seu movimento de charqueada localizado no Porto das Barcas. Então as coisas marcharam rápidas e equilibradas desde seu início.
> Anos depois chegaram os ingleses em seguida os franceses para, por último, se instalarem também os alemães, formando todos assim um bloco muito denso, cujo controle comercial passou a abranger não só toda extensão do Piauí como também áreas comerciáveis dos Estados vizinhos.
> A prosperidade repentina despontou por todos os lados, mas nem assim acompanhou, tanto como necessariamente, o impulso que o novo conceito de mercado veio marcar os anos subsequentes[92].

A imagem de uma urbe marcada pelas atividades comerciais que convivia com a presença de estrangeiros, é marcante em diversas narrativas. A cidade aparece, em grande

[91]Escritor parnaibano, autodidata, que além da obra, *Vareiros do Rio Parnaíba & outras histórias*, colaborou com o *Almanaque da Parnaíba*. Mesmo sem datar as suas memórias, identifica-se a temporalidade das mesmas pelas referências que o autor apresenta de alguns acontecimentos. Fala sobre a sua infância e as mudanças que ele vai observando na cidade, ao longo da sua vida. Acompanha o apogeu e o declínio da economia da cidade, sustentada em uma economia extrativo/exportação. Começa a colaborar com o *Almanaque da Parnaíba* em 1937. Cf: ALMANAQUE da Parnaíba, 1938, p. 283. Dos editores do Almanaque é o que costuma registrar o cotidiano de trabalhadores e trabalhadoras, integrados à labuta diária.

[92] LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo/ Fundação de Cultura do Piauí, 1987. p. 24.

parte, como devedora enquanto possibilidade de existência e desenvolvimento, desses dois elementos. Leandro Mendes Rocha e Gercinair Silvério Gandara[93] analisam este componente da história local em "A presença estrangeira no Piauí no século XIX[94]," e explicam a conjuntura de tal conformação:

> É no quadro de uma nova conjuntura política e econômica que se evidencia a presença francesa nos estados do Nordeste do Brasil, inclusive no Piauí. Essa presença se deu num contexto moldado pela expansão do capital industrial europeu onde, sobretudo a partir e meados do século XIX, estabeleceram-se casas comerciais europeias em vários países da América Latina, dentre eles, o Brasil. No Piauí se estabeleceram inicialmente as casas comerciais inglesas, posteriormente francesas e, por fim, as alemãs. Essas casas comerciais realizavam os negócios de importação e exportação. Exportavam matérias-primas e importavam produtos industrializados criando um ambiente de dinamismo comercial nas regiões que se instalavam.

Porém, excetuando-se os portugueses, com deslocamentos mais sistemáticos ao longo da história do Brasil, essa presença estrangeira, embora significativa em termos de negociações econômicas, foi pequena em termos quantitativos no Piauí, de modo geral, incidindo essa quantidade em Parnaíba, não se constituindo em um projeto imigratório que deslocou grandes contingentes humanos de outros países. (QUADRO 2).

[93]ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. A presença estrangeira no Piauí no século XIX. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009. p. 299.

[94]GANDARA e ROCHA, ao traçarem um mapeamento da presença francesa no nordeste brasileiro (sec. XIX), com ênfase no litoral do Piauí, evidenciam a relação de Parnaíba com outras capitais brasileiras, principalmente do norte e nordeste, e a presença de negociantes de Caiena, Inglaterra, França, Estados Unidos, Alemanha, etc., além de analisarem as razões que justificam esses interesses, lançando mão de relatórios oficiais, principalmente da Alfândega situada na cidade. Ver: História Revista, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009.

QUADRO DEMONSTRATIVO 2. Pessoas nascidas em país estrangeiro, pela época em que fixaram residência no Brasil, na unidade da federação, Piauí, e nacionalidade.				
Época indicada	Total	Estrangeiros	Brasileiros naturalizados	Sem declaração de nacionalidade
1880 a 1889	16	07	09	-
1900 a 1929	216	53	63	-
1930 a 1940	32	30	02	22
1950	258	211	47	19

Fontes: *Censo Demográfico* de 1940, p. 218 e de 1950, p. 71.

Deve-se observar que referências à contribuição estrangeira para o incremento das atividades comerciais da cidade, não costuma considerar em um mesmo patamar de importância sírios e libaneses - ou turcos[95], como eram genericamente chamados - que, embora apareçam como elementos integrantes do comércio local em diferentes períodos, além de estarem envolvidos em atividades esportivas e de entretenimento, as alusões feitas aos mesmos não se encontram no mesmo patamar das dirigidas a portugueses, ingleses, franceses e alemães, no que se refere à contribuição da formação comercial da cidade. Isto talvez se justifique por conta da divisão existente nesta área comercial. O Alto comércio, representado pelas grandes casas de exportação e importação, a cargo de alguns poucos estrangeiros e brasileiros, e o pequeno comércio, o de varejo, ambulante ou mascate, sob o domínio dos sírios libaneses ou turcos. As alusões a estes sujeitos aparecem esporadicamente, a exemplo da referência feita por Renato Pires Castelo Branco, que ao narrar suas memórias de infância, vivida na cidade de Parnaíba, os localizou na paisagem comercial e espacial da cidade.

[95] Sobre esse assunto: TRUZZI, Oswaldo. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos: um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001, p 137. "Como até o final da Primeira Guerra Mundial, sírios e libaneses chegaram ao Brasil com passaportes turcos, foram confundidos com seus opressores, o que lhes causou imenso dissabor. Apesar de, virtualmente, todos os livros escritos por intelectuais da colônia, queixarem-se do mal entendido envolvendo essa denominação, ela permaneceu designando o grupo até os dias de hoje".

> Daí (do cais) Parnaíba se estendia, primeiro através das ruas comerciais, onde ficavam as casas importadoras e exportadoras e os escritórios de representação. Depois vinham as lojas dos turcos, os armarinhos, as casas de tecidos. Depois as residências dos empregados do comércio, casas baixas e antigas, pintadas de cores vivas – vermelho, amarelo, azul. E por fim, as zonas mais chiques dos palacetes, dos chalés, dos bangalôs de estilo moderno, cercados de casuarinas, de mangueiras, de palmeiras, de jardins floridos. [...] Em torno desse núcleo, estendiam-se os bairros proletários, uma enorme cita de palhoças e casebres, onde as ruas não eram calçadas, não havia jardins nem praças arborizadas e aonde os fios elétricos não chegavam. Eram a Coroa, os Tucuns e os Campos.[96] (Grifo Nosso)

O relato além de identificar os turcos, como parte da paisagem comercial da cidade, apresenta-nos uma cidade diversificada sob a perspectiva do plano urbanístico e social com uma descrição estética das moradias, que eram predominantes, em cada uma das áreas evidenciadas pelo narrador.

Os estrangeiros que vieram para a cidade na primeira metade do século XX, nem sempre fixavam residência e, em grande parte, chegaram como negociadores estimulados por interesses no mercado de exportação que envolvia "produtos da terra", a importação de bens de consumo; e também por conta de acordos econômicos favoráveis aos investidores e capitalistas estrangeiros ou representantes dos mesmos, realizados entre o Brasil[97], países europeus, principalmente Inglaterra, Alemanha e na América, os Estados Unidos. Nos quadros (3 e 4), por meio dos recenseamentos de 1940 e 1950, podemos ter uma ideia da quantidade de estrangeiros que estavam presentes e que se naturalizaram, respectivamente, no Estado do Piauí.

Cabe considerar que no recenseamento de 1940 (QUADRO 3), os números podem estar aquém do exposto por conta do receio que muitos estrangeiros tinham de manifestar a sua origem, por medo de represálias empreendidas pelo Estado Novo. O medo do recenseamento mobiliza esforços do Serviço Nacional de Recenseamento, das Delegacias Municipais e até a Igreja, através dos Governos Diocesanos, no sentido de que a coleta de dados para o censo fosse levado a termo[98].

---

[96] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L.R. Editores, 1981. p. 20.

[97] A presença de estrangeiros, a exemplo dos alemães, no Brasil decorria de inúmeros acordos comerciais estabelecidos entre o Brasil e países estrangeiros. "As exportações para a Alemanha que mais aumentaram a sua participação no total – algodão, lã, couros e peles – beneficiavam interesses regionais importantes tanto no Nordeste quanto no Sul do país e granjeavam apoio para a manutenção do comércio de compensação". ABREU, Fonte: Marcelo de Paiva. *A economia brasileira 1930-1964*. p.10. Disponível em: <http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td585.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2014.

[98] Com data de 4 de julho de 1940, o Governo Diocesano, através do bispo do Piauí, D. Severino, lança uma circular, constando os nomes do Serviço Nacional de Recenseamento e da Delegacia Municipal de Parnaíba, que esclarece e conclama a população para o recenseamento. Também adverte os religiosos sobre a importância do seu trabalho para que o projeto fosse bem sucedido. Em um dos trechos do documento lê-se o seguinte: "Recomendamos aos Revmos. Vigários que nas visitas às capelas e nas desobrigas, procurem esclarecer o povo,

QUADRO DEMONSTRATIVO 3. Estrangeiros, da unidade federativa Piauí, com discriminação por sexo, das principais nacionalidades, segundo o recenseamento de 1940.							
Totais de Estrangeiros		Alemã		Espanhola		Portuguesa	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
128	75	16	04	08	01	22	05
OBS. As nacionalidades indicadas no quadro levam em conta as que se faziam presentes na unidade federativa no Piauí.							

Fonte: *Censo Demográfico IBGE*, 1940, p. 76.

Com relação ao próximo quadro (4) referente ao censo demográfico de 1950, é interessante atentar para inserção da nacionalidade Síria, e o número maior de pessoas oriundas deste país, em relação aos demais. Cabe ainda considerar, que no Piauí, o termo designativo mais comum para esta nacionalidade, bem como para a libanesa, era a de Carcamano[99].

nesse particular, dissipar-lhe as desconfianças e prevenções, aconselhando-o a que, de boa vontade e com exatidão, preste os esclarecimentos pedidos, e fazendo-lhe compreender, quanto possível, as vantagens gerais resultantes do recenseamento". Cf: Circular n. 43. Sobre Recenseamento. 4 de jul, 1940. Ver: Documentos da Paroquia de Parnaíba.

[99] Sobre a imigração Síria e Libanesa para o Piauí, Ver: PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro:** os árabes em Floriano, PI. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Piauí; Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2007.

QUADRO DEMONSTRATIVO 4. Brasileiros naturalizados, presentes, discriminados por países de naturalidade e sexo, (Homens – H, e Mulheres – M) da unidade federativa Piauí, segundo o recenseamento de 1950.

Totais		Itália		Portugal		Síria		Argentina		Outros países	
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
33	14	2	1	7	1	21	7	-	1	3	4

OBS. As nacionalidades indicadas no quadro levam em conta as que se faziam presentes na unidade federativa no Piauí.

Fonte: *Censo demográfico IBGE*, 1950, p. 80 e 81.

A quantidade de estrangeiros que fixaram residência ou se naturalizaram na cidade, segundo os dados do recenseamento, é pequena (QUADROS 3 e 4), considerando os números observados pelos censos de 1940 e 1950 que fazem referência a todo Estado, sendo portanto pouco expressivo, sob o ponto de vista numérico, entre uma população, que em Parnaíba, no ano de 1930, tinha um população de 32. 119; em 1940 um total de 42.605; e em 1950, chegava a um total de 49. 369 de habitantes.

Ao longo da primeira metade do século XX, a centralidade comercial de Parnaíba em relação ao estado do Piauí, alavanca o estabelecimento de Companhias de Seguro, agentes de firmas de representação que se constituíam em vendedores e exportadores de produtos da terra, importadores de maquinário e de variados produtos de consumo alimentar, doméstico e de uso pessoal e com a instalação de indústrias de transformação, centro de beneficiamento da cera de carnaúba, comercialização e exportação. No relato autobiográfico de João Paulo dos Reis Velloso[100] D´Araújo e Castro afirmam:

[100]João Paulo dos Reis Velloso, brasileiro, nascido em Parnaíba, Piauí, em 12 de julho de 1931. Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade do Estado Rio de Janeiro. Pós-Graduação em Economia pela Universidade de Yale. Presidente do FÓRUM NACIONAL (Instituto Nacional de Altos Estudos - INAE), Presidente do Conselho do IBMEC – Mercado de Capitais, Membro do Conselho da BNDESPAR, Membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República - CDES, Professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas – EPGE. Ministro do Planejamento de 1969 a 1979, assessor do Presidente do Banco do Brasil, assessor do Ministro da Fazenda e Secretário - Geral do Ministério do Planejamento no período de 1958/1962, 1964/1969. Criador e Presidente do IPEA (Ministério do Planejamento) no período de 1964/1967, Criador da FINEP, Coordenador da revisão do PAEG, Coordenador da elaboração do PED – Programa Estratégico de Desenvolvimento, do I PND e do II PND no período de 1964/1974. Fonte: Conselho Nacional do Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.cdes.gov.br/conselho/2801/joao-paulo-dos-reis-velloso.html>. Acesso em: 10 jan. 2015.

> Parnaíba, entre 1940 e 1945, era uma cidade importante, porque era a grande exportadora de óleos vegetais e cera de carnaúba das indústrias extrativas do interior do Piauí e do Maranhão. Quando terminei o ginásio, fui logo trabalhar na principal empresa de Parnaíba, a Morais S. A., maior exportadora de cera de carnaúba do Brasil. Essa cera era material de guerra muito importante e era exportada principalmente para os Estados Unidos[101].

Junto às atividades produtivas que se afirmam na cidade, vão se gerando iniciativas que são perceptíveis por meio de diferentes registros[102]; e um incremento econômico com investimentos mais materializados em infraestrutura, nas primeiras décadas do século XX, com períodos de oscilação decorrentes de elementos internos e das necessidades do mercado externo.

A dinâmica produtiva expressiva em relação ao restante do Piauí, enfrenta já no final da década de 1940, embora ressoe na de 1950, a decadência dos negócios ligados principalmente à exportação. "A prosperidade repentina despontou por todos os lados, mas nem assim acompanhou tanto quanto necessariamente o impulso que o novo conceito de mercado veio a marcar nos anos subsequentes"[103]. Muitas empresas de grande porte permaneceram instaladas na cidade que continuou a gozar de uma posição econômica privilegiada embora perdesse gradativamente a expressiva situação econômica que detinha na região[104] e o referendo de primazias urbanísticas, levando a um saudosismo marcante entre as diversas memórias sobre a cidade. De acordo com Rocha e Gandara[105]:

> A Segunda Guerra Mundial trouxe profundas modificações no comércio internacional, brasileiro e, consequentemente, no do Piauí, quando seus produtos exportados perdem importância no contexto internacional. A borracha sintética e os derivados de petróleo no mercado mundial substituíam gradativamente os produtos extrativistas, desorganizando esse tipo de exportação. Por outro lado, o desenvolvimento das rodovias criou outras rotas comerciais e reorientou as políticas públicas que passaram a privilegiá-las, levando à "decadência" o porto de Parnaíba e ao fechamento das casas comerciais, ao longo da década de 1950. Uma vez abertas as primeiras rodovias ligando o Piauí ao centro-sul do país, praticamente todo o setor industrial e comercial piauiense foi deslocado, inviabilizando a estrada líquida que jazia com uma precária navegação a vapor ocasionada pelo declínio das exportações do extrativismo. O Porto de Parnaíba, por sua vez, tornava-se inadequado à nova realidade do comércio marítimo.

---

[101] D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (orgs.). **João Paulo dos Reis Velloso**: memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 388 p. Coleção Tempos Modernos. p.17.

[102] Entre historiadores, memorialistas e nos relatos orais, é frequente a temática do período áureo.

[103] LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987, p. 24.

[104] Atualmente a atividade extrativa perdura, a cidade ainda se configura como centro comercial para os arredores. Atualmente projeta grande visibilidade, advinda da atividade turística, por ser a cidade melhor estruturada para passeios no Delta do Parnaíba ou Delta das Américas.

[105] ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. A presença estrangeira no Piauí no século XIX. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009. p. 306.

A crise que se instalou de modo evidente na década de 1950, referenciou um apogeu anterior, que ao longo das primeiras décadas do século XX, enalteceu as transformações oriundas tanto de incentivos da iniciativa privada local, como de projetos vinculados à esfera estadual e federal. Tinha-se ainda, antes da crise, um contexto onde o desenvolvimento de benfeitorias estéticas e de espaços de socialização, como clubes recreativos e esportivos, cinemas, praças, ruas avenidas, instituições de educação, saúde e comunicação, se tornaram mais marcantes na cidade.

Com relação ao período de incremento produtivo, os grupos que dominavam a economia e a política em Parnaíba foram sistematicamente mobilizando-se e investindo em instituições e empreendimentos que comportassem as demandas da atividade extrativo/exportadora[106], carro chefe da economia do Estado. Ao longo da primeira metade do século XX, à medida que as atividades econômicas permitiam, e as mudanças típicas do século influíam, constituía-se uma elite mais ilustrada, ciosa de investimentos que traduzissem o sentido de pertencimento da cidade ao mundo moderno. Em 1917 já contava com uma Associação Comercial e uma agência do Banco do Brasil; 1923, uma extensão de 147 km de trilhos, ligando Parnaíba a Piracuruca (PI)[107]; 1930 uma linha regular da *Nirber Line* que utilizava hidroaviões, dentre outros[108].

A modernidade que apresentava características próprias[109] vai se despontando, por meio da remodelação dos espaços que se adequavam e se transformavam, de acordo com as influências e possibilidades, inerentes ao meio, como observa Diva Maria Freire

---

[106] Ao findar o século XIX e iniciar-se o século XX, o comércio dos produtos extrativistas foi se transformando aos poucos em uma das fontes de dinamismo da economia piauiense. A dinâmica da economia passou a ser dada pelas exportações de produtos extrativos para mercados externos. O coco babaçu, a carnaúba, a maniçoba assumem uma importância crescente na pauta de exportações da cidade. O Rio Parnaíba, por sua vez, assumiu definitivamente o papel de estrada que unia não só duas regiões e, sim, estas ao mundo, uma vez que as transações comerciais se faziam fundamentalmente por ele. Cf.: ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. A presença estrangeira no Piauí no século XIX. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009.

[107]Segundo o *Almanaque da Parnaíba* (1938, p. 81 – 91), em um texto que exalta a figura do Engenheiro Miguel Furtado Bacellar, a construção desta linha férrea tem ligação direta com um dos períodos de seca (1915) que assolou o nordeste brasileiro. Ainda segundo o Almanaque, devido um número excessivo de flagelados o comércio local encaminhou pedido ao Governo da República para que fosse ordenada a construção da Estrada de Ferro de Amarração a Campo Maior, possibilitando melhoramentos para o Estado, e empregos a algumas centenas de vítimas da seca. Depois o trecho foi estendido até Piracuruca.

[108] MENDES, Iweltman. **Parnaíba**: educação e sociedade (da colonização ao fim do Estado Novo). Parnaíba: SIEART, 2007.

[109] No centro da cidade, a remodelação se traduz muito mais em acréscimos urbanísticos como pavimentação, iluminação, remodelação de praças, etc, uma vez que não são mantidos os traçados das vias já existentes. O aspecto que demarca de modo mais nítido um novo traço urbano para cidade é o bairro "Nova Parnaíba", denominado anteriormente de "Caatinga de Cima". Foi dividido em quarteirões, conforme planta de 1913. Cf.: PASSOS, Caio. **Cada rua sua história**. Parnaíba, 1982.

Figueiredo[110], fazendo uma análise das transformações em Parnaíba ao longo do seu processo de transformações urbanísticas:

> Na extremidade do rio Igaraçu prevalece um conjunto de arquitetura luso-brasileira, com suas alvenarias de pedra e cal, faiança e ferro forjado, mesclada com a carnaúba e a telha vã, adaptadas ao meio e ao clima equatorial. Na extremidade oposta, a arquitetura ferroviária da década de 1940, expressa o novo tempo da expansão ferroviária do Brasil, acontecida no período de transição entre os séculos XIX e XX, responsável pela disseminação simultânea de inovações técnicas e da introdução de materiais construtivos e decorativos, de produção seriada, na arquitetura tradicional brasileira.

No processo de adequação da cidade às necessidades imperativas da economia local, das mudanças que aconteciam no mundo, e dos anseios de parte da sua população, foi a década de 1930, sob a administração do Prefeito Ademar Gonçalves Neves[111] (1931–1934)[112] que ficou marcada nas narrativas e memórias como sendo o período de mudanças mais efetivas, no que se refere ao caráter de melhorias urbanísticas, que se estenderam às ações sanitárias e a novos hábitos comportamentais.

A imagem (4) que segue é representativa das ações e dos momentos em que o Prefeito Ademar Neves, e a classe política são homenageados pelo *Almanaque da Parnaíba*, sendo também uma imagem de referência na leitura que se afirma de desenvolvimento e transformações por que passaram a cidade nesse período.

---

[110] FIGUEIREDO, Diva Maria Freire. **Arquitetura e urbanismo no Piauí:** formação e identidade**.** In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de Araújo; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). Gente de longe: histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006. p.29.

[111] Ademar Gonçalves Neves (19.11.1883) Natural de Parnaíba foi comerciante, professor, poeta, musicista, compositor e Prefeito de Parnaíba entre 1931/1934. Foi também compositor das músicas (as letras tem outros autores) do Hino Municipal e do Clube de Futebol *Parnaíba Sport Clube*. Cf.: Ademar Gonçalves Neves. Disponível em: <http://mariadilmapontedebrito.blogspot.com.br/2013_08_11_archive.html>. Acesso em: 12 Jan. 2015.

[112] São citadas no *Almanaque da Parnaíba* (1933, p. 121), as chamadas "obras de aformoseamento" da cidade de Parnaíba, promovidas pelo prefeito Ademar Neves, que administrou a cidade no quadriênio de 1931 a 1934. Integrante da Aliança Liberal, pró-Getúlio Vargas, ele é chamado de remodelador da cidade no artigo "Parnaíba" do ALMANAQUE da Parnaíba (1937, p. 33 - 39). Essa alusão também é feita em um discurso proferido por Maria da Penha que dentre outras informações, cita as obras inauguradas sob a administração do referido prefeito como a construção dos jardins do Rosário e Barão de Lorena, a Praça Coronel Jonas Correia, a estrutura para o Mercado de frutas e verduras, o Leprosário de São Lázaro, a Delegacia de Higiene Municipal, além da pavimentação de ruas e avenidas. Cf. SILVA Maria da Penha Fonte e. "**Ademar Gonçalves Neves** – o remodelador da cidade". Parnaíba – PI: Americanas: 1983.

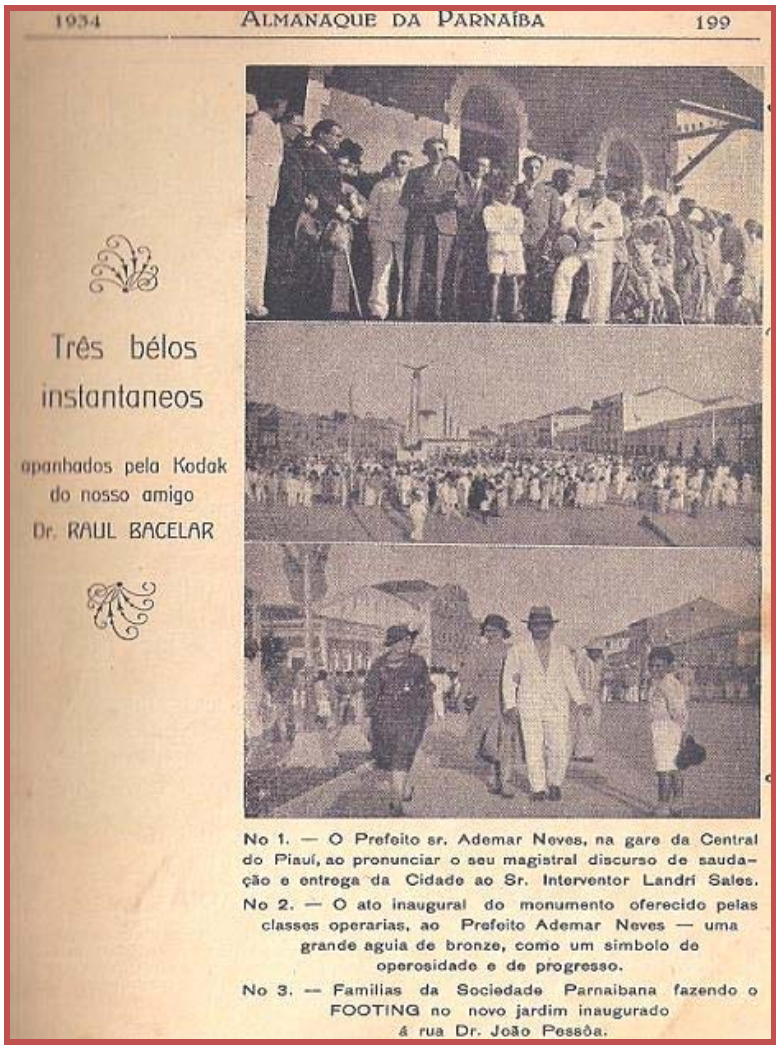


IMAGEM 4. Inaugurações de obras em Parnaíba, durante a administração do Prefeito Ademar Neves. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1934, p. 199.

A imagem (4) ajuda a demonstrar, de forma sucinta, o sentido de modernização que é apresentado pelo Almanaque para a cidade, em termos construtivos e comportamentais, e alguns domínios representativos que se apresentavam como novos, na década de 1930. Ainda punha em destaque o prefeito Ademar Neves, que recebeu o Interventor do Estado do Piauí, Landri Sales[113]- expressões da ordem política local e estadual - para inauguração das obras, destacando-se, na imagem (4), as interferências feitas na Avenida Dr. João Pessoa (atualmente

[113] Entre 1930 a 1950 temos o seguinte quadro de interventores e governador no Piauí. Humberto de Area Leão – 04/10/1930 a 29/01/1931 -, que assumiu o governo como interventor federal, quando da revolução de 1930: dissolveu a Assembleia Legislativa, os conselhos de intendência e cassou os mandatos dos intendentes municipais; Joaquim Lemos Cunha assumiu o Governo, em 29 de janeiro de 1931, e transmitiu o cargo para o Tenente Landri Sales Gonçalves que governou de 21/05/1931 a 03/05/1935; Leônidas de Castro Melo, governou de 3/05/1935 a 09/11/1945. Depois o Piauí foi governado por interventores federais. De 11/10/1946 a 17/03/1947, Teodoro Ferreira Sobral, e Valdir de Figueiredo Gonçalves, que ficou entre 17/03/1947 a 28/04/1947; José da Rocha Furtado assume a legislatura seguinte, ficando de 28/04/1947 a 31/01/1951.

Avenida Getúlio Vargas), com a construção de um Coreto e do Pavilhão Bar, permitindo *footing* nas avenidas e jardins da cidade.

O Mercado Público da cidade em foto de 1934 (IMAGEM 05)[114], que foi um espaço de trabalho de mulheres, conforme identificamos nos registros do final da década de 1940, vendendo frutas e outros gêneros em suas pequenas bancas comerciais, atende igualmente a estes requisitos da modernidade que já havia avançado em outros centros como o Rio de Janeiro e chegava de forma mais modesta a Parnaíba.

IMAGEM 5 – Área lateral do Mercado Público de Parnaíba.
Fonte*: Jornal da Parnaíba*, jul. de 2013[115].

Remodelações na paisagem urbana de áreas centrais da cidade, onde se concentravam o centro administrativo, religioso e o comércio com a utilização de novos utensílios estéticos, técnicas construtivas, higienização, ajardinamentos, etc., nas construções civis e públicas, preconizada pela importação de influências, materiais construtivos e referências arquitetônicas, reforçam a imagem de uma cidade diferenciada, que vive uma nova dinâmica de urbanização, como observa Silva[116]: "Começou então a remodelação urbana da cidade."

[114] No ALMANAQUE da Parnaíba, 1934, p. 101 encontramos descrição alusiva à reforma do Mercado Público: "Vista geral do Mercado de Frutas de Parnaíba, construído por iniciativa da administração Ademar Neves. Estrutura em concreto armado. Dispõe de 118 mesas de mármore para vendas de frutas e verduras e 48 nichos para vendas de cereais".
[115] Disponível em: <http://jornaldaparnaiba.blogspot.com.br/2013/07/prefeitura-realizara-restauracao-do.html>. Acesso em: 10 jan. de 2015.
[116] SILVA Maria da Penha Fonte e. **"Ademar Gonçalves Neves** – o remodelador da cidade". Parnaíba – PI. Americanas: out. 1983. (memórias). p. 26.

Começou a transformação de Parnaíba. Iniciou o calçamento poliédrico do centro da cidade até então um grande areal".

O perímetro do Porto das Barcas passando pela Avenida Getúlio Vargas, que era a via que ligava o Porto à estação de trem[117], até a estação ferroviária, importantes espaços onde a atividade comercial tomava corpo; as Praças de Santo Antônio[118], Praça Jonas Correia e a Praça da Graça (onde se localiza a Igreja Matriz) e as ruas que as circundavam, são alvos destas ações de melhoramentos, conforme registro do *Almanaque da Parnaíba*[119], no artigo intitulado "Parnaíba Presente":

> Embelezamento urbano – O prefeito Ademar Neves iniciou o serviço de calçamento da cidade, a pedra tosca, já estando construída uma área de cerca de 20 mil metros quadrados, abrangendo a Praça da Matriz e as ruas Duque de Caxias, Câmara, 28 de Julho, Miranda, Glória, Braga, Souza Martins, Passeio, Sol, Visconde de Itaboraí, Riachuelo, Pires Ferreira, Marquês de Herval, Praças Jonas Correia e 24 de Janeiro. Os serviços prosseguem, já tem sido gastos 130 contos de réis.

Os locais já citados anteriormente eram os mais significativos para atividade comercial, onde se encontravam instalados os principais comerciantes e também evidenciava o lugar social das famílias que podiam consumir produtos e espaços delineadores de *status*, visto que estas interferências urbanísticas não se estendiam a toda à cidade, como narra o Sr. Cândido de Athayde[120].

> Quando eu cheguei aqui tinha bem limado todos os três grandes bairros daqui. Alias quatro: um era o bairro da Coroa, outro era Tucuns e o outro era o Bairro Campos. Esses bairros incluíam exatamente as pessoas das classes mais pobres, sem dúvida nenhuma. E os centros da Parnaíba, cujos limites ficavam na Praça Cel. Osório e na atual Avenida Getúlio Vargas, exatamente na Estrada de ferro e no limite da Igreja de São Sebastião, essa área era a área central da cidade onde morava a classe mais elevada economicamente falando e a classe média superior. Essa era a Parnaíba desse tempo. Mas não havia calçamento, não havia... Começou aí pelo prefeito Ademar Neves. Ele começou a calçar a Av. Getúlio Vargas, a Praça da Graça e outras ruas ali que vão alcançar até a antiga Praça do Mercado[121].

---

[117] Os trilhos e o trem atravessaram a atual Avenida

[118] Urbanizada em 1937, na administração de Joaquim Antônio Gomes de Almeida. Cf.: SILVA, Maria da Penha Fonte e. **Parnaíba minha terra**: crônicas. Parnaíba: (s.n.), (s.d.).

[119] ALMANAQUE da Parnaíba. 1933, p.93.

[120] Sobre Cândido de Almeida Athayde (19. 09. 1905 – 17. 02. 1998), nasceu na antiga Vila de Tutóia – MA. Foi médico, Professor universitário, Prefeito de Parnaíba (1945 a 1946) e vereador, assumindo a presidência da Câmara Municipal de 1948 a 1950.

[121] ATHAYDE, Cândido de. Entrevista. [17 de jan. de 1984]. Parnaíba. Concedida ao Núcleo de História Oral da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO (Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí).

Entre 1930 e 1950, muitos empreendimentos de ordem particular e pública foram desenvolvidos, embora, no processo de concretização deste anseio, a cidade convivesse com problemas que ficaram por muito tempo fora das prioridades administrativas e da maioria das narrativas sobre a cidade.

Grande parte da história da cidade, elaborada ao longo de 1930 e 1950, está profundamente marcada pelos textos que exaltam o seu perfil de progresso e desenvolvimento grandioso, exemplo do que escreve Vicente Araújo[122], articulista do *Almanaque da Parnaíba*.

> Do Piauí, é ela o ponto principal do comércio; e nisto que está todo o seu futuro e valor. A sua vida é quase que completamente comercial, e para maior certeza disto, voltemos à vista para suas ruas, que infelizmente não são bem alinhadas posto que todas muito longas e de muito movimento.
> [...]
> Parnaíba não é uma cidade de futilidades: É a cidade do trabalho, da paz e do progresso; é a mola principal do Piauí; é a vida a cantar o hino do progresso no ruído dos automóveis, das máquinas industriais, no tumultuar das ruas, onde tudo se confunde, onde a miséria se ombreia com o fausto, o luxo com a modéstia, e onde a atividade incessante dos que trabalham enxota a insolência dos vis.
> De qualquer forma Parnaíba progride e é a **"Sentinela avançada" do Piauí** nas grandes lutas do progresso. (Grifo Nosso)

Nos anos subsequentes, principalmente durante o Estado Novo, essa imagem diferenciada da cidade se afirmou. No *Diário Oficial do Estado do Piauí* (03 de mai. 1942), fazendo alusão à capital Teresina e a Parnaíba, Anísio Martins Maia, Diretor das Municipalidades, exalta as duas cidades:

> Em 1930, tanto Parnaíba – a metrópole comercial piauiense – como Teresina – a metrópole política, - não passavam, de fato, de pequenas cidades provincianas, sem avanços de notar.
> Em 12 anos o aspecto de uma e outra sofreu radicais transformações, pois, não apenas serviços de utilidade pública, mas de embelezamento lhes deram vida nova, e novo pitoresco à primitiva simplicidade natural.

Transformação e embelezamento, enfim, o significado do moderno e a relação da cidade com o comercio, foi sistematicamente exaltado e aparece como elemento norteador da cidade ao longo da primeira metade do século XX. Somando-se às essas questões, a instrução aparece como mais um desses elementos de tradução do moderno, da elevação social e comercial da cidade.

Em Parnaíba, novos estabelecimentos de ensino são fundados, alguns, sob iniciativa de particulares ligados à atividade comercial, a exemplo da União Caixeiral[123], que dentre outros

[122] ALMANAQUE da Parnaíba 1932 p.71.

empreendimentos, fundou e instalou a "Escola de Comércio da União Caixeiral de Parnaíba" [124] em 1933[125], moldada de acordo com o Decreto Federal n. 20.158, de 30 de junho de 1931, que regulamentou os o ensino comercial[126].

A União Caixeiral amplia os objetivos, em relação á proposta inicial, instituindo o curso de Guarda-Livros, posteriormente denominado de Contabilidade, sendo responsável pela formação de homens e mulheres, que, em tese, estariam preparados para atuaram em diferentes setores do comércio.

Em 1922, a Associação lançou a pedra fundamental para sede própria num terreno da Rua Grande. Em 25 de maio de 1929, o prédio já se encontrava quase concluído o que vai ser motivo de celebração para a diretoria da União Caixeiral, que: "convida os seus associados, as famílias, os comerciantes, os empregados do comércio, os operários, as autoridades, os descrentes e o povo em geral" para participarem do "levantamento da cumeeira do edifício"[127]. A Lei Estadual nº. 1.087, de sete de junho de 1924, considerou-a como instituição de Utilidade Pública, o que não impediu a instituição de vivenciar inúmeras dificuldades, relatadas em diversas atas de reuniões dos sócios[128], que vieram a ser parcialmente sanadas sob o Estado Novo. Como instituição de caráter cooperativo, ganhava importância integrando objetivos importantes ao Estado Novo, consolidando a função de assistência aos sócios e sócias, estreitando relações com congêneres de outros estados. Em 1937 foi concluída a construção da sua sede (IMAGEM 6).

---

[123] A União Caixeiral de Parnaíba, Sociedade dos Comerciários de Parnaíba, foi fundada em 28 de abril de 1918, considerada de Utilidade Pública pela lei Estadual n. 1.087, de 7 de julho de 1924, reorganizada em 28 de agosto de 1925, e registrada no Conselho Técnico de Orientação Sindical, sob o número 98, em 4 de janeiro de 1945. Era uma sociedade de auxílios mútuos, beneficente e instrutiva, que era composta por caixeiros e outros auxiliares do comércio, aceitando nacionais ou estrangeiros. Cf: Estatutos da União Caixeiral, aprovado em 7 de março de 1946. Parnaíba – PI: Comercial, 1947.

[124] No ano de 1944 a Escola oficializada e fundada pela União Caixeiral já havia formado três turmas de guarda-livros. Cf.: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíba**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946.

[125] Cf: Regulamento da Escola de Comércio da União Caixeiral. Aprovada em 2 de junho de 1938.

[126]O Decreto n. 20158, de 30.06.1931, regulamentou a profissão de contador e reorganizou o ensino comercial, dividindo-o nos níveis propedêutico, técnico e superior. O propedêutico exigia o mínimo de doze anos para ingresso e realização de exames admissionais. No técnico, dividiu o ensino comercial em ramificações: secretário, guarda-livros e administrador-vendedor, com duração de dois anos, e atuário e perito contador, com duração de três anos. Cf.: PELEIAS, Ivan Ricardo; SILVA, Glauco Peres da; SEGRETI, João Bosco; CHIROTTO, Amanda Russo. Evolução do ensino de contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **R. Cont. Fin**. São Paulo: USP. • Edição 30 Anos de Doutorado. p. 19 – 32, Jun. 2007.(p. 26)

[127] Convite em folha avulsa enviado pela diretoria da Associação da União Caixeiral. Fonte: Acervo do Centro Caixeiral sob a guarda do SESC Parnaíba PI.

[128]Acervo do Centro Caixeiral sob a guarda do SESC Parnaíba PI.

União Caixeiral

Sociedade dos Empregados no Comercio de Parnaiba
FUNDADA EM 28 DE ABRIL DE 1918
Reconhecida de utilidade publica pela Lei n. 1.087 de 7 de Julho 1924
Séde Propria — RUA DR. JOÃO PESSÔA, 67 — Sobrado
PARNAÍBA — PIAUÍ — BRASIL

O edificio que vemos em primeiro plano, no clichê que ilustra esta pagina, é o Predio da União Caixeiral de Parnaiba.

Foi lançada a pedra fundamental desse grande empreendimento, no dia 7 de Setembro de 1922. Dês essa epoca, a União caixeiral tem lutado com os maiores esforços para ultimar a importante obra que se encontra quasi terminada, e que se levanta magestosa em uma das nossas principaes vias comerciais.

A parte terrea, já está alugada; a superior, que se destina a Séde Social e escolas, está tambem recebendo os ultimos retoques.

A Escola de Comercio, mantida pela União Caixeiral, em vesperas de oficialisação federal, vem funcionando ha muitos annos, e atualmente está confiada ao competente educador, Dr. Clodoveu Felipe Cavalcante.

Em seguida, damos a atual directoria de tão util associação, a qual não méde sacrificios no sentido de bem servi-la e mui especialmente os presidentes que de ha muito vêm sendo reeleitos alternativamente:—

Alarico J. da Cunha —	Presid. de honra
Godofredo Correia Lima —	Presidente
Raimundo Fonseca Mendes	V. Presidente
José Fernando da Ponte —	1º Secretario
Francisco Fontenele Craveiro	2º Secretario
Celso Gonçalves Cordeiro	Thesoureiro

IMAGEM 6: Anuncio da União Caixeiral com imagem e breve histórico da instituição.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1938, p. 165[129].

Em 1944, a escola passou a ser denominada de "Escola Técnica de Comércio"[130], tendo uma presença expressiva na história escolar da cidade, além do seu prédio se sobressair na estética urbana local, o que transparece na foto, que o destaca lateralmente, sendo este espaço também: "construído pelo olhar fotográfico através do enquadramento, que seleciona os limites contidos em um espaço maior existente"[131].

Contribuindo com a formação de pessoas da sociedade local e de regiões vizinhas, a escola, mantida pela União Caixeiral, que passou para memória da cidade com o nome de "Centro Caixeiral", merece considerações, pois, garantiu a presença feminina na formação profissional institucionalizada para o mundo do trabalho na cidade.

[129] A imagem se justifica pela imponência e importância do prédio, na paisagem urbana da cidade.
[130] CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíba**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946.
[131] POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**. São Paulo, 27 (2), 2008, p. 255.

A União Caixeiral, por intermédio da sua escola de formação, ajudou a consolidar a imagem do comércio e do comerciante local como elementos propulsores do desenvolvimento da cidade, pois muitos intelectuais, formadores de opinião que contribuíram para fundação da escola, integraram o corpo de professores ou foram alunos desta instituição. A fundação do jornal *O Caixeiro*[132], entre os associados da União Caixeiral referendam esta valorização. No editorial de lançamento deste periódico[133], denominado de "Duas palavras", dá-se destaque a importância do comércio para a cidade, ao longo da sua história:

> O comércio é a grande realidade histórico social da cidade. Município em grandes recursos naturais, não conheceu no passado influência decisiva da agricultura ou da pecuária[134], ao contrário do que se verificou com a quase totalidade da sociedade piauiense. [...] Socialmente foi o comércio o formador das elites ou mesmo as castas, de onde eram tirados, os políticos, administradores e representantes do povo parnaibano.[135]

Além de destacar o que para ele era peculiar à cidade de Parnaíba, em relação a outros municípios do Piauí, o editor enfatiza também o papel definitivo do comércio, bem como os trabalhadores desta área, para a construção do perfil da cidade:

> É a comunidade parnaibana caracterizada por duas classes marcantes, aproximadas, inter-dependentes, conjugadas no esforço comum do trabalho comercial: patrões e caixeiros.
> Mais numerosos os últimos, o que teem eles para o nosso meio, que diga a maioria dos patrões de hoje, modestos auxiliares de ontem.[136]

O mesmo editor prossegue dignificando, principalmente o caixeiro, lido como elemento fundamental da economia local, e como um trabalhador que prosseguia em sua atividade cotidiana, movido pela necessidade e quiçá pela possibilidade, de ser um dia patrão,

---

[132] A instituição congregou alunos e professores em torno de iniciativas de cunho cultural "Por ocasião da solenidade de posse da atual Diretoria da "União Caixeiral", a 3 de maio de 1944, foi criado o Grêmio Literário "28 de abril", entre os consócios da mesma progressista agremiação, do qual surgiu como órgão oficial o jornal *O Caixeiro*, sob a direção de vários associados beletristas". Cf.: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíba**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946. p. 201.

[133] Ainda sobre o jornal *O Caixeiro*, só tivemos acesso a dois exemplares, o número um e dois, publicados no ano de 1944. Não sabemos da existência de edições subsequentes. O jornal era mensal e os editores eram alunos da Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral.

[134] Sobre esta observação do editor de *O Caixeiro*, memorialistas e historiadores apontam a o comércio em torno da pecuária como elemento marcante da história de Parnaíba. "Já no século XVIII, Parnaíba, a exemplo de Caxias (Ma), se tornava um dos centros comerciais mais importantes do meio norte do Brasil. Por meio do Porto de Parnaíba se vendia charque (produzido em Parnaíba pelo comerciante Domingos Dias da Silva) para outras capitanias. Pelo Porto das Barcas, em Parnaíba, saía cerca de um quarto do gado exportado. (Grifo nosso)". Ver: SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. *História do Piauí*. Teresina: Haley/Zodíaco, 2009.

[135] **O CAIXEIRO**, 7 de set. de 1944, p. 1

[136] Ibid., p.1.

sonho alimentado por discursos como o do citado jornal e com um exemplo ou outro dos que conseguiam transpor esta condição.

A sistemática alusão ao comércio e ao caixeiro como elemento de fundamental importância para Parnaíba e economia local encontra tradução no "Hino do Comerciário" que, como alude o jornal *O Caixeiro*[137], já fora apresentado anteriormente na sede da União Caixeiral, em 30 de outubro, dia dedicado à classe dos caixeiros no ano de 1937.

A letra e a música foram feitas por Alarico da Cunha e a sua filha Alda Cunha[138], respectivamente, conforme foi publicado no Almanaque da Parnaíba (1937, p. 239), destacando que a alocução do hino foi realizada em um dia festivo, por um grupo de comerciários, acompanhados por uma orquestra no dia 30 de outubro de 1936, na principal praça da cidade, a da Graça.

O hino dedicado à União Caixeiral exaltava o trabalho do comerciário ou caixeiro, em prol da conquista da riqueza, e ratificava características de discursos dirigidos às classes laboriosas no período, conclamadas a compor forças, para o fortalecimento do Estado Brasileiro:

> É hoje o dia de Glória
> Para a "União Caixeiral",
> Vibraremos, pois, companheiros,
> Em prol do nosso ideal.
>
> Comerciários em marcha,
> Deveremos sempre seguir,
> Guiados pelo presente,
> Olhos fitos no porvir.
>
> Nossos somos os porta-vozes,
> Da conquista da riqueza,
> Soldados que desconhecem
> Recuo, temor ou fraqueza.
>
> Comerciários em marcha, etc.
>
> Salve o dia do Caixeiro,
> Trinta de outubro festivo,
> Lutemos para torná-lo,
> Grande, alegre e redivo.
>
> Comerciários em marcha, etc.
>
> Da união nasce a força,
> Da força nasce o poder,
> E do poder nasce a glória

[137] Cf.: **O Caixeiro**, 30 de out. 1944, p. 01.
[138] No período, 1936, era professora do Colégio Miranda Osório.

> De construir de vencer.
> Comerciários em marcha, etc[139].

Palavras que convocavam para ordem e cooperação mútua caracterizavam uma ideia específica de estado dentro dos moldes cooperativista: união, força e poder, assumiam um significado singular em um contexto político, que resinificava o sentido do trabalho no Brasil[140].

Sobre as transformações em curso, entre 1930 e 1950, é importante considerar um aspecto político evidente. O primeiro governo de Vargas[141], e de forma mais ostensiva, o Estado Novo (1937 – 1945)[142], fortemente ligado à história de Parnaíba, no referente à imagem referencial construída sobre a cidade, e a projetos urbanísticos e sanitários que incluíam debates sobre a ordem social e o papel feminino neste desenho político.

Sob o governo de Vargas, antes mesmo do Estado Novo, o conceito de formação de opinião já despontava como um dos projetos de afirmação de poder e de um novo ideário de Estado. Tânia Regina De Luca ao tratar da "Grande imprensa do Brasil na primeira metade do século XX" e as suas implicações com o poder, observa a importância para este projeto, de revistas e jornais, e de outros meios de comunicação, a exemplos do "[...] cinema e especialmente o rádio, que se expandiu exatamente nas décadas de 1930 e 1940 e cuja importância num país de dimensões continentais e com altas taxas de analfabetismo não passou despercebida ao regime"[143].

Quando o rádio ainda não era uma realidade em Parnaíba, utilizou-se de uma alternativa comum às pequenas cidades possibilitando a circulação de informações emanadas de forma direta do poder político vigente. Em julho de 1935, foi inaugurada uma

---

[139] ALMANAQUE da Parnaíba, 1937, p. 239.

[140] Cf.: CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

[141] O movimento de 1930 dissolveu os Conselhos Municipais e os Intendentes cassados, criando-se o Cargo de Prefeito. Em Parnaíba foram nomeados: Dr. Samuel Antônio dos Santos, em 8/10 de 1930; Capitão Torquato Pereira de Araújo, em 17/04 de 1931; Ademar Gonçalves Neves em 01/06 de 1931; Dr. Mirócles Veras assumiu em 26 de maio de 1934 e renunciou em 31 de dezembro de 1936. Por um breve período, o substitui, por eleição, o Coronel Joaquim Antônio Gomes de Almeida, até que ele, o Dr. Mirócles Veras, reassumisse o cargo em 2 de dezembro de 1937 permanecendo como prefeito de Parnaíba até o ano de 1945.

[142] Que propugnava o aumento da produção nacional, a organização do trabalho, a representação por classe, saneamento e educação utilizando-se de espaços "midiáticos" para divulgar os feitos desta nova ordem. Ver: D ARAÚJO, Maria Celina (org.). **Getúlio Vargas, 1883 – 1954**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

[143] LUCA, Tânia Regina de. *A Grande* **Imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. UNESP**/Assis, Pesquisadora do CNPq. Disponível em: <http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014. p. 16.

amplificadora[144] no principal logradouro público, a Praça da Graça, pelo prefeito Mirócles Veras, integrando-se ao projeto sistemático de divulgação do modelo de civismo pretendido pelo Estado Novo, como deixa claro o próprio Getúlio Vargas[145]:

> No interior, torna-se necessário realizar uma obra inadiável de educação cívico-política, reforçando o conhecimento do regime democrático e seu funcionamento, dando a conhecer, em toda extensão do país, qual a orientação de seus dirigentes e o alcance das medidas administrativas em curso...O governo da União procurará estender-se...de modo que sejam instalados aparelhos rádios-receptores, providos de alto-falantes, em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo, nem de idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação.

A imagem (7) focaliza a importância que os meios de comunicação em massa assumem no período, como forma de difusão de conceitos e de como a autoridade local fez uso sistemático desse recurso, a amplificadora, até que o rádio viesse a ocupar lugar de destaque no cotidiano da cidade.

---

[144] Mesmo com a inauguração de uma transmissora de rádio, o uso de amplificadoras não desaparece de imediato, e continua como um recurso de comunicação para a cidade sendo estendida para outros bairros.
[145] Cf. VARGAS, Getúlio. 1937, p. 39.

IMAGEM 7. No primeiro plano a amplificadora municipal e no segundo, o Prefeito Mirócles Veras falando à população por meio do rádio. Fonte: *Almanaque da Parn*aíba 1940, p. 244.

Um governante que se comunica com o seu povo, é uma das mensagens que a imagem (7) traduz, sendo bem característica do Estado Novo, demarcando o poder personificado pelo administrador local, utilizando-se de um meio de comunicação que pudesse atingir a população de modo mais ampliado.

A imagem (7), o texto que a acompanha, faz a exaltação ao rádio como um importante veículo de comunicação, bem como, a função exercida pela amplificadora ao longo dos anos, sendo esclarecedor, com relação à utilização deste veículo pelo poder público, através do Prefeito em exercício, Mirócles Veras, na formação de opinião sobre assuntos considerados importantes e adequados ao contexto nacional e local[146]:

[146] Cf. ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 244.

> O rádio é, hoje, a voz que todos devem ouvir. Por esse motivo, do plano de educação popular do governo municipal e Mirócles Veras, constou a instalação de uma amplificadora, o qual foi inaugurada em julho de 1935.
> É através de seu microfone que o povo vem ouvindo e apreciando, há três anos as alocuções cívicas, palestras sobre ensino, conferencias literárias e até a marcha dos negócios públicos no seu conjunto e nos seus pormenores.

A voz do Estado se fazia ouvir com a utilização das novas tecnologias midiáticas do período. Além das amplificadoras e do rádio, o ufanismo devotado à cidade, vinculada ao projeto político que se desenvolvia no Brasil, tão comum aos governos centralizadores, marca a escrita dos articulistas que escreviam em periódicos que estavam sob o domínio ideológico, ou sofrendo o controle do governo, por meio do DIP[147]. A defesa do acadêmico Alarico José da Cunha[148] feita em *O Norte*[149], jornal diário (vespertino) da cidade de Parnaíba à época, é exemplar na elucidação desta relação:

> O Estado Novo, com seu luminoso programa de combater o analfabetismo, de abrir e difundir escolas, de fomentar por todos os meios a instrução a nacionais, amparando às academias e os cenáculos, núcleos, centros e agremiações de letras, casas de jornalistas, escritores e poetas brasileiros.
> Graças à clarividente mentalidade do eminente brasileiro que em boa hora e sob os melhores auspícios dirige os destinos da Nação, a imprensa no Brasil marcha pressurosamente e a passos largos para a sua verdadeira finalidade, livre dos preconceitos sombrios, das verrinas e das dissensões da antiga politicagem.[150]

Cabe esclarecer que, Parnaíba, por ser um centro exportador que contava com estrangeiros como negociantes e empresários, e que tinha ligações com diferentes portos, sofreu atenção e vigilância diferenciada, em relação a outras cidades do Estado do Piauí. Esta situação, em parte[151], explica a perseguição empreendida contra alguns estrangeiros, de

---

[147]"O DIP foi criado por Decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. Mas sua origem remontava a um período anterior. Em 1931 foi criado o Departamento Oficial de Publicidade, e em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Já no Estado Novo, no início de 1938, o DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), que finalmente deu lugar ao DIP". Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/Educacao Cultura Propaganda/DIP>. Acesso em: 28 jan. 2014.

[148] Maranhense, nasceu em 1884. Chegou à Parnaíba com 20 anos de idade, empregando-se no comércio. Foi agente da Companhia *Booth Line* e Vice Cônsul de Portugal na cidade. Presidiu diversas associações e escrevia em diversos periódicos da região, principalmente sobre folclore. Ver: *Almanaque da Parnaíba*, 1938, p. 221.

[149]O jornal *O Norte*, fundado em 1930, estava sob a direção de Raul Primo e se colocava claramente a favor da ordem política. Na edição de 25 de fev. de 1941, lança uma edição comemorativa pelo 12º. ano de fundação.

[150] **O NORTE**, 25 fev. 1941, p. 1.

[151] Sobre as diversas implicações políticas, ideológicas, bem como a repressão e perseguição a diversos grupos étnicos, empreendidos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o Departamento de Imprensa e propaganda (DIP), durante o período Vargas, Ver: VIANA, Marly de Almeida Gomes, SILVA, Érica Sarmiento da, GONÇALVES, Leandro Pereira. **Presos políticos e perseguidos, estrangeiros na era Vargas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

nacionalidade alemã na cidade, estimulada por alguma delação, como observamos no relatório[152] seguinte:

> Teve a chefia de polícia conhecimento da possibilidade de estar sendo usada a estação de rádio transmissora da agencia da companhia aérea Sindicato Condor, em Parnaíba, interditada de autoridade Federal, para o fim de transmitir mensagens do Cônsul Alemão naquela cidade, fato esse que determinou a imediata abertura de rigorosa sindicância por parte daquela Chefia, em combinação com a diretoria Regional dos Correios e Telégrafos. Para tal fim seguiram para Parnaíba, designados pelo governo do Estado, um oficial da Força Policial e o diretor regional dos Correios e Telégrafos, acompanhados de um técnico em rádio.

O resultado foi o aumento do destacamento policial no litoral, da vigilância em locais de hospedagem, um maior controle de entrada e saída de pessoas e a detenção de estrangeiros alemães[153], embora nada tenha sido comprovado contra eles, sendo, posteriormente, postos em liberdade conforme o Relatório do Governo de 1943: "Para as necessárias investigações foram detidos o mencionado Cônsul alemão Werner Schluepmann, o Padre Franz Brokmann e os comerciantes Hans Homeyer, Isaac e Walter Sichel, Kurt Stern e Fred Maelmann, todos de nacionalidade alemã"[154].

Embora existissem problemas de ordem política, como o supracitado, e os de ordem econômica, assim como acontecia em outras regiões do país, em Parnaíba, os apelos às imagens de positivação do poder não admitiam a exposição explícita de tais questões. As informações acabavam tendo perfis oficiais, pois, o Estado contava com um forte traço de intelectuais que agiam nos meandros do poder, dentro e fora do Piauí, a exemplo do parnaibano Berilo Neves[155] que, escrevendo para o *Almanaque da Parnaíba*, motivado pela

---

[152] RELATÓRIO do Estado Piauí apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, D. D. Presidente da República. Pelo Interventor Federal do Estado Dr. Leônidas de Castro Melo. D. E. I. P: 1943. p. 94.

[153] No contexto de novas ordenações das relações internacionais, como observa Luiz Felipe Brandão Osório: "O curso das relações foi interrompido devido às circunstâncias que moviam o sistema internacional. Importante aliado na América do Sul em virtude de sua posição estratégica e de sua liderança regional, o Brasil optou por uma solução mais pragmática em relação ao equilíbrio de interesses em que se encontrava e juntou-se ao bloco estadunidense contra os países do Eixo. A inicial neutralidade e a posterior pró-aliada de entrar na guerra ao lado dos Estados Unidos levaram o Brasil a romper novamente vínculo diplomático com a Alemanha, que somente viria a ser retomada na década de 1950, momento de reconstrução do país germânico, derrotado e arrasado pela guerra". OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. *O Sentido Estratégico das Relações Bilaterais Brasil-Alemanha.* Tese. Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2011.

[154] RELATÓRIO do Estado Piauí apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, op. Cit., loc.cit.

[155] Berilo Neves (1889 – 1974) nasceu em Parnaíba e morreu no antigo Estado da Guanabara. Publicou ocasionalmente no Almanaque da Parnaíba e foi editor do *Jornal do Comércio,* colaborador do Jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro. Foi médico, militar, jornalista e escritor; destacou-se na ficção científica, sendo considerado o pioneiro deste gênero no Brasil. Sobre isto ver: CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *A face oculta da literatura piauiense*. Parnaíba: Editora, 2012.

Berilo Neves foi ainda assíduo frequentador das páginas da Revista *Fon Fon,* sendo citado em diversos eventos sociais e elogiado pelo sucesso da sua obra, o livro de contos "Costela de Adão" e como ilustre jornalista. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acessado em 29

relação[156] que mantinha com a cidade e coligado com o sistema político vigente, nos dá um bom exemplo desta condição quando escreve o artigo intitulado "Uma cidade e um rio", com forte teor apologista e entusiasmados arroubos comparativos:

> A cidade magnífica não é apenas um formigueiro que trabalha: é um rosal que floresce. O Deus Mercúrio não monopolizou o culto deste povo bem fadado dos deuses; também Minerva tem seu altar e recebe seu grão de incenso. A escola, o hospital, a Igreja, aqui são dos melhores e mais ricos do Estado. O professor, o médico e o padre trabalham, aqui, de mãos dadas – uns polindo a inteligência; outros, amparando a saúde; outros, cuidando e esclarecendo a alma. **Dirigida por um médico, Parnaíba cheira a lençóis limpos e a sabonete "Mirugia**".[157] (Grifo Nosso).

Apologia e ausência de críticas para com administradores políticos vinculados ao regime, principalmente quando a ordem política passou a não ser tolerante com tais críticas, soma-se às ações que foram encaminhadas, de forma mais sistemática, durante o Estado Novo que iam de encontro com ações sanitaristas tão em voga nesse contexto: em 1931 o início da construção de um novo prédio para Santa Casa; depois, em 1937 o início das obras de construção da Maternidade, e, 1938 o Leprosário Carpina, o Lactário Suzanne Jacob[158], juntamente com a fundação da Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros. O artigo de João Campos, intitulado "Assistência social em Parnaíba" transcrito a seguir, evidencia o encontro destes empreendimentos com as ideologias e os anseios políticos do período:

> Tais obras revelam tão somente o espírito altruístico que anima a sociedade parnaibana, mais ainda uma profunda compreensão dos deveres que a **evolução social impõe, em nossos dias, às coletividades como cooperador do Estado**, de, embebem da ordem e da tranqüilidade da sociedade sobre as quais assentam as forças econômicas do país, prestarem assistência àqueles que, por um conjunto de circunstâncias fortuitas, decorrentes muitas delas dos erros e falhas das antigas organizações político – administrativas, se acham hoje, impossibilitados de curar sua própria subsistência, como células mortas a empecerem o completo desenvolvimento do corpo a que pertencem.[159] (Grifo Nosso).

---

de janeiro de 2014. Também foi Coordenador de Imprensa da Turing Club do Brasil. Cf.: GONÇALO JÚNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e censura dos gibis. 1933 – 1964. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Alguns autores identificam-lhe duas características: a sua simpatia pela Ditadura Vargas, escreveu textos exaltando a eugenia e o Estado Novo; e sua antipatia para com o movimento feminista.

[156] Seus textos sobre Parnaíba têm sempre um caráter laudatório.

[157] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 117.

[158] Pensado por Suzanne Jacob, que morreu antes de ser concluído o projeto, foi levado adiante e terminada por seu marido, o empresário Roland Jacob.

[159] ALMANAQUE da Parnaíba, 1939, p. 141.

O Estado, a coletividade e a cooperação mútua, são discursos contundentes nesta ordem, sendo a mulher um dos elementos da sua constituição, fosse como mãe, professora ou participando diretamente das ações sociais com finalidade assistencial e profilática.

Uma série de modificações legais se processava, a exemplo do voto feminino, e o acesso aos novos bens de consumo e informação, influenciando os costumes da cidade e reivindicações por parte dos trabalhadores que nem sempre eram bem recebidas.

Entre as mudanças, uma nos ajuda a entender as condições de trabalho dos(as) trabalhadores(as) do comércio parnaibano. Quando da queda do Estado Novo, concretizou-se uma reivindicação dos(as) trabalhadores(as), que foi a criação da semana inglesa[160], que não sendo adotada de forma uniforme no país, ficou a sua implementação a cargo de mobilizações em cada cidade. O médico e ex-prefeito de Parnaíba, Cândido de Almeida Athayde[161], menciona as resistências e concretização desta reivindicação dos(as) trabalhadores de Parnaíba(as):

> [...] a maior obra do meu governo de quatro meses, além de pagar as dívidas que tinha, foi criar a "semana inglesa". Semana Inglesa era o sujeito deixar de trabalhar no sábado, depois do almoço. Antigamente o trabalhador, o caixeiro, o empregado era enfiado, no sábado até a noite. Então eu estabeleci que ao meio dia de sábado se encerrariam todas as atividades do comércio, em toda parte. Isso foi uma satisfação para os empregados, era uma reivindicação deles. Isso já existia em várias partes do Brasil, mas aqui na Parnaíba não tinha. Nessa hora ganhei uma caneta de ouro de presente dos caixeiros para assinar o decreto e coisa e tal... Mas todos os empresários e os comerciantes me marcaram. (Entrevista concedida em 17 de jan. de 1984).

O mérito da luta em prol de melhorias por parte dos interessados, no caso os trabalhadores do comércio, não é considerado no depoimento, que também deixa claro a insatisfação por parte de determinados grupos, nada satisfeitos com alguns ganhos trabalhistas. Algumas transformações ou inovações, que permitiam a um restrito grupo viajar de avião[162], ter acesso aos modernos aparelhos telefônicos[163] e bens de consumo de difícil acesso à maioria da população, recebiam a adesão e aplausos do conjunto da sociedade, outras, no entanto, poderiam incorrer em insatisfações.

---

[160] A semana inglesa não foi adotada de forma uniforme no país, ficando esta adoção a cargo da mobilização dos trabalhadores em cada cidade.

[161] Após o período em que a cidade foi administrada por Mirócles Véras foram indicados e nomeados três prefeitos: Cândido de Almeida Athayde e Raimundo Delbão Martins Rodrigues (1946); Acrísio Furtado (1947); Darcy Mavignier (1948); depois, por eleição, assumiram Alberto Tavares Silva (1948 – 1950); Orlando de Morais Correia (1951 – 1944); e novamente Alberto Silva (1955 – 1958).

[162] A *Panair* do Brasil mantinha uma escala em Parnaíba, no trajeto Buenos Aires/Belém – PA (1932); a Companhia Cruzeiro do Sul, também em 1932, inicia voos regulares com hidroaviões; e a Condor, 1937 começa viagens entre Paranaíba e Teresina.

[163] A Rede Telefônica foi instalada em 1938.

Apesar dos discursos defenderem a existência de uma atmosfera de dinamismo, produção e elevação cultural, dentro dos moldes iluministas, principalmente sob as hostes do Estado Novo, alguns articulistas ousaram contrariar esta imagem do estado em perfeita aliança com o desenvolvimento. Em "Aspectos Piauienses", Salustiano Coelho[164], expõe uma faceta pouco difundida em um período de controle de opiniões.

> Há uma flagrante desproporção entre a riqueza do homem brasileiro. Esta verdade inconteste avulta ainda mais se restringirmos a nossa observação ao Norte do Brasil, onde dominam a monocultura, o latifúndio, o analfabetismo, a insuficiência técnica, o pauperismo, e rareia, braços, capitais e indústrias. [...] No Piauí o que falta é educação técnica, organização científica do trabalho, capital, industrialização de suas inúmeras riquezas naturais. Falta o barulho metálico das máquinas para acordar a atividade da sua gente que irá também construir o futuro grandioso da Pátria. Repitam isso nos seus livros os nossos escritores, é esta a verdade sobre o meu Estado que os brasileiros devem conhecer o quanto antes.

No Brasil desse período, o elemento modernizador que se manifestava no desenvolvimento de infraestrutura que incluía malhas rodoviárias, novas indústrias e produtos, não chegou a todos os lugares com a mesma velocidade, nem com os mesmos recursos e impactos. As transformações em curso, se em diversos aspectos eram positivas, por outro, desarticulava modos de vida tradicionais e estabelecidos, o que pode ou não ter um saldo prático e lucrativo para determinadas localidades e grupos sociais. Embora não de imediato, Parnaíba sofre as injunções - ao longo da década de 1950 - desta nova ordem e perde o seu posto de proeminência no Estado do Piauí:

> No setor comercial, em que se destacavam os grandes atacadistas – exportadores e importadores – localizados em Parnaíba, começa a ocorrer a ascensão do comércio varejista, impulsionado pela utilização das vias internas. Teresina, para onde convergem as principais estradas, assume papel preponderante na economia do Piauí. Com efeito, a melhoria do transporte rodoviário coloca a Capital como o principal centro comercial do Estado e lhe facilita o intercâmbio com outros mercados regionais.[165]

A cidade de Parnaíba, embora venha a sofrer as indulgências de mudanças que nunca se concretizaram como o porto, manutenção de um sistema fluvial ferroviário e rodoviário eficazes, seguiu sob as novas referências que atingiram a economia e o comportamento. Mudanças que permitiram visibilidades em meio aos passeios em praças e avenidas já

---

[164] ALMANAQUE da Parnaíba, 1944, p. 111 – 115.
[165] TAJRA FILHO, Jesus Elias. **O comércio e a indústria no Piauí**. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. (org.). Piauí: formação, desenvolvimento e perspectiva. Teresina: Halley, 1995

urbanizadas, acesso à informação e notícias por intermédio das amplificadoras, do rádio[166] e do cinema, sob alguns limites. Traduzia-se um sentido de participação e envolvimento com os novos utensílios significadores de modernidade[167], embora estes instrumentos, sinalizadores de mudanças produtivas, tenham gerado uma infraestrutura urbana precária e limitada.

O embelezamento de espaços públicos sugeria uma imagem de transformação e desenvolvimento, porém, isto se estendeu sobre um perímetro limitado da paisagem urbana de Parnaíba, relegando uma parte expressiva da cidade às dificuldades inerentes à ausência de investimentos públicos. Homens e mulheres, em um cotidiano de lazer e trabalho, viviam dependendo do endereço e das condições econômicas, realidades distintas. Mesmo encontrando-se na mesma cidade, seguiam entre diversidades confrontando complexas relações sociais franqueadas pelas diferentes necessidades.

1.2 Parnaíba: sujeitos, espaços e sociabilidades distintas.

Com o desenvolvimento de atividades econômicas interessantes ao comércio exterior, como já citado, Parnaíba era o principal polo exportador e importador do Piauí acabando por constituir-se uma imagem de fausto, mesmo entre pessoas que não participaram desse momento, fosse por conta do acesso aos bens proporcionados por essa riqueza, ou por conta da idade. Esse comportamento nos reporta a Pollack[168], quando se pergunta e responde:

> Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. [...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada.

---

[166] A Rádio Educadora de Parnaíba, de longo alcance, pioneira no Estado, foi inaugurada em abril de 1940.

[167] Como observa Renato Ortiz (1995), na década 1930 o rádio a válvula barateou o custo do aparelho facilitando o acesso a este utensílio e possibilitando o aumento do público ouvinte. Ele ainda observa que o cinema se torna um bem de consumo, com grande influência da indústria cinematográfica americana, acentuada pela "política de boa vizinhança", e pela tentativa de se constituir uma cinematografia brasileira com a criação da Atlântida (1941) e da Vera Cruz (1949).

[168] POLLACK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 2.

A ideia da cidade que teve tudo, e que, passada a grande movimentação econômica não soube ou não conseguiu continuar a crescer, dentro do modelo estabelecido naquele contexto, é marcante em textos produzidos por intelectuais com diferentes formações e temporalidades.

Como centro da economia piauiense, antes mesmo da capital Teresina, tinha marcas e insígnias da modernização que já tomara corpo no Brasil em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Belém e São Luís. A *Revista Histórica,* publicada pelo Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba é um bom exemplo da memória que reina sobre a cidade:

> Era cidade cheia de costumes, ruas calçadas, boas casas de comércio e de residência, repartições públicas e um porto importante onde embarcavam e desembarcavam mercadorias, principalmente cera de carnaúba, babaçu e couros para os destinos mais distantes, Estados Unidos e a Europa. Passavam pelo porto de Tutóia no Maranhão e depois ganhavam o mundo. Era cidade onde circulava dinheiro e não faltava serviço...[169]

Na já citada *Revista Histórica*, fazendo alusão à década de 1940, encontramos leituras a respeito da cidade, indicada como referência de desenvolvimento para o estado do Piauí, a partir de elementos identificados com o moderno como a quantidade de telefones existentes na cidade que "superava a casa dos quinhentos aparelhos", o que era muito se comparado a: "[...] Belém (que) tinha à época três mil aparelhos de telefone; Salvador, mil; Manaus, mil; Juiz de Fora, um mil e quinhentos e Recife, três mil aparelhos"; ou ainda se destacando a arquitetura civil que: "apresenta(vam) casas residenciais imponentes, refinadas na ornamentação e jardins arborizados"[170]. Ruas calçadas, praças embelezadas, clubes, enfim, mudanças sinalizadoras desta dinâmica econômica que se expande para além do Porto das Barcas[171]. Prédios de firmas, casas comerciais e contíguas a estas, residências de famílias abastadas que se expandiram para além do perímetro urbano inicial da cidade, ainda hoje reveladores do fluxo de negócios que ali se desenvolveu. No *Almanaque da Parnaíba* de diferentes anos, era dado destaque ás "Habitações Elegantes" que marcaram e marcam a imagem de Parnaíba.

---

[169] REVISTA Histórica. Parnaíba: Instituto **Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba**. out. 2009, p. 39.

[170] Ibid., p. 23.

[171] Localizado às margens do Rio Igaraçu foi o centro de um ativo comércio e o local de onde partiam e chegavam embarcações que ligavam Parnaíba a outros centros nacionais e internacionais. "Até meados do século XVIII o Porto das Barcas disputou com o lugarejo Testa Branca, mais interiorizado, a primazia de ser a sede da Vila de São João (da Parnaíba)". Cf.: RAMOS, José de Nicodemos Alves (org.). **Parnaíba de A a Z***:* Guia Afetivo, Brasília, Multicultural Arte e Educação. 2008, p. 30

A materialidade construtiva e benefícios advindos do incremento econômico são perceptíveis à história parnaibana, porém, cabe avaliar referências pouco comuns à memória reificada sobre a cidade[172], a saber, a de que os benefícios desta modernização não chegaram a todos os lugares da cidade. Campos e Macacal atualmente Bairro de Fátima; Tucuns, atualmente São José; Coroa atualmente Bairro do Carmo; Guarita, hoje São Francisco; abrigavam inúmeros trabalhadores - além de pequenos comerciantes, tanto à frente de casas comerciais varejistas, quanto desenvolvendo essa função como ambulantes, que também tinham mulheres à frente - que se integravam à cidade. Esses bairros são registros das mudanças e da diversidade de atores sociais, importantes para o funcionamento dos setores sócio produtivos de Parnaíba.

Esses espaços ainda se configuravam como demonstrativo de que o município, bem como os diferentes homens e mulheres que ali residiam, não foram beneficiados da mesma forma, com o progresso que chegou. Latadas e casebres, enchentes ocasionais, epidemias, falta de pavimentação e de abastecimento de água adequados às normas sanitárias - que povoavam os discursos e artefatos identificados com a salubridade - também constituíam o cenário da cidade.

Berilo Neves[173] escrevendo a respeito de Parnaíba diz sobre ela o seguinte: "Foi uma das primeiras do nordeste a ter um automóvel e rádio; sempre esteve em contato direto com a Europa e sempre amou a civilização". Porém, é importante atentar para além do que pronuncia esse intelectual, a saber, que as benesses desta ordem foram restritas. Daí entendermos que o processo de civilidade e progresso, assentados em prerrogativas idearias, comportamentais e em artefatos de embelezamento e infraestrutura urbana, historicamente, tiveram seus limites geográficos e sociais. O acesso aos bens de civilidade, que aparecem como meios partilhados pela comunidade citadina estabelecem fronteiras de diferentes naturezas, como aponta a historiografia: "Lugares que, além de sua existência material são codificados num sistema de representação"[174] que assumem delineamentos pessoais e são integrados aos sistemas de códigos de representação social. Carlos Araken[175]apresenta um exemplo, em âmbito local, dessas representações, em suas reminiscências sobre a cidade:

---

[172] Novas abordagens sobre o cotidiano e aspectos da pobreza local, são apontados por: SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o avesso da Belle Époque**: cotidiano e pobreza (1930 -1950). Dissertação. Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas de Letras. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Mestrado em História do Brasil. Teresina – PI, 2012.

[173] NEVES, Berilo. Uma cidade e um rio. In: **Almanaque da Parnaíba**, 1940, p. 117.

[174]MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 35.

[175]Médico cardiologista na cidade de Parnaíba e foi colaborador do jornal **A Libertação**, de onde foram retiradas as crônicas, para a publicação do livro *Estórias de uma cidade muito amada*, utilizado nesse trabalho. A

> Morar no centro da cidade dava *status.* Centro, naquele tempo, compreendia um quadrado que fazia limites com a estrada de Ferro, o Porto Salgado, a Rua Grande, e o Mercado Público. Nessa estreita área viviam as grandes famílias de Parnaíba. Morar na Praça da Graça era o máximo. Podia se ter como vizinhos seu Roland **(Jacob)**, os Neves ou seu Fontenele. A Rua Grande, hoje Presidente Vargas, era o supra- sumo.[176] (Grifo Nosso)

O centro da cidade era o espaço de transeuntes de diferentes fisionomias e papéis. Trabalhadores(as) das firmas e casas de comércio, ambulantes, desocupados, consumidores(as) de diferentes perfis e moradores(as) das casas residenciais que integravam esse conjunto e se deslocavam por esse "quadrado", que podia traduzir-se como fronteira e/ou encontro. Morar e transitar por esse ambiente apresentava significados sociais distintos.

> Era uma verdadeira vitrine (a Praça da Graça), durante todas as horas do dia. Do amanhecer ao anoitecer, todo mundo achava um pretexto de passar por lá. Durante o dia os escolares, faziam grande alarido entre os intervalos de suas aulas. Os viajantes desocupados assinavam o ponto. Donas de casa que iam ao comércio **e caixeirinhas sonhadoras se cruzavam**. Fim de tarde os bancários se dirigiam pra "AABB", e os primeiros namorados apareciam. Ao anoitecer o pessoal que se destinava ao Éden, desfilava por lá. Se a noite era de retreta, ao som da "furiosa" os flertes se sucediam. As donzelas casadouras volteando sem parar, escolhendo ou tentando ser escolhidas. Era uma verdadeira caçada. Depois das nove, quando não havia tertúlia na "AABB" "soltavam as onças". Moça que se prezava sumia.[177]. (Grifo nosso).

O relato nos apresenta um cotidiano comum ao espaço, uma praça, em uma pequena urbe, entre 1930 e 1950, e evidencia o centro da cidade, personificado na Praça da Graça[178], como o local que possibilitava percepções de *status* sociais, o acesso às sociabilidades que envolviam o trabalho e o lazer, além de permissões e interdições que balizavam condutas sociais.

Na imagem (8), tirada de um ponto mais alto, com a finalidade de se dar conta da multidão e do evento que acontecia, destaca-se a área das igrejas da cidade, onde se encontravam - e ainda se encontram - as Igrejas de Nossa Senhora Mãe da Divina Graça (Matriz) e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos com suas respectivas praças.

---

memória do autor é narrada, por meio de crônicas, que registram episódios da sua infância e adolescência e já adulto, pelos dados que dispõe, entre as décadas de 1940 e 1950.

[176] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p. 63.

[177] Ibid., p.40

[178] A Praça designada popularmente como "da Graça" agregava duas praças, ou jardins, que eram a do Rosário e a da Graça. Cada uma defronte das respectivas igrejas. Uma rua, que depois virou passarela, dividia os dois logradouros. Essa configuração não existe mais.

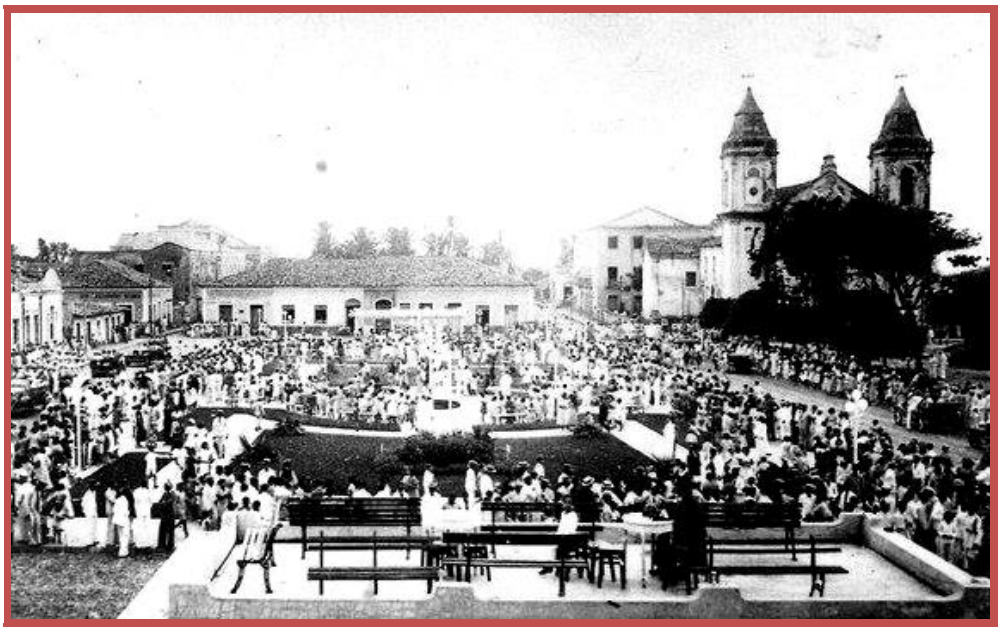


IMAGEM 8. Jardim do Rosário em festa, com a Igreja e a Praça da Graça à direita, com a catedral ao fundo na década de 1930. Fonte: Acervo de Cosme Costa Sousa.

Neste logradouro, a Praça da Graça, além das Igrejas (IMAGEM 8), encontravam-se o cinema, algumas residências, o Banco do Brasil, o Correio, casas de comércio e bares[179] que expunham sujeitos, alguns raramente considerados nas narrativas, e possibilidades tênues para alguns elementos sociais como as **caixeirinhas,** mulheres trabalhadoras tratadas no diminutivo, que tinham o direito de sonhar, talvez, "quem sabe..." com a possibilidade de um dia serem elas, as boas senhoras de família da cidade residindo em uma das residências do delimitado centro.

A descrição de Carlos Araken também integra Parnaíba aos elementos de transformação que acompanham o comportamento feminino, que chegavam à cidade, por meio das telas dos cinemas, viagens, romances, rádio, etc, bem de acordo com o que observa Carla Bassanezi Pinsk, que, analisando a primeira metade do século XX, monta um quadro de comportamentos femininos no Brasil, que se adequam ao contexto e condutas femininos de Parnaíba. A autora observa a persistência de comportamentos considerados modelares, e outros demarcadores de mudanças, decorrentes da urbanização que marcaram o cotidiano das cidades.

[179] Ao longo do tempo diversos bares foram se estabelecendo na Praça da Graça. O Café e Pensão Central, o Bar Pimpão, que avisa nos anúncios um serviço de garçonetes e o Bar Glória e o Antenor. Estes dois últimos não faziam alusão a garçonetes em suas propagandas. Todos funcionavam como café, lanchonete, sorveteria e confeitaria.

> Outra inovação ancorada no desenvolvimento urbano, a prática do footing, deu às "garotas de bem" maiores chances de conhecer rapazes e de se fazer notar pelos pretendentes, O passeio pelas ruas do comércio elegante ou pela praça principal era aproveitado pelos jovens como ocasião para observar o sexo oposto e estabelecer, em caso de interesse por alguém em especial, um contato discreto constituído por troca de olhares, gestos de cabeça e sorrisos comedidos – o chamado *flert*[180].

Os diferentes artefatos do desenvolvimento eram evidentes a todos, porém, o seu compartilhamento era diferenciado. Distinções erigidas por um conjunto de símbolos, que tinha como objetivo principal projetar determinadas pessoas em um dado meio, colocava em pauta, diferenciações e espaçamentos fundamentais para uma ideia de exclusão e pertencimento social. Essas estratégias de distinção que "[…] significavam a arte, infinitamente variada, de marcar distâncias […]"[181] ratificavam a sua movimentação no sentido de possibilitar uma maior visibilidade no espaço de convivência. A distinção marcava o uso ou as possibilidades desse uso. A energia elétrica pública[182], que parecia alcançar a todos, por exemplo, expunha bem essa situação, primeiro porque este benefício não chegava a toda cidade e casas e segundo por que:

> Curiosamente, no mês de junho, quando as famílias daqui se dirigiam à Amarração para as celebradas férias, a administração aproveitava o fato, para a limpeza das Caldeiras e revisão da usina, brindando a todos com mais de 15 dias de completa e total escuridão.[183]

As férias na praia, entre os anos de 1930 e 1950, conforme observamos nas memórias analisadas do período, suscitavam lugares sociais, assim como outras diversões e seus respectivos ambientes que não costumavam ser desfrutadas da mesma forma pelos sujeitos, carregados de diferentes significações sociais e condições econômicas. Muitos(as) não dispunham de casas de veraneio, suas ou de amigos, ou de condições de pagarem a única pensão, – a da Marula e Querubina[184]- existente em Amarração (Luís Correia).

---

[180] PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 478.

[181]BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, p. 65.

[182]A Usina de energia que servia à cidade nesse período foi construída em 1928, e inaugurada no mesmo ano, em 19 de novembro. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1933 p, 93. E a iluminação elétrica chegou em 1949. Ver: *Almanaque da Parnaíba*, 1956, p. 366.

[183] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p.56.

[184] Sobre esse assunto falaremos no último tópico.

Apenas ocasionalmente, a maioria das pessoas tinha condições de fazer o trajeto de trem para desfrutarem de um banho de mar, pois, de carro[185] era um privilégio restrito, pois era um bem caro e inacessível para a maioria.

Goethe Pires de Lima Rebêlo também ilustra com seu texto, com cores vivas e com o romantismo do distanciamento, o período de férias desfrutado por algumas famílias "de melhor padrão econômico", conforme ele observa, de Parnaíba, em Amarração:

> Todo ano, por ocasião das férias escolares de junho, época de pouco ou nenhuma chuva, quando muitas famílias de melhor padrão econômico demandavam Amarração (Luiz Correia) para a tradicional temporada de banhos de mar, - a Intendência Municipal selecionava a semana que tivesse lua cheia e parava a Usina para a limpeza geral e completa. Existe um ditado que diz: "Quando Deus tira por um lado, dá pelo outro". Sendo assim, os rapazes aproveitavam a falta da luz elétrica para fazerem as serenatas de amor, cantando valsas dolentes em frente às casas das namoradas, sob a inspiração romântica do luar maravilhosamente lindo de Parnaíba.[186]

Temporadas de banho de mar, serenatas e a falta de energia que atingia parte da cidade, eram situações que integravam um mesmo cenário das férias de Goethe Pires.

Além das férias, outras fronteiras sociais mais tangíveis - mesmo que não seja o foco principal de alguns tradutores da história local - vão sendo sistematicamente evidenciados nas narrativas, a exemplo da que o mesmo Goethe Pires de Lima Rebêlo relata, quando se refere a alguns aspectos do futebol local[187]:

> O estádio **(do Internacional Atletic Club)** possuía bons lances de arquibancadas, tendo uma tribuna de honra localizada à frente e ao meio dos lances.
> As arquibancadas eram usadas normalmente pela primeira classe. A separação de classes existia em todos os setores e atividades da sociedade local; até mesmo nas igrejas havia bancos inteiros reservados, marcados com o nome da família importante que havia contribuído economicamente para as finanças da igreja. A tribuna de honra reservava-se para os dirigentes dos clubes, convidados ilustres e visitantes. No outro lado do campo, ao nível do gramado, ficava a geral, freqüentada pela classe pobre, ou segunda classe, que pagava metade do preço das arquibancadas e entrava por um portão aberto no muro do estádio. Era a parte mais alegre da torcida, tendo como seu rei, um preto forte e crítico inteligente, que punha apelidos

[185] A estrada carroçável que ligava Parnaíba e Luís Correia foi inaugurada no dia 14 de agosto de 1938.
[186] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.52.
[187] Através do *Almanaque da Parnaíba* de diversos anos, além das páginas esportivas do jornal *O Norte,* também de diferentes números, foi possível coletar os nomes dos clubes de futebol que marcaram o espaço social de Parnaíba no período da pesquisa e se constituíam em local de sociabilidade importante para diferentes componentes sociais da cidade. Ao longo das décadas agremiações esportivas de variados perfis integram a vida esportiva parnaibana: Artístico *Foot Ball Club*, Comercial Grêmio *Atletic* Club, União B. dos Alfaiates, Coroa Futebol Clube, S. C. Fluminense, Belga, Paissandu *Sport Club*, Guarani, Flamengo S. Club, Internacional *Atletic Club*, Ferroviário Atlético Club (Fundado em 1946) e o Parnaíba *Sport Club* que fez cem anos em 2013.

> em todos os jogadores durante as partidas. Sua voz forte era ouvida por todo o estádio. **Chamava-se Calebre**. [188] (Grifo Nosso).

Apresentando o cenário e a ordem local, sujeita a inúmeras demarcações, um dos muitos presentes, que estaria mais para o anonimato que para uma projeção, por conta da sua condição social, o Calebre, conseguia romper esta barreira e ter o seu registro nominal garantido.

Além do Internacional, outra agremiação esportiva considerada importante para a cidade, o *Parnaíba Sport Club,*[189]constituía-se, através do seu campo esportivo, em outro espaço de socialização, e manifestava por meio da arquitetura do seu estádio (IMAGEM 9), influências que objetivam aproximar a cidade, bem como a sua sociedade dos elementos sinalizadores de modernidade.

IMAGEM 9 - Estádio do Parnaíba Esporte Clube.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1926, S.P.

A imagem (9) e o texto que a acompanha, evidenciam uma tônica comum a um contexto que objetivava ir ao encontro dos "modernos preceitos de hygiene e de estética" - acrescentando-se a isso o esporte – como parte de um projeto de modernização que acontecia

[188] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.63
[189] Mantém-se até os dias atuais (2015) e fez cem anos no ano de 2013.

em diferentes localidades e regiões onde a economia e as influências permitiam, sendo proporcionais em edificações e mudanças de costumes a cada realidade.

Como já referido, embora os elementos profícuos da modernidade pareçam tomar conta de toda a cidade, problemas inerentes a espaços geográficos brasileiros, que viveram processos de urbanização, aparecem, a exemplo da não execução de benfeitorias nas periferias urbanas, espaço demarcatório de diversos limites.

A periferia assume um sentido plural entre os memorialistas e cronistas de Parnaíba. Para alguns fica em lonjuras extremas, construindo-se um distanciamento que leva a crer que ela não fazia parte da cidade. Renato Castelo Branco deixa transparecer esta imagem de outra cidade, ao descrever a periferia, Tucuns, Coroa e Campos a partir da sua memória. Era um mundo que não estava na cidade ou não deveria ser parte dela.

> **Essa população, duas vezes maior que a de Parnaíba propriamente**, vivia inteiramente em dependência da cidade – eram as empregadas domésticas, as lavadeiras, os meninos de recado, os carregadores de água e de lenha, os catraieiros, os estivadores, os vareiros, os ladrões de galinha, os mendigos e as prostitutas, que recebiam em seus braços os caboclos de sua zona ou os rapazes do centro e os mandavam de volta com cargas idênticas de "doença do mundo".[190] (Grifo Nosso)

A existência desta Parnaíba, mesmo negada enquanto tal, pois não era "Parnaíba propriamente", é assegurada pela memória que concomitante a ação de afastamento desta peça de composição da urbe, evidencia diversos sujeitos sociais que raramente faziam opúsculos sobre a sua existência e cotidiano nesta "não cidade".

Em outras narrativas, mesmo que a periferia estivesse perto, geograficamente falando, localizava-se em uma fronteira demarcada por experiências ou barreiras que superavam à da localização espacial no universo urbano, como podemos perceber no relato de João Paulo dos Reis Velloso na obra de D´Araújo e Castro[191]:

> Quando a gente foi morar em Parnaíba, em 1936 ou 1937, comecei a perceber a importância que a Rua Visconde de Itaboraí, rua sem calçamento, onde morávamos, no número 570, tinha para família, e, particularmente para mim. Foi importante em dois sentidos: primeiro fazia ligação da Rua Grande, que o Getúlio obrigou a se chamar Avenida Presidente Vargas, na época do Estado Novo, e com o maior bairro pobre da cidade, a Coroa, que ficava a duas quadras e ia até a margem do rio. Em outro sentido, por causa principalmente, dos meus anos de vadiagem.

---

[190] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias)**. São Paulo: L R Editores, 1981. p.20-21.

[191] D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (Orgs). **João Paulo dos Reis Velloso**: memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 388 p. Coleção Tempos Modernos. p.15.

Mesmo a rua não sendo alvo de benefícios, como a pavimentação, o perímetro demarcava a sua diferenciação. Além desse fato, topografia, característica de uma cidade que convivia com areais, na maioria das ruas, ou com espaços mais propícias ao alagamento, balizavam as condições do morar. É assim que a periferia, os campos de areais e áreas alagadas são apresentados pelos memorialistas que descrevem memórias e experiências, geralmente de juventude, no universo da cidade.

> Pois bem, fora da área acima delimitada (o centro), o resto era periferia. O Bairro Coroa hoje Nossa Senhora do Carmo, margeava a Beira-Rio. Lugar pobre, carente, cheio de casebres. Seus moradores, sofredores, viviam em constantes mudanças. Época das chuvas, com as cheias, o rio extravasava e cobria tudo. Era tempo de alagados. Nos anos de inverno grande, as águas subiam até a Presidente Vargas. [...] Andava-se de canoa por todas aquelas ruas. No período da estiagem, o lamaçal e os mosquitos (muriçocas) infernizavam a vida daqueles sofredores. [192]

A periferia acaba sendo retratada como uma fronteira distante, embora pudesse estar, literalmente, na esquina dos narradores. Estava distante do centro, de suas benfeitorias e de muitas memórias, a exemplo do já citado Bairro Coroa, que, estando situado próximo à Avenida Getúlio Vargas, não recebia a mesma atenção urbanística de outras áreas da cidade, como sinaliza a imagem (10).

IMAGEM 10. O Bairro Coroa durante o período chuvoso.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1938, p. 103.

[192] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p.63.

Pela foto (IMAGEM 10) tem-se a impressão de que estamos diante de uma área rural quando na verdade, se está a poucos metros da principal avenida da cidade, a Getúlio Vargas.

Casas em ruínas, muitas vezes localizadas em bairros designados como pobres e periféricos, eram parte integrante do cenário de muitas cidades brasileiras e não estavam necessariamente distantes, espacialmente falando, dos seus centros, lugares privilegiados pelas benfeitorias públicas e privados. No desenho da cidade, eram áreas que ficavam escondidas atrás das avenidas e novos traços modernos. Conforme observa Rolnik[193], esta cidade, diferentemente da: "[...] cidade dura, feita de materiais caros e duráveis, à qual correspondem direitos e privilégios" significava "a cidade móvel, precária, edificada com materiais baratos, à qual não corresponde prescrição nem direito algum". Cidade que poderia ser destruída e reerguida, ao sabor das intempéries do clima e das necessidades dos seus moradores.

Mazelas pareciam não pertencer a toda cidade, mas, somente a uma parcela da sua população. Porém, mesmo sendo maior o tormento do povo da periferia, alguns desconfortos como mosquitos e água não tratada, não respeitavam fronteiras. Carlos Penna Botto[194], autor de "Meu exílio no Piauhy", falando do ano de 1930, demonstra os recorrentes problemas que com o passar dos anos, vão persistir e assolar Parnaíba, estabelecendo um compartilhamento não desejado entre os desvalidos e os "grupos/famílias"[195] que dominavam a cena socioeconômica da cidade como a falta de saneamento e de abastecimento de água adequados.

> Na época das chuvas a cidade fica cheia de poças d água d`onde nascem muriçocas às legiões.
> Não há a água encanada, nem esgotos, nem calçamento.
> A água que se bebe é a do rio Igarassu, filtrada.
> Os vendedores de água captam-na no Porto Salgado, num remanso onde Ella é a mais poluída possível*!!*
> Diferentes vezes tive a ocasião de ver os burricos entrarem pelo rio a dentro, fustigados pelos seus donos, levando uma pipa de cada bordo para serem cheias de água.[196]

Na mesma década, outro articulista do *Almanaque da Parnaíba*, o advogado J. Euclides de Miranda, em um texto intitulado *Aspectos de Parnaíba,* datado em 3 de setembro

---

[193] ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997. p. 136.

[194] O autor faz uma crítica mordaz dos modos comportamentais e da infraestrutura com que se depara, quando chega a Parnaíba, proveniente do Rio de Janeiro, para assumir o cargo de Capitão dos Portos do Estado do Piauí. Cf.: BOTTO, Carlos Pena. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1931. p.136.

[195] Cf.: QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República***:* Clodoaldo Freitas*,* Higino Cunha e as tiranias do tempo*:* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

[196] BOTTO, Carlos Pena. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1931. p.118.

de 1933, chama a atenção dos poderes públicos para a persistência de problemas urbanísticos comuns já comuns à cidade, na qual destaca dois: saneamento de áreas que sofrem com o alagamento, que acabam sendo responsabilizados pelas epidemias que se alastravam pela cidade, e a falta de arborização, que de certo, atingia a todos, com o desconforto do calor. O mesmo adverte que:

> Esta cidade merece que seus governos encarem com atenção dois sérios aspectos que lhe enfeiam e lhe defeituam. O primeiro enquadra-se no estado de desolação que se vê durante o inverno à sua frente, desde o bairro Tucuns até o do Curtume, ambos logo à vista, quer se venha do norte, quer se venha do sul. Nessa época então, as águas invadem facilmente esses bairros, deixando ao recuarem, alagadiços de onde saem os mosquitos que infestam a cidade, ficando ali estagnadas outras águas ate que o sol causticamente as reduza a vapores e os seque. [..] O segundo se patenteia na desnudação da cidade, em grande parte desprovida de árvores nas ruas e praças, refúgios contra o sol que estiola a natureza e enerva a população raquítica, enfezada, torturada por uma soalheira eterna.[197]

Os dois textos, de Carlos Penna Botto e J. Euclides de Miranda, ambos da década de 1930, mantiveram-se atuais com relação ao recorte deste trabalho dado à persistência destes problemas, como se pode observar na narrativa de Yeda Moraes Souza Machado[198], que se referindo ao ano de 1951, revela-nos a mesma situação:

> A rua lateral de minha casa dava para um bairro muito pobre na ocasião, denominado Coroa e que devido à proximidade do rio Igaraçu, costumava ficar alagado no inverno. Era por ali que passavam os jumentos carregando vasilhames a serem cheios com água barrenta do rio Igaraçu e vendida para consumo doméstico. Cada casa possuía potes e filtros de pedra onde era colocada água do rio ou de poço. A água não era tratada. Como consequência, a meninada vivia constantemente com verminose e os pais cuidavam dando a célebre colher de óleo de rícino, e, em seguida, um copo de guaraná Antarctica.[199]

Em vista de tal realidade, que obrigava a população a conviver com problemas de ordem sanitária, a saída encontrada pelos mais abastados, segundo narra Assis Brasil

---

[197] ALMANAQUE da Parnaíba, 1934, p. 139 – 141.

[198] Nasceu em 1938, em Parnaíba – PI. Seu relato se diferencia dos demais memorialistas utilizados no trabalho, por conta da preocupação com as temporalidades, embora pessoais. Ela esclarece que objetiva homenagear os pais e, segundo a autora, os relatos são baseados em suas memórias e na de parentes, além de cartas, registros de diários, principalmente da sua mãe. Aponta que seguiu uma sistematização de ordem cronológica, descrevendo a vida dos pais relacionada à família, na sua formação a partir do casamento, passando pelo nascimento e vida de todos os filhos, com a finalidade, segunda a própria, de facilitar "posteriores consultas de dados, ou mesmo, para complementar ou modificar informações".

[199] MACHADO, Yeda de Moraes Souza. **Joaz e Joanete**. Uma história de vida ...e amor. Parnaíba: SIEART, 2010. p. 97.

(2008)[200] em um dos seus romances, Beira Rio Beira Vida (2008), eram as cacimbas particulares, embora a água fosse salobra - o que talvez justifique a continuidade do uso da água do rio para abastecimento das residências por muito tempo - ou a compra de água de poços mais afastados carregada pelas mulheres lavadeiras de roupas[201], que também faziam este serviço de abastecimento[202].

Fora o abastecimento d'água, as recorrentes enchentes deixavam rastros mais ou menos fortes, dependendo de que período chuvoso fosse mais, ou menos intenso na cidade[203]. Eram comuns epidemias causadas por moscas, mosquitos e pela falta de saneamento que acometiam pessoas de diferentes estratos sociais, embora os mais pobres fossem os mais vulneráveis às suas consequências.

Os alagamentos tomavam áreas da cidade, evidenciando incômodos comuns ao período chuvoso, que embora fosse mais danosa à periferia, destruindo casas menos resistentes às intempéries do clima, atingiam a cidade e as famílias residentes, de diferentes estratos sociais, principalmente com relação aos deslocamentos, como sugere a imagem (11).

---

[200] Francisco de Almeida Assis Brasil nasceu em Parnaíba, PI, em 18/02/1932. Jornalista, crítico literário, romancista e contista. Teve seu primeiro texto publicado aos 15 anos: um apólogo intitulado *O poste e a palmeira,* inspirado num apólogo de Machado de Assis e publicado na *Gazeta de Notícias*, de Fortaleza, CE, em 1948, e o primeiro romance *–Verdes mares bravios–* em 1953. O livro foi reeditado pela Editora Melhoramentos em 1986 com o título *Aventura no mar*, e indicado para o público infanto-juvenil. Tem mais de 100 livros publicados, entre os quais *Beira Rio Beira Vida* (1965), com o qual ganhou o Prêmio Nacional Walmap; *A Filha do Meio Quilo* (1966); *O Salto do Cavalo Cobridor*(1968)*, Pacamão*(1969). Em 1996 entrou para a Academia Piauiense de Letras e no ano seguinte recebe o Diploma de Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores. Em princípios de 2008, após viver no Rio de Janeiro, voltou para sua terra e passou a morar em Teresina, onde é cultuado como patrimônio cultural. Disponível em: www.tirodeletra.com.br – acessado em 13. 07. 2012.

[201] Embora não tenhamos constatado a relação da atividade com o monumento, em Parnaíba existe uma estátua, denominada de "Mulher do Pote", no logradouro público denominado Praça Constantino Correia, embora seja popularmente conhecida como Praça da Mulher do Pote. Foi doada como presente do povo Pernambucano ao ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso - Parnaibano. O escultor foi José Felix, da cidade de Nova Jerusalém – PE, esculpida em 1973. Sua inauguração aconteceu em 23 de julho de 1977. Fonte: Jornal da Parnaíba.
Disponível em: http://jornaldaparnaiba.blogspot.com.br/2013/03/a-mulher-do-pote.html

[202] BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. In: *Beira Rio Beira Vida*. Teresina: FUNDAPI, 2008. p. 82.

[203] A construção de um dique, durante o primeiro governo de Alberto Silva (1971 a 1975), aliviou as enchentes dos bairros ribeirinhos como Tucuns e antiga Coroa.

IMAGEM 11. Ruas da cidade de Parnaíba inundadas.
Fonte: *Almanaque de Parnaíba*,1933, p. 83.

Deve-se ainda considerar que não fica claro, se o texto subscrito (IMAGEM 11), que faz referência às "famílias da melhor sociedade" percorrendo as áreas alagadas em "batelões" tivesse a intenção de denunciar a situação, ou fosse uma mera consideração para conceder destaque aos fotografados.

A imagem seguinte (12) mostra outra área da cidade alagada, e o texto que a acompanha, sugere que as enchentes poderiam ser encaradas por algumas pessoas, com certa normalidade e até como uma possibilidade de lazer, inclusive para o fotógrafo que deveria estar em outra canoa. Talvez esta feição não se revelasse entre as pessoas que tivessem as suas casas destruídas pela precipitação das chuvas.

IMAGEM 12. Ruas da cidade de Parnaíba inundadas.
Fonte: *Almanaque de Parnaíba*, 1933, p. 83.

Sendo encaradas como normais ou não, as enchentes, acarretavam problemas como o do saneamento, que não tinham como serem barrados pelas fronteiras das diferenças sociais e distinções, como se pode observar no relato de Machado[204]: "Em maio desse ano (1939), Yeda com 1 ano e sete meses é acometida de impaludismo, sendo a princípio confundido com infecção intestinal, tendo sido retardado o tratamento, o que muito a debilitou". Uma das medidas tomadas para problemas dessa natureza era o afastamento da cidade, tomada por surtos eventuais de epidemias.

> Em Parnaíba **(em 1945)** houve uma onda enorme de tuberculose... Muitos casos foram constatados. A sociedade mobilizou-se para ajudar. Em maio, mamãe sente-se doente com tosses constantes e papai temendo por sua saúde debilitada, resolve viajar para o Rio atrás de recursos médicos, pois em Parnaíba eram insuficientes.[205] (Grifo Nosso)

O destino dos que podiam buscar um local mais salubre era Amarração[206], cidade de veraneio, ou ainda, uma capital "mais desenvolvida", para providencial tratamento.

A tônica do saneamento e as mudanças que se operavam na cidade, leva à ampliação do espaço urbanizado e deslocamentos de pessoas que se identificavam com estas mudanças e

[204] MACHADO, Yeda de Moraes Souza. **Joaz e Joanete**. Uma história de vida ...e amor. Parnaíba: SIEART, 2010. p. 58.
[205] Ibid., p.74.

[206] Local que congregava o Porto e também a praia de veraneio para onde as pessoas se dirigiam durante as férias e nos finais de semana.

que podiam consumi-las, para regiões da cidade consideradas mais adequadas à modernidade e mais salubres, longe de enchentes e com traçado urbanístico condizentes com uma arquitetura que racionalizava melhor os espaços, também marcam esse contexto de transformações na cidade de Parnaíba, além de significarem as muitas delimitações socioeconômicas existentes nessa sociedade. O bairro denominado de Nova Parnaíba que vai ser sistematicamente ocupado pela elite até a década de 1980, simbolizou bem esse processo.

> Naqueles anos dourados, toda a Parnaíba se embelezou e continuou a se ampliar!... Particularmente o Bairro Nova Paranaíba, que era habitado pelas pessoas de classe menos favorecida. Posteriormente, aquele bairro foi invadido pela modernização, com palacetes, bangalôs e residências com amplos terraços e jardins floridos; com rosas coloridas que bailavam perfumando e mesclando o espaço, além de plantas ornamentais, migradas de outras cidades ou regiões. Estas davam o toque de nobreza ao local.[207]

O projeto urbanístico, a escolarização e uma economia que ao se voltar para fora também permitiam a chegada de pessoas e influências, articulava "novos" artifícios de notoriedade e meios de sobrevivência que atingiam de modo desigual e combinado, pobres e ricos, homens e mulheres.

> Tais mudanças levaram os homens comuns, moradores dali, que habitavam com a pobreza, a se sentirem mais próximos do urbano. Em casas de taipa cobertas de palha, à luz de lamparinas, viviam estivadores, vigias, cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, costureiras, quitandeiros e desempregados. Todos, com muitos filhos, que sonhavam com melhores dias. Essas famílias foram empurradas para locais como "Bebedouro" e "Curro", terrenos periféricos.[208]

A modernidade chegava a todos(as), mesmo que isso denotasse, como na última citação, o banimento não oficial facultado pela valorização imobiliária de algumas áreas, em detrimento de outras, ou ocultação de parte da população trabalhadora (pobre) do novo cenário que representava a cidade moderna[209]. Parnaíba, embora não de todo, adota projetos comuns a muitos centros brasileiros, que seguem organizando o traçado urbano, promovendo especializações de ordem social[210] que geraram segregações.

---

[207] NUNES, Maria Cecília S. da Almeida. A influência britânica em Parnaíba *PI*. In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **Gente de longe:** histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006. p. 349.

[208] Ibid. Idem.

[209] Deve-se considerar que a segregação dos espaços não se processou por completo na cidade.

[210] MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança*: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, FERNANDO; SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Dificuldades e interdições, tácitas ou não, atingiam de forma mais direta os pobres, homens e mulheres, que usufruíram dos espaços públicos, mesmo que descredenciados pela ótica do que era fazer boa figura, estando sujeitos às hierarquias materializadas em trajes e etiquetas demarcadoras de posição social.

Mesmo em uma festa que contava com presença mais expressiva de populares, como o carnaval de rua, divisões eram ratificadas. A população participava com a roupa para ocasião e o "espírito" propício ao evento, porém, alguns elementos de distinção apresentavam-se na ocasião. Estar no corso[211] - (IMAGEM 13) - ter acesso a um carro, atirando confetes e serpentinas, com fantasias mais elaboradas, ou ser apenas um expectador, não tinha a mesma significação para os envolvidos na festa carnavalesca.

IMAGEM 13. Desfile do corso em Parnaíba.
Fonte: *Almanaque da Par*naíba, 1937, p. 6.

[211] Zélia Lopes Silva analisando o carnaval na cidade de São Paulo, entre os anos de 1938 a 1945, cita as alterações que se processaram no carnaval desse estado, diante de uma conjuntura nacional, o Estado Novo, e outra internacional, a Segunda Guerra. Interdições e censuras, aliados a uma crise econômica, resultante da guerra, vão alterando a feição do carnaval de rua nesta cidade. Aponta dois aspectos que se traduzem também na cidade de Parnaíba. O primeiro, referente aos anos de 1941/1945 enfatiza a "tendência ao esvaziamento do carnaval de rua se acentuou em favor de um carnaval em espaços fechados, sempre marcados por muitas proibições". A outra "diz respeito ao corso que não mais ocorria de forma generalizada na cidade. A partir de 1943, essa modalidade de brincadeira foi proibida devido ao racionamento de combustível, medida que também atingiu as Grandes Sociedades Carnavalescas que, desde 1940, já haviam encerrado uma etapa de sua participação no carnaval da cidade". SILVA, Zélia Lopes da. **Os carnavais dos paulistanos entre 1938 e 1945**: imagens e representações. História e retórica da imagem: a visão do acontecimento. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.
Nos registros memorialísticos e no *Almanaque da Parnaíba* encontramos referencias aos carnavais de clube. Com relação ao corso, além deste registro fotográfico, encontramos uma alusão feita por Assis Brasil. Cf.: BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. In: Beira Rio Beira Vida. Teresina: FUNDAPI, 2008, p. 89.

As décadas de 1930 e 1940 são exemplares em demonstrações cívicas. A imagem (13) sugere uma ordem que em muito se assemelha a desfiles militares. A mesma imagem onde aparece o corso permite-nos ainda uma nota. Ela passa a impressão de que os que estavam nas ruas, fora dos carros, aparecem mais expectadores da festa momesca.

Ainda com relação ao carnaval, em seu caráter mais popular, uma rara referência aparece no Jornal *O Norte*, no artigo intitulado "Recordar é viver", quando o autor cita, em tom de saudosismo, os clubes carnavalescos de mascarados, as cabacinhas de cera com perfume e tinta e das críticas a atos políticos, comerciais, administrativos e até familiares[212]. As festas de carnaval mais em evidência, entre os memorialistas de Parnaíba, eram as do O Cassino 24 de Janeiro[213], com os blocos e as fantasias desfiladas por seus membros, principalmente as ostentadas pelas mulheres neste local de entretenimento da elite local.

Além de eventos públicos, dependendo do clube e das residências em que uma festa acontecia, acabavam ficando restritas às "boas" famílias, salvo a ocorrência do "sereno". As festas tidas como mais importantes para a sociedade local, escapavam ao circunscrito espaço em que aconteciam, e costumavam ser acompanhadas, pelo atento olhar de curiosos, sendo essa prática denominada localmente de sereno. Sobre esse hábito, temos um interessante relato de Carlos Penna Botto (1893 – 1973)[214]:

> O "serêno" significava a assistência não - oficial "extra - muros", que tem toda e qualquer festa pública ou privada, de certa monta. Essa assistência fica ao relento, no "serêno", junto e defronte às janelas e portas da caza onde se realiza a festa. Às vezes o sereno é maior do que a própria festa.[215]

O autor prossegue a sua descrição, explicando que, mesmo os que podiam ir às festas, participavam ocasionalmente do sereno com o uso providencial de uma "tesoura"[216], o que significava no contexto, recortar ou destrinchar a vida alheia, expressando também, o quanto

---

[212] **O Norte**, 25 de fev. de 1944. Não foi possível a identificação da página por conta do estado de deterioração do jornal.

[213] Foi fundado em 24 de janeiro de 1925. Cf: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. Op. Cit.
Funcionou em dois endereços. Primeiro em um palacete na antiga Travessa da Glória, atualmente Rua Monsenhor Joaquim Lopes, e depois, já em sede própria, na Avenida Getúlio Vargas. O prédio onde funcionava foi demolido. Sobre isso ver: SILVA, Maria Penha Fonte. **Parnaíba minha terra (crônicas).** Parnaíba: S.D.

[214] As referências a Penna Botto discorrem sobre sua trajetória como militar e anticomunista declarado, tendo na sua biografia alusões ao fato de ter sido o: "[...] militar que presidiu a 'Cruzada Brasileira Anticomunista' nos anos 50/60. Baluarte dos valores 'liberais', que apoiou todos os golpes de Estado no país e na América Latina, com destaque para as campanhas 'jornalísticas' pela derrubada de Getúlio, em 54, de Goulart, em 64 e de Allende, no Chile, em 1973". Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/No-Estadao-colunistas-disputam-o-trofeu-Almirante-Pena-Boto-/4/16817>. Acesso em: 20 mar.2014.

[215] BOTTO, Carlos Pena. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931. p.136.

[216] Id. Ibdem.

era limitado esse mundo de inovações, ainda extremamente regulado e regulador de relações e comportamentos partilhados por diferentes grupos sociais.

Além de Penna Botto (1931), Luiza Thereza Neves de Andrade[217], nas suas memórias, intitulada *As meninas do sobrado*, manifesta a sua impressão sobre o sereno, quando da realização de bailes carnavalescos no Clube Cassino 24 de Janeiro, considerando ainda comportamentos e demarcações sociais que marcavam esse hábito:

> As conversas do dia seguinte eram as mais interessantes, pois sabiam tudo que se passara na festa, como quem namorava quem, quem terminara o namoro com quem, ou melhor, quem dançara mais com quem... Levavam até lança perfume e os de fora participavam das batalhas de confete e lança perfume com os de dentro dos salões. Muita gente tinha verdadeiro pavor do pessoal do "sereno", pois de um modo geral era gente às vezes complexada de não fazer parte daquela sociedade e ás vezes pessoas preferiam ir ao "sereno", em vez de estar lá dentro, pois lá fora se sabia muito mais coisas que aconteciam lá dentro!

São comuns relatos de memorialistas quando se reportam ao período que vai de 1930 a 1950, sobre essa "instituição" de Parnaíba, "o sereno", por parte de memorialistas locais, o que não era um costume incomum às pequenas cidades, a saber, a curiosidade em acompanhar e comentar os acontecimentos que chamavam a atenção - pelo fato destes fugirem à rotina, recebendo uma maior atenção, caso os seus protagonistas fossem pessoas consideradas importantes, em diferentes aspectos. Por outro, em Parnaíba, este costume recebia um nome peculiar, sereno, principalmente quando os curiosos, ou a "transbordante assistência", como observa Renato Castelo Branco[218], acompanhava os bailes do Cassino.[219]

A prática do sereno foi comum ao universo social de Parnaíba até quando os clubes do centro desapareceram, entraram em decadência ou, em alguns casos, são transferidos para uma área da cidade denominada "Beira Rio" entre o as décadas de 1950 e 1960. A nova arquitetura dos clubes impunha muros, grades e um maior distanciamento da rua e dos olhares curiosos.

Sobre o já citado Cassino 24 de Janeiro, palco de festas sociais e de solenidades promovidas pela elite local, Goethe Pires de Lima Rebêlo descreve parte das suas dependências[220]:

> Clube da alta sociedade, com dois salões de dança, local destacado para orquestra, salão com duas mesas de bilhar-francês, quadra cimentada para vôlei, tênis e

[217] ANDRADE, Luiza Thereza Neves de Andrade. **As meninas do sobrado**. (s.l): (s.e.), 1999.
[218] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias)**. São Paulo: LR Editores, 1981. p.90.

[219] Não encontramos alusão a este tipo de comportamento em outras festas realizadas na cidade.
[220] Como já citado, o Cassino teve duas sedes, esta descrição se refere à da Avenida Getúlio Vargas.

> basquete, um salãozinho camuflado para jogos de cartas (onde muita gente boa deixou o "pelo", em acirradas partidas de pôquer) e bar com serviço ligeiro, em que predominavam os sanduíches, bolinhos salgados e pastéis. Não havia restaurante.[221]

O Cassino, nome pelo qual ficou conhecido, era o ponto referencial quando se tratava de festas. Segundo o Sr. Candido de Athayde[222], era frequentado semanalmente só por um pequeno grupo de sócios para o carteado. Sobre as festas, segundo ele, durante o período em que integrou o cotidiano social da cidade – décadas de 1920 até a de 1960, caminhando para a decadência nesta última década - aconteciam apenas quatro ou cinco por ano, além das de formatura como também nos assegura a Sra. Neusália[223] que participou dessas festas, nomeando cada uma delas: "O Vinte Quatro de janeiro era festa tradicional. Agora havia a festa das flores que era em maio, a festa de junho que era São João, a festa do Natal e do ano novo. [...]. Há sim, colação de grau, a turma toda que colava grau, cada colégio levava e a festinha era lá pro Cassino". Além das citadas, a Sra. Neusália lembra posteriormente das de carnaval que aconteciam no clube.

Além do Cassino, o Grêmio Recreativo Parnaibano[224], com pouca evidência na memória dos que escreviam sobre a cidade, teve uma rápida passagem no cenário de entretenimento local.

Outros locais de festas, além dos clubes frequentados pela elite local, integravam o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras locais. A população desprovida das insígnias de distinção, designada pelo sobrenome, e pela atividade que desenvolvia, era parte da cidade e de alguma forma, aparece nos registros sobre encontros festivos que aconteciam. Penna Botto, autor/observador, com o olhar do estranhamento, nos concede um registro raro de clubes de Parnaíba, que eram frequentados pela população pobre, e não raras vezes, também, pelos filhos da elite local, o que escandalizou bastante esse observador, nos idos de 1930.

> Não há preconceitos de casta e de posição social.
> É admirável, confesso, se bem que em muito desacordo, com os meus hábitos anti-comunistas!
> Conflitos de raça também não existem.
> Brancos, sírios, pardavascos de todas as nuanças. E até mesmo pretos retintos, vivem em perenal confraternização...

---

[221] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.56.

[222] Na sua entrevista o Sr. Candido de Athayde relata que o Cassino era frequentado semanalmente só por um pequeno grupo de sócios para o carteado. As festas eram periódicas tendo quatro ou cinco por ano. Concedida em 17 de Jan. de 1984 à Fundação CEPRO (Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí).

[223] Neusália dos Santos Mavignier nasceu em 29 de abril de 1923 em Parnaíba Piauí. A entrevista foi concedida a Mary Angélica Costa Tourinho em 24 de nov. de 2014.

[224] São raras as alusões a esse Clube.

> Vi em Parnahyba – "horresco referens!" – moças brancas e de boa estirpe enlaçadas por mulatos escuros e suarentos, em valsas e fox-trots, nos clubes sociais e em festas particulares. Vi moças brancas casadas com pretos! Vi gente de posição, e altamente cotada na cidade, entrar no Clube dos "Terríveis" – o clube dos caboclos e das caboclas!
> Soube que cabôclas empregadas como arrumadeiras e copeiras em casas particulares dançavam livre e alegremente nos "Terríveis", ou no clube "Artístico", com os filhos dos seus patrões.
> "Coronéis" respeitáveis abrilhantavam com a sua presença reuniões as mais modestas[225]

O tom de Pena Botto é sempre depreciativo com relação às excessivas aproximações de classe e à cidade. Talvez essa leitura fosse também fruto de uma transferência (do Rio de janeiro para Parnaíba) que foi imposta como castigo, como fica claro nas primeiras páginas do seu livro. Porém, o seu relato contribui para um precioso registro do "Clube artístico[226]" e "Clube dos Terríveis[227]", espaços onde a população trabalhadora se divertia o que nas suas expressões significava: "pontos de reunião de toda a caboclada local"[228].

Além dos clubes citados por Pena Botto, outros ambientes de festas, facultavam a presença de um público mais "diversificado". "Para as famílias mais modestas economicamente, alguns clubes de futebol organizavam aos sábados à noite, festinhas com entradas pagas. O ambiente era ordeiro e familiar"[229]. Estes espaços, quando citados, necessitaram do adendo de que era um ambiente moralmente adequado, do narrador. Alguns desses clubes esportivos era o Fluminense e o Ferroviário[230].

Sobre os preconceitos, ou a sua ausência, apontados por Pena Botto, deve-se advertir que em uma sociedade onde o apadrinhamento de um coronel, de algum chefe político ou mesmo do patrão, fossem presenças evidentes nas relações sociais, o transpor superficial e momentâneo de determinadas fronteiras, poderia criar a falsa ideia de igualdade, em um leitor que não conseguia, em um curto espaço de tempo[231], ler com profundidade a sociedade local, além do fato de que este leitor, Pena Botto, fosse profundamente adverso, a qualquer relação que pudesse assemelhar-se ao que ele entendia por comunismo. Com relação a essa aproximação, estranha ao narrador, outros relatos feitos pelos filhos da terra demonstram que, estar perto de, não era necessariamente sinônimo de igualdade.

---

[225] BOTTO, Carlos Pena. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1931. p.116.

[226] A única referência que encontramos sobre este nome foi como o Artístico Foot Ball Clube, no *Almanaque da Parnaíba* de 1932.

[227] Encontramos alusão a este Clube no *Almanaque da Parnaíba* até o ano de 1939.

[228] BOTTO, Carlos Pena. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1931. p. 94.

[229] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.63.

[230] Localizado na Avenida São Sebastião.

[231] Ele ficou aproximadamente um ano na cidade.

> Naquele Piauí da década de 1930 a estrutura social da população da cidade de Parnaíba era dividida em setores estanques, com poucas concessões de um para outro, principalmente de cima para baixo. Da elite, faziam parte o rapaz e a moça; da plebe o caboclo e a cunhã. A segregação social era rígida e não admitia misturas.[232]

Deve-se considerar que estas relações não desaparecem com a simples mudança de dígitos numéricos que marcam a passagem dos anos, e que algumas permissões, quando eram admissíveis, entre diferentes pessoas, sob os mais diversos aspectos, seguiam certos códigos sociais que dificilmente admitiam uniões conjugais, embora exceções façam parte das experiências de convivência. Colegas que dividiam o mesmo espaço de trabalho, o parentesco, um passado comum, interesses políticos e paixões, talvez quebrassem as barreiras de um mundo estratificado em diferentes nuanças.

Mudanças que se processavam no cotidiano de trabalho do país, se apresentavam à cidade e criavam novas possibilidades e configurações sociais que incidiam sobre o lazer. Associações como a AABB, localizada na Praça da Graça[233], aparecem como lugar que também congregava nas festas parte do público trabalhador como observa Carlos Araken ao falar deste espaço:

> Todo mundo se dava bem lá. Essa era a sua característica, sua marca registrada. Das dondocas do *society*, já nesse tempo em plena ebulição, com o aparecimento do maior e melhor cronista até hoje, o decano Rubem Freitas, até a comerciária mais humilde, do estudante ao doutor, todos compunham uma mistura homogênea, quase perfeita, que funcionava. Era popular sem cair no populismo.[234]

A mistura à qual se refere Carlos Araken, talvez não tenha sido bem aceita por todos(as)[235], revelando o fim de um mundo social que mudava de feições. Por isso, um novo clube batizado de Igara, foi fundado em 1953 e inaugurado em 1962 com o objetivo de congregar a elite local.

Outro local de reuniões, incluindo-se festas, era AABB (Associação Atlética Banco do Brasil)[236], espaço que reunia o público trabalhador, sendo um ponto mediador entre os segmentos sociais aqui analisados. Além da AABB, outros clubes, serviços e associações, que buscavam atender a um público trabalhador - a exemplo do Sindicato dos Empregados do Comércio fundado em 1943; do SENAI (Serviço Nacional da Indústria), fundado em 1942; e do SESC (Serviço Social do Comércio), fundado em 1948, passaram a fazer parte da

---

[232] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.63.
[233] Mudou-se para outro ponto da cidade denominado de Beira - Rio.
[234] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p.71.

[235] Cf.: FREITAS, Rubem. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba: Gráfica e Cópias, 2007.
[236] Ainda mantêm atividades sociais e recreativas na cidade, porém a sua sede social foi transferida do Centro, no perímetro da Praça Graça, para a Avenida Beira Rio.

paisagem social da cidade. Todos integrados à política varguista, no que se refere à criação de clubes e associações, dirigidos às classes laborais. Os patrões também seguem essa prática e fundam o Sindicato do Comércio Atacadista do Estado do Piauí e à Associação Profissional dos Varejistas do Estado do Piauí em 1942[237].

O cinema, enquanto lugar de entretenimento, principalmente o Cine Teatro Éden[238], também é um destes lugares marcado nitidamente na memória local[239]. Rebêlo descreve as características do prédio com suas divisões internas que acabavam por revelar diferenças inerentes à sociedade do período:

> O Cine Teatro Éden era um prédio antigo com platéia dividida em duas partes: a parte de baixo e a de cima. Um terço da capacidade de lotação da parte de baixo, mais próxima da tela de projeção, reservava-se para a "segunda classe" que pagava pela entrada metade do preço de "primeira classe". A "primeira classe" ocupava os outros dois terços da lotação de baixo, separada da "segunda classe" por uma pequena grade de madeira, com portãozinho no meio. A parte de cima compunha-se de duas alas de camarotes laterais, sustentados no alto das paredes por pilastras que se reforçavam com travessas junto às paredes.[240]

Ainda sobre este local de diversão, Renato Castelo Branco põe em evidência o seu dono, "Miguel Carcamano" e uma das alcunhas locais: "Carcamano lá no Piauí não é italiano, é turco, é árabe". E ainda a rotina das exibições nos anos de 1930: "O filme mudava três vezes por semana"[241]. Visto como empreendimento, o Cine Teatro Éden de Parnaíba ainda revela uma parceria de trabalho muito comum, entre maridos e esposas, em determinadas empresas que assumiam um viés familiar: "Os donos da casa eram gente saudáveis e simples. Ela, D. Alinda, mulher bonita e bem cuidada. Ele, o Miguel, de tipo atlético, falava alto, extrovertido".

Em outro relato de Luzia Thereza Neves de Andrade, sob uma perspectiva feminina e de tempos de infância, ao falar sobre o Cine Éden, entre os anos de 1940 e 1950, põe em relevo outros hábitos, como o de sentar-se á porta para conversas com amigos e vizinhos, a espera da missa, da primeira ou da próxima cessão do cinema, o propagado passeio na praça,

---

[237] Cf.: MENDES, Iweltman. **Parnaíba**: educação e sociedade (da colonização ao fim do Estado Novo). Parnaíba: SIEART, 2007. p. 9

[238] O Éden funcionou até dois de julho de 1979. Cf: **O Bembém**, 21 de mar. De 2008, p. 10.

[239] Além do Cine Teatro Éden, existiram e Parnaíba o Cinema *Pálace* e o Cinema Apolo, que depois mudou o nome para Pio XI.

[240] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.82.

[241] CASTRO, Pedro Jorge; D´ARAÚJO, Maria Celina (orgs.). **Carlos Castelo Branco**: o jornalista do Brasil. Brasília – DF: SENAC: 2006, p. 17.

além de apresentar a moda que marcava as silhuetas femininas da época. Talvez pela idade, ignorasse inúmeras diferenças de foro social que marcavam esse mundo:

> Quando Dindinha e Tio Hercílio estavam na cidade, todas as noites iam a casa de Acrísio (seu irmão) e Matilde, antes de irem lá para casa. Aos domingos se formava uma roda de cadeiras na calçada em frente à porta de nossa casa, onde parentes e amigos ficavam conversando e esperando a hora do início da sessão no cinema Éden.
> O interessante era que naquele tempo era moda do uso do chapéu e quando tocava a campainha de 15 minutos antes da sessão, mamãe entrava, colocava seu chapéu para dar três passos e entrar no Éden, logo ali em frente. As outras "enchapeladas". As solteiras e os rapazes, antes da sessão, ficavam passeando na praça, onde o costume era dar voltas, em grupos, nos dois sentidos, horário e anti-horário, para alegria dos jovens que, ao cruzar com os flertes, sorriam e muitas vezes, seguiam juntos, integrando-se os grupos.[242]

A imagem de uma praça que parecia ser do povo e democraticamente partilhada, tal como nos sugere o relato anterior, apresenta estratificações muito evidentes na memória de Renato Castelo Branco, um dos poucos a indicar essa situação de forma clara:

> Na Praça da Matriz, nas noites de domingo, antes da sessão de cinema, a charanga Municipal tocava e as moças passeavam, para um lado, para o outro, olhando os rapazes, em grupos, nos cantos, quando passavam por eles. Do outro lado da Praça, passeavam as empregadinhas, os operários, o pessoal da Coroa e dos Tucuns. Os dois grupos não se misturavam. E quando uma pessoa da coroa passava para o outro lado da praça, era expulsa pelos olhares escandalizados da população do lado de cá.[243]

O texto é elucidativo das fronteiras sociais que habitam ambientes que aparentemente, parecem ser de uso comum, bem como menciona Rolnik ao esboçar o seu olhar analítico sobre as configurações das cidades, no âmbito construtivo, legal e social: [...] "é como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores"[244].

O cinema, assim como os demais espaços de sociabilidade da cidade, traduzia encontros, demarcações e distinções. Alguns explicitados pela roupa, outros, decorrentes de inúmeros códigos sociais que envolviam origem, família, trabalho, etc., como podemos notar no relato de Reis Velloso que segue:

---

[242] ANDRADE, Luiza Thereza Neves de Andrade. **As meninas do sobrado**. (s.l): (s.e.), 1999.
[243] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias)**. São Paulo: L R Editores, 1981. p.22.
[244] ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997, p. 41.

> Tínhamos um "permanente", uma gratuidade, porque, **na verdade**, a minha família tinha um status social mais elevado do que o status econômico. O status econômico era definido pelos vencimentos de meu pai como telegrafista e pelo que minha mãe podia ganhar com a costura. Mas, pela Personalidade dos dois, a gente tinha um status social mais elevado. Quer dizer, meu pai se comunicava de você para você com os principais industriais e comerciantes.[245] (Grifo Nosso).

Em meio às complexidades sociais, conviviam grupos que tinham posses e/ou *status,* que ocupavam os camarotes e tinham acesso aos permanentes. E um contingente de trabalhadores(as) anônimos, homens e mulheres, "da primeira e da segunda classe", que se deslocavam pela cidade sob diferentes prismas e possibilidades.

Seguindo as divisões próprias a um teatro, o cinema agregava, mas não congregava os diferentes sujeitos sociais.

Sobre o cinema ainda cabe uma consideração, as mulheres participavam como plateia e protagonistas na tela e no teatro, já que o mesmo servia de palco para espetáculos, recebia companhias de fora e encenações inteiramente nativas, onde, por vezes, mulheres da cidade também assumiam a cena.

> A bem da verdade, quem começou realmente a batalhar pelo teatro em nossa terra, foi uma mulher frágil (na aparência) e bem falante chamada Edméia Ferraz. Os seus famosos "dramas", onde ela punha a gente de bem da terra a dançar e cantar, eram demais. Que saudades da Sônia Vaz cantando Pierrot Apaixonado, ou a Zezé Martins, ou a Francisquinha Ramos, sambando levando a moçada ao delírio.[246]

Na análise do discurso "As palavras são também construções[247]" que nesse particular adjetivam as mulheres. O termo fragilidade aparece, mesmo necessitando de um parêntese, assim como o "levar a loucura" exige uma evidência moral anterior, "gente de bem da terra". A evidenciação dessas mulheres, nesse contexto, ordinariamente, encontra-se entre discursos de idealidades. Essas mulheres que subiam ou não em um palco, seguiram entre olhares vigilantes e elaboraram condutas adequadas, e se apropriaram de forma equilibrada pondo em pauta também os seus interesses e necessidades, não ficando, em termos absolutos, submetidas às formulações de uma ordem considerada ideal. Quando romperam barreiras, como as do mundo editorial, discorreram através da sua escrita, evidenciando tanto os enredamentos discursivos que as influenciava, pois não estavam apartadas do seu mundo

---

[245] CASTRO, Pedro Jorge; D´ARAÚJO, Maria Celina (orgs.). **Carlos Castelo Branco**: o jornalista do Brasil. Brasília – DF: SENAC: 2006.p.17.

[246] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p. 36-37

[247] TEDESCHIP, Losandro Antônio. O fazer histórico e a invisibilidade da mulher. **OPSIS**, vol. 7, nº 9, jul. – dez. 2007, p. 336.

educacional e relacional, quanto traduzindo possibilidades que se encontravam em um cotidiano praticado, integrando relações, acomodações e estratégias, inerentes a quem vive cotidianamente encontrando espaços de atuação no cenário da cidade.

CAPÍTULO 2

DISCURSO SOBRE O SER FEMININO E O TRABALHO EM PARNAÍBA

Prosseguindo a análise anterior, neste capítulo será recuperada a percepção expressa em discursos diversos, sobre o papel das mulheres na cidade de Parnaíba em diferentes situações. Nos registros escritos e fotográficos presentes em jornais escritos memorialísticos e no *Almanaque da Parnaíba*, podemos entrever mulheres em diferentes atuações, embora persista o "aparecer" feminino, o que se fala sobre elas[248].

Os admiradores e enamorados maridos e filhos, descrevem amadas, esposas e mães. Cantam-nas em verso e prosa, belezas, meiguices, talentos e "perfeição de caráter"; exaltam progressos intelectuais noticiando diplomações e sucessos, principalmente se reconhecidas fora da cidade; por outro lado, são alvos fáceis de compadecimentos e/ou ridicularizações, pela pobreza, o desamparo, o trabalho inadequado e pelo fato de não casarem ou terem "passado" da idade de casar. São apresentadas, portanto, pelas alocuções de poderes instituídos, como abaliza Tânia Navarro Swain, analisando discursos masculinos que "referenciariam" um ser feminino que deixava pouco espaço para a visualização das mulheres no cotidiano:

> No saber instituído pela filosofia e pela história, a palavra "dos grandes homens" esclarece sobre a "verdadeira" natureza da mulher, repondo sem cessar, nos espaços interdiscursivos, representações pejorativas sobre o feminino que delimitam seu lugar no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais ela deve se restringir. [249]

Em meio a essa ordem de discursos, entrelaçados com a existência, as mulheres conviviam com diferentes imperativos habituais. Ou, como assevera Michel de Certeau, tais discursos[250], ao derramarem-se pela rede social, elaboram reações particulares. O cotidiano "Modifica lhe o funcionamento". "Tem que "fazer com". Nesses estratagemas de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor".[251]

---

[248] PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.p.22.

[249] Tânia Navarro, SWAIN. **Feminismo e representações sociais**: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001. Editora da UFPR, p. 16.

[250] O sentido de discurso que assumimos no trabalho, se inspira em Michel de Certeau quando defende o discurso como um lugar de poder, embora pessoas e grupos construam um sentido próprio, transformando-o em lugar praticado. Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 **-** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

[251] CERTEAU, op.cit.p.78-79.

Aquele sujeito, sobre o qual se deseja alcançar, com retóricas dominantes assentadas na religião ou na ciência, exerce a vida cotidianamente em suas múltiplas e complexas interações.

Os poderes derramam-se formando desenhos de inúmeros padrões, assumem formas e seguem por muitos caminhos cujo resultado não pode ser controlado. Neste aspecto, além de se considerar os discursos produzidos sob uma matriz de poder, ainda masculino, devem-se analisar sujeitos mulheres, que, mesmo envolvidas em imagens de representações masculinas, falam e falaram, traduzindo emoções possíveis através de versos e textos, emitindo opiniões sobre ser mulher, homem, pátria, casamento e trabalho, cunhando opiniões resultantes de inúmeras situações reais e praticadas.

Ao propormos um estudo sobre as mulheres trabalhadoras em meio ao universo comercial, em Parnaíba, é fundamental fazer leituras das traduções existentes sobre o ser feminino a partir de elementos discursivos. Como eram lidas e traduzidas, pelos discursos, referendados como autorizados. Também captar, quando possível, as impressões de mulheres sobre as relações com o mundo da qual faziam parte. Essas interpretações foram fundamentais no processo de questionamento, crítica ou aceitação do processo de inserção das mulheres em postos de trabalho que vão sendo possibilitados, ao longo do franco processo de transformação urbanística que atinge diversas cidades brasileiras, sendo conveniente uma visualização desse processo em âmbito local.

Como já largamente discutido pela historiografia, a urbanização que tomou espaço em cidades brasileiras amplia a possibilidade de informação e exposição nos espaços de socialização, que vão se multiplicando ao longo da primeira metade do século XX, sendo esta exposição mais marcante para mulheres, consideradas importantes promotoras de uma ordem saudável e potenciais consumidores do que a modernidade exigia e permitia nesse contexto, como ressalta Carla Pinsk "[...] os tempos mudavam, as cidades cresciam e os espaços de sociabilidade se multiplicavam [...]. Não havia mais como trancar as mulheres em casa evocando hábitos das elites de um passado distante"[252].

Estando-se mais à mostra, era de capital importância não se descuidar do trato comportamental, com a fala, a vestimenta e as companhias nestes espaços cada vez mais públicos e mais compartilhados pelos diferentes sexos. Ao mesmo tempo em que conviviam com comportamentos e ideias novas, mulheres deveriam cuidar da reputação, agora vigiada de forma mais explícita, não só pelos olhos da família, mas por um conjunto social mais

[252] PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 471.

amplo. Incorporavam-se novos modos de portar-se em público, porém, carregava-se parte do mundo doméstico, referendado como tradicional e moral, para os espaços de lazer e de trabalho.

Em Parnaíba, entre de 1930 e 1950, estendendo-se nos anos subsequentes, sucedem-se publicações que faziam alusão ao feminino, seguindo-se com a temática de discursos regulatórios que exaltavam um modelo de mulher que revelava a sua moralidade por meio do pudor e do recato, em uma contraposição às que não seguiam esta conduta. No jornal *O Sino*, produzido pela Paróquia de Parnaíba[253]encontram-se dois artigos[254] característicos destes discursos. Ao condenarem os Concursos de Beleza, vistos pela Igreja, à época, como grande elemento de degradação da virtude feminina, por conta da excessiva exposição imputada às moças que deles participavam, exortam em favor de uma moral que sempre incorria em riscos:

> "Miss Brasil", a senhorinha Olga Bergamini, de quem nossos jornaes falavam como se atrahisse a atenção de toda América do Norte, e que de facto, tão despercebida ficou, que nem classificada foi, tanto que a imprensa norte-americana nem se lembrou de fazer referências à "belleza brasileira", - "Miss Brasil" – digo – foi uma das mais felizes entre as rainhas, porque pôde voltar digna pelo menos, para sua terra, graças à vigilância da sua genitora que a acompanhou, e à assistência do nosso ministro e das autoridades presentes.
> Não assim as outras, "Miss Alemanha", "Miss França", "Miss Polônia", "Miss Dinamarca", caíram nas garras de um James Carrier, dono de uma agência artística de péssima fama em Paris, que foi aos Estados Unidos exclusivamente para atirar o bote na inexperiência das moças e fundar a Beauty Shows Inported.[255]

O relato segue mostrando a decadência que acompanhou a vida de cada uma das misses. Dos teatros seguiram para apresentações em cafés e por fim, os cabarés. Depois decaíram ainda mais, abandono e solidão, dívidas e o arrependimento, caminho considerado adequado e correto para uma mulher que seguisse caminho semelhante. A conclusão do artigo explicita este posicionamento: "Em vista disto, temos ou não temos razão de condenar, tais concursos de belleza?"[256]. O recato, portanto, era a garantia de segurança, o contrário seria a perdição, o distanciamento, até a perda total da segurança, favorecida por virtudes, tão caras a uma mulher.

---

[253] O Jornal *O Sino* era publicado pela Paróquia de Parnaíba. O diretor e editor era o Padre Roberto Lopes e apresentava-se como; "Arauto da fé na Parochia, o semeador da doutrina san e propagandista do bem". *O Sino*, 30 mar. 1930, p. 1.
[254]O primeiro intitulava-se "Meditem Senhoritas". Não está assinado. O segundo "Misses", que transcrevemos, foi reproduzido para *O Sino* do Jornal *D`O Nordeste* e também não tem a assinatura do autor. Ambos eram condenações aos concursos de beleza.
[255] Jornal **O Sino**, Piauhy, 30 mar. 1930, p. 4.
[256] Op. Cit.

Portanto, o que mulheres viam em um espelho ou era apreciado em espaços restritos, não deveria ser partilhado por um público estranho ao seu universo de relações sociais mais imediatos e "confiáveis", embora fossem cobrados das mesmas, principalmente, quando jovens, os cuidados com a aparência e padrões comportamentais que fossem agradáveis ao convívio social.

2.1. Representações femininas: do *Almanaque da Parnaíba* aos Romances de Assis Brasil

Textos regulatórios desta natureza são publicados em periódicos de Parnaíba, e, embora nem sempre tenham a autoria de articulistas locais, explicitam pensamentos sobre o que se espera da conduta feminina a exemplo do assinado por Paul Doumer[257]: "O homem de sã razão e caráter definido não pode deixar de ter a companheira que merece, a cativante e solerte guarda do lar, a mulher amável, virtuosa, que espalha a ventura ao seu redor"[258]. Se à mulher cabia espalhar a ventura, era o homem que definia as ações femininas, segundo o mesmo Doumer, transcrito para o *Almanaque de Parnaíba*:

> A ação do marido sobre a mulher constata-se, no decurso da vida, a cada instante, a cada novo passo.
> Vêde, por exemplo, duas irmãs da mesma criação, tendo sensivelmente as mesmas qualidades, a mesma tendência para esposas e excelentes mães de família. Um belo dia casam ambas. O seu destino é diversíssimo, se os homens a quem desposarem não guardam a menor semelhança.[259]

Cultiva-se a temática que traduzia a mulher, como guardiã da ordem familiar, e a do homem, como elemento racional da família. No âmbito mais geral seguem narrativas dirigidas às mulheres, que se caracterizam por ser um alerta à mãe, responsável pela manutenção da ordem do lar, ou à filha, que não deveria fugir aos ditames morais reconhecidos como idealidades comportamentais. Em contradição ao movimento de inserção feminina nos diversos espaços urbanos, dentre eles o de trabalho, muitas vezes fora do ambiente doméstico, exige-se controles, que se derramam em discursos escritos por autoridades, e que são disseminados entre o segmento feminino, que se fazia cada vez mais letrado. Um texto, não

---

[257] Foi Ministro de Estado, da Fazenda e Presidente do Senado, chegando à Presidência da França em 1931, sendo assassinado em 1932. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/doumer.htm>. Acesso em: 24 mar. 2014.

[258] ALMANAQUE da Parnaíba, 1934, p. 17.

[259] ALMANAQUE da Parnaíba, 1934, p. 17.

assinado, publicado no *Almanaque da Parnaíba*, denominado "Moças de Hoje", evidencia a tensão que marcava as novas sociabilidades que admitiam a circulação de jovens mulheres nos espaços de lazer que a urbanização permitia, impondo pareceres do que era considerado como um comportamento apropriado.

> Vinham tagarelando pela rua, as boquinhas de lacre, os olhos languidos da pintura. Mas, andando e falando, não se olhavam, olhavam os homens que passavam. Entraram em uma confeitaria da moda e logo três rapazes, conhecidos velhos, acercaram-se.
> Ao garçom, os seis encomendaram ginfizz.
> Por três vezes os copos se renovaram. O riso, agora, era mais franco, explodia, escandaloso, a cada frase dos rapazes, murmurada em voz baixa...
> Depois, uma a uma, foram ao telefone. Não iriam jantar em casa... Cada uma jantava com a outra, a convite...
> E saíram à hora, em que o comércio fecha, a caminho de um restaurante que tivesse gabinete reservado.
> Iam rindo ruidosamente, e ao passar por um café, chasquearam de uma outra, da mesma idade, que ao lado da velha mãe, tomava um chá com torradas.
> Pobres mães que, levando vida despreocupada, esperam pelo regresso das filhas que saíram com amigas!
> Benditas as mães, que sabem fazer felizes as filhas, acompanhando-as e guiando-as pelo caminho reto da vida modesta![260]

Embora transcrito para um periódico local, a fala não parece ser de um escritor local, (as moças são "ousadas" demais), sendo parte de um discurso comum ao contexto. Pesava sobre a mulher, na função de mãe, a garantia da idoneidade moral da filha e da família. Com objetivo regulador, são listadas atitudes reprováveis no trato do feminino com o espaço público, para uma senhorita "não ficar falada". As moças estavam excessivamente maquiadas, andando desacompanhadas, aceitam a companhia de rapazes o que era permitido, sob algumas circunstâncias às que eram noivas, e é claro, às casadas - não exibiam nenhum recato, consumiam bebidas alcoólicas e falavam alto.

Em oposição, no mesmo artigo, "moças de hoje", se configura um comportamento diverso e tido como exemplar, de mãe e filha. A da que sai acompanhada por uma mãe zelosa e que toma chá com torradas em ambiente adequado, sem chamar a atenção para si de modo excessivo, compondo um modelo comportamental considerado perfeito. Em torno destas situações, que projetavam as mulheres para os espaços permitidos pela urbanização, Carla Bassanezi Pinsky, no âmbito da historiografia, fazendo referência às décadas de 1920 e 1930, analisa elementos e situações que se adequam aos discursos proferidos no *Almanaque da Parnaíba* com relação à mulher.

---

[260] Ibid., p.23.

> Os novos hábitos das "moças de família", como ir sozinha às compras ou à escola tinham como contrapartida, submeter-se aos olhares controladores não só dos familiares, mas também ao escrutínio dos vizinhos, professores, patrões, além do julgamento moral de médicos, políticos e autoridades judiciais. [...] As que fogem do modelo – as "descaradas", as "escandalosas", as mundanas (afeitas à gandaia) e as "artificiais" (que recorrem a cosméticos e demais artimanhas para iludir os homens) -, diziam, são mulheres descartáveis.[261]

Estas interdições e padrões comportamentais analisados por Pinsk (2012) manter-se-ão evidentes em décadas posteriores em Parnaíba, como atestam discursos de ordem médica e religiosa, dirigidos às mulheres. A cidade se insere no âmbito de localidades, que embora urbanizadas, não vivem as mudanças de forma tão abrupta, quanto às que vivem as grandes metrópoles.

"As moças de hoje" ainda nos informam sobre movimentações e sociabilidades permitidas e as que deveriam ser evitados pelas mulheres, vivendo agora entre novos artefatos de urbanização, comuns a cidades como Parnaíba. As ruas e praças que liberam o passeio em horas e locais determinados como confeitarias e chás. Nunca gabinetes reservados de bares ou restaurantes. A possibilidade de circulação e comunicação feminina é ainda regulada, pela hora em que o comércio abria e, principalmente, depois que este encerrava suas atividades.

Embora já na década de 1930 fosse perceptível a presença de mulheres fazendo compras, saindo para passear e trabalhar sozinhas esperava-se que essas movimentações, não fossem realizadas fora do expediente do comércio. Esse horário também regulava o período da relativa liberdade de deslocamento, visto que era considerado mais seguro e garantiria uma visibilidade respeitosa. Nos anos subsequentes estas barreiras foram sendo quebradas, não significando o fim, de todo, das interdições costumeiras, como controle de horários e movimentações pela cidade, dirigidos principalmente ao público feminino.

Se não era a moral o ponto justificado na tentativa de controle em relação às mulheres, lançar-se-ia mão do pecado, da saúde e ainda da etiqueta, como ilustra uma nota sobre "O vício do fumo", transcrita para o *Almanaque da Parnaíba* (1938, p. 209) que alerta sobre o seguinte: "Hoje é comum aos dois sexos. Nos lugares públicos, porém, é falta de distinção a mulher fumar".

A escrita com caracteres regulatórios anunciados, principalmente, no *Almanaque da Parnaíba* entre 1930 e 1950, assume um caráter de reprovação com relação às mulheres que não seguiam a rotina dos horários estabelecidos como moralmente aceitáveis. Logo, mulheres que necessitassem ou resolvessem estudar á noite; trabalhassem nos bares e ainda as caixeiras

[261] PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 476-478.

que transitavam à noite, do trabalho para casa, e que, ocasionalmente saíam para alguma diversão, antes de voltarem ao lar, teriam que lançar mão de estratégias comportamentais para que sua imagem, frente à sociedade, não ficasse comprometida.

Paulo Aragão[262], através de um conto intitulado, "O Grande Prêmio"[263], foi um dos que traduziram essa imagem de compaixão e cuidados dirigidos à mulher e o seu trabalho em determinados espaços, ao narrar às dificuldades da vida de uma garçonete:

> Aguentando umas em cheio e outras em vão, Biduca não conseguia habituar-se à vida que levava de "garçonete" de pensão humilde em burgo longínquo, a margem de movimentada rodovia que liga duas grandes cidades nordestinas.
> Não nascera para tal profissão, quase sempre sórdida e da qual se saia geralmente sem honra.[264]

A honra em perigo podia afastá-la de um casamento que a salvaria das agruras de um trabalho "inadequado", bem de acordo com o desfecho da história da personagem Biduca, que seguia preceitos familiares e religiosos firmes, acabando por ser premiada com o retorno de seu pretendente a casamento. Como um conto tradicional, a mocinha será recompensada pelo bom comportamento com a volta de um príncipe, "Pindoba" que a resgatará em um automóvel:

> Do meu exílio acompanhava toda a tua vida de sacrifícios. Trabalhei e enriqueci nesses cinco anos. Vim buscar-te e à tua mãe enferma. Casar-nos-emos logo, na capital. O meu, isto, o nosso automóvel, aqui está á tua porta para conduzir-nos imediatamente.[265]

Além da imagem de compaixão e de merecedora de cuidados que interpõe a história de Biduca, o conto reforça estereótipos negativos sobre mulheres gestoras de algum empreendimento de caráter comercial, pois, a garçonete é salva das mãos cruéis de sua patroa, a dona da pensão, descrita como pessoa vil, sem nenhum escrúpulo, cujo único interesse era a lucratividade de seu empreendimento:

> Gananciosa a velha compreendeu que a mocidade de Biduca seria uma atração. A clientela gosta muito de ser servida por mocinhas bonitas. [...] Balbina era em verdade torpe. Explorava o que podia. Galinho doente, queijo podre no macarrão,

---

[262]Paulo Ximenes Aragão. Nasceu em Sobral/CE em 25 de janeiro de 1897. Colaborador assíduo do *Almanaque da Parnaíba* publicou crônicas, artigos e vários, entre eles, *Brotos* e *Passos sem Destino*. Faleceu em Fortaleza, em 05 de março de 1979. É pai do humorista Renato Aragão. Disponível em: <http://falandodetrova.com.br/pauloaragao>. Acesso em: 12 mar. 2015.

[263] Transcrito para o *Almanaque de Parnaíba* (1949, p. 123), o mesmo conto é reapresentado com o nome de "Beira de Estrada" no *Almanaque de Parnaíba* (1965, p. 263). Em um contexto diferente, o título talvez não ecoasse de forma adequada.

[264] ALMANAQUE de Parnaíba, 1949, p. 123.

[265] ALMANAQUE de Parnaíba, 1949, p. 123.

> água suja do cacimbão, no leite, e restos de comida novamente á mesa. E tudo caro, pela hora da morte.

Os elementos de representação do feminino em relação ao trabalho vão se interpondo ao longo do texto de Paulo Aragão, revelando elementos de julgamento do comportamento das mulheres, em relação ao trabalho. Pegando-se de empréstimo a análise de Cíntia Schwantes sobre a escrita masculina, revela-se a ideia de que "Em uma cultura centrada em valores masculinos, as personagens femininas estão encerradas nos "textos da feminilidade", nos quais elas seguem destinos à sombra dos personagens masculinos, cumprindo as expectativas deles em relação a elas"[266]. Afinal, a mocinha empregada é salva pelo seu príncipe das mãos da patroa malvada. Aragão apresenta as suas percepções sobre um outrem feminino, fazendo uma leitura própria do trabalho das mulheres garçonetes, nome colocado sempre entre aspas por esse autor.

As necessidades reais vivenciadas por inúmeras mulheres, bem como as transformações inerentes ao mundo do trabalho, seguiam em meio a inúmeras regulações, asseguradas por diferentes suportes discursivos, que se imiscuíam no cotidiano mantendo o seu poder, embora nunca, em termos absolutos. As regulações e as vivências se interpõem e seguem por décadas posteriores.

Ainda sobre leituras e censuras, comportamentos de mulheres que viviam uma realidade "transgressora", com relação à forma de ser, e principalmente, de sobreviver entre 1930 e 1950, em Parnaíba, pôde-se vislumbrar por meio da leitura de dois romances de Assis Brasil - *Beira Rio Beira Vida* (1965); *A filha do meio-quilo* (1966) - duas feições desta questão. Uma é a evidência de mulheres no cotidiano de trabalho da cidade, em atividades ligadas ao comércio. E outra, um ideário persistente e negativo sobre mulheres que cruzavam a fronteira do que era concebido como correto, ao circularem em espaços de trabalho longe da atenção de pais, mães, irmãos e maridos.

As narrativas dos romances supracitados se desenvolvem entre os anos de 1940 estendendo-se aos de 1950[267]. Nas duas histórias construídas por Assis Brasil, destacam-se personagens femininos que transitavam pelo mundo do trabalho, mais especificamente do comércio, sendo estas, sujeitas a maiores e diferentes movimentações neste universo de

---

[266] SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da representação feminina**. OPSIS - Revista do NIESC, 2006, vol. 6. p. 8.

[267] Os romances *A filha do Meio-Quilo* e *Beira Rio Beira Vida*, apresentam fortes nuanças históricas visto que intercala personagens fictícios, inspirados em pessoas e acontecimentos registrados na memória local: "Corresponde àquelas experiências que tem por objetivo explícito a intenção de promover uma apropriação de fatos históricos definidores de uma fase da história de determinada comunidade". cf.: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Características do romance histórico. Via Atlântica n. 4: out. 2000. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduação/ecl/pdf/via04/via4 15. pdf>. Acesso em: 28 set. 2012. p. 168.

trabalho, do que eram habitualmente esperadas das mulheres, estando mais sujeitas a exposição pública tendo, portanto, uma maior probabilidade de sofrerem com reprovações explícitas ou dissimuladas da sociedade.

Em *Beira Rio Beira Vida* o autor traça o cotidiano da área portuária de Parnaíba. O mundo de homens e mulheres da "Beira Rio". No centro da narrativa, três personagens femininas que integram uma geração de mulheres que viveram em volta deste mundo. A avó (Cremilda), a mãe (Luíza) e a filha (Mundoca).

Assim como já acontecera com sua mãe, Cremilda engravida e a sobrevivência é garantida com a prostituição. Era bonita. A mudança de vida acontece por força de um golpe. Passa a viver com o dono de um armazém, e, em decorrência da morte deste companheiro, herda o seu estabelecimento comercial e se torna uma "mulher de negócio da beira do rio":

> Jessé estranhou sua mãe (de Luíza) naquele casebre escuro, cabelos brancos, olhos fundos – um contraste da mulher de mistério que negociava como um homem, de calça comprida, argola nas orelhas, autoritária, dando ordens no cais, desafiando Deus e o mundo. No embarque das mercadorias punha um chapéu de palha de abas largas, descansava os braços grossos nas cadeiras – conferia sacas de arroz pilado, discutia preços, não baixava a voz para os mais atrevidos que toda hora apareciam. Os comentários eram sussurrados, nunca abertamente: - Essa mulher é o diabo.[268]

Uma mulher a frente de um empreendimento comercial desafiava a ordem, "a Deus e o mundo". Era mulher e, portanto, não fora talhada para esta atividade, além de ser vítima fácil das enganações de um homem, na ordem comportamental vigente. A existência de Cremilda, enquanto uma mulher de negócios, entra em decadência e, antes mesmo de ter todos os seus bens leiloados, já estava às voltas com a prostituição. A perda de tudo determina o destino das outras duas mulheres – filha e neta - da sua família. Luiza será prostituta como a mãe fora. Também era bonita e, portanto, seguiria o caminho de tantas outras mulheres pobres que moravam à beira do Rio. Luíza também engravida de um trabalhador do porto e ganhará a vida como prostituta.

A neta de Cremilda, Mundoca, embora rompendo com a sina da família, a prostituição, isso não vem a significar, na teia do romance, melhoria de vida. Com a ajuda de uma família de negociantes da cidade, consegue emprego em uma loja de tecidos, porém, não era daquele meio. Era feia, suja e estranha. Carregava a marca do cais e da prostituição. Seu mundo não era a cidade, era o porto, pois a cidade, "bem entendido – toda a cidade onde tem

---

[268] BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Beira Rio Beira Vida; A filha do Meio-Quilo; O salto do cavalo cobridor; Pacamão. Teresina: FUNDAPI, 2008. p. 62.

calçamento, porque o resto não é cidade para ninguém"[269] não era um meio na qual devesse viver. E, mesmo trabalhando em uma loja na cidade, era exilada pela sua condição, não circulando entre os clientes e as senhoras de família desta cidade. O trato com a freguesia demandava boa aparência, e Mundoca não se adequava a essa regulamentação tácita:

> Finalmente foi transferida para o armazém nos fundos da loja – conferia as peças de fazenda, outras mercadorias, arrumava as prateleiras, espanava, ou ficava apenas a olhar os ratinhos que saíam dos buracos, assustados, procurando migalhas, ou apenas passava os dias resmungando lá no fundo, chorando, de quando em quando dava um grito.[270]

O mundo do comércio estabelecia regras e hierarquias, entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres. Embora a carência de fortuna ou contatos adequados com pessoas que pudessem indicar ou arranjar uma determinada ocupação, pudesse determinar o trabalho em uma banca de mercado ou em um balcão de loja, mulheres que atendessem neste segundo, deveriam espelhar "uma boa aparência", assentado nos preceitos estéticos de cada contexto, para os clientes. Caso conseguissem romper com o mundo do balcão, era necessária uma operação de distanciamento do mesmo: "Mundoca contava as novidades com descaso, ou não contava nada. – A gracinha vai casar com um rapaz do Banco do Brasil. Está toda cheia de dedo, não fala mais com ninguém"[271].

Em outro romance de Assis Brasil, denominado de "A filha do meio quilo" a personagem feminina de nome Cota, ao contrário das mulheres de "Beira Rio Beira Vida" vivencia e circula no universo da cidade e da sociedade, o que não significava, em princípio, interagir sem maiores problemas, com os espaços considerados como privilegiados no âmbito local. Muitas vezes, deslocamentos, carregam origens que não desaparecem, diante dos olhos de uma sociedade com uma mudança de endereço.

Diferenças sociais são retratadas por meio dos espaços urbanísticos e estendem suas redes de sociabilidades e distinção na malha construída e habitada da cidade. O espaço de moradia integram significações sociais que interagem com os benefícios urbanísticos. Carlos Castelo Branco apresenta estas correlações, por meio de seus relatos a respeito de Parnaíba, fazendo uma descrição da topografia comercial da cidade que conheceu, ainda na década de 1930, embora esse traçado tenha sofrido pequenas alterações na década posterior:

---

[269] Ibid., p.51.
[270] Ibid., p.41.
[271] BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Beira Rio Beira Vida; A filha do Meio-Quilo; O salto do cavalo cobridor; Pacamão. Teresina: FUNDAPI, 2008. p. 51.

> Daí Parnaíba se estendia, primeiro através das ruas comerciais, onde ficavam as casas exportadoras e importadoras e os escritórios de representação. Depois vinham as lojas dos turcos, os armarinhos, as casas de tecidos. Depois as residências dos empregados do comércio, casas baixas e antigas, pintadas de cores vivas – vermelho, amarelo, azul. E por fim, a zona chique, dos palacetes, dos chalés, dos bangalôs de estilo moderno, cercados de casuarinas, de mangueiras, de palmeiras, de jardins floridos. Em torno deste núcleo, estendiam-se os bairros proletários, uma enorme cinta de palhoças e casebres, onde as ruas não eram calçadas, não havia jardins nem praças arborizadas e onde os fios elétricos não chegavam.[272]

Embora Cota não fosse uma mulher da beira do rio, possivelmente habitasse por entre as casas baixas e os bairros proletários apresentados por Carlos Castelo Branco. A sua relação com a urbe e com a sociedade, era de conflito e de busca de aceitação, começando esta relação - na narrativa - a partir do momento em que um filho da elite local, que era seminarista, a percebe concedendo-lhe uma atenção amistosa que evolui para uma grande amizade, apesar do seu trabalho em uma banca no mercado da cidade.

Cota é a filha de um comerciante do Mercado de Parnaíba, dono de uma barraca, chamado de "Meio Quilo" por conta de ser pequeno e magro. Como era comum às famílias que tinham atividades comerciais, Cota, a princípio, ajudava o pai e madrasta na barraca do mercado. "Cotinha atendia no tabuleiro de abacate, o pai no de verduras e a mãe (a madrasta) pesava farinha, o arroz e o feijão [...]".[273]

A partir da sua adolescência os olhos da sociedade vão acompanhá-la e percebê-la sempre, com uma imagem dominante de um comportamento "inadequado" e de uma mulher que não procurava o seu lugar social e moral. Namorava fora dos padrões vigentes, chegando a casar-se com "um bom partido" da cidade, sendo que este estava "destinado", pela ordem social, às filhas de famílias consideradas importantes na cidade. Talvez tenha sido esse acontecimento o maior crime de Cota, justificando toda a perseguição empreendida pela cidade contra ela.

Aos olhos da cidade, na narrativa de Assis Brasil, pesa sobre Cota a constante suspeita. Ela se utiliza de artimanhas para conquistar o que não era dela "por direito", levando-se em conta a sua condição de "inferioridade social". Atrelada a isso, a conduta comportamental é reprovável, pois passa a ser vista como "fácil" em um momento, e louca em outro, embora, na memória da personagem, exista uma mulher angustiada pela sua condição inicial de vendedora de mercado e que buscou uma vida melhor, tentando fugir, quem sabe, dos preconceitos da qual era vítima:

---

[272] Ibid., p.20.

[273] BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Beira Rio Beira Vida; A filha do Meio-Quilo; O salto do cavalo cobridor; Pacamão. Teresina: FUNDAPI, 2008, p. 167.

> Não vou mais naquela barraca desgraçada. Aqueles homens vivem me chateando. É uma barraca desgraçada, desgraçada. [...] Quero arranjar um emprego decente. Num escritório limpo, onde as pessoas se vistam direito e não se cheire aquela sujeira do mercado.[274]

O trabalho em um escritório, diferentemente da função de atendente em um mercado de frutas, ou mesmo em pequenas lojas, representava um grau maior na hierarquia do trabalho do comércio, o que não a isentava de comentários maledicentes e de dúvidas a respeito da sua conduta moral na ascensão destas hierarquias.

> Dizem que aprendeu o serviço do escritório em dois dias. Como nunca tinha visto uma máquina de escrever, ficava depois do expediente tentando descobrir um meio de aprender datilografia em uma semana. É provável que tenha aprendido em uma semana. Pelo menos conseguira, já por duas vezes numa semana, almoçar com o gerente na confeitaria. Assim, mais uma vez, ninguém poderia encarar seu esforço pessoal honestamente. Ela concedia alguma coisa àquele homem, que começara dando-lhe um emprego e passara a pagar-lhe o almoço diário.[275]

Mesmo conquistando por esforço próprio ou pela aquisição de novas habilidades um espaço no mundo do trabalho, com função considerada mais adequada para uma mulher, pesa sempre sobre ela, quiçá sobre outras que atravessaram a fronteira do doméstico para uma vida de trabalho público, a constante suspeita. Considerada namoradeira e desavergonhada, ela se utiliza, segundo o olhar reprovador da cidade, de modos censuráveis para galgar melhorias no trabalho e na vida. Eis a marca que a acompanha até o fim da sua história conturbada pela ousadia e revolta.

Na trajetória narrativa, Cota casa-se com um "bom partido", causando assombro na cidade e novos comentários, pouco nobres, a seu respeito. Herda a loja do marido ao ficar viúva e segue à frente do negócio, o que não a isenta de censuras e constante vigilância. Depois, já viúva, tornou-se ainda dona de uma tropa de burros, que distribuía água para as casas da cidade, sendo esta atividade considerada essencial no meio local; casa-se novamente com um empregado seu, que fazia a distribuição da água, aumentando a repulsa da cidade que estranhava essa relação. Infringe dois preceitos tácitos, não permanece viúva e casa-se com um subalterno que fazia um trabalho braçal. Qualquer atitude é suspeita, e as enteadas que chegaram junto com o segundo marido, acabam por carregar também, a marca da repulsa da sociedade.

---

[274] Ibid., p.199.
[275] BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Beira Rio Beira Vida; A filha do Meio-Quilo; O salto do cavalo cobridor; Pacamão. Teresina: FUNDAPI, 2008, p. 200.

Diferentemente de Cremilda, não sucumbiu à prostituição e é bem sucedida nos negócios, embora pague um preço alto pela recusa em se submeter a preceitos comportamentais vigentes. Cota é presa pela suspeita de assassinar o primeiro marido, o que é prontamente explicado pelo personagem; as enteadas criadas como filhas morrem; e seu fim é o abandono sendo finalmente esquecida pela cidade.

O discurso empreendido a respeito de mulheres que transitavam pelo mundo do trabalho, no geral, era o de merecedoras de cuidados e de que deveriam ser cuidadosas com a sua moral e comportamento. Embora fictícias[276], as narrativas de Assis Brasil são elucidativas no que diz respeito ao olhar "preocupado" e de pouca comiseração que a sociedade lançava sobre mulheres trabalhadoras, caso não demonstrassem condutas consideradas irreparáveis, sendo necessário cuidar de horários, companhias e possíveis desvios. Essas questões são discutidas no campo da historiografia, por Carla Pinsky - analisando as modelações comportamentais, nas primeiras décadas do século XX, destinadas às mulheres – e identificam-se com a realidade de Parnaíba, sendo possível percebê-las por meio de discursos de articulistas locais, ou mesmo no âmbito do estado que reiteram estas posturas no período que analisamos. As autoras observam que:

> As campanhas destinadas a moldar o comportamento das mulheres no Brasil que se queria "moderno e civilizado" do início do século **(XX)** partiram dos centros urbanos e encontraram eco nas menores localidades por todo o país e também em jornais operários, que se preocupavam com a boa reputação das mulheres trabalhadoras.[277] (Grifo Nosso).

As campanhas de regulação tornam-se mais sistemáticas à medida que mulheres ocupam postos de trabalho, não saindo de casa somente para ir à Igreja, visitar a família, doentes e para um *footing* domingueiro. Estas movimentações, em tese, eram passíveis de acompanhamento. No entanto, nas fábricas, escritórios e balcões, que não pertencessem aos pais ou maridos, elas estariam à sua própria sorte em um mundo considerado potencialmente perigoso para elas.

Eram mudanças que chegavam e permitiam às mulheres, terem acesso às informações, às novidades da moda e do comportamento, através de diversificadas leituras e ingresso em

---

[276]Francigelda Ribeiro cita no Informativo científico da FAPEPI, quando apresenta seu trabalho sobre aspectos da obra de Assis Brasil o seguinte: "Estive com remanescentes de algumas famílias tradicionais da cidade, citadas nos romances, que muito revelaram personagens reais mesclados com nomes reais e também com histórias fictícias. Por mostrar a realidade em parte de uma sociedade conservadora, Assis Brasil tornou-se, para muitos, na cidade, um ser indesejável". Cf.: **SAPIÊNCIA**, mar. 2007, n. 11. Ano IV.

[277] PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 474.

instituições escolares. Isso poderia implicar em perigos pelos preceitos morais vigentes, bem como em insubordinações, explícitas ou discretas, e talvez até inconscientes que contribuíram para uma viragem comportamental, pois algumas mulheres seguiram desenvolvendo a arte de manusear de outro modo, produtos que lhe foram impostos produzindo "inversões discretas" em relação ao que foi pensado originalmente para elas[278].

2.2. O mundo feminino na percepção de suas protagonistas e dos outros

O que era sistematicamente ouvido e lido em casa, na escola, nos encontros religiosos e informais, não deixava de integrar a construção do perfil comportamental, principalmente em se tratando de mulheres sujeitas às instituições formais de educação - dependendo é claro, das experiências e estímulos, a que eram submetidas - se refletindo na sua formação, e, quando era o caso, naquilo que escreviam.

No jornal *A Flâmula*, órgão do Grêmio Literário Nossa Senhora das Graças (Colégio de Parnaíba), Gladys Andrade Correia[279], aluna do Terceiro Ano Comercial, em 1936, responde perguntas sobre pátria, religião, poesia, política e sobre o papel destinado a homens e mulheres em um texto elucidativo do que deveria ser exposto como referências comportamentais. Assinalava o que era tido como conduta exemplar, das mulheres de segmentos sociais que tinham acesso à instrução escolar em um espaço confessional católico:

> O que pensa dos homens?
> Os homens são seres fortes, geralmente possuidores de caráter nobre e altivo e alma generosa e boa. Considero seus cérebros verdadeiras máquinas que impulsionam o desenvolvimento da cultura de um povo.
> E das mulheres?
> As mulheres são entes frágeis que possuem quase sempre um coração meigo e compassivo, que sabe sofrer com paciência, perdoar com facilidade e esquecer também, o que é muito mais difícil do que o próprio perdão.
> Qual a educação da mulher atual?
> A época contemporânea exige mulheres aptas a todos os ofícios. Entretanto, a educação da mulher para os afazeres do lar, deve ser a predominante entre toda e qualquer educação.
> Deve haver igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres?
> Não. As mulheres não se devem considerar inferiores aos homens, mas também não devem gozar s mesmos direitos, nem ter os mesmos deveres. Os homens têm o direito de exercer a autoridade sobre as mulheres e estas têm o dever de ser cordatas

[278]CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 **-** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
[279] Nesse ano Gladys Andrade Correia e Adélia Bastos Marques, foram coroadas princesas da classe estudantil de Parnaíba. A rainha foi FlorizaMazulo de Mélo, que vai assumir a função de auxiliar de datilógrafa da Prefeitura de Parnaíba.

> e submissas. E isto, feito de maneira suave, estabelece a concórdia e o amor entre eles. [280]

A iniciativa de escrever um jornal e manifestar opiniões demonstrava um perfil instrucional e exercício participativo, porém, o discurso, é parte de outros discursos e de vivências cotidianas, não sendo incomum a tensão/adequação entre modelações ainda fortemente enraizadas do que era o ser mulher e o ser um homem[281] em um cotidiano prenhe de "artes de fazer" que se articulava com as novas exigências de uma época contemporânea que, dentre outras coisas, esperava que mulheres tivessem uma formação escolar que garantiria um maior *status* social. Mas, para além da instrução como ornamento, o texto de Gladys Andrade Correia também assinala para a questão do trabalho, ao considerar que se esperava que mulheres estivessem "aptas a todos os ofícios", embora isso ainda não significasse o acesso aos mesmos.

O discurso em pauta, que também envolve a questão do trabalho sob o viés da instrução, mesmo aquele que venha a ser desenvolvido pela dona de casa, apresenta-se integrado ao cotidiano de uma temporalidade específica, pois se debatia com o que fazia sentido, ou como observa Carlos Ginzburg[282], com "a cultura do próprio tempo e da própria classe", do contrário, o delírio ou a ausência de comunicação[283].

Referências comportamentais reificadas caminhavam ao lado de mudanças e de acontecimentos, inclusive de ordem política, e de toda uma cadeia de informações discutidas pelos homens, que foram partilhadas e também discutidas por mulheres, à medida que a escolarização feminina e o acesso à informação aumentavam. O discurso proferido pela rainha dos estudantes também no ano de 1936, Floriza Mazulo de Mélo, é um bom exemplo de como essas influências chegaram aos espaços instrucionais femininos brasileiros:

---

[280] **A Flâmula**, 6 set. 1936, p. 4.

[281] Sobre essa abordagem nos pautamos em Chartier quando diz: "Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal. O essencial não é então, opor termo a termo, uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino, mas, sobretudo identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como "naturais", portanto biológica, a divisão social, e, portanto histórica, dos papéis e das funções". Cf: CHARTIER, Roger. **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). As mulheres e a história (anais). Lisboa: publicações Dom Quixote, 1995, p. 39.

[282] A alusão a Carlos Ginzburg é decorrente da ideia de que, mesmo que o indivíduo tenha particularidades, e comportamentos atípicos, como é o caso de Menocchio, a língua assim como a cultura, funcionam como elementos de condicionamento, ou de identificação com um tempo e um grupo, ou classe. GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

[283] GINZBURG, op. cit, p. 27.

> Nenhum progresso moral será, entretanto, possível, se não for facilitado pelo estudo. E a escola é um fator decisivo para a formação dum mundo melhor – melhor pela espiritualização das idéias e dos sentimentos, melhor pelo refinamento da inteligência e do coração, melhor pelo abrandamento das paixões, melhor pela extinção dos males que infelicitam os nossos dias.
> [...]
> Nunca, na nossa vida de povo livre tivemos tanta necessidade, como agora, de que a coletividade nacional se instrua, em todos os setores e em todas as lindes, para podermos repelir a infiltração das ideologias malsãs que ameaçam corruir o cerne da nacionalidade.[284]

O ideário e parte da instrução eram comuns, embora as questões não chegassem do mesmo jeito, e nem fossem lidas de forma absolutamente igual por pessoas provenientes de meios sociais e sexos diferentes. Para eles e elas, e entre eles e elas, a trajetória de conquista da instrução, estava associada "[…] às condições de aquisição dos esquemas intelectuais mais fundamentais […]"[285] permitindo interpretações múltiplas das temáticas que estavam em evidência na sociedade. Nesse contexto era o comunismo, a possibilidade de guerra, os ideais nacionalistas, o pensamento desenvolvimentista, assentado na escolarização, saneamento e crescimento econômico que tomavam espaço no país e chegavam principalmente às instituições formais, eram manifestos em discursos como o de Floriza Mazulo de Mélo.

Acontecimentos como a guerra, a sistemática escolarização de muitas mulheres, possibilitado pela instrução primária, e escolas profissionalizantes de formação de professoras, enfermagem e contabilidade, são visíveis no mercado de trabalho e permitem novos postos no setor de serviços para o público feminino.

Com relação à função feminina na sociedade, persistiam duas realidades. Ampliam-se os espaços em que atuam, a ponto de não serem ignoradas como trabalhadoras, porém, continuam sobre os seus ombros, responsabilidades como os cuidados com a saúde e o lar, a proteção da família, da moral, da raça e da dignidade masculina[286].

Ao longo da primeira metade do século XX, impulsionados pelo ideário patriótico que toma maiores proporções no Estado Novo, apresentam-se prescrições, por meio de falas abalizadas, em favor de uma mulher que cultivasse e propugnasse, dentre outras já consagradas "prendas" as "virtudes cívicas", a moral, a saúde e a instrução em prol de uma nação forte, ficando evidente neste discurso do intelectual parnaibano Berilo Neves (*Almanaque da Parnaíba*, 1938, p. 181) no artigo "A alegria de ser bela":

---

[284] **A Flâmula**, 6 set. 1936, p. 1

[285]BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 210.

[286]DHOQUOIS, Regine. **O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX)**: Proteção da produtora ou reprodutora. In: MATOS, Maria Izilda S. & SOIHET (Org.). *O corpo feminino em debate.* São Paulo: UNESP, 2003.

> Eva adelgaçou-se, libertou-se dos tecidos adiposos, fez-se um feixe de músculos e de nervos. A mulher moderna é delgada como um junco, é forte como um fio de aço. [...]
> A gordura – eis o inimigo da beleza feminina! Combaté-la é contribuir para a salvação nacional.

Os ideais de progresso e desenvolvimento vão sendo assentados em uma ordem modernizadora, que via a instrução como redentora das nações, ajustada a uma ordem médica e eugenista que exigia mulheres mais ativas. Elaboram-se modelos cujos construtos originam-se de influências temporais e institucionais, incidindo sobre a sociedade, como adverte a análise de Cíntia Schwantes[287]:

> Cada época elabora, a partir de suas necessidades econômicas e políticas, um ideal de feminilidade, e de masculinidade, que permita à sociedade manter-se operacional através de uma divisão de tarefas entre seus membros. Essa divisão é determinada tanto pela classe social quanto pelo sexo dos componentes de cada sociedade. Como parte do aparato ideológico que sustenta uma determinada ordem social, o gênero se constrói tanto na prática diária dos indivíduos quanto nos discursos que determinam estas práticas.

E os discursos dominantes nesse contexto, mantêm a dogmática das diferenças biológicas e dos deveres impostos pela maternidade reveladora de preocupações, tais como a presença cada vez mais evidente de mulheres nos meios escolarizados e no mundo do trabalho que exigia formação escolar e profissional, justificando-se discursos como o de Gustavo Capanema[288], em 1937- em um colégio que contava com uma clientela mista[289] - reiterando que a função basilar da mulher era conservação da família, base fundamental do estado[290]. Capanema defendia que o processo instrucional feminino, era indissociável dos deveres e da tutela do Estado e devia seguir encaminhamento diferente da dos homens, como podemos observar na citação que segue:

---

[287] SCHWANTES, Cíntia. *Dilemas da representação feminina*. OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006. p.9.
[288] Cf.: CAPANEMA, Gustavo. **Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937**. GC/Capanema, GUSTAVO, 02.12.37. Série PI. In: SCHWARTZMAN, Simon et. al. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
[289]Na década de 1930, no Colégio Pedro II "o contingente de alunos matriculados era composto de 1.857 do sexo masculino e 639 do sexo feminino, num total de 2.496". Cf.: BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A Presença Feminina No Colégio Pedro II.** [s.d]. p.4. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0541.pdf>. Acesso em 12 fev. 2015.
[290] O debate em torno da questão da educação feminina e da família, envolvem diferentes setores intelectuais e religiosos, no período Vargas. Cf: SCHWARTZMAN, Simon et. al. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

> Os poderes públicos devem ter em mira que a educação, tendo por finalidade preparar o individuo para a vida moral, política e econômica da nação, precisa considerar diversamente o homem da mulher. Cumpre reconhecer que no mundo moderno um e outro são chamados à mesma quantidade de esforço pela obra comum, pois a mulher mostrou-se capaz de tarefas as mais difíceis e penosas outrora retiradas de sua participação. A educação a ser dada aos dois há, porém, de diferir na medida em que diferem os destinos que a Providência lhes deu. Assim, se o homem deve ser preparado com têmpera de rigor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isto colocada sob a proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhe ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão.[291]

Os currículos ou as instruções pedagógicas interpelavam uma realidade que não deixava dúvidas a respeito da crescente presença feminina no meio instrucional e de trabalho, que por sua vez, levava à busca por uma adequação entre funções creditadas como femininas e a necessidade de trabalho, por parte de muitas mulheres. As ações empreendidas por Gustavo Capanema ao tratar da questão educacional, ou melhor, ao buscar a elaboração de um modelo educacional para o Brasil, demonstram que o trato desta questão imiscuiu-se por entre diversos círculos da vida pública brasileira, incomodava setores conservadores que buscavam meios de construir e garantir uma feição do que seria uma mulher educada:

> [...] O livro de leitura deve conter além das páginas que satisfazem à prescrição do programa para cada série, matéria de leitura orientada em dois sentidos. Os textos destinados de preferência à atenção das meninas devem encarecer as virtudes próprias da mulher, a sua missão de esposa, de mãe, de filha, de irmã, de educadora, o seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação nas obras sociais de caridade, o cultivo daquelas qualidades com que ela deve cooperar com o outro sexo na construção da pátria e na ligação harmônica do sentimento da pátria com o sentimento da fraternidade universal. Os excertos que visarem à educação das crianças do sexo masculino procurarão enaltecer aquela têmpera de caráter, a força de vontade, a coragem, a compreensão do dever, que fazem os grandes homens de ação, os heróis da vida civil e militar, e esses outros elementos, mais obscuros, porém não menos úteis à sociedade e à nação, que são os bons chefes de família e os homens de trabalho, justos e de bem.[292]

As discussões empreendidas sobre educação, mulheres e família, vão integrar de modo significativo, a pauta de debates do Estado Brasileiro na década de 1940, e ecoará através de falas provenientes de diferentes setores. O teor exemplar e preocupado de tais discursos é perceptível também no corpo das leis, que vão regulamentar a formação instrucional, com

---

[291] CAPANEMA, Gustavo. **Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937**. GC/Capanema, GUSTAVO, 02.12.37. Série PI. In: SCHWARTZMAN, Simon et. al. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000p.123.

[292] Ibid., p.125.

destaque à condição feminina nesse intento. No Decreto – Lei n. 4.244 – de 9 de abril de 1942, no item "Lei orgânica do ensino secundário" - não sendo mais possível desconhecer a demanda feminina por educação, justificavam-se reiteradas advertências sobre os cuidados que deviam ser observados com esta presença nos recintos escolares, sendo explicitado e mantido, no teor das mesmas, a defesa da associação entre mulheres e trabalho doméstico:

> Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:
> 1. E' recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva freqüência feminina.
> 2. Nos estabelecimentos de ensino secundário freqüentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motiva relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
> 3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginasial e em todas as séries dos cursos clássicos e científicos, a disciplina de economia doméstica.
> 4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar.[293]

As leis[294]que vão regulamentar o trabalho, também atestam a demanda frequente de mulheres ao mundo do trabalho formal e as limitações impostas às mesmas em nome de preocupações com a sua a saúde, que em tese, era a garantia de uma maternidade e filhos saudáveis para a sociedade. Maria Izilda Matos e Andrea Borelli, analisando historicamente o "Espaço feminino no mercado produtivo"[295], observam como a legislação trabalhista referente ao trabalho feminino, estabeleceu aspectos de inclusão e exclusão. A CLT de 1943 no item "Da proteção ao trabalho da mulher" estabelecendo a equiparação salarial entre homens e mulheres, a licença – maternidade e exigência de creches, o que na maioria das vezes não era

---

[293] Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/>. Acesso em: 14 abr. 2013.

[294] Embora a lei não tenha sido cumprida de modo homogênea no Brasil, Magda Barros Biavaschi observa o seguinte: "No dia 17 de maio de 1932, foi regulado o trabalho da mulher na indústria e no comércio. Contemplando o princípio da não discriminação, foi assegurado salário igual a trabalho de igual valor, sem distinção de sexo. Além de proibir às mulheres trabalho em subterrâneos, mineração em subsolo, pedreiras e obras de construção pública ou particular e em serviços perigosos e insalubres, protegeu a maternidade ao proibir o trabalho da gestante, quatro semanas antes e quatro após o parto, obrigar os estabelecimentos com, pelo menos 30 mulheres com mais de 16 anos, a terem local apropriado para a guarda e vigilância dos filhos em período de amamentação e proibir a despedida das grávidas sem outro motivo que justificasse. Proteção inscrita nas Constituições modernas do século XX correspondeu a um avanço na luta das mulheres por direitos. A CLT, de 1943, apesar de contemplar muitos dos dispositivos do decreto em foco, não o fez quanto à proibição da despedida da gestante, direito mais tarde assegurado em cláusulas de acordos coletivos e/ou sentenças normativas, sendo, por fim, incluído na Constituição de 1988". Cf: **Rev. TST**, Brasília, v. 77, n. 2, abr/jun 2011, p. 94-95.

[295] As autoras observam dentre outros aspectos que: "No Brasil, a legislação que regulamenta o trabalho feminino foi implantada de forma assistemática, iniciando-se nos finais das décadas de 1910, pelo estado de São Paulo. No ano de 1930, cresceu a interferência federal na órbita da regulamentação do trabalho [...]". MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. **O espaço feminino no mercado produtivo**. In*:* Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 141 – 142.

considerado. Por outro lado coibia a participação feminina em postos considerados perigosos à sua saúde e o trabalho noturno, em tarefas ainda consideradas como masculinas, visto que garante a permanência do exercício de funções em casas de espetáculo, bares, hotéis, telefonia e radiotelefonia e enfermagem[296].

As preocupações com a instrução e o trabalho endereçados à mulher, sugerem que o controle não se efetiva de todo, significando vivências como "o lugar praticado" e sugerindo, para alguns, a existência de "subversões" decorrentes da escolarização, das lutas feministas, das necessidades diferenciadas e das mudanças intrínsecas à modernidade.

Mulheres vão rompendo alguns paradigmas, ficando evidente a presença feminina no mundo do trabalho formal, assim como preocupações e debates em torno desse espaço cada vez mais amplo, ocupado pela mão de obra feminina. O texto "Emprego e Sexo"[297], escrito pelo Interventor de Pernambuco Agamenon Magalhães[298](1937-1945), elucida essa atmosfera de incertezas sobre a já "excessiva" presença feminina em diversas frentes de trabalho, colocando dúvidas a respeito dos benefícios desta situação para a natalidade e a situação do trabalho masculino, embora ele entenda e reitere o trabalho da mulher, como algo benéfico e fonte de sobrevivência para as que eram pobres.

> A concorrência econômica assume, no século XX, formas curiosas. Uma delas é concorrência feminina do emprego. Nas repartições públicas, nos bancos, nos escritórios, no comércio em grosso ou retalho, nas fábricas, nos restaurantes, nos cafés, em toda parte, enfim, a percentagem das mulheres empregadas é cada vez maior.
> Dir-se-ia um novo matriarcado, sem as condições sociais de origem, caracterizando-se pela educação das qualidades pessoais da mulher, na luta pela vida. Luta que lhe dá independência econômica diante de outro sexo. Independência econômica que vai formando outra personalidade.
> Há profissões das quais a mulher expulsou o homem. A de datilógrafa e a de estenografa, por exemplo, já foram totalmente ocupadas pelas mulheres.

---

[296] Id Ibdem.

297 Discurso transcrito para o *Almanaque da Parnaíba*.

298 Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, pernambucano, nasceu em 1893. Em 1934, foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. À frente da pasta, fez intervenções em sindicatos, e trabalhou na implementação de leis, como a que reservava dois terços dos postos de trabalho nas empresas comerciais e industriais para brasileiros e a que garantia uma indenização aos trabalhadores demitidos sem justa causa. Na sua gestão foi criado também o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI). Em janeiro de 1937, deu apoio decidido ao projeto de Vargas continuar no poder, concretizado com o golpe que em 10 de novembro que instituiu o Estado Novo, assumindo o cargo de Interventor Federal no Estado de Pernambuco. Após a promulgação da Constituição, em setembro de 1946, assumiu a liderança do PSD na Câmara dos Deputados. Em 1950, elegeu-se Governador de Pernambuco, não concluindo o mandado, morrendo em Recife em 1952.
Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
Disponível: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/agamenon_magalhaes. Acessado em 18 de junho de 2014.

> Não sei se esse fato está concorrendo aqui a alhures para celibato ou para as restrições de natalidade. Não sei também se ele é uma das causas sociais do desemprego, que tanto aflige o outro sexo.
> [...]
> No Brasil, como a fortuna do pobre é filho, o emprego do pessoal feminino é uma forma de melhorar as condições econômicas da família. [299]

O discurso proferido pelo Interventor Agamenon Magalhães ainda assinala uma referência adequada aos discursos correntes sob a ótica do Estado Novo, e para o temor que se instala diante deste avanço feminino sobre determinados postos de trabalho e funções, que gradativamente vão sendo ocupadas por mulheres. Também aponta os questionamentos que rondavam a questão do trabalho feminino, coadunados com os discursos que legitimavam as práticas do Estado Novo, com relação à função feminina; apresenta à mulher pobre, uma possibilidade de viabilizar melhorias econômicas para sua família, permitindo, ainda progressos ou "melhores qualidades pessoais" às mulheres nesta condição. Ou seja, em um contexto de extrema pobreza, o trabalho feminino formal era válido e componente de avanço social, além de já estar incorporado ao cotidiano de muitas famílias.

A fala dirigida à mulher nesse período nos meios oficiais e oficiosos dirige-se grosso modo, para a sua responsabilidade de gestora e mantenedora dos filhos da pátria. E uma das formas de efetivação dessa prática feminina, para as mulheres dos segmentos de elite, era a benemerência, que acaba por deslocar-se, no período, para fins profiláticos, envolvendo-se em ações de ordem sanitária e social.

As atividades sociais filantrópicas projetava a mulher no espaço local e seguiu uma prática comum ao mundo feminino deste período, sendo uma das formas de trabalho e engajamento possível[300], desenvolvida por senhoras da sociedade, organizando-se e mobilizando-se na busca de aval e subvenção dos poderes públicos e religiosos, bem como da colaboração da iniciativa privada para criar, e em alguns casos, ajudar a manter instituições com fim assistencial, como podemos perceber através da referencia feita às mulheres parnaibanas envolvidas com essa atividade no final da década de 1930.

---

[299] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 7.

[300] Maria Lucia Mott trabalha benemerência como uma atitude de engajamento e observa: "Primeiro, não me parece que seja correto afirmar que a atividade benemerente foi sempre um subterfúgio para essas mulheres deixarem o lar e combaterem uma existência inútil; segundo, as atividades desenvolvidas tiveram como principal objetivo contribuir para a projeção social dos maridos". MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). **Cadernos Pagu** (16) 2001: p.199-234.

> Feliz a cidade que abriga em seu seio um homem como o Dr. Mirócles Véras[301], cujo pendor para empreendimentos humanitários nunca encontrou arrefecimentos, nem mesmo diante da injustiça dos ingratos; feliz a cidade em cujos cidadãos se possa reconhecer a benemerência como nós podemos proclamar a de Roland Jacob; feliz a cidade em cuja sociedade se possa aplaudir essas abnegadas Henriette Soter, Laura Veras, Libânia Tote, Inês Parente Miranda, e tantas outras pioneiras do bem.[302]

As mulheres organizaram e atuaram em instituições de caridade em Parnaíba nos moldes de outras existentes no Brasil, cujo foco comum era o assistencialismo aos pobres e doentes. De modo geral são guiadas, em um primeiro momento, pelo carisma religioso e posteriormente, pelos discursos de profilaxia, social e físico, que vão ganhando espaço no país unindo-se à política estatal, o que levou à gradativa especialização desta área culminando no curso de Serviço Social.

Partindo de motivação religiosa o *Apostolado de Caridade de Santa Catarina de Siena* se integra ao primeiro aspecto anteriormente descrito. Embora fundada em 1903, foi reorganizada em 1923 e atuava por meio da *Pia União de Senhoras e Senhoritas* com a finalidade de desenvolver "obras de caridade em benefício espiritual e material dos pobres, dos doentes e, sobretudo dos incuráveis, das crianças e das mocinhas abandonadas em perigo"[303]. Embora contasse com um "Assistente Eclesiástico", o Padre Jonas Fonseca Pinto, tinha como Diretora a Irmã Superiora Abelinda Ducci e como Presidenta D. Laura Veras.

Outra instituição com perfil semelhante à anterior foi a *Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres*, fundada em 24 de outubro de 1931 com o nome de *Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros e Proteção aos Pobres de Parnaíba*. Dividiu-se em 1941[304], dando origem à *Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra*, ligada à *Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros*. Era "subvencionada pelo Estado e Município recebendo auxílio do comércio e de famílias da cidade"[305]. No livro do Centenário da Parnaíba os autores consideram a iniciativa pela fundação desta sociedade do

---

[301] Dr. Mirócles Veras assumiu a administração municipal em 26 de maio de 1934 até 1936 quando renunciou em 31 de dezembro de 1936. Por um breve período, o substitui, por eleição, o Coronel Joaquim Antônio Gomes de Almeida, até que ele, o Dr. Mirócles Veras, reassumisse o cargo em 2 de dezembro de 1937 permanecendo como Prefeito de Parnaíba até o ano de 1945.

[302] ALMANAQUE da Parnaíba, 1939, p. 145.

[303] CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíb*a*.** Parnaíba: Gráfica Americana, 1946. p. 224.

[304] A divisão seguia a orientação de Eunice Weaver, Presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros, que visitou Parnaíba em 1941. Cf.: CORREIA, op.cit.

[305] CORREIA, op.cit, p. 229

Dr. Mirócles Campos Veras, porém, são mulheres que aparecem como responsáveis por todos os postos administrativos[306].

Atuando com finalidade assistencial e profilática e mais integrada a projetos de estado, a *Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra*, foi desmembrada da *Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros e Proteção aos Pobres de Parnaíba,* em 1941, sendo responsável pela campanha de construção do Preventório, que em Parnaíba recebeu o nome de "Educandário Padre Damião". A instituição foi dirigida por D. Iracema Pires de Castro[307] e objetivava manter sob sua guarda famílias, principalmente filhos(as), de hansenianos da Colônia do Carpina[308]. Recebia subvenção anual do Governo Federal e era "auxiliado por todo o comércio e o povo da cidade", segundo os editores do Livro do Centenário[309]. Era parte de um processo de profilaxia que se alastrava pelo país.

> [...] "o *Boletim da Sociedade de Assistência aos Lázaros* dava notícias das sociedades filiadas, que se tinham alastrado, pelo país e cita cidades de São Paulo (a sede) e Bauru (SP); Rio de Janeiro (DF), São Simão (GO), **Parnaíba (PI),** Juiz de Fora e Belo Horizonte (MG), Natal (RN), Salvador e São Carlos (BA)".[310]

Portanto, a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, era parte de uma política sanitária que recebeu um grande incentivo com a ascensão de Getúlio Vargas[311] ao poder, principalmente depois da aliança entre a Federação e os projetos de combate a lepra, empreendido pelo Ministério da Educação e Saúde, como observa Vicente Saul Moreira dos Santos[312]:

> A ação filantrópica da Federação era agora movida pela preocupação de exercer controle social sobre os descendentes dos leprosos, preocupação mascarada pelo discurso de melhoria das condições de vida. As relações pessoais de Eunice Weaver com os integrantes do governo de Getúlio Vargas, mais especialmente com o ministro Gustavo Capanema, redundaram em considerável apoio político e financeiro para a obra preventorial. Deve-se considerar que em 1935, existiam dois

---

[306] Id. Ibdem.

[307] Ela veio do Rio de Janeiro já designada para assumir o Preventório. Ficou na direção desde a sua inauguração, em 19 de março de 1944, até o seu falecimento em 1987. Cf.: SILVA, Maria Penha Fonte. **Parnaíba minha terra (crônicas)**. Parnaíba: (s.d.)

[308] Inaugurado em 23/08/1931.

[309] CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíb*a***. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946. p. 227.

[310] SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. **História do Piauí**. Teresina: Haley/Zodíaco, 2009. p.61.

[311] A LBA (Legião Brasileira de Assistência), criada em 1942 é parte desse projeto. Convocando mulheres inicialmente para o serviço de assistência às famílias de soldados envolvidos na guerra, expande seus serviços a inúmeros serviços assistenciais no Brasil. Sobre esse assunto ver: SILVA, Sabrina Aparecida da. **A Gênese da Assistência Social em Santa Catarina:** Estado, ideologia e classes sociais. Florianópolis. Santa Catarina, 2013. Disponível em: >http://cress-sc.org.br/wp-content/uploads/2014/03/A-Genese-da-Assistencia-Social-em-Santa-Catarinense.pdf>. Acessado em 12 de maio de 2015.

[312] Ibid., p.67.

> preventórios com cerca de 200 internas; 14 anos depois, aumentou para 26 o número de instituições, com mais de 3.500 crianças internadas.

Com objetivo de sanear a infância, proposta coerente com o Estado que se queria organizar no Brasil, a Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Parnaíba, fundada em 4 de julho de 1940 durante a administração do então prefeito Dr. Mirócles Veras, também se enquadrava nas ações profiláticas e higienizadoras empreendidas, de forma mais centralizada, pela esfera federal, estando ligado à Diretoria do Departamento Nacional da Criança, sob a administração do Dr. Olinto Oliveira.[313]

A preocupação com a maternidade, que teria como consequência uma infância saudável, era uma das justificativas de ação desta instituição[314]que, assim como as demais, contava com senhoras da sociedade local nos postos administrativos.

Essas atividades e preocupações que se destinavam à busca por uma infância sadia, encaminhavam-se para cuidados com a gestação e, por consequência, para com a mulher, enquanto corpo que a acolhia e com a família como célula nuclear da sociedade. Parte desse projeto, também conta com ações e discursos de ordem médica. Em palestra proferida pelo Dr. Equililérico Nogueira[315] no dia da criança, pode-se vislumbrar a forma como tais ações são viabilizadas, sob o ponto de vista do discurso, colocado em tom austero e com grande autoridade, pelo referido médico:

> De grande importância, é o exame médico pré-nupcial.
> Qual poderá ser o producto da união de dois seres sifilíticos, tarados?
> Certamente um anormal.
> [...]
> Talvez não tenham concebido a nobreza de uma instituição, como a do Lactário "Suzane Jacob".
> [...]
> Ali, a mãe será educada; aprenderá a cuidar do seu filhinho; colherá noções de higiene, do vestuário, do quarto, do banho, dos passeios; terá conhecimento dos

313 Com o Estado Novo (1937/1945), as políticas públicas em favor da criança assumiram uma centralidade inédita na História do Brasil. Em 1940, Olympio Olinto de Oliveira criou e dirigiu o "Departamento Nacional da Criança". Seu objetivo era normatizar nacionalmente o atendimento ao binômio mãe-filho e combater a mortalidade infantil. Olinto de Oliveira projetou para este departamento representações nos diversos estados da federação: os "Departamentos Estaduais da Criança". Além disso, organizou os "Cursos de Puericultura e Administração", destinados à formação de puericultores nos serviços regionais. Cf.: Sociedade Brasileira de Pediatria. Academia Brasileira de Pediatria. Olímpio Olinto de Oliveira. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1276&tipo=D>. Acesso em: 20 fev. 2014.

314 Cf.: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíb***a.* Parnaíba: Gráfica Americana, 1946.

315 Médico, especializado em moléstias de crianças e dirigia à época, o Lactário Suzane Jacob. Ver: *Almanaque da Parnaíba*, 1941, p. 81 – 89.

> perigos das doenças infecciosas, dos beijos nocivos, da chupeta ridícula; adquirirá consciência da alimentação, principalmente a artificial, [...].[316]

Todo o discurso do Dr. Equililérico discorre sobre a importância de se promover a saúde da criança para garantia de uma pátria saudável, e as responsabilidades da família ajustada, principalmente, na figura das mulheres, mães, avós e do Estado, e neste caso específico, do Lactário Suzane Jacob, em Parnaíba. São discursos que ao reiterarem a responsabilidade da mulher pela saúde do lar, fazem uma defesa tácita da função social das mulheres. Falas com este mesmo sentido se seguiram em anos subsequentes ao Estado Novo[317].

Os conselhos sobre cuidados com o corpo quando meninas e jovens; e com a casa, filhos e marido, quando mães e casadas, em meio às necessidades cotidianas, eram corriqueiros em se tratando de falas masculinas abalizadas por conhecimento ou função, e dirigidas ao sexo feminino. Em uma coluna denominada de "Conselhos", não assinada - talvez transcrita de alguma revista destinada ou produzida por mulheres – apresenta-se o resumo de um pensamento corrente à época, a respeito da mulher que seria um símbolo de esposa perfeita que assumia as responsabilidades de um lar.

> Evita a primeira discussão, com teu marido, porque a esta, com certeza seguirão outras.
> Começou mal, continuará mal.
> Lembra-te que não há homem perfeito, e si o escolheste, perdoa os pequeninos senões. Evitando cenas deselegantes quando perceberes suas imperfeições humanas.
> Pede o menor numero de vezes possível, dinheiro ao teu marido. Procura viver de acordo com o que ele ganha, gastando até, menos do que isso.
> Quando discutires com teu marido, deixa-o vencer algumas vezes, mesmo que esteja certa de que ele não esta com a razão.
> Procura cultivar o teu espírito, para que ele aprecie sempre a tua companhia, e a conversa entre ambos nunca recaia ou se torne monótona.
> Cuida de tua *toilette*, todas as horas do dia, para que ele nunca te encontre desmazelada ou em desalinho.
> Tenha sempre uma palavra amável e atenciosa para ele, especialmente quando ele estiver preocupado com negócios.
> Mas seja oportuna e não imprudente. [318]

Muitos elementos ligados à questão do trabalho persistem nesse aconselhamento. A dependência financeira do marido, e a recomendação para a contenção dos gastos, reforçam

---

[316] ALMANAQUE da Parnaíba, 1941, p. 81 – 89.
[317] No *Almanaque da Parnaíba*, 1944, p. 43 - 47, o médico parnaibano, Dr. Oscar Clarck - em discurso intitulado "O culto da criança", profere o seguinte: "Analisemos bem os fatos: a) uma boa educação física das alunas que frequentam as escolas públicas e particulares é de influência decisiva, capital, para a sua vida fisiológica futura *máximé*, no ato da maternidade".
[318] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 103.

tanto a imagem do trabalho feminino ligado apenas ao universo doméstico, quanto à ideia dessas atividades como um não trabalho; além do recorrente discurso que preconizava a necessidade de se cultivar o conhecimento, tendo por finalidade, servir de distração e boa projeção do cônjuge. Também se recomendava que nunca fosse demonstrado por parte da mulher, conhecimento superior ao do marido.

Apesar dessas prerrogativas, a atmosfera de mudança compunha o contexto da época criando possibilidades de exposição e de trabalho, a homens e mulheres, embora, o sujeito feminino tenha sido o elemento que garantiu uma participação diferenciada nesse conjunto de modificações. A mulher foi tanto alvo, quanto promotora de ações que visavam promover assistência ao público feminino.

Mulheres apareciam mais e integravam-se às transformações urbanísticas e sociais vivenciadas pelo país e por Parnaíba. Para algumas, o trabalho social, para outras, a possibilidade de acesso aos postos de trabalho que o comércio e o aumento do setor burocrático permitia, possibilitado pela instrução em escolas de comércio e cursos de datilografia, além é claro, das atividades costumeiramente identificadas como femininas, geralmente desenvolvidas dentro de casa.

A cidade integrava-se às transformações que já tomavam corpo Brasil, como analisam no campo da história Maria Izilda Matos e Andrea Borelli, que ao fazerem referências aos anos de 1920 e 1940 – explanam o seguinte: "[...] a necessidade de qualificação profissional levou à expansão dos cursos de secretariado, contabilidade e comércio com escolas e salas especiais para mulheres"[319].

A qualificação profissional feminina que avançava sobre o setor de serviços, dentre outras prerrogativas, passava pelas escolas de datilografia que se enquadravam nestas novas necessidades, e já se encontravam presentes no cotidiano da cidade na década de 1930, seguindo-se esta presença por décadas posteriores. Em 1936, o Inspetor Técnico de Ensino, Raimundo Araújo Chagas, escrevendo para o *Almanaque da Parnaíba* (1937), elencando as instituições de ensino particular cita a *Escola Remington* que funcionava sob a direção de Edméa Ferraz, e ainda mantinha no mesmo prédio uma escola primária. Além da escola o nome de Edméa Ferraz está associado a atividades culturais na cidade, encenando dramas e comédias e promovendo instituições associativas:

[319]MATOS, Maria Izilda Santos; BORELLI, Andrea. **Espaço feminino no espaço produtivo**. In: PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.p. 134.

> D. Edméa, mulher multi talentosa e de mil facetas. Feminista pura sem demagogias que defendia os direitos da mulher antes de Betty Friedmann pensar nisso. Figura humana admirável, cujos olhos ainda hoje voltam a ter o brilho de vinte anos, quando ouve uma palavra nova o uma campanha a ser encetada. Idealista, sonhadora, sim. Mas prática e determinada também. Não me deixam mentir as realizações: o clube dos Leões de Luis Correia, o clube de mães de Parnaíba. Esta é D. Edméa, mulher e ser humano.[320]

Exaltadas por inúmeros talentos, outras mulheres, além de D. Edméa, costumavam participar dos espaços associativos e profissionais existentes na cidade.

O curso teve vida longa, pois mais adiante, no ano de 1942, o mesmo *Almanaque da Parnaíba* cita novamente o Curso de datilografia "Remington" e mais um, o Hermes[321].

Com relação à instrução visando à qualificação para o trabalho, embora fuja à delimitação temporal, é interessante perceber estratégias usadas e esforços despendidos pelas mulheres, para garantirem seu lugar no mercado de trabalho. Benjamin Santos narra, em 2010, no artigo intitulado "A Caixeiral que eu vivi" - onde conta parte das suas memórias estudantis, sobre a década de 1950 - que muitas estudantes buscavam formações para atividade no meio comercial e do magistério, o que poderia permitir-lhes, de forma mais segura, um emprego, tanto como professoras, quanto no setor comercial e de serviços:

> Havia **(no Caixeiral)** recém-saídos do curso ginasial no São Luís, no Parnaibano e no Colégio das Irmãs e havia moças que, durante o dia, faziam também o curso normal no Colégio das Irmãs e, outras, no Parnaibano. (Jornal *O Bembém*, Parnaíba, 21 de nov. de 2010, p. 100). (Grifo Nosso).

Ainda que o público feminino fosse numericamente inferior aos homens, tanto nos bancos escolares quantos nos postos de trabalho, a sua inserção nesses espaços, permitiu que um processo de mudanças fosse moldando um perfil profissional feminino mais expressivo, ao longo do século XX.

> É importante ressaltar a procura da mulher na formação profissional para o comércio ao analisarmos a crescente presença feminina a partir do livro de matrícula da escola do período de 1938 a 1950.
> A formação de guarda-livros despertou também no público feminino uma salutar importância, principalmente pelo momento econômico que passa a cidade e todo o norte do Estado do Piauí, mesmo ainda, proporcionalmente menor que a procura do sexo masculino, levando-se em conta que a profissão junto ao comércio era exigida mais para os homens.[322]

---

[320] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995. p.37.
[321] Não conseguimos encontrar na documentação pesquisada, quem era pessoa responsável pela Escola.
[322] DUARTE FILHO, Gilberto Escórcio. **Porta-vozes da conquista da riqueza**: o ensino comercial e a Escola União Caixeiral de Parnaíba (1918-1950). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Mestrado em Educação, 2010. p. 90.

Essa assiduidade feminina se fez presente, tanto na formação de mão de obra para o comércio, instituições públicas e privadas, como pelo fato de ter tido, ao longo de sua história, mulheres como funcionárias, no seu quadro docente[323] e discente (Quadro 5).

QUADRO DEMONSTRATIVO 5. Mulheres que colaram grau na Escola do Centro Caixeiral entre 1942 e 1950, por ordem de ano de conclusão a partir das placas de formatura[324].

Nome/Ano	Naturalidade	Observações sobre o número de homens que colaram grau por ano
Elda de Jesus e Carvalho/1942	Piauí	No ano de 1942, em um total de 38 Guarda – Livros, 6 são mulheres e 32 são homens.
Franci Furtado de Araújo/1942	Ceará	
Giselda Fontenele Portela/1942	Piauí	
Margarida Silva/1942	Piauí	
Maria Emilia Chagas/1942	Maranhão	
Maria Madalena Clarck Nunes/1942	Ceará	
Lina Bona/1943	Piauí	No ano de 1943, em um total de 24 Guarda – Livros, 6 são mulheres e 14 são homens.
Maria da Conceição Silveira/1943	Piauí	
Maria do Socorro Pereira/1943	Piauí	
Maria Ivone Silva/1943	Ceará Comércio/Ludgren & Cia (Casas Pernambucanas)	
Teresinha de Jesus Freitas/1943	Piauí	
Zélia Fonseca Pinto/1943	Piauí	
Angélica Maria Ribeiro/1944	Piauí	No ano de 1944, em um total de 30 Guarda – Livros, 8 são mulheres e 22 são homens
Anita Coqueiro Furtado/1944	Piauí	
Inez Lopes de Sousa/1944	Maranhão	

[323]No período analisado trabalharam na Escola da União Caixeiral, Elisa Amador Santos (Inspetora), Henrriette Sotter Castelo Branco, Yone Fonseca Pinto, Maria da Penha Fonte, Edmée Amorim Rego (formada da primeira turma da Escola Norma de Parnaíba, em 1932), Cléa Furtado de Araújo e Maria da Conceição Oliveira, professoras, e Jamacy C. Cavalcante, Secretaria. Cf.: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. Op. Cit. e os Documentos da Escola da União Caixeiral, sob a guarda do SESC – Parnaíba, Piauí.

[324] Não tivemos acesso aos documentos referentes às matrículas de alunos(as) da Escola.

Maria Helena F. de Araújo/1944	Piauí	
Maria Luisa Melo/1944	Piauí	
Marila de Moraes Spíndola/1944	Maranhão	
Teresa de Jesus B. Vaz/1944	Piauí	
Zilda de Araújo Dias/1944	Piauí	
Luíza A. de Moraes/1946	Piauí	No ano de 1946, em um total de 30 contabilistas, 6 são mulheres e 14 são homens.
Maria Auxiliadora Tupinambá/1946	Piauí	
Maria José Silva/1946	Maranhão	
Maria Socorro Souza/1946	Piauí	
Olivia de O. Pinho/1946	Piauí Comércio/Moraes e Cia.	
Persita L. dos Santos/1946	Piauí	
Bernarda M. Santos/1948	Maranhão	No ano de 1948, em um total de 24 contabilistas, 7 são mulheres e 17 são homens
Edmilça C. Cunha/1948	Maranhão	
Francisca das C. Ramos/1948	Piauí	
Leila de Almeida Leite/1948	Piauí 1943 já trabalhava na Recebedoria do Estado como datilógrafa.	
Magnólia E. C. Veras/1948	Piauí	
Maria do Carmo Rego/1948	Piauí	
Maria José Mesquita/1948	Piauí	
1949		No ano de 1949, em um total de 22 contabilistas, 8 são mulheres e 14 homens
Aldenora de Freitas Mendes		No ano de 1950, em um total de 30 contabilistas, 9 são mulheres e 21 homens. **Obs**. Os estados dos(as) formandos(as) não foram indicados.
Ana Passos Bacelar		
Maria da Conceição Bacelar		
Maria Gladys de Araújo Lima		
Maria da Graça		

Silva		
Maria do Rosário de Souza		
Maria de Nazaré dos Santos		
Zenith Ferreira Ferro		

Fonte: *Quadro de formatura da Escola Centro Caixeiral.*

Com relação aos homens e mulheres, embora a maioria das(os) alunas(as) fossem oriundas(os) do Piauí, maranhenses e cearenses, principalmente, também compunham o público discente da escola. As placas de formatura (IMAGENS 14 e 15) dos anos de 1942 e 1946, respectivamente, além de mostrarem formandos(as), indicam na foto, o estado natal de onde eram provenientes – esta prática se estende até o ano de 1950 – além das fotografias e os nomes de professores e homenageados. Também podemos observar nas mesmas imagens, a mudança na designação do curso que muda de Guarda – Livros para Contabilidade.

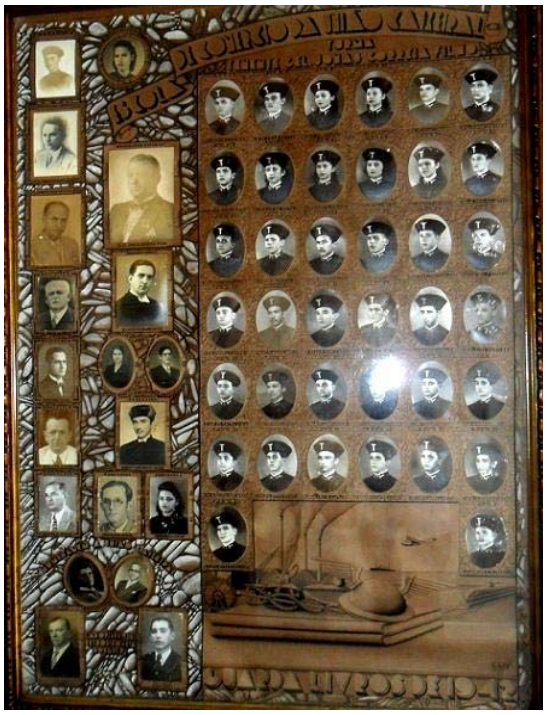


IMAGEM 14. Concludentes do Curso de Guarda Livros da Escola de Comércio da União Caixeiral do ano de 1942.
Fonte: Quadro de formatura da Escola Centro Caixeiral.

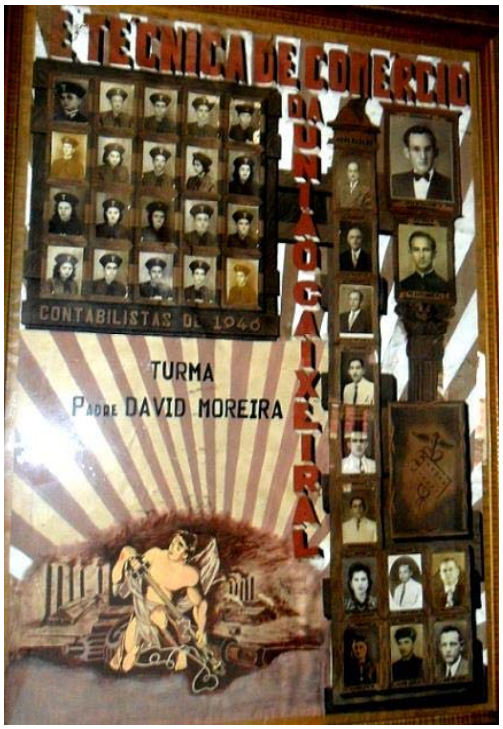


IMAGEM 15. Concludentes do Curso de Contabilidade da Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral de 1946. Fonte: Quadro de formatura da Escola Técnica da União Caixeiral de Comércio.

Além da Escola da União Caixeiral, evidenciando-se a importância do comércio e o crescimento do setor de serviços na cidade, o Colégio Nossa Senhora das Graças[325], abriu em 1934 um "Curso Comercial – Guarda Livros" que vai servir à cidade por dez anos[326]com uma clientela 100% feminina. Tinha uma duração de três anos; o primeiro ano tinha caráter propedêutico, o segundo e o terceiro ano eram de formação comercial. As alunas deste curso comercial, através do Grêmio Literário Nossa Senhora das Graças, também produziram um periódico, *A Flâmula*. O Jornal era produzido pelas alunas e apresentava o cotidiano escolar e as atividades sociais das mesmas. Além deste jornal, as alunas do Ginásio Nossa Senhora das Graças também editavam a Revista *Raios de Luz*.

Portanto, para além do curso de formação de professoras, sob o apanágio das Escolas Normais, mulheres em Parnaíba, podiam ingressar em escolas que objetivam uma formação para o mundo do trabalho comercial, que possibilitaria a elas o ingresso, tanto no serviço público quanto em escritórios, empresas e lojas de particulares.

[325] O Colégio foi criado em 15 de maio de 1907. As freiras da "Congregação dos Pobres de Santa Catarina de Siena" assumiram os trabalhos e a direção da escola.
[326] Ver: SILVA, Maria Penha Fonte. **Parnaíba minha terra (crônicas).** Parnaíba: S.D.

Às atividades que já eram reconhecidas como femininas, se juntaram outras que passavam a ser exigidas pelas mudanças que se processavam no mercado de trabalho, e das novas possibilidades de formação que eram apresentadas e ocupadas por mulheres, a exemplo dos citados cursos de datilografia e das escolas que formavam para atividades ligadas ao setor de comércio e serviços, como os cursos comerciais, de guarda-livros, mais tarde denominados de contabilidade.

A presença feminina exercendo funções fora do domicílio, não se constitui em uma novidade na história das sociedades[327], porém, no contexto deste trabalho, entram ainda na pauta de análise, elementos tais como: discursos que tinham como tônica preocupação com a mulher em relação ao tipo de trabalho que desenvolvia e os impactos desse trabalho para família e o estado; a formação escolar, que "permitia" uma presença cada vez maior das mulheres em espaços de trabalhos institucionais; e a entrada de um público feminino ligado a diferentes categorias sociais, embora, mulheres de condições sociais mais elevadas, costumeiramente - principalmente se casadas – fossem afastadas, por inúmeras codificações, deste mundo de trabalho formal. A solidificação da imagem feminina, identificada com diferentes atividades, principalmente em meios urbanizados, vai se afirmando ao longo do século XX, embora, a conquista efetiva de direitos trabalhistas, com relação às mulheres, esteja em contínuo processo de construção.

Atividades costumeiramente admitidas como femininas, também garantiam sustento às mulheres que tivessem desenvolvido conhecimentos como o do corte e da costura, chapelaria e manipulação de alimentos, resultando na sua comercialização. Estas atividades costumavam fazer parte do cotidiano da cultura doméstica, tornando-se possibilidade de sobrevivência para mulheres que passavam a comercializar os frutos desta produção caseira. Emir Correia de Andrade[328], em suas memórias narra a importância dessa atividade como complemento de renda diante de dificuldades que a viuvez lhe trouxera:

---

[327]A imagem de mulheres escravas, libertas, livres pobres e viúvas, em bancas de mercado ou com tabuleiros na cabeça, oferecendo seus produtos nas ruas, mercados e de casa em casa, assim como comerciantes e administradoras de fazendas, marcaram o cotidiano de trabalho no Brasil e persistem ainda hoje. Cf.: SILVA. Maria Beatriz Nizza da. Mulheres brancas no fim do período colonial. **Cadernos Pagu**, n.4, 1995: pp. 75 - 96. Disponível em: <file:///E:/ Documents% 20and% 20Settings/ Administrador/Meus% 20documentos/ Downloads/ cadpagu_1995 _4_6_ SILVA.pdf>. Acesso em: 20 mar.2014.

[328]Herdeira de família tradicional da cidade, seu pai fora intendente. Aparece como responsável pela criação de gado vacum na Ilha das Batatas. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba de 1955, p. 313. Embora fosse a herdeira, não administrava de modo direto o empreendimento. Escreveu as suas memórias em um livro intitulado *Retalhos de uma vida*, onde narra, episódios marcantes como infância, nascimento dos filhos e filha, as mortes de familiares e os enfrentamentos de dificuldades diante da viuvez, entremeados com a história da cidade de Parnaíba.

> Como eu não contava com o que necessitava para nosso sustento, eu procurava tudo que fosse útil e assim foi que aprendi com Dayse a fazer empadinhas e com Yayá (Tia Maia Clara), a massa dos conhecidos pastéis, que até na rua eram vendidos e nada tinham de especiais.
> Em Parnaíba consegui logo contrato para uma quantidade certa destes, aos sábados, para aquele "Cassino" que tanto freqüentávamos! Continuei com a fabricação de chapéus, embora em menor escala, como era natural, e preparava desenhos para jogos de cama, mesa por encomenda.[329]

Mulheres, quando do enfrentamento de eventuais necessidades, ocasionais ou ininterruptas sobreviviam a partir do conhecimento que elas dominavam e que era possível obter, tanto sob o ponto de vista das condições econômicas, quanto por conta das normatizações vigentes.

Seguindo a métrica do admissível e possível, como trabalho feminino, João Paulo dos Reis Velloso, respondendo a respeito da sua infância e família, descreve a sua mãe em meio ao cotidiano de trabalho em Parnaíba, nos anos de 1940[330], também envolvida com atividades que se caracterizavam como afazeres femininos e como fonte de ganho familiar.

> Mamãe era, falando objetivamente, uma mulher bem dotada. Tinha um ateliê de costura, como fazia questão de dizer. Não se dizia costureira. Copiava muito bem os modelos de vestidos de figurinos franceses e do Rio de Janeiro. Além disso, fazia pintura convencional, paisagens em geral, um pouco em aquarela, mas principalmente a óleo.
> [...] tinha ateliê com várias auxiliares e frequentemente ainda trabalhava à noite, até umas 8h, quando meu pai estava de plantão nos telégrafos.[331]

Estando em oficinas caseiras ou em ateliês desmembrados da casa residencial, o corte e costura comumente desenvolvido em âmbito doméstico, em pequenos e grandes centros urbanos, e como um dos ofícios creditados às mulheres, garantia, além da consolidação da imagem de mulheres prendadas, trabalho para muitas mulheres, como vislumbramos na continuidade do relato anterior: "Lia principalmente de noite (a mãe), porque trabalhava o dia todo, tinha ateliê com várias auxiliares [...]"[332]

---

[329] ANDRADE, Emir Correia de. **Retalhos de uma vida**. (s.l.): (s.e.), 1999, p. 60.
[330]Segundo o relado por Reis Velloso Reis Velloso, ele viveu em Parnaíba até os dezenove anos de idade, portanto até o ano de 1950. Sua mãe morreu dois anos antes dele ir embora para o Rio de Janeiro, com 38 anos de idade, na mesma cidade de Parnaíba PI. Ver: MOURA, Mariluce. *Entrevista João Paulo dos Reis Velloso*. Pesquisa FAPESP, jul. 2008, p. 15.
[331] D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO; Celso (Orgs). **João Paulo dos Reis Velloso**: memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 388 p. (Coleção Tempos Modernos), p. 14.
[332] Id. Ibidem.

Em Parnaíba identificamos duas escolas[333], que garantiram a formação de mulheres nessa "aptidão", o corte e costura. A de Maria Luiza Móta Meneses e Delzira Neves[334]. Sobre esta, Benjamim Santos faz referência ao seu trabalho em artigo intitulado "Mulheres da Parnaíba de outrora":

> Delzira Neves era de estirpe semelhante (a Dona Antoninha), mas seus caprichos manuais eram voltados para confecção de chapéus femininos. Tempos de colações e de casamentos finos, seu *ateliê*, frente à Praça, ao lado da caixa de hoje, estava sempre entranhado de encomendas.
> [...]
> E nos chapéus, então Dona Delzira se esmerava, alguns leves e transparentes, de tecidos finíssimos como *laise*, em cores suaves de pastel e aquarela.[335]

Eram empreendimentos femininos e que integravam cotidianos laborais. Além dessa atividade Delzira Neves também desenvolvia uma função tipificada como feminina, a já citada benemerência[336]. Esses trabalhos identificados com as artes manuais e corte e costura, além da docência, eram identificados como femininos, na paisagem social da sociedade e, portanto, não recebiam reprovações, pelo menos no âmbito público, por serem considerados "naturais" e condizentes com as mulheres. Ao contrário de outros, como os que passaram a ser ocupados por mulheres no setor comercial, industrial e do funcionalismo público, que não recebiam uma adesão absoluta.

As transformações em curso, não levam ao desaparecimento de regulações e críticas que pesavam sobre o trabalho feminino. Havia os que faziam uma censura velada e outros, que assumiam um tom mais radical, contra o avanço das mulheres aos postos de trabalho que exigiam uma formação intelectualizada, e exaltavam os que já eram tradicionalmente imputados ao sexo feminino, como o de professora e os que integravam a rotina doméstica. Um desses detratores do trabalho feminino, que fugisse do "natural", era Felismino Weser[337]

---

[333] Conseguimos identificar esses dois Cursos de Corte e Costuras na cidade. Ver: ALMANAQUE da Parnaíba, 1942, p. 333.

[334] No *Almanaque da Parnaíba* de 1942, p. 333, as duas Escolas de Corte e Costuras são citadas. Sobre Maria Luísa Móta Meneses, nasceu em 30-07-1911 em Parnaíba (PI), é apontada como biógrafa, poetisa e jornalista. Presidiu a Associação Dom Bosco, das ex-alunas do Colégio N. S. das Graças, em Parnaíba. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=4630&cat=Ensaios>. Acesso em: 11 fev. 2015.

[335] *O Bembém*, 21 nov. 2008, p. 10

[336] PASSOS, Caio. **Cada rua uma história**, 1982, p. 81.

[337]Sobre Felismino Freitas Weser (1895 – 1984) "Na década de 1940, uma das vozes dissonantes aos novos costumes estabelecidos pela modernidade, e que insidiam sobre os comportamentos das mulheres, foi a do professor do Ginásio Leão XIII e Escola Técnica de Comércio do Piauí. Escreveu, entre os anos 1940 e 1941, na revista *Voz do Estudante*, uma série de crônicas intituladas *A mulher e o século*. Cf.: SILVA, Aldairis Pereira da. A mulher e o século. **Anais do I Colóquio Internacional de Literatura e Gênero** – Relações de Poder, Gênero e Representações Literárias. Teresina. Set. 2012 ISBN: 978-85-61946-63-0. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.694.pdf>. Acesso em 29 maio.2014, p. 3.

que escrevendo no jornal de Teresina[338] *Voz do Estudante*[339] a respeito de "A mulher e o século", considerava esta situação contraditória aos desígnios divinos:

> Volte a mulher moderna ao lar, outrora povoado da sua graça e do seu encanto, da sua meiguice e do seu amor, e verificará quanto se afastou das belezas do céu, a caminho vertiginoso, rumo ao inferno. [...]. Porque (sic) afirmar erroneamente, criminosamente, que a mulher deve ser doutora, atleta, funcionário público, comerciante e comerciário [...], quando a mulher foi feita para o lar? [...], quero a mulher piauiense com o conhecimento das ciências e das letras, das artes culinárias como do desenho, quero que saiba costurar e engomar, para o exercício elevado de anjo

O posicionamento de autores como Felismino Weser, recebe uma articulada resposta de Alda Cunha[340]questionando indagações, desconfianças e censuras que vão acompanhar o processo de inserção formal da mulher no mercado de trabalho[341], em âmbito estadual, no artigo intitulado "Os direitos das mulheres". Em quatro páginas, ela expõe as suas opiniões, demonstrando um grande conhecimento sobre a questão, buscando dentre outros aportes, o posicionamento de diversos nomes propugnados como feministas pela história mundial, desenvolvendo uma defesa ousada da mulher, sustentada no feminismo[342]. A importância do texto justifica a extensa transcrição que fizemos de algumas partes do mesmo:

> Lendo algures, uma crônica contra o feminismo, na qual a mulher, considerada inferior e subalterna ao homem, era ofensivamente depreciada em todas as suas possibilidades físicas, intelectuais e morais, senti-me como representante do sexo frágil, e por ter o grande defeito de me não conformar com a injustiça humana, fui tentada a escrever algo que o meu sentir e o meu pensar a respeito da magna questão defendendo a mulher em seus legítimos direitos.
> [...]
> Os que têm procurado manter a mulher em um servilismo degradante consideram-na um ser fraco, inferior e incapaz. Essa fraqueza, essa inferioridade, essa incapacidade, porém, nada mais são que o produto da educação, da escravidão e dos preconceitos a que submetem a mulher, rebaixando-a, usurpando-lhe os direitos comuns a todos os

---

[338] Apesar de o jornal ser publicado só em Teresina, é pertinente o seu uso uma vez que sintetiza ideias que circulavam nesse meio, do contrário, não se justificaria o texto de Alda Cunha.
[339] REVISTA Voz do Estudante, Teresina, ano 1, n. 1, 30 dez. 1940, p. 8.
[340]Alda Cunha era normalista, estudou no ginásio parnaibano e, em 1932 concluiu o Curso de Bacharel em Letras. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1933, p. 105. Também, no *Almanaque da Parnaíba* (1938, p. 129) abaixo de uma fotografia encontramos a seguinte a alusão a Alda Cunha: "É ela a normalista Alda Cunha, professora da Escola Normal e acadêmica de Direito em Teresina. Filha do nosso companheiro Alarico da Cunha". Soma-se a sua biografia o fato de ter sido a primeira mulher de Parnaíba a ter o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí no ano de 1941. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1942, p. 223.
[341] Embora a resposta de Alda Cunha, pareça responder Felismino Weser, não conseguimos comprovação a respeito. O certo é que no período em que o texto é publicado ela já estudava Direito em Teresina.
[342] Michelle Perrot observa que: "As grandes reivindicações do feminismo têm uma temporalidade variável de acordo com os países". PERROT, Michelle. Op. Cit. p. 158

> seus e colocando-a em um plano inferior a que ela não merece, pois que é, indiscutivelmente, um ser equivalente ao homem.[343]

A exposição de Alda Cunha acaba por exibir discursos correntes sobre as mulheres, detentora de suposta incapacidade e inferioridade nata, em relação aos homens, quando se tratava de ocupar verdadeiras reservas de domínio masculinos, no mundo do trabalho. A aceitação do trabalho feminino fora de casa dar-se-á diante de duas situações: quando da necessidade de prover outras pessoas e quando não tivesse que disputar com os homens os mesmos postos de trabalho[344].

A defesa de Alda Cunha revela-nos um cotidiano mesclado de tensões e equilíbrios, demonstrando que os projetos dos poderes constituídos não estabelecem atitudes, em relação ao oprimido, estrita e permanentemente subservientes[345]. A instrução feminina, proclamada a princípio como um atributo a mais dos dotes femininos e na preparação de uma mãe mais saudável e competente na faina diária com os filhos e *bibelot* do marido; e o trabalho, informal ou formal, como instrumento necessário apenas à melhoria de vida para as mais pobres, foge à esfera do que fora originalmente pensado.

O acesso das mulheres ao trabalho formal, também caminha em um sentido diferente dos que defendiam a ideia de que as mulheres só conseguiam emprego pelo fato da sua mão-de-obra ser mais barata. Se isso é verdade, também o é, o fato de que houve perdas de espaços de trabalhos, antes majoritariamente masculinos, o que preocupava Agamenon Magalhães. É isso acontecia, frente á uma especialização que se desenvolvia, via instrução, entre o público feminino como observa Alda Cunha:

> Por que negar à mulher o direito de instruir-se, de elevar-se, de progredir, de exercer, enfim, os mesmos trabalhos, os mesmos cargos e as mesmas carreiras que o homem?
> Como este, não é ela dotada de inteligência, luz miraculosa legada á espécie humana pelo criador universal? [...] Cultivando o espírito, burilando a inteligência pelo estudo e pelas boas leituras, nivelando-se ao homem nos domínios da instrução e do conhecimento, a mulher não se masculiniza e nem perde as características do seu sexo[346].

A defesa da mulher no mercado de trabalho é outra feição do texto, ficando evidentes reações contarias à presença de mulheres no mundo do trabalho e o fato de elas estarem

---

[343] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.284.

[344] BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos:** a mulher no espaço fabril curitibano. Curitiba: 2010, p. 50

[345] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 **-** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

[346] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.284.

alcançando posições proeminentes neste espaço[347]. A competência para Alda Cunha, não se manifestava como um dom natural, mas sim, como consequência de uma elaboração, alicerçada em um conhecimento adquirido com o estudo:

> Os pertinazes inimigos da mulher que procuram avantajar-se nas letras, colhendo, na arvore bendita da instrução, os frutos dadivosos que jamais lhe seria malfazejos, movendo-lhe surda hostilidade, no sentido de evitar-lhe o desempenho dos mesmos cargos a eles franqueados. A crise econômica a isso os conduz, mas é preciso notar que o trabalho é um direito sagrado, como o é o direito à vida. Se a mulher estudiosa, culta e amante do saber demonstra aptidão para trabalhos mais elevados que os de lavar, engomar, cozinhar, costurar, concorrendo com os homens nos escritórios e nos bons empregos, porque tolher a sua natural liberdade de agir e de empregar nobremente sua inteligência e a sua atividade?[348]

A crise no mercado exportador justifica em parte essa réplica, mas a questão que consideramos, leva em conta o extrapolar de uma questão, talvez de bastidores, para ser lançado à opinião pública. As críticas, talvez cotidianas, dirigidas às mulheres que "invadiam" o espaço masculino, ficavam notórias e receberam em Parnaíba, em 1940, uma defesa bem articulada de Alda Cunha:

> Chegará o dia em que, extinguindo-se a crise econômica e restabelecendo-se o equilíbrio, o trabalho da mulher será melhormente encarado pela adversidade, do que resultarão grandes surtos de progresso nas diferentes nações do globo. **Braços e inteligências validas**, não importam o sexo, são duas coisas imprescindíveis ao soerguimento do povo.[349] (Grifo Nosso)

Essa defesa se justifica também pelo nível de instrução da sua autora, que irá chegar à formação de Bacharel em Direito, como podemos observar na imagem (16), onde a mesma garante o registro dessa conquista, sendo posta em destaque, com roupas paramentais, por conta de seu pioneirismo, ser a primeira parnaibana a conseguir o título de "Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais". Um privilégio e uma diferenciação no gênero do título, "Bacharela"; e uma fala mais abalizada, em favor do direito às mulheres ao trabalho, por conta da capacidade intelectiva e formação específica. Ela também transitava nesse meio da publicação, como colaboradora do *Almanaque da Parnaíba* e como filha de Alarico da Cunha, também um colaborador do referido Almanaque.

---

[347] OSTOS, Natasha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930 – 1945). In: **Cadernos Pagu** (39), julho – dezembro de 2012, p. 322.
[348] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.285.

[349] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.285.

1942 ALMANAQUE DA PARNAÍBA 223

DOUTORA ALDA AVELINO DA CUNHA

Com real agrado publicamos o cliché supra, da Senhorita Alda Avelino da Cunha, filha do nosso prezado amigo e colaborador Alarico da Cunha, e sua exma. esposa Dona Nina Avelino da Cunha, e que foi laureada em dezembro último com o titulo de Bacharela em Ciencias Juridicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí, depois de um curso pontilhado de brilhantes vitórias.

À Doutora Alda Cunha, a primeira Parnaibana que conquista êsse grau, o "Almanaque da Parnaíba", que tem inserido em suas edições anteriores a brilhante colaboração da recem-formada, envia os seus parabens cordiais e externa os votos que formula porque ela continue a brilhar sempre e cada vez mais, arrebatando mais e mais vitorias, para orgulho de seus pais e desta terra que lhe deu berço.

IMAGEM 16. Publicação que faz alusão à colação de grau de Alda Cunha.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1942, p. 223.

É sintomática a defesa de Alda Cunha, em torno da capacidade de trabalho feminino, em um contexto onde trabalhar, no sentido capitalista do termo, já envolvia de forma evidente, homens e mulheres, embora isso não defina de todo, a sociedade parnaibana e piauiense, profundamente assimétrica entre ricos, pobres e um grupo mediano de comerciantes e profissionais liberais, que rompiam o limite da pobreza com o trabalho e estudo. Também assimétrica nas relações entre homens e mulheres, onde estas, integradas ao seu tempo e espaço, poderiam se deslocar para além de funções imputadas como femininas, instruíam-se e conviviam com as injunções sociais e das instituições que falavam de um lugar de poder.

> Nessa perspectiva, são compreensíveis os sinais contraditórios do processo de modernização do sistema de gênero, mantendo-se a subordinação da mulher ao poder masculino e, ao mesmo tempo, criando as condições institucionais – não ilusórias – que permitiram a alteração de seus papéis sociais, notadamente, no que concerne a sua participação na esfera pública.[350]

[350] AZEVEDO, Nara; FERREIRA Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940 **Cadernos Pagu** (27), jul-dez. 2006: p.213-254.

O público é tomado no sentido da inserção mais expressiva da mulher no mundo instrucional e profissional, que seguiu um processo contínuo, mas nem por isso linear, buscando consolidação, em meio às diversas modelações e necessidades cotidianas, que atingiam as diferentes mulheres de diversos grupos sociais. O acesso a funções que exigiam qualificação não garantiu direitos e tratamentos igualitários, entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres.

Debates e embates se processam e são efervescentes, em torno do desempenho dos papéis sociais de homens e mulheres, em meio aos acontecimentos com relação às vicissitudes de uma guerra, onde se refletiam mudanças que interferiam nas rotinas, incluindo-se o modo de vestir, ou a moda, sob a influência de dois centros, o francês e americano[351]. É necessário considerar sobre essa questão, os diferentes níveis e projeções dessa influência, sobre os vários espaços brasileiros.

Na década de 1940, na Europa, mais precisamente na França– neste momento sob o regime de Vichy – na referência de moda que se projetava, predominava a austeridade, devido às precisões que uma guerra impõe e à escassez de materiais para confecção de roupas, o que acabou por impulsionar a indústria de tecidos sintéticos. Entrava em pauta a recriminação à vaidade, a valorização da maternidade, da mulher como guardiã do lar e de valores creditados como tradicionais, refletindo-se na sobriedade e no valor utilitário das roupas. O *tailleur* é predominante e a simplicidade é salutar. A mulher vai ser chamada a ser parte desse esforço de guerra como observa Ivana Guilherme Simili[352]:

> O chamado ganha vestimentas e comportamentos para a atuação feminina: as mulheres apareciam vestindo tailleurs, conjunto formado por saia e casaco, com crianças no colo, na máquina de costura, e posicionadas ao lado dos homens, imagem que comunicava nitidamente quais atividades e causas deviam ser abraçadas pelas mulheres: cuidar das crianças, dos homens e de suas roupas[353].

Há certo vitalismo, com incentivo a uma participação na vida pública cívica, no trabalho, desde que fosse de modo adequado às convenções em voga, com o estímulo à

---

[351]Embora se deva considerar que as mudanças e os modismos não chegavam com a mesma velocidade a todos os lugares.

[352] Analisa a moda no Brasil, no contexto da segunda guerra e em meio às políticas assistenciais desenvolvidas pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), que fundada e sob o comando da primeira dama do Brasil Darcy Vargas, elabora políticas de convocações e engajamento dirigidas às mulheres. A moda usada por essas mulheres expressa elementos dessa realidade. Ver: SIMILI, Ivana Guilherme. **Políticas de gênero na segunda guerra mundial**: as roupas e a moda feminina. ACERVO, Rio de Janeiro, V. 25, Nº 2, P. 121-142, JUL./DEZ. 2012.

[353]SIMILI, Ivana Guilherme. **Políticas de gênero na segunda guerra mundial**: as roupas e a moda feminina. ACERVO, Rio de Janeiro, v. 25, Nº 2, P. 121-142, JUL./DEZ. 2012, p. 127.

prática de esporte e banhos de mar, que assinalava para a manutenção de uma "vaidade permitida"[354]. De modo mais imediato, as roupas só vêm a se transformarem com o advento do *new look* de Dior[355], que teve seu lançamento em 1947, anunciando mudanças, seguidas de novas aquiescências e antigas interdições impostas às mulheres.

Em outro extremo, o estilo de vida americano exportava costumes. O uso de cigarros como elemento de sedução, de calças compridas, biquínis e ombros postos de fora, popularizados pelo cinema, mesmo com recriminações, influenciava e vendia atraentes produtos de consumo anunciados em revistas, rádio e cinema[356]. A disposição dos móveis na sala, seguindo a moda uma aceitável, divide espaço com o jeito de fumar, cortar e arrumar o cabelo, a roupa a se usar, que, em se tratando do público feminino, seguia tendências nem sempre aceitas pela moralidade vigente.

No início da década de 1950, o *jornal Vox*[357], publicado pela Igreja Católica em Parnaíba, no artigo intitulado "Moda e a Legião da decência"[358], que foi escrito pelo Cônego Arias Cruz[359] exemplifica aspectos da cruzada moralista, empreendida pela Igreja, no que se considerava a defesa da família, e apresentava elementos de controle, dirigidos principalmente ao sexo feminino, ao tratar da sua vestimenta. É preciso considerar, em todos esses discursos, encontros e distensões, entre o dito e a prática cotidiana.

---

[354]Cf: VEILLON, Dominique. **Moda & guerra**: um retrato da França ocupada. Rio de janeiro: Zahar editor, 2004.

[355]Cf: LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

[356]Cf: TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor** – a americanização do Brasil, a época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

[357]Recebia a assistência eclesiástica do Monsenhor Roberto Lopes. Posicionava-se contra o bolchevismo, e representava os interesses da Legião Operária São José, instituição classista de cunho assistencial e eminentemente católico. A Legião foi responsável pela construção de uma Igreja, iniciada em 1950, em honra a São José, Padroeiro dos operários no Bairro Tucuns, que em vista desta iniciativa, passou à denominação de Bairro São José.

[358] "A Legião da Decência" foi uma Campanha que a Igreja Católica lança no Brasil em 1949, cujo objetivo era moralizar os costumes e fortalecer a família. Porém, anterior a este período, houve um movimento, com a mesma denominação, que atuou junto à censura cinematográfica, incentivando a instalação de cinemas sob a responsabilidade das paróquias. Cf.: CHAVES, Geovano Moreira. A moral católica como sensível compartilhado para o cinema. **Anais eletrônicos do VI Colóquio de História -** ISSN 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/6Col-p.131-138.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

[359] Cf.: NERIS, Wheriston Silva. Itinerários religiosos e engajamento político no Maranhão. 35º Encontro Anual da **ANPOCS,** 2011. GT 16: Grupos Dirigentes e Estruturas de Poder. (1940-1980): catolicismo, mediação cultural e militantismo político-religioso. Ele "Nasceu em Caxias (MA) e foi ordenado Padre pelo Seminário de Santo Antônio em 1916. Jornalista, professor, orador sacro, foi Vigário da Igreja da Sé, Capelão do Hospital Português, Arcediago do Cabido, Secretário do Interventor Paulo Ramos, redator do seminário católico Correspondente, em São Luis. Sócio fundador da ―Associação dos Jornalistas Católicos do Maranhão‖ (AJCM) e do ―Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão‖ (IHGM) publicou as seguintes obras: ―Conferência sobre a catequese dos jesuítas no Brasil e no Maranhão‖. In: Textos de Centenário da Catedral Metropolitana, São Paulo, 1922. Os jesuítas no Maranhão. São Luís, 1942 e Padre Antônio Vieira. São Luís, 1952".

> Espanta-me a diabólica habilidade do judeu no exercer a ditadura do gosto no terreno do "corte e costura" onde as filhas de Eva estavam, e estão, pelos mesmos dotes peculiares ao sexo, em condições de não admitir tutelas do homem quando se trata de escolher o estofo e inventar ou preferir o feitio que imprimem à vestimenta.
> [...]
> Causa maior assombro, insistimos, o espírito de servitude baixa e incondicional de que certos expoentes do belo sexo dão mostras, executando ao pé da letra, até exagerando, as dogmáticas receitas e prescrições que o judaísmo formula, sem férias nem interstícios, pois não arreda o pé da cena, na obra anticristã, de judaizar e paganizar a mulher.
> [...]
> Fiéis, já é hora de tomarmos por outros rumos, de iniciarmos normas de vida, e aí está, e ai temos, para uma posição definida e definitiva de nossa parte, a recém fundada "Legião da Decência", com que a solicitude do Episcopado Nacional tenta, de mais um modo, salvar o Brasil da perdição, em que, como resoluto se afunda.[360]

O discurso desse religioso reflete-se como denúncia sobre um comportamento que de certo, ameaçava a ordem e o poder que se pretendia exercer sobre as mulheres da cidade. Se bem sucedidos esses propósitos por um lado, por outro, a existência de tais discursos, atesta fugas existentes dentro desta ordem, como analisa Natascha Stefania Carvalho Ostos[361]:

> Fica evidente que se existiam tantas reações contrárias à presença feminina no mundo público, seja no mercado de trabalho ou em locais de sociabilidade, era porque, de fato, elas estavam alcançando uma posição cada vez mais proeminente na sociedade brasileira, a despeito dos protestos daqueles que consideravam a exposição das mulheres fora do lar como algo impensável. Mesmo diante desse cenário de transformações é importante destacar que os valores fundados na precedência da autoridade masculina, na honra familiar auferida através do comportamento das mulheres, dentre outros elementos, ainda constituíam um imperativo poderoso, estabelecendo limites para a conduta das mulheres de "boa família".

Alterações de costumes compunham condutas comportamentais que se estendiam sobre o tecido social, e se manifestavam no pormenor que ia, do penteado ao sapato. O modo de vestir, composto por acessórios e comportamentos, era o alvo principal das investidas moralizadoras sendo utilizado "como pretexto aos moralistas para relembrar periodicamente os princípios religiosos, sobre os quais fundamentam suas interdições"[362].

As interdições também se ampliavam para a temática do trabalho, alvo de preocupações da Igreja Católica que se mantém na cruzada em favor de um comportamento feminino assentada na contenção do trabalho das mulheres fora do lar. A sociedade devia

---

[360] **VOX.** Parnaíba. 29 jan.1950. p.1;3.

[361] A autora analisa como Igreja e estado juntam forças no sentido de resolver a *questão feminina*, a saber, as mudanças perceptíveis com relação ao comportamento feminino, principalmente nos centros urbanos. OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu** (39), jul-dez. 2012, p. 322 – 323.

[362] CIDREIRA. Renata Pitombo. **Os sentidos da moda:** vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005, p. 26.

seguir uma trajetória de vida dedicada a um modelo familiar onde, o pai era o provedor e a mãe a responsável pelos afazeres da casa, cuidando do acompanhamento cotidiano dos filhos ou da família, tal como expressa-se o Papa Pio XII[363], na defesa dessa conduta e desse modelo, que acaba por afetar de forma direta, a empregabilidade de mulheres casadas:

> Aquelas dentre vós que já são esposas e mães: nos é bem conhecido quão difícil é satisfazer com fidelidade para com a Lei de Deus, os deveres de trabalhadora, em um emprego público e ao mesmo tempo os de mãe da família, como também pouco ignoramos que muitas não resistem e se rendem à tensão originada por esse duplo trabalho. Os esforços da Igreja em favor de um salário suficiente para o sustento do trabalhador e de sua família tinham e têm a finalidade de que a esposa e a mãe voltem ao seu lugar e espaço próprio.

A defesa da dignidade do trabalho que se fazia, passava pela preservação da mulher, principalmente sob a condição de mãe e esposa. A movimentação da Igreja em prol da manutenção do controle sobre as ações dos fiéis, dirigida enfaticamente às mulheres, é a tônica das falas religiosas nas igrejas e órgãos de divulgação da sua doutrina no período, com a influência da Ação Católica que ganhou força no período entre guerras, e defendia preceitos morais familiares e sociais, convocando os leigos[364] para a efetivação desse projeto.

A Ação Católica contava com ativistas em Paranaíba, ligados a instituições religiosas e educacionais que se mobilizavam em favor dos princípios defendidos pela Igreja Católica. Reis Velloso revela em seus depoimentos esta faceta de mobilização na década de 1940:

> Me envolvia em atividades intelectuais, Associação Parnaibana de Letras, Ação Católica e coisa assim.
> [...]
> Comecei a pensar, a ler sobre religião e frequentar a casa do professor José Rodrigues, diretor do Ginásio São Luís, um líder católico, que virou meu guru.
> [...]
> Às vezes vinha também o Cipriano, um líder operário de uma organização católica[365], creio que da Irmandade São Vicente de Paulo.
> Ia a casa desse professor quase todos os dias. Aos poucos, ele foi se tornando meu guru e me apresentou ao José Bonifácio, advogado do Banco do Brasil em Parnaíba, da sua faixa de idade, e que havia sido líder católico em Fortaleza. Eles me orientaram na leitura religiosa[366].

---

[363] Pio XII, 1945 b, p. 929, Apud BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Mulher Virtuosa, Quem a Achará***?* O discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV congresso interamericano de educação católica (1951), 2001, p 122. Deve-se considerar que a ação da Igreja avança, de forma articulada com o centro do poder, representado pelo Papa, em todos os locais onde se faz presente.

[364] Cf: Ação Católica Brasileira. Fonte: Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em 22 mar. 2014.

[365] Encontramos alusão e um ativismo político nos jornais da Legião Operária São José atuava em Parnaíba com atividades assistencialistas e religiosas, colocando-se claramente como anticomunista e aliada de preceitos católicos antenados com a Ação Católica. Ver: Jornal VOX, 29 de jan. 1950.

[366] D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO; Celso (Orgs). **João Paulo dos Reis Velloso**: memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004. (Coleção Tempos Modernos), p. 22 – 25.

Essas mobilizações de leigos juntavam-se à homilia domingueira, em prol da preservação das regulamentações religiosas católicas. A manifestação do Bispo de Parnaíba, D. Felipe Condurú Pacheco[367], em preleção dirigida aos fiéis[368], transcrita para o *Almanaque da Parnaíba*[369], faz uma tenaz crítica aos modernismos que ameaçavam a ordem, que parte da Igreja, defendia[370], baseando-se em outros que tinham a mesma atitude:

> Vou terminar meus filhos! Ainda um instante a vós me devo.
> Do alto desta cátedra fala ilustre orador português dos nossos dias.
> "Tudo concorre em certos bailes para se perder a seriedade que deve manter-se na vida. É a atmosfera sensual que se respira, a música que faz estuar o sangue jovem nas veias, os longos decotes provocantes, o entrecruzamento das pernas e os abraços íntimos e demorados enquanto danças as atitudes perigosas, diminuição da luz, tudo!" (D. Manuel Salgueiro: pureza e sensualismo, p, 66)
> E qual o pai consciente que, em uma sala ou praça e à luz do sol, o permitiria às suas filhas?! Corrigi tais excessos. Substituí números debochados por números dignos. Até os nomes indicam alguns a torpe origem. Entre as danças toleradas e as danças pecaminosas há vários degraus. Preenchei-os por Deus e por vossa alma! Por vossas irmãs também. Respeitai sempre as irmãs dos demais, como quereis que eles respeitem as vossas também.
> E porque dançar sábado em vez de domingo? Dançar aos sábados é faltar à S. Missa aos domingos. [...]

Os espaços de diversão que faziam parte da vida de muitas mulheres jovens, incluindo-se entre estas, aquelas que trabalhavam e divertiam-se longe do controle familiar, eram sistematicamente vigiados, não só pelos curiosos, quanto por uma ordem de moralidade preconizada por religiosos que falavam de um lugar de poder. O Bispo ainda prossegue, na mesma homilia, clamando pelo mau uso do cinema, uma sala de diversão considerada por ele perniciosa, salvo os filmes "patrióticos, morais e construtivos", bem de acordo com o que pregava a Legião da Decência.

O cinema foi outro elemento que assumiu significativa importância, como espaço de diversão e meio de comunicação, sendo alvo de controle e conveniente utilização, não apenas do Estado. A Igreja Católica, ciente do poder e do alcance desse meio de comunicação e

---

[367] O Bispado em Parnaíba foi instalado em setembro de 1945, depois de mobilização da população católica e seu primeiro Bispo foi D. Felipe Condurú Pacheco.

[368] Apesar de ser publicado em 1951, o texto é produzido, em Parnaíba, no dia 13 de dezembro de 1947, conforme datação no final do texto.

[369] ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p.65.

[370] A fala do Bispo repercute como defesa do segmento mais conservador, chegando a fazer uma crítica explícita a Alceu Amoroso Lima, que nesse período, opta por causas mais progressistas da Igreja Católica e defende um regime assentado em bases amplamente democráticas. Cf.: RODRIGUES, Cândido Moreira. Por uma nova disponibilidade: o intelectual Alceu Amoroso Lima e o rompimento com o Estado Novo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 4, Maio. 2009 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao - Artigos>. Acesso em 18 jun. 2014.

entretenimento, desenvolveu ações que visavam o seu uso, articulado com a defesa de princípios morais, dando continuidade, depois do fim do Estado Novo, a uma cruzada moralista que tinha o cinema como meio de divulgação destes preceitos, o que justificou a presença de salas de cinemas ao lado de muitas igrejas, sob a censura do Padre local[371]. Parnaíba também tinha um cinema, o "Apolo" (IMAGEM 17), nesses moldes e o seu censor, o Padre Roberto Lopes.

IMAGEM 17. O prédio maior é o Banco do Brasil, tendo ao lado o cinema Apollo**.**
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1933, p. 57.

Ambos, o cinema "Apolo" e o Padre Roberto Lopes, mereceram um lugar na memória de Goethe Rebêlo:

> Logo após o Éden veio o Cinema Apolo, situado na Praça N. S. das Graças, com a esquina da atual Rua Professor Darcy Araújo. Pertencia a Paróquia que por inspiração partidária mudou-lhe o nome mais adequadamente para Cine Teatro Pio XI. [...] O Pio XI aos poucos foi perdendo a sua boa clientela devido à caturrice do bom e ingênuo Padre Roberto Lopes que, imaginando proceder certo, colocava-se no salão de projeção e punha a sua mão aberta sobre o feixe de luz (projetor das

[371] Entre os anos de 1930 a 1960, a Igreja Católica no Brasil, deu orientações, através de boletins informativos, de cunho moral sobre filmes que eram exibidos. Sobre isso Cf.: SIMÕES, Iná. **Roteiro da intolerância**: a censura cinematográfica no Brasil. São Paulo. SENAC, 1999.

> imagens), em cenas que tivessem beijos. Filmes com cenas um pouco mais avançadas eram, de pronto, rejeitados como imorais. [372]

As ações do Padre Roberto Lopes, que podem parecer uma iniciativa pessoal e local, integram uma ação mais ampla, pois o Cinema Apolo pertencia ao Centro Católico. O Papa Pio XI, em 1936 encaminhou a encíclica *Vigilanti Cura*, na qual assinalava de forma clara, tanto as preocupações quanto as ações e direcionamentos que deveriam ser movidos, por parte da cúpula católica e Associações de Ação Católica[373], sobre questões morais e comportamentais, com relação ao cinema, bem como a melhor maneira de aproveitar esse veículo em favor da causa religiosa. Até a mudança de nome teve o objetivo de deixar claro o viés católico, em prol de um controle sobre o que deveria ser apresentado e o que podia ser visto pelos expectadores.

As interdições dirigidas às mulheres, que ecoaram após o fim da Segunda Guerra Mundial no Brasil, também foram influenciadas por campanhas estrangeiras que pregavam a volta de valores tradicionais, que tinham como eixo principal, a volta da mulher ao lar[374], já que muitas por conta de uma necessidade premente saíram de casa para trabalharem. Embora não se deva entender os discursos e ações, dirigidos em prol dessa cruzada "virtuosa" como norma e aceita tacitamente por todos.

Diferentes ideários e comportamentos femininos continuaram se entrecruzando, embora a reclusão e o pudor sejam sistematicamente postos à prova, devido às informações e influências e novos produtos de consumo que se popularizavam.

O acesso aos recursos da *toillete* feminina foi um desses novos consumos, principalmente nos espaços urbanizados, exigindo etiquetas específicas para o seu uso. Utilizar acessórios e produtos de beleza, de modo que parecesse exagerado, o batom, o *rouge* e a tintura nos cabelos, não era "permitido" a um comportamento tido como exemplar para uma "mulher direita". A imagem que segue (18), de anúncio que vai estampar as páginas do *Almanaque da Parnaíba* em boa parte da década de 1940, seguindo pela de 1950, é ilustrativa desse tipo de discurso traduzido também em imagem. As mulheres deveriam estar atentas

---

[372] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.59.

[373] Cf.: PAPA PIO XI. Carta Encíclica Vigilanti Cura. Sobre o Cinema. Disponível em: <ttp://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html>. Acesso em: 10 abr. 2015.

[374] BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

para não artificializarem, em demasia, os seus "encantos naturais". O embelezamento deveria ser "básico".

IMAGEM 18. Propaganda de um produto da *toillete* feminin*a*. Fonte: *Almanaque da Parnaíba* 1950, p. 272.

O acesso aos produtos de beleza, facilitado pela industrialização que atinge esse setor, a influência das propagandas[375] tendo como referencia as modelos que tomavam as revistas de moda e as telas dos cinemas, também suscitará influências e por outro lado, também controles sobre o público feminino. Havia uma tênue linha entre estar arrumada, uma exigência, embelezar-se sem chamar atenção em demasia e o "escorregar" para o excesso. Elegância e vulgaridade estavam codificadas por muitos símbolos comportamentais e estéticos, disseminados em diferentes espaços de formação de opinião, como podemos observar no texto que acompanha a imagem (18):

Não artificialize seu encanto natural!

[375] Cf.: Unilever: uma história de sucesso. Disponível em: <http://www.unilever.com.br/Images/HISTORIA_DA_UNILEVER_FINAL_tcm95-112364.pdf.> Acesso em: 18 jun. 2014.

> Corrija manchas, sardas, cravos e espinha e outras erupções com Leite de Colônia. Use-o pela manhã, numa ligeira massagem sobre o roto, colo e pescoço. Durante o dia, como fixador de pó de arroz e protetor de pele. Ao deitar-se, para limpar novamente a cútis. Siga esse tratamento e sua pele ganhará aquela irradiante beleza natural que os homens tanto adoram!

Deslocar-se entre a casa, a rua e o trabalho sem chamar excessivamente atenção para si, cultivando "uma beleza natural", nunca desmazelada e com uma higiene exemplar, enfim ter uma boa aparência era mais uma das imposições que as mulheres, principalmente as que compunham o público trabalhador, se deparavam, tendo ações e corpos prescritos entre sistemas de codificações institucionais. Como observa Pierre Bourdieu, analisando a construção do trabalho de "des-historicização" das diferenças entre homens e mulheres:

> Delas **(das mulheres)** se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa "feminilidade" muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser.[376] (Grifo Nosso).

Saber portar-se e exibir o corpo para o agrado de *outrem* e dentro de prescrições determinadas a uma mulher, que costumava ser vista como a expressão de um lugar, familiar, doméstico, ou mesmo no âmbito público e do trabalho, carregava inúmeros condicionantes do ser feminino.

Em Parnaíba, sob a égide das transformações urbanísticas, em conexão com as mudanças e informações, via rádio, cinema e revistas, as mulheres encontravam-se expostas aos variados apelos, quer fossem eles de origem oficial, legitimada pela "pena" dos intelectuais; quer fossem de origem religiosa repetida corriqueiramente em sermões religiosos; quer chegassem através dos produtos de consumo facultados pelos meios de comunicação, que tanto poderiam legitimar a ordem tradicionalmente imputada a elas, quanto permitir mudanças nos hábitos.

As mudanças que se intensificavam, a exemplo da escolarização feminina, industrialização no contexto de transformações do pós-guerra, condicionavam novos arranjos políticos, econômicos e comportamentais que vão se materializar, de forma mais significativa, ao longo das décadas posteriores à segunda guerra, como analisa Pinsk, referindo-se às

---

[376] BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 82.

mudanças que aconteciam em centros mais destacados no referente ao processo de urbanização.

> Essas transformações ajudaram a modificar as imagens de mulher, de sua relação com os homens e os significados atribuídos ao feminino. Nos anos de 1950, embora a integração das mulheres na atividade produtiva ainda fosse proporcionalmente pequena marcou, em termos simbólicos, uma ruptura com o passado, pois exigia qualificação, colocava as profissionais competindo em igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho e fazia delas membros remunerados da família.[377]

São mudanças que também atingem a cidade de Parnaíba, considerando-se as especificidades de uma cidade pequena, se comparada a outros espaços de urbanização mais intensa.

Parnaíba viveu um período de fausto que incidiu em mudanças urbanísticas, alavancada por uma economia que lhe permitia ser pioneiro em artefatos sinalizadores de modernidade, nesse contexto, no Piauí, em construções e consumos, embora persistissem tanto no Estado quanto na cidade, problemas inerentes a um contexto sócio produtivo que tinha como principal característica a produção e exportação de produtos primários, não resolvendo problemas estruturais e sociais que fundavam uma ordem profundamente excludente, embora um grande número de pessoas participasse, com o seu trabalho, desse dinamismo. Viveram conflitos, inerentes à modernização que se processava no mundo com relação a ideários e costumes, incluindo os dirigidos e conquistados pelas mulheres, estando às mesmas, entre a tradicional imagem do que seria o seu papel social, sendo por isso alvo de debates e premissas comportamentais da medicina, do pensamento jurídico, do estado e da religião, diante do que se apresentava como correto e moralmente moderno; e vivendo também em meio às necessidades cotidianas que em muitos casos, colidia com as idealidades de condutas, apregoados pelos discursos dirigidos ás mulheres.

Saindo de casa, a mulher manteve e ampliou a sua participação em setores tradicionalmente imputados ao sexo feminino, garantindo e afirmando-se em postos que exigiam escolarização ou conhecimentos específicos. Viveram na cidade e aquilo que era a cidade a seu tempo, aventurando-se e sobrevivendo em um cotidiano prenhe de inúmeras necessidades, integrando os múltiplos espaços de socialização e trabalho, que foram se diversificando na cidade de 1930 a 1950.

---

[377] PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012. p. 505.

CAPÍTULO 3

"BRAÇOS E INTELIGÊNCIAS VÁLIDAS": ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DAS MULHERES NO MUNDO DO COMÉRCIO EM PARNAIBA.

Neste terceiro capítulo[378], discute-se e apresentam-se os espaços de atuação das mulheres em funções ligadas ao mundo do comércio, visibilizando-se essa presença entre indícios nominais, experiências e imagens.

As mulheres analisadas, de 1930 a 1950, viveram entre discursos, guerras e o seu término, estados totalitários que deixaram os seus resquícios, aumento no volume de serviços, negócios, escolarização, e um processo de urbanização que modificou a cidade bem como a movimentação, as necessidades e as pessoas que nela viviam. Elas integraram-se de forma evidente nesse contingente de transformações.

Cenários e situações novas, criaram vontades e necessidades, que dentre outras questões, se voltaram para o provimento da família, com os novos produtos que a modernidade impunha, incluindo-se entre estes, a instrução para os filhos e as filhas. Isso possibilitaria a inserção dos(as) mesmos(as), em um mercado de trabalho formal, que se ampliava. Apesar de atingir tanto homens, quanto mulheres são elas que passam a merecer uma atenção especial, pois, ocuparam de forma ascendente, postos de trabalho em diversificados setores do mundo considerado potencialmente produtivo, que de forma específica, atinge a cidade de Parnaíba, que aumenta o volume de atividades em um mesmo contexto em que o trabalho feminino no setor de serviços, ganha mais expressão.

Como já citada, às já tradicionais atividades que contavam com mulheres em seus quadros, se juntam outras, decorrentes da expansão do setor de serviços, da dinâmica produtiva e comercial que vivia a cidade, e da crescente especialização facultada pela formação escolar. Mesmo que em número inferior aos homens, elas participaram da ampliação desses setores, integrando o alto e o pequeno comércio, inclusive o ambulante, além do setor de serviços privados e públicos.

A evidência de trabalhos desenvolvidos por mulheres, em centros urbanos como Parnaíba foi e é captada pela memória, discursos, documentos públicos e periódicos, embora, perceber essa presença, careça de uma leitura indiciária, na busca desses sujeitos, que

[378] O título do terceiro capítulo foi retirado do texto de Alda Cunha "Os direitos das mulheres". Ver: ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.285.

integradas às inúmeras funções laborais, que envolviam a negociação de funções ou produtos, encontram-se, em muito, sob o "véu" da invisibilização.

3.1 Existências numéricas e trabalho no Piauí

Ao procurar mulheres inseridas em um cotidiano de trabalho na cidade de Parnaíba, profundamente marcada por uma feição comercial, deparamo-nos com vários espaços de atuação de mulheres reais, atreladas à labuta diária, envolta em diferentes necessidades. Buscando estas atuações, enveredamos inicialmente pelos dados oficiais, referentes ao Estado do Piauí. Mesmo que esses dados, não fizessem referência, de modo específico a Parnaíba - a maioria, é computada no âmbito do Estado - constitui-se em componente que corrobora a existência destas trabalhadoras, levando-se em conta a importância que a cidade assumia, na esfera produtiva e comercial, para o estado[379]. Analisando dois censos demográficos, o de 1940 e 1950[380], observa-se bem essa presença, e contraditoriamente, a ausência destas mulheres em textos contemporâneos ao censo, que tratavam da economia desse estado.

Considerando a presença de mulheres em vários setores da economia do Piauí, cabe observar no censo demográfico de 1940[381], quando trata de "Ocupação Suplementar", funções que contavam com a presença expressiva de mulheres[382]. Era destacada esta presença nas "atividades extrativas", forte setor da economia do estado, sendo expressivo da cidade de Parnaíba. No computo do Estado[383], em um total de 7.760 pessoas, 3.662 são mulheres, que tanto poderiam estar envolvidas no trabalho de elaboração artesanal da cera, quanto confeccionando utensílios advindos da palmeira de carnaúba, como vassouras, chapéus e

---

[379] A capital, Teresina e as maiores cidades do Estado do Piauí, Parnaíba e Floriano, com maior volume de negócios, tinham a *Cobrança da dívida dos Contribuintes do Imposto de Indústria e Profissão* diferenciada das outras, sendo maior o imposto cobrado sobre elas. Os prazos para obter licença para execução de alguma atividade, também menores. Cf.: **Diário Oficial do Estado do Piauí**. 23 jan. 1932. p. 6.

[380] Não houve censo demográfico em 1930. Com a criação do IBGE em 1937, foram realizados os primeiros censos decenais a partir de 1940. O censo de 1940 faz referência ao decênio 1930/1940 e o de 1950, ao decênio 1940/1950. Cf.: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_ demografica/analise _ populacao/1940_2000/>. Acesso em: 22 jul. 2014.

[381] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico: população e habitação. Série Nacional – vol. II. 1 set.1940. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do **IBGE**, 1950. População de fato, por sexo e grupos de idades, segundo os principais caracteres individuais. Estado do Piauí. Características e respectivas modalidades. Atividade principal, p. 118. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/ monografias/GEBIS% 20%20RJ/CD1940/Censo%20 Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf>. Acessado em 15 de maio de 2014.

[382] O número de mulheres é considerado em relação ao número total de pessoas envolvidas com a atividade.

[383] Todos os números fazem referencia ao Estado do Piauí.

esteiras, que geralmente eram vendidos nos mercados ou de porta em porta na cidade. Esse trabalho envolvia toda uma cadeia produtiva, como apontam Alves e Coelho[384]:

> A cadeia produtiva da carnaúba envolve o proprietário rural (nem sempre produtor de cera), o rendeiro (arrenda o carnaubal, contrata trabalhadores para as operações de campo e, às vezes, faz o beneficiamento artesanal – pode ser também proprietário rural), o trabalhador extrativista (faz o corte e a secagem da palha), o operador da máquina de bater e ajudantes (fazem o trabalho de separação entre pó e palha), a riscadeira e o batedor de palha (fazem a separação entre pó e palha, quando a extração do pó é manual), o trabalhador da indústria artesanal de cera (elabora a cera de origem: prenseiro ou prensador, fogueiro ou cozinhador), o artesão que trabalha com a palha, o fabricante de chapéu ou vassoura, o industrial (ou refinador) da cera (que realiza o beneficiamento ou refino, podendo também fazer o papel de exportador), o corretor de exportação, o atravessador, o agiota e o importador.

Inúmeros elementos sociais e produtivos se encontram em meio a essa atividade, que acabou por marcar a face produtiva e laboral do estado, a ponto de despertar preocupações de ordem social e moral, por parte de alguns oradores, como Martins Napoleão[385] que, em um artigo intitulado "O Piauí e o Nordeste: aspectos e problemas da sua vida social", concluiu que antigos modelos produtivos e símbolos regionais, como o vaqueiro, e certamente o fazendeiro, grande criador e coronel de suas terras, perdem o lugar de exclusividade como referência de riqueza e poder no Estado do Piauí:

> A radicação secular do vaqueiro, já prejudicada pela decadência da atividade pastoril, que se acentua, cada vez mais, com o desaparecimento das grandes fazendas, de um lado, e de outro, com sua incipiente substituição, pela criação intensiva em pequenas áreas cercadas sucede o nomadismo característico dos "tiradores de palhas".
> [...]
> Onde, noutros tempos, o caboclo poderia obter uma pinga barata de aguardente ou tiquira, bebe agora, a peso de ouro, o whisky.
> À instituição familial laboriosa e pacífica do sertão, substitui-se a licenciosidade, com a mancebia e o meretrício. A sêda toma o lugar da chita, como o linho toma o lugar do riscado.[386]

As mudanças de paradigmas produtivos interferem no jogo de poder existente no Estado, e geraram descontentamentos para grupos que antes, dominavam a cena produtiva e

---

[384] ALVES, Maria Odete; COELHO, Jackson Dantas. **Extrativismo da carnaúba**: o desafio de estimar os resultados econômicos. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008, p. 5. Disponível em: http://www.sober.org.br/palestra/9/756.pdf. Acesso em: 15 mar. 2015. p.5.

[385] Piauiense, Bacharel em Ciências Jurídicas, Consultor Político das Municipalidades durante o Estado Novo, escritor, Professor, membro da Academia Piauiense de Letras.

[386] **Diário Oficial do Estado do Piauí.** 3 de mai.1942, p. 35.

social. Diante de tais mudanças, se veem fora do centro das configurações econômicas e sociais que tomam corpo, tendo que dividir com outros grupos, prerrogativas de poder.

Além da cera, produtos como a maniçoba, o babaçu e o caju, integraram parte da cena produtiva e extrativista, e agregavam funções que também envolviam mulheres. Renato Castelo Branco guardou parte dessa tradição, referentes ao trabalho de extração da amêndoa da castanha de caju e da fabricação de cajuína, em suas memórias, como atividades integrantes de parte do cotidiano de trabalhos femininos em terras piauienses[387]:

> As mulheres da fazenda, reunidas no alpendre dos fundos da casa – de – telha, entravam em atividade, fazendo cajuína e vinho de caju, engarrafando, enchendo os depósitos. Assavam as castanhas, que os moleques tiravam da casca, quebrando com pedras. Enfiavam em cordões, como pequenos terços, ou depositavam em latas para açucarar.[388]

Atividades desempenhadas por mulheres podem ser percebidas, em meio aos números e a leitura minuciosa dos indícios deixados por diferentes registros, particulares ou institucionais, a exemplo dos censos demográficos que indicam a presença de mulheres em diversas funções e áreas de atuação, conforme observamos, nos de 1940 e 1950, respectivamente.

Os dados do censo de 1940[389] corroboram também o domínio das mulheres nos "serviços e atividades sociais", colocação imputada como feminina. O número de 12. 348 mulheres atuavam nesse serviço, em um total de 17.202. Em "atividades domésticas, atividades escolares" - constituem-se em item único, talvez porque muitas escolas ainda tivessem o seu espaço dividido com as residências de professores e professoras - a maioria feminina era expressiva, em um total de 222.504, 208.279 são mulheres.

Entre as "profissões liberais, ensino particular, administração privada", existia uma distância ainda considerável entre os gêneros, de um total de 801, as mulheres são 253. Com relação ao comércio de mercadorias havia também uma predominância masculina, pois de um

---

[387]As atividades ligadas à produção de cajuína ou de extração da amêndoa da castanha de caju, ainda persistem como atividade geradora de renda para as mulheres. Ver: RIBEIRO, May Waddington Telles (coordenador) Produção artesanal e práticas socioculturais associadas à cajuína no Piauí. **INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.** Out. 2008 – set. 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_cajuina_piaui.pdf>. Acessado em 35 de mai. De 2015.

[388] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.

[389]Censo Demográfico: população e habitação. Série Nacional – vol. II. 1º. de setembro de 1940. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. População de fato, por sexo e grupos de idades, segundo os principais caracteres individuais. Estado do Piauí. Características e respectivas modalidades. Atividade principal, p. 89. Disponível: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf>. Acesso em: 15 de maio. 2014.

total de 7. 332 apenas 606 mulheres. A faixa etária de mulheres que atuavam nesse setor se mantém estável, com ligeiro decréscimo, segundo o censo entre o dez até os quarenta e nove anos[390].

Na administração, justiça e ensino públicos, contava-se com 822 mulheres para um número total de 2.208; e no serviço de transportes e comunicação, presença era bem tímida, só 92 em um total de 2.237, ficando a atuação feminina mais reservada ao setor de comunicação que envolvia ocupações nos correios e telefonia, que acabam por absorver de forma crescente, no transcorrer do século XX, mão de obra feminina.

A instrução foi um elemento que corroborou as transformações que se processavam nas relações de trabalho, que "permitiam", a inserção de mulheres em funções que exigiam qualificação. Sobre os recenseados de 1940, entre os instruídos, com exceção do item "grau superior", as mulheres estavam em ligeira vantagem [391], nos outros níveis de instrução. Como observam Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira, ao tratar das décadas de 1930 e 1940: "ao mesmo tempo em que se difundia uma nova representação da "dona de casa" e da "mãe de família" também se promovia a efetiva escolarização e profissionalização de parcela da população feminina em uma escala sem precedentes".[392]

O Censo Demográfico de 1950[393], com critérios mais detalhados, permite-nos um acesso mais pormenorizado com relação às funções e ocupações referentes às mulheres. As áreas em que elas se encontravam em maior número, eram nos empregos públicos, de modo mais expressivo no âmbito estadual e municipal, talvez por serem comuns a essas esferas as indicações, que levavam em conta os contatos pessoais, o que não inviabilizava, de todo, a necessidade de alguma formação, como era o caso das escrivãs e professoras. No censo de 1950, diminuiu significativamente a participação feminina no setor extrativo, e na área de indústrias de transformação, ecos da redução da importância dessa atividade para o setor de exportação no estado do Piauí.

---

[390] No Censo, de1940, considera-se a faixa etária entre 10 e 100 anos.

[391] Censo Demográfico: população e habitação. Série Nacional – vol. II. 1º. de setembro de 1940. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do **IBGE**, 1950. População de fato, por sexo e grupos de idades, segundo os principais caracteres individuais. Estado do Piauí. Características e respectivas modalidades. Atividade principal, p. 89. Disponível: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

[392] AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação, profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. **Cadernos Pagu** (27). Jul. – dez. de 2006, p. 241.

[393] Censo Demográfico de 1950. IBGE, Conselho Nacional de Estatística, Serviço Nacional de Recenseamento. Série Nacional, vol. I. Rio de Janeiro: 1956.

Mulheres mantêm-se majoritárias nas atividades sociais, domésticas, remuneradas ou não, e na docência, tendo uma pequena vantagem masculina com relação aos discentes no censo de 1950; aumentam sua participação na área de setor de serviços, superando os homens nas atividades de alojamento e alimentação, confecção e reparos de artigos pessoais, além de serviços domésticos. Embora as garçonetes não superem os garçons, elas aparecem com pequena desvantagem em relação a eles, pois são 86 homens para 65 mulheres.

O detalhamento do censo de 1950 permite-nos vislumbrar na coluna alusiva às "ocupações relativas ao comércio e atividades auxiliares" várias funções dessa área nas quais mulheres eram mais ou menos evidentes, esclarecendo-se que essa era um espaço majoritariamente composta por homens. O número maior de mulheres se encontrava entre "balconistas e entregadores", "vendedores ambulantes" e "embaladores e expedidores". Era bem tímida a participação no comércio de imóveis, créditos seguros e capitalização.

Em relação ao "comércio de mercadorias" eram mais atuantes na venda de gêneros alimentícios, bebidas, estimulantes, tecidos e produtos afins, calçados, artigos de vestuário, armarinho, medicamentos e como ambulantes em feiras. Sobre este item, considera-se importante destacar a grande participação feminina na "cultura de cereais, leguminosas e sucedâneas". Deduz-se que vendiam produtos, o excedente, que era cultivado por elas mesmas em quintais, sítios e roçados. A produção e a comercialização estariam correlacionadas e garantiam a manutenção de muitas famílias piauienses[394].

Junto aos setores de direção, administrativo e de escritórios, elas atuaram em todas as funções, sendo maioria somente no serviço de caixa, tesouraria e datilografia. Nesta última atividade, a diferença é ínfima com vantagem a favor das mulheres. A máquina datilográfica como meio de trabalho, ainda era dividida por mulheres e homens. Destacavam-se na área de auxiliar de escritório e de administração geral, que ainda contava com maioria masculina, assim como na função de guarda-livros, domínio absoluto dos homens.

Apesar destes números aparentemente "frios" os censos demográficos em questão permitem-nos vislumbrar uma quantidade expressiva de trabalhadoras atuando em diversificados espaços e vivendo as transformações que atingiram os meios urbanos e suas imediações, ajudando-nos no acompanhamento das mudanças que atingiram o mundo do trabalho. As mulheres foram partícipes de um processo, e construiu de fato, uma força de trabalho, que se expandiu em diversos setores garantindo a sua movimentação na cena urbana da cidade como força de trabalho.

---

[394] SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

3.2 Mulheres entre memórias e vivências de trabalho

Apresentar mulheres em atividades rotineiras, ou consideradas excepcionais, revela uma cotidianidade de condutas que não se acomoda de todo, ao pensamento concebido sobre o que deveria ser adequado ao comportamento feminino. Nas primeiras décadas do século XX, em Parnaíba, memorialistas e cronistas que escreveram e escrevem sobre a cidade, mesmo preconizando condutas femininas tidas como ideais, citam excepcionalmente, mulheres exercendo atividades comerciais na cidade.

Aparecem, em certo número de narrativas, como indícios, coadjuvantes entre relatos, que muitas vezes não têm a intenção de falar, diretamente dessas existências. O exercício da busca por estas mulheres exige a fixação da lupa ou de uma sistemática escavação, como bem observa Ginzburg[395] citando Marc Bloch: "Escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas: por exemplo, as das mulheres [...]" e de outros sujeitos, costumes ou comportamentos. Em muitas ocasiões, mesmo como protagonistas de ações de trabalho, é quase impossível identifica-las entre linguagens que desconhecem a existência de nomenclaturas do gênero feminino.

Ainda que detectadas pelos registros oficiais que as citam e falam do seu trabalho, são apresentados por cronistas e pela memória, susceptíveis a estereótipos: ousadas, corajosas e quase folclóricas aos olhos dos narradores. Apesar dessas circunstâncias, essas narrativas, traduzem atitudes de mulheres reais, que integraram o cotidiano de muitas cidades brasileiras. Ainda que habitando entre as penumbras dos textos, a vida lhes sobreveio entre experiências por conta de diferentes vontades, sonhos e necessidades.

3.2.1 Em meio à rua e a casa, entre bancas e balcões

Ao longo deste trabalho, nos deparamos com registros textuais, revelados como crônicas e memórias, sobre a atuação de mulheres, em meio ao universo comercial de Parnaíba, a exemplo das já citadas atividades extrativas e cultura de "cereais e sucedâneos", conforme aponta o censo de 1950.

Trabalhos em mercados, ou em feiras, no setor de frutas e verduras, bem como vendedoras de vassouras, cestos, potes e utensílios, no geral, confeccionados com a folha de

[395] A ideia é chamar a atenção para os testemunhos involuntários, no referente aos diversos elementos que não se configuram naquilo que é a intenção imediata de um documento. Cf.: GINZBURG, Carlos. **Fios e rastros**: verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

palmáceas e argila além de outros produtos artesanais como a renda, assinalam a presença feminina, entre 1930 e 1950, perdurando por muito tempo no cotidiano da cidade. Entre memórias e alusões ao dia a dia de trabalho da cidade, são registradas atividades comerciais regidas por administração e mãos femininas:

> Manhã cedinho, seu Lira, o Padeiro, levantava-se e começava a preparar o gostoso pão da cidade. No mercado, os vendeiros abriam suas tendas. As caboclas se instalavam no meio do largo, espalhando pelo chão os potes de barro, os chapéus de palha, os cofos, as esteiras, as rendas e colheres de pau, produtos de uma incipiente indústria caseira, que vinham vender às donas-de-casa, D. Orminda, D. Quinoca, D. Quetinha, D. Yayá.[396]

Embora comercializassem seus produtos na área urbana de Parnaíba, muitas dessas "caboclas," modo que genericamente eram chamadas essas mulheres, nunca nominadas, ligadas a este setor produtivo e comercial, eram provenientes dos Morros da Mariana[397], localidade que se unia à cidade por meio do transporte fluvial, que contava com um barqueiro, ou passador[398], pois ficava no adágio popular, "do outro lado do rio"[399]. Algumas alusões incorporam essas trabalhadoras ao cotidiano da cidade, bem como a outros tipos sociais pouco visualizados nos relatos sobre Parnaíba. Raimundo de Souza Lima apresentando a cidade observa-as, com uma ferve poética e romântica, narrando o início da primavera.

> É aí que se colhe o sorriso franco, natural das moçoilas dos Morros com os seus balaios à cabeça, tagarelando rumo ao mercado, ali é que operam o homem da carroça e o varredor, impassíveis, passo tardio, contrastando com o garoto do jornal que grita varando a onda humana num minuto.[400]

Esta presença de mulheres dos morros, com balaios na cabeça, que é indicada por Raimundo de Souza Lima, passou a ser um elemento importante para o trabalho, porque, em

---

[396] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981. p. 21.
[397] Os Morros da Mariana localizavam-se na Ilha Grande do Piauí, neste período pertencia ao município de Parnaíba. A Ilha Grande do Piauí foi elevada à categoria de município e distrito com pela Lei Estadual n. 4680 de 26/01/1994, desmembrado de Parnaíba. Fonte: IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=220465&search=piaui|ilha-grande|infograficos:-historico>. Acesso em: 18 fev.2015.
[398] Cf: SILVA, Maria Penha Fonte e. **Parnaíba minha terra (crônicas).** Parnaíba: (s.d.), p. 27.
[399] A ponte, denominada de Simplício Dias da Silva, que liga Parnaíba à Ilha Grande, onde se localiza os Morros da Mariana (atualmente Ilha Grande do Piauí), foi inaugurada no dia 10 de março de1975, na primeira gestão (1971 – 1975) do então Governador Alberto Silva. Fonte: *Jornal da Parnaíba*, de 10 de março de 2014. Disponível em: <http://jornaldaparnaiba.blogspot.com.br/2014/03/ponte-simplicio-dias-cartao-postal-de.html>. Acesso em: 18 fev. 2015.
[400] ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p.61-63.

entrevista feita com senhor, Raimundo Nonato Lopes do Prado[401] - proveniente dos morros da Mariana - quando perguntado sobre a presença de mulheres em atividades comerciais na cidade, fez alusões esporádicas sobre a atuação feminina em outros espaços de trabalho, porém, atentou, mais detalhadamente para as moças dos Morros da Mariana, atestando a persistência destas atividades no universo de trabalho local, que estavam sob o encargo de mulheres:

> E por aí..., agora, tem um detalhe lá dos Morros! Naquela época, vinha àquelas mulheres trazendo frutas e mais frutas, trazendo renda, as rendeiras, né!
> [...]
>
> Mais de qualquer maneira, sempre existiu, lá foi a fonte de renda, de mais renda. Mulher é que faz renda né? Faz crochê, faz essas coisas, sempre foi, os Morros da Mariana. E de lá vinha muita fruta também. Muita coisa boa vinha dos Morros da Mariana. Aquela época era muito farto lá. E vinha tudo pra cá. Tudo mulher que fazia isso. (Entrevista de Raimundo Nonato Lopes do Prado)

O ato de perguntar, sobre um determinado assunto, põe em destaque, algo que até aquele momento podia parecer de menor importância. "É por aí..., tem um detalhe". Algo com relação ao trabalho das mulheres é lembrado e ressaltado pelo Sr. Raimundo Nonato Lopes do Prado. A sua fala nos reporta a Alessandro Portelli (2001, p.12) quando diz que: "A entrevista, implicitamente, realça a autoridade e a consciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente"[402].

O senhor Raimundo Nonato Lopes do Prado, inquirido sobre trabalhos desenvolvidos por mulheres, chama ainda a atenção para a comercialização de outros produtos, que integravam as atividades comerciais, fixas e ambulantes das mulheres dos "Morros da Mariana". Mulheres que garantiram sua sobrevivência com o que era produzido e confeccionado por elas, merecendo um registro no universo de trabalho comercial que existia na cidade nesse período: "Vender na cabeça, trazer o bolo de arroz pra vender aqui na... até ali no porto também, né?! E muita coisa assim! [...] Fruta, bolo... [...] Renda! E galinha e crochê e toda coisa". (Entrevista de Raimundo Nonato Lopes do Prado). Plantar, coser, cozinhar, alimentar e cuidar de questões vitais à cidade, também passava pelas mãos dessas moças e senhoras que chegavam à cidade, vindas do outro lado do rio.

---

[401] Raimundo Nonato Lopes do Prado nasceu em 27 de outubro de 1930, na localidade denominada de Morros da Mariana (pertencente a Parnaíba). Embora ele tenha sido registrado em Araioses - MA, conforme relatou em sua entrevista, concedida a Mary Angélica Costa Tourinho em 27 de julho de 2012.

[402] PORTELLI, Alessandro. A história oral como gênero. Proj. **História**. SP (22). Jun. 2001, p. 12.

Essa atividade de comercialização da produção caseira, de certa forma, recebia o incentivo do Estado, com a isenção de taxas, conforme o Decreto n. 1.342 de 18 de janeiro de 1932, que dispunha dentre outras questões "sobre cobrança e aplicação das rendas municipais". No terceiro parágrafo estabelecia que: "§ 3 – São isentos de quaisquer impostos ou taxas os mercadores ambulantes, que venderem produtos da indústria doméstica, como aves, frutas, flores, verduras, ovos e semelhantes"[403].

Mulheres em inúmeras atividades de trabalho que envolviam algum tipo de comercialização, vão sendo percebidas e historicizadas, circulando entre várias ocupações e lugares.

É preciso considerar ainda, que o desenvolvimento da atividade comercial, implicava em deslocamentos diários, exigia esforço físico - acordar cedo, encarar o transporte quase diário e equilibrar essa atividade com a lide doméstica - capacidade de negociação, com fornecedores, quando era o caso, e fregueses, que precisavam ser conquistados e mantidos com a oferta de produtos de qualidade; saberem defender-se de roubos e interferências do poder público e calcular pequenos lucros. Isso tudo colocava essas mulheres longe da imagem de ingenuidade, delicadeza e de vítimas indefesas[404], pautados pelos discursos correntes.

Ainda sobre os produtos negociados pelas mulheres citadas pelo Sr. Raimundo Nonato[405], a renda, neste caso a renda de bilros produzida artesanalmente e trazida para comercialização na cidade, ou como atividade realizada por encomenda, continua como uma fonte de recursos para as mulheres desta localidade[406].

O Porto da cidade era um local dinâmico e importante para a cidade. Alusões ao movimento que ocorria nessa área põem em evidência as vendas de frutas e outros produtos, provenientes das comunidades próximas à Parnaíba, que se utilizavam do transporte fluvial – provenientes da Ilha de Santa Isabel[407] - para comercializarem os seus produtos na cidade. Antônio Rodrigues Ribeiro reforça esta ligação e movimentação comercial através do Rio Igaraçu:

---

[403] DIÁRIO Oficial do Estado do Piauí, 1932, 20 jan. 1932, p. 1.

[404] Em sua analise sobre o trabalho de mulheres vendedoras de Rua em Salvador, Richard Graham, observa que ao nos confrontarmos com o cotidiano de trabalho de mulheres, põem-se em questionamento, elementos costumeiramente postos como identificadores do comportamento de mulheres. Ver: GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade**: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador 1780 – 1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

[405] Entrevista concedida em 27 de jul. de 2012.

[406] Cf.: MENESES, Ana Claudia Pires Fontenele de. **Quem te ensinou a fazer renda**: a cultura dos Morros da Mariana – PI como influência na educação e pela renda de bilros. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Núcleo de História e Memória da Educação. Fortaleza, 2009.

[407] Pertence até a atualidade ao Município de Parnaíba.

> Por muito tempo pôde-se ver essa atividade rotineira fazer parte do dia a dia no Porto Salgado, quando chegavam os barcos trazendo os pescadores, os catadores de caranguejo, vendedores de frutas, estivadores e consumidores diversos. Os produtos que chegavam cedo ao porto destinavam-se ao Mercado Central para serem comercializados.[408]

A descrição deste espaço e das atividades que incidiam nesse local é exemplar na questão que envolve a invisibilização do trabalho das mulheres. Se não fosse possível uma confrontação com outras memórias, elas, as mulheres, não existiriam como evidência histórica, no cotidiano das relações de trabalho que abrangiam o comércio de pequeno porte nessa área e em outras da cidade, desenvolvendo serviços como verdureiras, vendedoras de frutas e manufaturando os recursos com o material e tecnologia que dispunham.

Em outras menções às atividades cotidianas do porto, mesmo quando a finalidade não seja demarcar a presença de mulheres, elas aparecem no manejo da sobrevivência, em meio a pequenos e singulares negócios. São assinaladas, embora de forma breve, por Raimundo de Sousa Lima, que costumava destacar em seus escritos, os tipos "curiosos" e pobres da cidade. Escrevendo para o *Almanaque da Parnaíba*, descreve o *Porto Salgado, laborioso e pitoresc*o, alcança brevemente uma destas trabalhadoras, de que nos servimos como representação de outras.

> Agora enquanto Cafagé, João, "Pade", Balela, Alicate, "Prinspo", Boto e outros se acocoram em torno do tabuleiro "arrochado" de sarapatel de "Dom" Maria para quebrar o "cuspo", os encarregados de armazéns, conferentes com o dinamismo dos que habitam estas plagas de Deus, vão ultimando os seus afazeres na previsão do apito da fábrica do "seu" Bem Hur, que manda fechar as casas comerciais.[409]

O pitoresco que se revela para o autor é o dia a dia de trabalho do Porto Salgado, principal local de entrada de mercadorias em Parnaíba, onde homens, na sua maioria, e algumas mulheres, circulavam integrando a faina do local. Elas estavam lá como lavadeiras (IMAGEM 19) – embora não citadas pelo autor – com o comércio com bancas improvisadas, garantindo com trabalho, a complementariedade ou total manutenção, sua e a de suas famílias.

---

[408] RIBEIRO, Antônio Rodrigues. **Parnaíba**: presente do passado. Parnaíba: Gráfica Ferraz, 2003, p. 105.
[409] ALMANAQUE da Parnaíba, 1938, p. 73.

IMAGEM 19. Lavadeiras à beira do Rio Igaraçu. Fonte: Pró Parnaíba. Disponível em: http://www.proparnaiba.com/fotografia/fotos-antigas-da-parnaiba.html. Acessado em 10 de jan. de 2015.

São pequenos negócios que se constituíam em grande fonte de trabalho para muitas mulheres da beira ou do outro lado do Rio Igaraçu que comercializam trabalho e produtos.

> Leôncio Marques, chamado pelo próprio de "Pesado das Aroeiras", depois de comer de graça no frege da Mimi Galinha – rapariguinha que negociava no porto com comida e com o corpo roliço, oferecida a preço de ocasião – meteu o prato esmaltado com a colher de latão no cofo que trazia à tira-colo e saiu feliz da vida.
> Entrou no estabelecimento comercial de seu Vicente Sales, logo no primeiro quarteirão do Porto Salgado e pediu uma "chamada", que o caixeiro serviu de graça. Era para rebater a aça enjoativa da panelada da Mimi galinha, que não parava de vender na freguesia diária do porto o seu prato fumegante de "miúdo", tremendamente apimentado.[410]

Mulheres como Mimi assumiram o espaço que era possível no mundo marcadamente masculino do porto, oferecendo alimentos para embarcadiços e transeuntes que por alguma necessidade, circulavam naquele espaço. Diferenciavam-se do que era pretensamente feminino, pela ordem comportamental vigente, como ressalta, a partir da análise histórica, Rachel Soihet[411]:

> Como era grande a sua participação no "mundo do trabalho", embora mantidas em posição subalterna, as *mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam muito, em sua maioria não

[410] LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987. p. 30.
[411] Analisa sanções e violências infligidas sobre mulheres pobres no espaço urbano brasileiro entre os anos de 1890 a 1920. Cf.: SOIHET, Raquel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: SOIHET, Raquel, História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

> eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao *sexo frágil*.

Embora não fosse regra, o trabalho no ramo alimentício, dependendo do local ou da rua em que estivesse localizado, desenvolvido por mulheres, não raras vezes, estava associado à prostituição. A dança, a bebida e a comida, coligavam-se, em lugares específicos da cidade, com esta atividade, como podemos vislumbrar no comentário de Freitas[412]: "E o não ter onde comer à noite, a não ser nos cabarés, onde tinha uma gostosa galinha ou um camarão a alho e óleo...".

O *cabaré* cumpria funções, para além da que se pronuncia de imediato, como reitera Araken[413]: "Guardo a figura de D. Hermínia, matrona muito limpa, muito cheirosa, respeitadora e muito acatada por todos. Conjugado ao seu ambiente mantinha um restaurante, que servia a melhor galinha da cidade". Detalhando que o lugar era um prostíbulo ainda observa: "Mas o lugar em si estava mais para restaurante, com suas mesas e toalhas quadriculadas ao longo do salão, meia luz e um som brega em uma eletrola"[414]

É factível observar, por parte do registro memorialístico masculino, a evidência e importância dada aos prostíbulos. Tomando de empréstimo a afirmação da historiadora Maria Odila, a prostituição "parece atividade mais normativa e mais facilmente aceita do que ofícios ligados ao pequeno comércio ambulante"[415]. Adjetivos como dona, limpa e cheirosa, atestam a imagem de um espaço bem aceito e necessário à cidade, e como uma atividade pertinente a determinadas mulheres, desde que é claro, não transpusessem espaços socialmente indicados para as mesmas, como o já citado lado "certo", a ser ocupada por cada grupamento social que passeava na Praça da Graça.

Consideramos ainda que a venda de comida e bebida nesses estabelecimentos, acaba sendo um estratagema utilizado com dois objetivos mais imediatos. Primeiro oficializarem algo que não era legal, neste caso um prostíbulo, pois escamoteavam a ordem apresentando-o com outra finalidade. Segundo, acabavam por agregarem valor ás suas atividades, garantindo dessa forma o aumento de receita e a sua manutenção de forma legalizada. Como exemplo tem-se um registro oficial. Eva Pereira da Cruz, mantinha na Rua Coelho Rodrigues, no Bairro Tucuns (atualmente São José) um estabelecimento comercial que no *Almanaque da*

---

[412] FREITAS, Rubens. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba, PI: Gráfica e Cópias, 2007. p. 80.
[413] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1995. p.54.
[414] Id. Ibdem.

[415] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Mulheres sem História. In; **Revista de História**: nova série. São Paulo, USP. n. 112, jan. – jul. 1983. p. 38.

Parnaíba[416] aparece como "Restaurante e Pensões". No mesmo periódico[417], anos mais tardes, a referida Eva, assumiu a natureza do seu estabelecimento, aparecendo na atividade referida como "Cabarés e semelhantes". A política empreendida pelo Ministério da Educação e Saúde Pública[418], de controle desses estabelecimentos, assim como as cruzadas de disciplinamento moral talvez já não contassem com o mesmo poder repressivo, desenvolvendo mais um controle de ordem sanitária, possibilitando a nominação dessa atividade de modo expresso.

O trabalho entre tabuleiros, como ambulantes ou em feiras, vendendo trabalhos manuais e artesanais, frutas e alimentos, a administração de um pequeno comércio e a venda de produtos elaborados artesanalmente, acompanha a história do trabalho feminino no Brasil, não sendo esta realidade indiferente à Parnaíba. Porém, a participação em outras atividades remuneradas formais, na esfera do comércio, que exigiam alguma formação escolar ou o conhecimento elementar nos números e escrita, e nos setores de serviço ainda era tímida, nas primeiras décadas dos anos de 1930 na cidade.

No *Almanaque da Parnaíba*, na parte indicativa de prestadores de serviços e funcionários de repartições públicas e empresas particulares, só parteiras e professoras são citadas neste período. Esta tímida presença no setor formal talvez se justifique pelo fato do setor de serviços ainda ser limitado e os cursos, como os oferecidos pelas escolas de datilografia que formavam para esta finalidade, não trouxesse a aceitação e o retorno imediatos; e os de guarda – livros só tivessem ressonância em termos empregatícios, de forma evidente, na década de 1940 em diante. Portanto, uma mão de obra, incluindo-se a feminina, para um setor comercial profissionalizado e de serviços, só tomou corpo da década de 1940 em diante.

Uma das primeiras atividades assalariadas formais, que detectamos como sendo mais comum e acessível às mulheres em Parnaíba, na década de 1930, no universo de atividades de comércio, perdurando por outros períodos, foi a de garçonete. Apesar das alusões a elas serem raras, o seu trabalho foi costumeira nos bares da cidade.

No *Almanaque da Parnaíba* de 1937[419], o articulista Alarico da Cunha - fazendo alusão a Otávio Passos[420] - descrito pelo relator, como homem de boa índole, embora fosse

---

[416] ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p.375.

[417] _____, 1963, p.359.

[418] Criado em 14 de novembro de 1930. Ver: Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao>. Acesso em: 11 abr. 2015.

[419] ALMANAQUE da Parnaíba, 1937, p. 213.

sisudo, recatado, pudico e católico intransigente - deixa-nos um relato sobre a constância de garçonetes nos bares da cidade: “Por ocasião dos festejos da Pátria encontrei-o no Bar Pavilhão, o único que ele frequenta, porque não há “garçonetes”. O texto sugere, levando-se em conta a personalidade da pessoa descrita, que a presença de mulheres servindo à mesa, não lhe era moralmente positiva, dai a sua recusa em frequentar tais ambientes.

Cabe um parêntese, com relação ao Pavilhão Bar, designação de registro, apesar de não apresentar os serviços de garçonetes, era uma mulher, Maria Leite Pereira, a indicada, pela documentação analisada, como sua proprietária. A primeira que mapeamos identificada com essa atividade, apontada na coluna referente a “Botequins” a partir do ano de 1937[421]. Este estabelecimento localizava-se na principal Avenida de cidade, a Getúlio Vargas, próximo ao Porto Salgado, e enquadra-se no processo de urbanização e modernização da cidade (IMAGEM 20). Mesmo sendo indicado como parte das transformações urbanas, não foi feita nenhuma referência ao nome de sua proprietária. O Pavilhão Bar[422] foi demolido quando da construção da ponte Simplício Dias da Silva, na década de 1970.

URBANISMO

Uma linda fotografia da moderna Parnaíba, a atual avenida Presidente Getulio Vargas. A' pagina 155 publicamos dois aspectos do mesmo trecho

por onde se póde aquilatar da radical transformação que se operou em nosso urbanismo.

Nas Velhas fotografias observa-se a usual e secular arborisação de então, substituida hoje por Monumento Comemorativo, Corêto e Pavilhão-Bar, circundados por lindos e bem cuidados jardins; obras estas que devemos á gestão adiantada e operosa do ex-prefeito Sr. Ademar Gonçalves Neves

IMAGEM 20. Trecho da Avenida Getúlio Vargas, tendo ao fundo, depois do Coreto, o Pavilhão Bar. Fonte: *Almanaque da Parnaíba,* 1939, p. 159.

[420] Despachante aduaneiro da cidade.
[421] ALMANAQUE da Parnaíba, 1937, p. 291.
[422] Em 1940, outra pessoa, Antônio do Carmo, já se encontrava a frente do bar. Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 389.

No texto que acompanha a imagem (20), o Pavilhão Bar é considerado parte do novo, colocado entre jardins, coretos e a operosidade das ações políticas, em contrapartida ao que havia antes, o velho. Como refere o autor do texto subscrito à imagem, a mudança desse espaço poderia ser autentificada através das "velhas fotografias".

As considerações sobre o trabalho da garçonete corresponderiam às restrições impostas pelos discursos sobre condutas acertadas para o público feminino. Em bares onde se utilizava o serviço de garçonete, poderia, em alguns casos, haver uma frequência majoritariamente masculina. O atendimento ocorrido durante o dia podia estender-se até a noite, em um horário que seria mais sensato o recolhimento de mulheres que trabalhavam fora, salvo se estivessem acompanhadas de pessoas recomendadas pela ordem moral vigente. Eram condutas postas em dúvidas e com o ofício posto sempre entre aspas.

O Bar Pimpão (IMAGEM 21) em Parnaíba[423] é ilustrativo dessa presença de mulheres atuando na função de garçonete. Enfim, existiram, foram captadas pela lente de um fotógrafo, que, registrando-as em um dia de trabalho entre fregueses masculinos, as tirou do anonimato. Perfiladas ao fundo, cinco garçonetes, e outra personagem feminina que se esgueira pela porta, sem o avental branco, tirado providencialmente, talvez para aparecer na foto. Seria a cozinheira? Todos(as) organizados(as), conforme seus lugares para o *click* do fotógrafo, que parece ter sido registrado durante o dia, pois a luminária na parede não encontra-se ligada. Estavam perfiladas atrás das mesas ou bancas, como indica D. Odelita[424] - que é a quarta, de avental, da esquerda para direita - descrevendo o seu espaço de trabalho: "Tudo era nas bancas, as bancas eram doze bancas, era tudo cheio de gente, eram umas branquinhas redondinhas, branquinha, de louça..."[425].

[423] Localizava-se na Praça da Graça, n. 16.
[424] Odelita Neves Ribeiro nasceu em 29 de abril de 1913 em São Miguel – PI. A entrevista foi concedida a Mary Angélica Costa Tourinho em 27 de julho de 2012.
[425] A imagem (21), não é visualizada por D. Odelita, no momento da entrevista. Todo o seu relato seguiu baseado apenas na experiência resguardada pela sua memória, sem enxergar qualquer imagem, uma vez que a mesma ficou cega.

IMAGEM 21. Bar Pimpão, em Parnaíba, na década de 1930, com frequentadores, tendo as garçonetes ao fundo. Fonte: Acervo particular da Sra. Odelita

As garçonetes uniformizadas com o avental, designativo das funções da cozinha – semelhantes aos usados pelas copeiras na atualidade - e do servir à mesa; roupa preta, com golas baixas arredondadas, em cor branca, indicava, respectivamente, a sobriedade de quem não deve chamar à atenção em demasia e o cuidado que se deveria ter com a higiene, além de se buscar uma semelhança com os uniformes que já eram ostentados entre os serviçais europeus; todas com os cabelos curtos, demonstrando a persistência da influência do corte à *garçone*[426] e braços á mostra, traduziam o conceito dos serviços de garçonete, entre as mesas e os fregueses do Bar Pimpão.

[426] Entendendo a moda como elemento de análise sociológica, e delimitando esta análise com relação ao comportamento a mulher nos anos de 1920, em um artigo *Moda e elite nos anos 20*, os portugueses Walter Rodrigues, Isabel Rodrigues, Teresa Requejo e Rogério Neto observam sobre esta década que: "[...] o penteado *à garçone* impôs-se e, como tal, o cabelo passou a ser usado mais curto, por vezes de tal forma que houve até quem lhe chamasse cabelo *à garçon*. Os chapéus, por seu turno, acompanhando o movimento dos cabelos, diminuíram consideravelmente de tamanho [...]. De qualquer forma os pequeníssimos *feltros* da moda, com as suas curtas abas e enfeites simples, pareciam possuir tamanho suficiente para acomodar o diminuto volume capilar das elegantes da época". Comunicação apresentada às VI Jornadas de Comunicação e Cultura no ISCTE e promovidas pelas CIES em janeiro de 1987, p. 195.

Ainda sobre os uniformes das garçonetes do Bar Pimpão, ele apresentava uma pequena touca (IMAGEM 22), ou como nos diz a Sra. Odelita Neves Ribeiro em sua entrevista: “um carpetizinho na cabeça também”, muito identificada com perfil dos chapéus de abas pequenas, que vestiram as cabeças nos anos de 1920, demonstrando a permanência das influências desta década em anos vindouros. As toucas ostentadas pelas garçonetes, talvez ainda não tivessem a função higiênica, pois estas não acompanham o uniforme das garçonetes, ao serem fotografadas em meio ao trabalho (IMAGEM 21). De modo geral a estética, evidenciava o lugar profissional destas mulheres, bem como influências da moda em voga.

IMAGEM 22. Garçonetes do Bar Pimpão. Ao centro o marido de D. Odelita[427].
Fonte: Acervo particular da Sra. D. Odelita.

A importância creditada ao seu trabalho, de garçonete do bar Pimpão justifica um registro exclusivo dessas mulheres, com os seus uniformes de trabalho (IMAGEM 22).

Os espaços de deslocamentos das garçonetes, dentro de um bar, entre uma clientela masculina, exigia cautela em nome da moralidade vigente, pois elas eram sujeitas às convenções e aos olhares de uma pequena urbe. O cuidado com o comportamento solicitava para que se colocassem próximas ao balcão, quando não estivessem atendendo aos clientes. D. Odelita chama a atenção, de modo especial, para os posicionamentos físicos, neste espaço, o Bar Pimpão, indicativos do trabalho de bem servir e comportar-se, de acordo com o que era a sua função:

[427] D. Odelita substituiu a foto de uma colega pela do marido.

> Servi lá a banca toda, mas aí, aí, não ficava na banca não, não sabe, servia tudo, preparava tudo e saía. Ia ficar lá no balcão junto do gerente. Aí eles comiam e batiam na beirada do prato, tim, tim, tim, pra receber o dinheiro, aí pagava, deixava uma gorjeta. O primeiro dia que eu fui trabalhar no Pimpão foi logo, essa arrumação. (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

Estar próximo ao balcão, dentro do movimento que a sua função exigia, acena para uma associação com ideia de respeitabilidade que marcava a sua atuação, e a de suas colegas, nesse ambiente de trabalho. Só a necessidade de atender aos fregueses, permitia a aproximação das garçonetes com os mesmos, fora isso, a atenção deveria ser distanciada, próxima ao balcão e ao gerente.

A ideia de respeito é enfatizada em outros momentos da entrevista, referência que talvez seja necessária à preservação da imagem de moralidade e bons costumes, em um recinto de trabalho, por conta de uma expressiva clientela masculina; de um mundo ainda regido pelo controle das condutas morais, tanto de forma tácita quanto explícita, acompanhada por um núcleo urbano pequeno; e onde os contratos de trabalho ainda eram calcados em relações pessoais com práticas paternalistas ainda em voga.

> E tinha, e o seu Zé Carneiro tinha um carro que era de..., de deixar as empregadas né. A empregada não ia... até que ele mandava deixar cada uma na sua casa, pra não ir acompanhada, não sabe? De... ir de namorado, ou mesmo qualquer um rapaz pra acompanhar a moça em casa, ele não..., era uma responsabilidade muito grande do patrão e da patroa a D. Leonilda. Eles eram casados, só tinha uma..., era três filhos, era o José e o..., um pequenozinho e a Maria José, a filha dele, do dono do café. (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

Independente dos nomes elencados pela Sra. Odelita[428], a ideia de respeito e de cuidados, dispensados pelos patrões, acompanhado do cuidar marcam o seu discurso. Embora o cenário seja outro, Antoine Prost[429] faz referências à Europa, em período posterior à primeira guerra, que também são percebidas no cotidiano dessas relações de trabalho, descritas por D. Odelita, em Parnaíba. Ele observa no campo da historiografia que em diferentes situações de trabalho, as relações entre patrões e empregados, fossem em âmbito doméstico ou no de pequenas empresas, ainda eram paternalistas. Embora não desconsidere o interesse patronal, observa que: "Na verdade, para mentalidade da época, o patrão ou é paternalista ou é explorador cínico e feroz" [430]

---

[428] Não conseguimos checar os nomes indicados por D. Odelita, salvo o Sr. Carneiro, proprietário citado pela mesma e que de fato respondia pelo Bar Pimpão e o Hotel Carneiro, conforme anúncio (IMAGEM 23) e em outras referências, principalmente no *Almanaque da Parnaíba*.

[429]PROST, Antoine. **Fronteiras e espaços do privado**. In. ARIÈS Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias. v. 5. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.p.47.

[430] Id. Ibdem.

Mesmo sendo distinta, a realidade espacial e temporal de D. Odelita, da observada por Prost (1992), a representação de uma relação paternalista, se manifesta em seu discurso, embora ela não a denomine como tal. A responsabilidade do patrão e da patroa, garantindo que ela não fosse acompanhada por homens, no trajeto entre o trabalho e a casa, para que não tivesse a sua moral comprometida, designa o sentido paternalista e de família do seu espaço de trabalho.

No anúncio (IMAGEM 23), ao lado da divulgação dos produtos e serviços oferecidos por. J. A. Carneiro nos seus empreendimentos, além de indicarem a busca por uma sofisticação e diferenciação nos serviços, às expressões asseio e presteza, encontra-se outra, "decência", fundamentando a ideia de uma moralidade necessária à boa imagem que o lugar devia ter e manter para a cidade e frente aos demais que existiam.

IMAGEM 23. Propaganda do Bar Pimpão.
Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 128.

Na divulgação (IMAGEM 23) referente ao Bar Pimpão, a alusão à presença de uma equipe de garçonetes, e não apenas uma atendente, era utilizada como elemento que

diferenciava este local de outros estabelecimentos com a mesma função. Situado na Praça Graça, centro da cidade, próximo ao cinema e à Igreja Matriz, lugar privilegiado de socialização, a localização o coloca em destaque no espaço da cidade e na memória de D. Odelita, que seletivamente o destaca, percebendo-o como um lugar de distinção, com relação aos demais estabelecimentos congêneres. Ela assevera a importância do seu lugar de trabalho diante de outros, quando diz: "É que o bar mais luxuoso, o mais rico era o Pimpão mesmo, que era dos portugueses". O tempo desaparece do seu relato. O é, e não o era, transformam o lugar em protagonista, tanto no universo da cidade quanto no de sua memória.

Merece registro algumas experiências vivenciadas de modo particular, neste ambiente, o Bar Pimpão, por D. Odelita, em meio às lembranças do cotidiano dos afazeres que eram de sua responsabilidade. Na narrativa sobre esse seu tempo de trabalho, não houve espaço para as dificuldades que deve ter tido, idealizando um ambiente de trabalho perfeito; fixou novos aprendizados, com nomes alheios ao seu conhecimento, até aquele momento, admitidos pela experiência que trabalho de garçonete lhe permitiu, além é claro, de relatar o cotidiano de suas tarefas em um bar, importante no espaço de socialização para a cidade e de trabalho para ela, na década de 1930:

> Aí quando eles chegavam as meninas iam...aí eles perguntavam: Tem isso? Tem aquilo? Elas não sabiam se tinha se não tinha. Não tem não! Não tem não! Elas só serviam era cerveja, era guaraná, e café, e um ou outro sanduíche de assado de carne de porco.
> [...]
> Bem aí, as meninas não diziam nada. Não iam perguntar, e aí fico assim, e digo: Olhe o senhor dê licença, eu vou perguntar ali ao gerente se tem.
> Aí eu fui. Com licença eu vou perguntar ao gerente. Fui lá onde tá o seu Ramiro. Seu Ramiro tem mortadela? Encabulada com esse negócio de mortadela! Olha mais eu fiquei... Ignorei foi muito mas não disse nada, ficou só comigo mesmo.
> Seu Ramiro tem mortadela? Tem. Vermute? Tem! Tem Oditon? Tem! Vá perguntar quantos sanduíches, quantas garrafas de bebida. Aí eu fui perguntar... Olhe é uma garrafa de vermute, uma de Oditon e três sanduíches. Aí eu voltei, fui dizer para o gerente. O gerente era quem preparava o sanduíche. Me deu logo as duas garrafas de bebida, e eu fui botar lá na banca, a bandeja com os copos, enquanto ele preparava as mortadelas, eu entrego, impressionada! Mas meu Deus, o nome é horrível, o nome, eu achei horrível, esquisito o nome. (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

Com noventa e nove anos (à época da entrevista), D. Odelita, disserta sobre o seu trabalho, a partir de memórias, que, se não esboçam de todo ao seu cotidiano de trabalho, explicitam a percepção com relação ao olhar que voltou para si, como parte dessas interações sociais e de sobrevivência, e ainda os aprendizados e estranhamentos que esta experiência lhe proporcionou, como o contato com uma nova nomenclatura, que nunca lhe saiu da cabeça, e que foi, e continua absolutamente atual, o significado que assumiu para ela. Mortadela, "o

nome é horrível, eu achei horrível". O tempo da lembrança torna-se absolutamente o presente[431].

Sente-se orgulhosa da sua trajetória de trabalho e diz, quando perguntado sobre as outras possibilidades de trabalho naquele período o seguinte: "As moças só se empregavam no Pimpão, que era uma coisa de maior respeito. E tinha a aula de aprender costurar, bordar, fazer crochê, tudo isso". O trabalho de garçonete não é colocado por ela como algo inferior, entre as hierarquias que marcavam o seu mundo social, e nem com a amargura que Paulo Aragão se refere à Biduca, um personagem, pois este, se prendendo as suas convicções pessoais sobre o outro e valorizando suas experiências masculinas,[432] em detrimento de um outrem feminino, acaba fazendo uma leitura própria do trabalho das mulheres garçonetes, nome colocado sempre entre aspas para esse autor.

De modo oposto ao que elabora Paulo Aragão, ao escrever sobre uma garçonete, a autoimagem que D. Odelita constrói de si é positiva e feliz, passando pelo trabalho que lhe garantiu visibilidade e acesso às diversões e a um vestuário domingueiro e de festas, adequado aos eventos fora do local de trabalho (IMAGEM 24), facultados pelo seu salário.

IMAGEM 24. D. Odelita, a quarta da esquerda para a direita, e suas colegas de trabalho à paisana. Fonte: Acervo pessoal da Sra. Odelita.

O significado do seu depoimento, mais do que referendar verdades, apresenta-se no âmbito da história oral, no sentido de que: "tem mais que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história diante da memória de testemunhos fragmentados que

[431] SARLO, Beatriz. **O tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007.
[432] SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. **OPSIS - Revista do NIESC**, v. 6, 2006, p. 11.

têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível" (JOUTARD, 2000, p. 35) até a pessoa ser interpelada e valorizada, enquanto parte de uma história.

> Eu trabalhava, minhas companheiras de... era o nome duma era a Joana, Joaninha, e Lourdes e a Adélia. Ainda me lembro o nome delas, parece que nós estamos trabalhando agora lá no Pimpão. Ai elas, e o dono do café era seu Zé Carneiro, era português e o tudo era português, era quatro português, era o dono do café que era o seu Zé Carneiro, era..., o gerente o seu Ramiro, o português, era os empregado lá do escritório, era o seu Manoel, português, e o seu Fernando, que era o que entregava o dinheiro para os trabalhador passar troco.(Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

E como valorização das pessoas e do seu trabalho, é sempre importante considerar os nomes, sendo-nos possível identificá-los entre os fragmentos das memórias da Sra. Odelita.

O Bar Pimpão muda de dono e mantém equipes de garçonetes, em seu quadro (IMAGEM 25) de trabalho.

98 ALMANAQUE DA PARNAIBA 1941

BAR PIMPÃO

— O PONTO CHIC —

da cidade, onde se faz ouvir afinada orquestra

Completo sortimento de Bebidas Nacionais e Estrangeiras

CONSERVAS E FRIOS EM GERAL

Otimo sortimento de chocolates finos em confeitos e em caixas de luxo, para presentes

DOCES DE CALDAS E EM MASSA

Presunto, Queijos e variado sortimento de Bombons finissimos

CAFE' QUENTINHO A QUALQUER HORA

Leite, Cremes e Refrescos gazeificados

ABSOLUTO ASSEIO, PRESTEZA E DISTINÇÃO

Servido por três turmas de Gaçonetes

PRAÇA DA GRAÇA, 16

Telegrama: — PIMPÃO -- Telefone 190

PROPRIETARIO

Eduardo Soares e Silva

ESTADO DO PIAUI'

PARNAI'BA

IMAGEM 25. Propaganda do Bar Pimpão.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1941, p. 98.

Sem desfazer-se dos referenciais de "asseio, presteza e distinção", a propaganda do Bar Pimpão (IMAGEM 25) no *Almanaque da Parnaíba* na década de 1940, substitui o texto que fazia referência ao fato de ser o mais "bem montado em todo o Estado", por outro que o

anuncia como "o ponto chique da cidade", tendo a música com orquestra como destaque. Sob outra administração, o termo decência desaparece, talvez já tivesse garantido a sua clientela, sendo desnecessário asseverar a conduta e as referências morais, que pautava um lugar, frequentado pelos transeuntes e moradores com acesso ao centro.

Podemos observar que ao longo da sua trajetória, que a salvaguarda da imagem moral das empregadas, também preservava a empresa – constituída pelo bar Pimpão, Padaria, fabrica de macarrão e torrefação de café[433] e o Hotel Carneiro, conforme anúncio (IMAGEM 25) - que também traziam no seu espaço de trabalho, a família gestora dos negócios, e outras que adentrassem aos estabelecimentos. Não deveria haver, dentro desta ordem, espaço para condutas consideradas moralmente contraproducentes.

Saindo da esfera da atividade de garçonete, serviços autônomos, também vinculados ao mundo comercial da cidade, assumiam espaço importante na labuta cotidiana e como fonte de recursos e sobrevivência para muitas mulheres em Parnaíba. Um deles era o serviço de hospedagem, oferecidos por hotéis e pensionatos. Um desses hotéis, um dos já citados empreendimentos de J. Carneiro, uma faina de trabalhos femininos se estruturava, como podemos perceber em um fragmento do olhar de Castelo Branco[434] em sua narrativa sobre o amanhecer que ele enxergava da cidade: "A comadre Venância, do Hotel Carneiro, acordava as cunhãs e mandava-as para a cozinha".

Nesses detalhes se torna possível perceber a presença de mulheres, trabalhando entre empreendimentos familiares, muitas vezes em uma função de liderança, embora seus nomes pudessem não aparecer.

Os serviços ligados à hospedagem e alimentação, como hotéis e pensões, aparecem como atividades ligadas à administração de mulheres, muitas vezes dividida com o marido e parentes, ou sendo uma das formas de sobrevivência das solteiras ou viúvas, sendo item historicamente percebido em outros períodos e localidades[435]. Deve-se considerar, que o Decreto n. 1.342 de 18 de janeiro de 1932, § 4, inciso 3[436], isentava casas de viúvas, com

---

[433] Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1944, p. 328.

[434] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.p.21.

[435] Essa situação é recorrente em outros contextos, como aponta Silmária Souza Brandão: "Identificamos que as mulheres comerciantes e, em particular as viúvas, compõem um grupo variado no que se refere a condição social, pois que o tamanho dos negócios desenvolvidos abarca pequenos comércios, como os de armarinhos e lojas de miudezas, até negócios de maior envergadura como trapiches e hotéis". Cf.: BRANDÃO, Silmária Souza. *Riqueza e poderes*: mulheres viúvas na condução de suas vidas na Salvador oitocentista. XXVII Simpósio nacional de história, Natal RN - 22 a 26 de julho 2013, p. 6. Disponível em: <:http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364264067_ARQUIVO_SilmariaSouzaBrandao.docANPUH2013.pdf>.

[436] DIÁRIO Oficial do Estado do Piauí, 1932, 20 jan. 1932, p. 1.

valor determinado, do imposto predial, o que ajudaria na manutenção de uma atividade que tinha a casa como centro.

Associado ao setor alimentício, a administração de pensões e hotéis, seguia os mesmos cuidados com o nome e a reputação. A ênfase sobre ser um ambiente familiar justifica-se porque muitas pensões e restaurantes, como já indicados anteriormente, escamoteavam atividades de prostituição.

Parnaíba como um centro de atividade comercial, negócios e serviços, atraia pessoas que necessitavam de hospedagem, caso não dispusessem da casa de amigos ou parentes. Ao longo das duas décadas vários espaços destinados a esse fim são indicados nos dados oficiais, almanaque e por memorialistas.

No centro de Parnaíba, encontramos alusões a mulheres que assumiram esse trabalho. Edite e Denise Rocha, possivelmente irmãs, já que tem o mesmo sobrenome, são as proprietárias de uma pensão, que continuou por muitos anos na cidade, embora tenha sido D. Edite Santos que se manteve a frente da mesma. Localizada inicialmente à Rua Quatro de Outubro, transferiu-se para um dos principais logradouros da cidade, a Praça de Santo Antônio e tinha o nome de "Santa Teresinha". D. Maria José Ferreira Santos[437], que chegou à cidade já na década de 1950, lembra-se da senhora, bem como do local, que já estava estabelecido há anos na cidade e que abrigava homens, mas, pelo caráter de respeitabilidade do local, também acolhia mulheres:

> [...] mas depois passei pra Pensão da Judite[438]!
> Era ali onde agora...é ali na Praça de Santo Antônio, onde tem as tabuas, não funciona mais nada lá! Era bem apegadinho da rádio, a rádio era na esquina, era no canto, agora tá com umas tabuas, eu não sei como!
> [...] ela era solteira e já era velha, mas fininha.
> Hospedada lá, era eu a Dorinha, do Imposto de Renda, era a Maria Ângela, era a Maria Ângela da Estrada de Ferro, era a Nair do Imposto de Renda, era a Beatriz do Patrimônio da União, não é! Era só funcionário, era só dos funcionários! (Entrevista de Maria José Ferreira Santos)

A descrição da Sra. Maria José Ferreira Santos, além de evidenciar a importância desses espaços de hospedagem, que possibilitava que outras mulheres trabalhassem fora do domicílio de pais e parentes, não tendo a sua conduta moral comprometida, nos remete a outras experiências, daquelas que se deslocavam de suas cidades, pela necessidade de

[437] Maria José Ferreira Santos nasceu em 25 de outubro de 1925, em São Luís, MA. Concedeu a entrevista a Mary Angélica Costa Tourinho em 15 de julho de 2012.
[438] Embora haja uma confusão de nomes, foi averiguado que se trata de D. Edith.

aproveitarem oportunidades de trabalho, neste caso específico, em instituições públicas. O relato ainda admite a sua própria experiência e de outras colegas do serviço público.

Em Parnaíba, como já observado, persiste um modelo de empresa familiar em lojas e empreendimentos de pequeno e médio porte, onde não era incomum a presença de esposas junto ao marido, podendo-se contar ou não, eventualmente, com a ajuda dos filhos e filhas.

No ramo de hospedagem, a família ou o que restara de uma, era predominante até como elemento de prestígio e garantia de respeito. Trabalho e vida privada estavam integrados nesse empreendimento. Goethe Pires revela-nos um desses arranjos frequentes, primeiro localizando com riquezas de detalhe o que ele descreve somente como um bar. "Os rapazes solteiros tinham como hábito encomendar, com antecedência de alguns dias, ceias de natal no Bar do Nagib, que ficava na esquina da Rua Riachuelo com a Praça Nossa Senhora das Graças". Depois coloca em cena a esposa do Nagib, que tentava socorrer uma figura real, entre histórias ou fruto talvez de memórias casuísticas, que tentava vencer o desafio de ingerir seis pratos de "canjica com leite de coco".

> Existe uma crendice popular no Brasil, de que chá preto ajuda na digestão, assim como na França acontece com conhaque.
> Dona Izabel, esposa do Sr. Nagib, dono do bar, acercou-se preocupada e com a melhor das intenções, perguntou ao Zezé; o Sr. Aceitaria um chazinho preto?
> "Aceito sim senhora, só se for com umas bolachas".[439]

Real ou fictício o episódio, o que se evidencia para nós é a figura de Dona Isabel, que além desse relato, aparece tanto no *Almanaque da Parnaíba* quanto no jornal *O Norte*[440], como a dona do empreendimento. O espaço conhecido como "Pensão do Nagib", chamava-se oficialmente Hotel Central[441], e na fachada apresentava o nome de "Café Pensão Central" (IMAGEM 26). Isabel Lufti, a D. Isabel, era quem respondia pelo local[442]. A imagem (26) foi à única que conseguimos encontrar desse espaço de encontro, trabalho e memória.

---

[439] REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d]. p.86.

[440] O NORTE, fev.1940.

[441] O Café Pensão Central localizava-se, onde hoje é a sede do Banco Itaú.

[442] Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1939, p. 391 e 1942, p. 333.

IMAGEM 26. Café e Pensão Central, canto da Rua Riachuelo, na lateral da Praça da Graça (Pensão do Nagib). Fonte: Acervo Cosme Costa Sousa.

Além das alusões anteriores feitas ao Café e Pensão Central, Assis Brasil, nos cruzamentos de elementos fictícios com figuras e acontecimentos do cotidiano da cidade, ao retratar as muitas peripécias da personagem Cota, narra um acontecimento que envolve náufragos noruegueses, que ancoraram no cais da cidade de Parnaíba, pondo em evidência o Hotel do seu Nagib e D. Izabel, embora retrate uma mulher menos terna do que a que Goethe Pires nos apresenta:

> Agora bem tratados, foram levados para o hotel do seu Nagib, onde dona Izabel dividiu os quartos restantes entre eles. Dona Cota, ou Cotinha, então apareceu no dia seguinte, na sua caça habitual. [...]. Mas os náufragos acabaram viajando sozinhos, mas bem dispostos, barbeados. Cotinha foi deixa-los no aeroporto, voltou triste, seu "americano" loiro fora embora e nunca mais o veria. Dona Izabel já a conhecia:
> - Parece uma rameira.
> Não fazia reclamações para que o pai dela sofresse menos, pois acabaria morrendo de desgosto. Cota, afinal respeitava o seu hotel[443].

Mesmo que a princípio, Assis Brasil indique "seu Nagib" como dono, Dona Izabel assume também o seu lugar de proprietária, ao se pronunciar frente aos acontecimentos que rondavam o seu hotel.

Em alguns empreendimentos, mesmo sendo mulheres que respondessem por eles, os anúncios, falas rotineiras de memorialistas, e entrevistas– com narradores movidos pelo

[443]BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Teresina: FUNDAPI. 2008, p. 164.

desconhecimento, ou mesmo pela inviabilização imposta às ações femininas - podem não indicar a presença de mulheres como proprietárias. Poderiam só responder juridicamente, é claro, porém, muitas realmente compartilhavam o trabalho, sendo essa inviabilização, costumeiramente, fruto da presença de um marido.

Talvez fossem mais bem percebidas como donas de casa, que administravam uma residência compartilhada, e não um local de trabalho que envolvia complexos processos administrativos. Em se tratando especificamente de anúncios sobre a atividade em questão, o gênero, no caso o feminino, pode não ser considerado no texto, ou quiçá por cuidados e medos - que por inúmeras razões não alcançamos - dessas mulheres, diante de diversas adequações e artifícios que à administração de um empreendimento exigia, não fizessem questão desse destaque. Talvez para elas e para a sociedade, a imagem ou ideia de uma figura masculina como apoio, fosse importante aos olhos dos frequentadores desse local de hospedagem.

Essa situação pode ser vislumbrada com o exemplo de Corina Vieira. Designada oficialmente como a proprietária do Hotel Parnaíba, não nos foi possível comprovar, de imediato, que fosse uma mulher a sua dona, considerando-se unicamente o anúncio publicado no Almanaque (IMAGEM 27), que indicava somente uma inicial, a letra C, seguida de um sobrenome, Vieira. Embaixo desse sobrenome pronunciava-se o seguinte: "Dirigido pela família do proprietário". Só por meio de outra referência[444], o tópico "Firmas da Praça", é que constatamos ser uma mulher que respondia pelo empreendimento, quando o seu nome foi posto por extenso, revelando-nos as dificuldades que a busca por mulheres em inúmeras circunstâncias, impõem à pesquisa, a começar pelas nominações.

[444] ALMANAQUE da Parnaíba, 1945, p. 41.

IMAGEM 27. Anúncio do Parnaíba Hotel.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1941, p. 334.

Pela divulgação posta em destaque no Almanaque, dispondo de telefone e localização privilegiada, a Praça da Graça, deve-se considerar que fosse um empreendimento importante no espaço comercial da cidade, sendo Corina Vieira a responsável pelo mesmo.

O Hotel Parnaíba passa para as mãos de Manoel Branco, chefe da firma M. Branco & Cia. Em 1947 encontramos o seguinte anúncio do hotel: "Prédio Novo e confortável. Situado no ponto mais *chic* da cidade. Cozinha de primeira ordem, higiene absoluta, fino tratamento aos seus hóspedes [...]. Com Armazém de mercadorias em geral, a grosso e a retalho, a preços especiais". Assim como o Bar Pimpão, o nome *chic* substituiu outras referências.

Os exemplos de mulheres à frente de atividades de hospedagem se sucedem. Em Amarração, atualmente município Luís Correia[445], que até os dias atuais mantém uma relação muita próxima, comercial e turística com Parnaíba, é importante considerar dois nomes, quando se trata do ramo de hospedagem. As irmãs Querubina e Marula, que são sistematicamente citadas por parnaibanos e residentes, que escrevem as suas memórias de férias e passeios. O local administrado por elas assumem uma grande importância nessas memórias.

> No meio das três ruas (em Amarração) havia a pensão da Marula. O velho casarão abrigava os rapazes solteiros que, não tinham família no local. Os dois anjos, Marula e Querubina, e quando digo anjos, era porque as referidas senhoras eram anjos

[445] Fica a 13 km de Parnaíba. Foi emancipado de Parnaíba em 1935.

> mesmo, em bondade e virtude, muito gordas e empoadas, sabendo compensar com calor humano e simpatia, as falhas que seu estabelecimento eventualmente apresentasse. Muitas histórias boas foram contadas e inventadas sobre as mesmas. Sua parceria e cumplicidade com seus hóspedes eram notórias. Todos se beneficiavam com sua generosidade e desprendimento. Elas já naquele tempo, sem nenhuma tecnologia, aprenderam e ensinaram que uma pousada, não se faz só com técnica e requinte, às vezes basta ser gente, humanidade, pra se fazer amigos e fregueses. O certo é que as mesmas imprimiram o seu toque pessoal em toda uma geração, que teve o privilégio de conhecê-las.[446]

São consideradas como donas do que hoje se costuma denominar de pousada e empreendedoras nesse ramo, tanto para Amarração, quanto para Parnaíba, dada à vinculação dessas duas localidades. O uso deste espaço pelos hóspedes, principalmente de Parnaíba, nos finais de semana e nas férias, e a localização, na praia de veraneio dos piauienses, constrói a imagem do lugar como pousada, e também de um hotel ou pensão, posto que, além de hospedarem os veranistas e usuários de finais de semana, atendiam viajantes, que ocasionalmente, precisassem de hospedagem. O local também assume uma característica comum a esses estabelecimentos que é a presença de familiares e mulheres, administrando o negócio, no quadro de trabalho cotidiano, como nos relatou à senhora Neusália:

> Marula Mavignier, era Maria, mas era conhecida como Marula. A outra D. Querubina. Elas eram duas senhoras, quando eu cheguei a conhecer, eram duas senhoras de sessenta, setenta anos. Dirigiam aquela pensão maravilhosamente. D. Querubina era a mestra da cozinha, ela tinha muitas funcionárias ajudando mas ela era a orientadora e governava lá. A Dona Marula ficava na recepção recebendo as pessoas e todas as duas eram de uma simpatia enorme viu. Atendiam com a maior gentileza. Tinham uma gargalhadinha especial que sabiam conquistar quem chegava por lá. Eram muito agradáveis... (Entrevista de Neusália dos Santos Mavignier)

A pensão dessas senhoras, que nunca casaram como nos assegura à senhora Neusália, cunhada das duas, segue um projeto de negócio familiar, onde a casa é o próprio local de trabalho. Assim como a Marula e a Querubina, outras, assumiram atividades com características semelhantes, e ainda possibilitavam que diversas atividades, costumeiramente desenvolvidas por mulheres, gravitassem em seu entorno. Cozinheiras, lavadeiras, arrumadeiras, fornecedores de gêneros alimentícios, enfim uma gama de empregos que integrava o cotidiano dos negócios de hospedagem, que deviam em muito, ao trabalho de mulheres.

Serviços de hospedagem em diferentes padrões - pensões hotéis, pousadas - que tinham em comum a imagem da respeitabilidade, assegurando-se como espaços familiares se

[446] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1995. p.27.

multiplicaram. Outras mulheres em Parnaíba, "esticavam" cômodos e salas, para abrigarem hóspedes e clientes para restaurantes. No perímetro do centro Adélia Môta, na Rua Pedro II e Joana Maria de Oliveira, na Praça Coronel Osório, também atuaram no setor de pensão, hotel e restaurante. Possivelmente a localização pudesse garantir uma referência para a imagem de ambiente familiar.

Nos Bairros do Carmo e São José, Luiza Vieira Ribeiro, na Travessa do Bassem[447] e Júlia Rosa de Oliveira, na Rua 7 de Janeiro, respectivamente, são indicadas na seção de hotéis, pensão e restaurante. Nada podemos atestar sobre a suas atividades, a não ser que o endereço poderia ser um elemento comprometedor da imagem de ambiente familiar, por conta das referências comuns aos bairros. Sobre elas só o parco registro do *Almanaque da Parnaíba*[448].

Somando-se aos serviços de hospedagem, atividades com serviços autônomos, voltados para o comércio, assumem um espaço importante na labuta cotidiana e como fonte de recursos e sobrevivência de muitas mulheres em Parnaíba à frente de pequenos estabelecimentos comerciais. No Jornal *O Norte* de 1940 no indicativo de "Lançamento de Imposto de Licença para mercearias e quitandas", e na *Cobrança da dívida dos Contribuintes do Imposto de Indústria e Profissão;* no *Almanaque da Parnaíba*, principalmente o de 1951, na divulgação dos nomes de firmas da praça, diversos nomes de mulheres aparecem à frente de "comércio de vendas a retalho". É um registro que permite poucas informações sobre os detalhes e experiências que cercavam esse cotidiano.

Entre muitas atividades comerciais algumas são mais raras, no que se refere ao tipo de serviço e produto oferecidos. As que aparecem mais comumente são as denominações: mercearia, quitandas, comércio com vendas retalhos, vendas de bebidas a retalho, bebidas alcoólicas, botequim e bilhar.

Nesses serviços autônomos[449], a participação de mulheres foi crescente a partir da década de 1940, e, apesar dessa presença ser mais expressiva nos bairros de periferia, próximos ou mais distantes do centro, ela não foi incomum a este espaço, e suas imediações, como podemos observar no quadro demonstrativo (6):

---

[447] Atualmente é a Rua Quetinha Pires.
[448] ALMANAQUE da Parnaíba, 1947, p. 426/1951, p. 376.
[449] Esses dados são referendados pelo *Lançamento de Imposto de licença para mercearias ou quitandas, procedida por agente municipal* e no *Almanaque da Parnaíb*a de diferentes anos, nas páginas destinadas a informar sobre negócios e funções existentes na cidade.

QUADRO DEMONSTRATIVO 6. Mercearias, quitandas e comércios de vendas a retalho, sob a direção de mulheres, distribuídas pela cidade de Parnaíba.

Localidades/Bairros/Ruas	Quantidade de Mulheres
Morros da Mariana	09
Ilha Grande de Santa Izabel	08
Bebedouro	04
Catanduva ou Catanduba	02
Rodagem Ceará	02
Rua 16 de novembro (Atualmente Benedito dos Santos Lima – Área rural)	01
Rua Dr. Sales (não identificamos a localização)	01
Rua Coronel Sales (não identificamos a localização)	01
Rua Desembargador Moraes (não identificamos).	01
Rua do Preventório (área rural)	01
Rua Felipe Neves (São Benedito)	01
Guarita (São Francisco da Guarita)	07
Bairro de Fátima	03
Bairro Nova Parnaíba	06
Bairro São José	18
Entre o Bairro do Carmo e Centro	05
Av. São Sebastião (Maior Avenida da cidade – Intercessão entre a área do Centro e a Nova Parnaíba)	02
Rua Humberto de Campos (Antiga Rua Pará nas imediações do Centro)	02
Mercado Público (nas imediações do centro)	03
Rua Riachuelo (Antiga Rua da Praia – Centro)	01
Av. Presidente Vargas (Antiga Rua Grande - Centro)	01
Total	79

O quadro (6) foi organizado, levando-se em conta os locais mais distanciados e com dificuldades de locomoção em relação ao centro da cidade. Sobre algumas ruas citadas, onde foram identificadas mulheres à frente desse tipo de comércio, não nos foi possível à identificação, mas geralmente, eram pequenas travessas que integravam o traçado urbanístico da cidade.

Sobre uma das terminologias indicada em uma dessas atividades comerciais, o termo *quitanda*, ele assume um sentido diferente, do foi comumente empregado no século XIX em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro[450]. No contexto do trabalho, em Pranaíba, quitanda significa um pequeno comércio em local fixo, como vislumbramos através das memórias de Renato Castelo Branco[451]:

> Tio Borges era proprietário de sítios, de várias casas de aluguel, e de uma cadeia de pequenas quitandas que espalhou pela cidade. Antecipando meio século a tendência das cadeias de lojas e supermercados, tio Borges instalou em Parnaíba uma rede sui generis de mini vendas, cada uma entregue a um compadre, ou um protegido, responsável pela operação.

Quem sabe alguma mulher estivesse entre esses arrendamentos, já que temos um bom número delas às voltas com essa atividade em diferentes localidades e áreas da cidade de Parnaíba.

Raimundo de Sousa de Lima[452] apresenta-nos, a partir de sua leitura, a imagem de uma dessas mulheres comerciantes, situadas entre muitas margens. D. Chiquinha Aguiar, a dona de uma quitanda, situada em um local denominado de "Quarenta", que ficava encravada na zona portuária, à beira do Rio Igaraçu, em Parnaíba. O relato põe em evidência uma comerciante, que segundo o autor, era temida pelos embarcadiços que frequentavam o seu estabelecimento por conta de seu gênio forte e da grande autoridade que era exercida com afinco, dentro do seu estabelecimento comercial. Os imperativos de D. Chiquinha que poderiam parecer estranhos, se justificavam entre os códigos da área portuária.

---

[450] Sobre esse assunto ver: GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade.** Das vendedoras de rua à reforma liberal: (Salvador, 1780 -1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013; e também, DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1995.

[451] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.p.55.

[452] Escritor parnaibano, que além da obra, *Vareiros do Rio Parnaíba & outras histórias*, colaborou com o *Almanaque da Parnaíba.* Mesmo sem datar as suas memórias, identifica-se a temporalidade das mesmas entre as décadas de 1920 e 1930, pelas referências dadas pelo autor. Começa a colaborar com o *Almanaque da Parnaíba* em 1937. Suas memórias se referem à infância e as mudanças que ele vai observando na cidade, ao longo da sua vida. Acompanha o apogeu e o declínio da economia da cidade, sustentada em uma economia extrativo/exportadora.

> Com seus setenta anos presumíveis, servia o balcão com ar carrancudo, metida num casaco escuro com mangas bordadas e saia comprida roçando-lhe os pés ia e vinha devagar mexendo os queixos enquanto estirava a mão para receber o dinheiro, antes de entregar a compra.
> [...]
> Só a cachaça podia ser paga depois do primeiro trago, quando a pessoa vinha acompanhada de cara estranha que pela primeira vez bebia do "chá" da quitanda. Mesmo assim ninguém escapava da rebordosa, sempre engatilhada, para quem derramava o resto do copo no pé do balcão. Descompostura igual era passada, em voz alta, em quem cuspisse golda de fumo no chão limpo da quitanda.[453]

A "Quarenta"[454], nome pelo qual ainda é conhecida, era tido como local de grande ocorrência de brigas e prostituição, além de contar em seu perímetro com casas comerciais, e com um contingente de trabalhadores e trabalhadoras, ligadas, principalmente às funções cotidianas do porto e outras que serviam à cidade. Um cenário diversificado de atividades, e ainda a presença de prostíbulos e de brigas, comuns a esta área, talvez justificasse o vestuário, o comportamento taciturno e ranzinza de D. Chiquinha Aguiar, garantindo o respeito a ela e ao seu estabelecimento. A narrativa ainda nos revela à presença de hábitos, indicadores de que um processo de inculcação e hábitos higiênicos, preconizados pelos referenciais de civilidade, como cuspir no chão em um local fechado, ainda não tinham sido integrados como elemento de civilidade rotineiro.

Uma gama de atividades lícitas ou não, que asseguravam a sobrevivência de um grande contingente populacional, se estendia pelas principais vias, próximas ao rio e ao porto, envolvido em suas inúmeras vicissitudes. Segue um relato, costumeiro sobre essa vasta área, a "Quarenta", feito por Passos[455]:

> No inverno tornava-se um igarapé. A canoa vinha até a esquinada atual Praça Cel. Constantino Correia. Era habitado por gente pobre, um verdadeiro labirinto de casebres.
> No verão o panorama mudava. A alegria voltava extasiante. Aos sábados, ao som da harmônica e do pífaro, o forró estourava com cachaça e caranguejo.

A imagem de uma extensão integrada ao porto, que concentrava grande volume de trabalho de natureza diversa, fica concentrada ao perímetro mais próximo do Porto Salgado, na maioria dos relatos.

---

[453] LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987.p.69.
[454] Atualmente o Bairro é denominado como Mendonça Clarck. Cf.: PASSOS, Caio. **Cada Rua uma História**. Parnaíba: (s.n.) 1982, p. 32.
[455] PASSOS., op.cit, p.33.

Nas áreas demarcadas como periferia e bairros, à época tida como distantes, ocupadas por trabalhadores e pessoas mais humildes, aumentava a quantidade de mulheres envolvidas com as atividades de mercearia a retalho, coligadas com a venda de bebidas. No Bairro São José, denominado anteriormente de Tucuns[456] era o local onde havia a maior concentração de mulheres à frente de pequenos estabelecimentos comerciais.

Além da existência das pequenas vendas, "Comércio com bebidas alcoólicas" ou "vendas de bebidas a retalho", supriam de modo imediato às pessoas do bairro, e atraia a massa de trabalhadores do porto, dentre estes, marinheiros, como nos esclarece Lima[457] :

> Contando-se às centenas, o embarcadiço criara na margem do rio o seu ambiente próprio de contatos e divertimentos nos intervalos de longas viagens nos estirões do rio. Sua presença ali era assim a razão de ser das noitadas alegres e ruidosas, entre mulheres, bebidas e os atritos esporádicos com estranhos ou companheiros de festa na noite inteira.

Bebidas, conflitos, homens e mulheres em diferentes funções, marcavam esse limite social da cidade. A título de exemplo, na Rua Sete de Janeiro, localizada no Bairro São José, artéria que margeava o rio, área sujeita a inundações, como já citado, local que congregava pessoas ligadas ao cotidiano de trabalho do porto, encontrava-se um número expressivo de mulheres, dez no total, que assinalavam o seu comércio como de vendas a retalho. E três, o maior número entre esses estabelecimentos, reunidos em um só bairro, denominados de "comércio com bebidas alcoólicas", situados na Rua Dois de Fevereiro, que seguia também em direção ao rio. No quadro seguinte (7), temos a distribuição dessa atividade pela cidade.

QUADRO DEMONSTRATIVO 7. Comércio de bebidas a retalho, bilhar e snookers.

Localidades/Bairros/Ruas	**Quantidade de Mulheres**
Rua Gabriel Ferreira/Vendas de bebida a retalho (área rural)	01
Bairro São José/Rua 2 de Fevereiro/vendas de bebidas a retalho	03
Bairro São José (Rua Coelho Rodrigues) - Bebidas alcoólicas	01
Guarita/ Bilhar	01
Bairro do Carmo/Rua Sousa Martins (Atualmente Almirante Gervásio) - Botequim; depois aparece como comércio de refrigerantes.	01

[456] Cf.: PASSOS, Caio. **Casa rua sua história**. Parnaíba: (s.n.), 1982.p.44.
[457] LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987.p.19.

Centro/Botequim/Pavilhão Bar	01
Total	09

Além de um número maior de comércio de vendas de bebidas alcoólicas, em relação às demais ruas, a fé era também uma presença que identificava a Rua Dois de Fevereiro. Na luta por um cotidiano melhor, entre os que viviam nesse local, que também enfrentavam as indulgências das cheias do rio, das viagens e trabalhos nas embarcações e no porto. A pobreza e outras dificuldades eram vivenciadas entre as casas, botecos e quitandas como observa Passos[458]:

> Os moradores desta Rua tinham fervorosa fé em Nossa Senhora da Purificação.[459] Em tempos recuados, no dia 2 de fevereiro, data em que a Igreja Católica celebra a festa de Nossa Senhora das Candeias (da Luz), o povo ali iluminava de velas e lanternas de cores, as suas casas e rezavam o terço e cantavam benditos. Era uma festa modesta, mas tocante pela fé e pela alegria.

Nossa Senhora das Candeias condensa inúmeros elementos que justificam a devoção. A proteção aos trabalhadores do rio, do mar, ou embarcadiços em geral; o sincretismo, o culto aos Orixás[460], até a necessidade de pressagiar sobre o tempo, pois de acordo com a crença popular:

> Candelária chovida, a candeia dá vida. Chuva em dia das Candeias, ano de ribeiras cheias. Se a Senhora das Candeias rir, esta o inverno a vir. Se a Senhora das Candeias chora, esta o inverno fora. Se a Senhora das Candeias ri e chora, esta o inverno meio dentro e meio fora[461].

São devoções justificadas pela tradição e pelas necessidades de enfrentamento de um cotidiano difícil e uma fé em muito, alimentada pela religiosidade feminina.

Nas imediações das Ruas Sete de Janeiro e Dois de Fevereiro, outras mulheres negociavam no ramo que envolvia a já citada venda a retalho, de diversos gêneros. Esses elementos evidenciam uma vida de necessidades, aliada às oportunidades de sobrevivência

---

[458] PASSOS, Caio. **Casa rua sua história**. Parnaíba: (s.n.), 1982.

[459] Também chamada de Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora da Apresentação. Nossa senhora das Candeias é personificada como Iemanjá, e sua festa na Bahia é dois de fevereiro.

[460] Segundo os relatos de Renato Castelo Branco, no bairro Tucuns morava D. Ana Calango que era: "Yalorixá dos cultos afro-brasileiros e presidia um terreiro de Candomblé no bairro Tucuns" (1981, p. 97)

[461] Cf.: Folclore online. Disponível em: <http://www.folclore-online.com/proverbios/prev_temp1.html#.VVQ-qflViko>. Acesso em: 15 mar. 2015.

que a proximidade com o porto "naturalizava" e tornava possível. Sendo uma área portuária pode-se considerar que dentre os produtos oferecidos, era frequente a presença de bebidas alcoólicas entre os trabalhadores que buscavam diversão na volta para casa ou entre aqueles que se deslocavam entre uma viagem ou outra, vindo de outras paragens ou voltando para casa, no seu ofício de embarcadiço.

Ainda sobre o Bairro São José, Passos[462] fazendo a sua descrição da área que comportava a citada Rua Sete de Janeiro, apresenta-a como sendo de movimentação constante. Sem precisar datas, fala sobre o crescimento do bairro: "De súbito, transformou-se em um aglomerado de gente trabalhadora e alegre. As festanças se espalhavam, em "latadas", iluminadas à luz fosca das lamparinas a querosene". Essas imagens vão acompanhar a história do bairro em períodos subsequentes ao do trabalho.

O tom romântico do autor contrasta com a situação de dificuldades que acompanhavam uma área sujeita às inundações – situação que embora com menores impactos, ainda acompanha a vida dos moradores residentes mais próximos ao rio, em períodos de chuva muito intensa - e ausência de serviços urbanos. O termo "latadas" aponta para a precariedade das moradias, construídas de forma precária e simples, com o material que era mais acessível. Montava-se uma estrutura e cobria-se com o que era possível. Até porque as inundações destruíam muitas moradias que eram prontamente refeitas depois que o período chuvoso estabelecia trégua.

Os bairros que margeavam o Rio Igarassu, apesar de guardarem inúmeras atividades e tipos sociais, são assinalados por uma imagem que os identifica com festas, prostituição e brigas. Castelo Branco[463] assevera:

> A Coroa e os Tucuns começavam também no rio, com seus botecos sórdidos à beira dos barrancos, onde os embarcadiços iam tomar cachaça todas as noites e se encontrar com as cunhãs do meretrício, que as senhoras do centro chamavam com rancor e desdém de mulheres a toa.

Mulheres identificadas com prostituição e os trabalhadores com brigas erigem um perfil estereotipado de determinadas localidades, que se mantém por longo período de tempo, como analisa Braudel ao observar tratar de continuidades na sociedade: "Certas estruturas, por

[462] PASSOS, Caio. **Casa rua sua história**. Parnaíba: (s.n.), 1982.p.44.
[463] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.p.20.

viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento"[464].

Nas leituras feitas sobre os bairros, revelam-se continuidades marcadas em discursos que escondem uma realidade dinâmica e complexa, prosseguindo-se cotidianamente, entre sistemas de valoração específicos e senões. Erige-se uma imagem induzida, por sistemas valorativos, sobre o outro. Em se tratando dos afazeres e modos desenvolvidos nesses lugares, a ordem assemelha-se ao que diz Maria Odila Leite da Silva Dias ao tratar dos papéis relegados às mulheres libertas e pobres, em São Paulo, no século XIX, persistindo uma imagem negativa dos sujeitos sociais identificados com esse espaço, dentre eles, mulheres pobres, que vivendo:

> Ainda nas fimbrias do sistema capitalista, compondo as massas de mulheres desempregadas, exército de reserva de mão de obra inaproveitada, vivendo precariamente dos mesmos expedientes de artesanato caseiro e de comercialização incipiente de gêneros de consumo[465].

A despeito das condições e dos diversos componentes sociais, além da movimentação costumeiramente descrita, é necessário que se faça considerações sobre diferenças, atividades laboriosas e outras peculiaridades dos Bairros que margeavam o rio, tendo o porto salgado como centro. Dai a importância das imagens (28, 29), pois a sua utilização sugere um sentido[466], como argumento, já que reiteramos a ideia de inserção desta parte da cidade, como área de densa produtividade e de trabalho, onde as mulheres pobres desenvolviam uma diversidade de trabalhos.

Na área próxima ao rio havia casebres, prostíbulos, explícitos ou não, estalagens e aluguéis de quarto, comércio de pequeno porte com a venda de comida e produtos alimentícios, casas comerciais de maior envergadura com a oferta de produtos para estivas e compra de produtos da terra, a oferta de comida e bebidas alcoólicas para marinheiros, embarcadiços e vareiros. Sobre estes últimos, um nome regional costumava identifica-los como "porcos d água".

---

[464] BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II (Prefácio). In: **Escritos sobre a história. S**ão Paulo: Perspectiva, 1969. p. 13-16.

[465] Analisando e fazendo um levantamento das atividades desenvolvidas por mulheres pobres, brancas e negras, a autora faz um levantamento sobre o trabalho, observando espaços, interdições jurídicas, e meios de sobrevivência, no quotidiano da cidade de São Paulo, em meio ao processo de urbanização do século XIX. Cf.: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.17.

[466] BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 62.

IMAGEM 28. Casas Comerciais localizadas à Rua 7 de janeiro.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1937, p. 138 e de 1938, p. 124.

Além desse comércio de médio e pequeno porte, a atividade pesqueira, estaleiros, armazéns, espaços para beneficiamento de arroz, algodão e carnaúba, como podemos observar nas imagens (28 e 29), estavam presentes em parte da área que circundava o Bairro São José.

IMAGEM 29. Área do Rio Igarassu com armazéns que circunda parte do Bairro São José. Fonte: *Pró Parnaíba*, 30 de abr. de 2009[467].

[467] Disponível em: <http://www.proparnaiba.com/fotografia/fotos-antigas-da-parnaiba.html>. Acesso em: 10 jan. 2015.

Uma gama de atividades nessa área envolvia mão de obra diversificada, incluindo-se mulheres, que tinham espaço no já citado pequeno comércio e na indústria de transformação, trabalhando na classificação de castanha e quebrando ou laminando a cera (IMAGEM 30). Faca na mão, para realização de um trabalho, que embora pareça miúdo, é na realidade braçal e fundamental na cadeia produtiva do período. Chama atenção um fato, nenhuma das mulheres olha para câmera. Elas não estavam com o traje domingueiro e nem sentadas adequadamente em cadeiras para posarem para uma foto.

IMAGEM 30. Operárias no beneficiamento da cera de carnaúba.
Fonte: Piauí, 1942. *Álbum Visita da Comissão Americana-Brasileira de Óleos Vegetais a diversas regiões do país*[468].

As mulheres aparecem entre enormes fardos, possivelmente de cera. Um trabalho miúdo de quebrar a cera, que rende calosidade nas mãos, muito poder e dinheiro da qual pouco usufruíram. Apesar de não ser notificada a localidade em que a foto foi tirada, ela permite a visualização de uma atividade com raros registros, que supria as necessidades financeiras de muitas mulheres em Parnaíba, principalmente das que habitavam por entre as ruas próximas ao rio. Visualização que o *Almanaque da Parnaíba* não raramente nos concede. Os fotógrafos e os fotografados do Almanaque, não costumavam habitar entre o mundo da beira ou do outro lado do rio.

[468]Fonte: Exposições virtuais do Arquivo Nacional. Disponível em: <http://www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=116>. Acesso em: 13 mar. 2015.

Com relação às edificações, os prédios das empresas que estavam localizados no perímetro da beira rio, e as construções civis nas áreas mais próximas às artérias comerciais do centro, contavam com construções sólidas e dentro dos padrões estéticos considerados adequados, que fogem à descrição de casebres miseráveis, uma vez que estavam mais distantes das áreas sujeitas a alagamento.

A área portuária e seus arredores concentravam, portanto, um complexo mundo social e produtivo, comum a uma parcela expressiva de moradores(as) pobres e problemas inerentes a espaços e pessoas que não são integradas aos benefícios dos poderes que estão instituídos em um dado contexto.

Com configuração muito semelhante ao Bairro São José, o Bairro do Carmo (Coroa), também apresentava mulheres[469] comandando negócios e vivenciando problemas semelhantes ao do Bairro São José. Embora a sua área seja mais demarcada como pobre, nas memórias que reinam sobre este espaço, algumas ruas perpassavam o centro e o Bairro do Carmo, integrando-o ao em alguns casos ao comércio do centro de Parnaíba, dificultando a localização de algumas casas comerciais. Não obstante, na década de 1960, apesar de carências e problemas infraestruturas, parte do bairro vai se constituindo, o no perímetro que circunda o Rio Igaraçu, a "Beira Rio", como o lugar que vai congregar, além de casas humildes, clubes recreativos, bares e restaurantes de diferentes naturezas. Essa área ainda abrigava uma das maiores empresas do Piauí, a Moraes S/A, que trabalhava com exportação, usinas de beneficiamento de algodão e arroz; industrialização de cêra de carnaúba, extração de óleos vegetais e fabricação de sabão e gelo; empresa de navegação fluvial e fornecimento de luz elétrica. Expande seus negócios para diversas cidades do Piauí, Maranhão e Rio de Janeiro[470].

A área, depois transformada em bairro, conhecida popularmente como São Francisco da Guarita, com sete estabelecimentos denominados de vendas a retalho - o que poderia significar uma série de atividades - sob o comando de mulheres, nasceu em torno de um prédio da Estrada de Ferro Central do Piauí, e é assim descrita por Ribeiro: "Em torno da Guarita surgiram casas de atendimento aos habitantes daquele lugar, formando o complexo comercial onde se localizavam vários cortiços, os populares cabarés"[471]. Esta área de modo

[469]Mapeamos quatro mulheres, que embora estivessem em ruas identificadas com o bairro, estas ruas fazem intercessão com o centro, ficando difícil de explicitar se o seu espaço de ação era mais identificado com o bairro do Carmo ou com o Centro.
[470] Cf.: ALMANAQUE da Parnaíba, 1942, p. 96.
[471] RIBEIRO, Antônio Rodrigues. **Parnaíba**: presente do passado. Parnaíba: Gráfica Ferraz, 2003, p. 97.

geral, vai construir uma autonomia comercial, em relação ao restante da cidade, estando as mulheres envolvidas nesse processo.

Nos Morros da Mariana, área fora do perímetro da cidade - identificamos nove[472] - e na ilha de Santa Isabel sete[473] mulheres - entre comércios a retalho, quitandas e mercearias. Infelizmente, na busca por informação, nem sempre é possível elucidar dúvidas sobre estas existências, a não ser o nome e a origem dos seus rendimentos, pelo menos, os que foram oficialmente declarados ao poder público, ou as obrigações que eram cobradas por esse poder. Como era dos morros que saiam muitos dos gêneros *in natura* que abasteciam a cidade, comerciantes tinham que ter uma licença, "procedida por agentes municipais", para realizarem essa comercialização em Parnaíba, principalmente se eles(as) usassem, as dependências do Mercado Público, ou mesmo na sua localidade.

A dificuldade de acesso à cidade permitia a proliferação destes estabelecimentos que tinham, por finalidade, o provimento imediato com determinados produtos que não eram produzidos pelas pessoas e condições locais, e que eram indispensáveis aos muitos moradores dessas localidades. Artigos como querosene, para alimentar as lamparinas, ainda não havia iluminação nessa área, açúcar, café e bebidas, acrescendo-se os já citados produtos das pequenas lavouras, pescados, produtos extraídos *in natura* e manufaturados artesanalmente, alimentavam os rendimentos dessas vendas.

De modo geral era no comércio de pequeno porte que atestava a presença de mulheres, tipificando a ação feminina no universo comercial da cidade e configurando divisões entre as condições desses estabelecimentos e os locais em que estavam situados. O indicativo de vendas de mercadorias a retalho poderia incluir uma gama de produtos, para além de gêneros de consumo imediato, como alimentos, higiene pessoal e doméstico, conforme observamos no anuncio que segue, da Mercearia de Teresinha Barros dos Santos (IMAGEM 31). No *Almanaque da Parnaíba*[474], só aparece o indicativo de comércio de vendas a retalho e no

---

[472] São elas, em ordem alfabética: Antônia Maria da Conceição/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1950 p. 303; Clara Helena da Cunha/ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 313; Clotildes Gomes/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 313; Francisca Carolina da Conceição/ O NORTE, 22 de fevereiro de 1940; Jusselina Pinho/ O NORTE, 22 de fevereiro de 1940; Maria Alves/ O NORTE, 25 de fevereiro de 1940, p. 7; Maria Santos/O NORTE, 25 de fevereiro de 1940, p. 7; Orminda Carvalho/ O NORTE, 25 de fevereiro de 1940, p. 7; Porcina Miranda Barros/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 363.

[473]Benedita Marques da Costa/ALMANAQUE da Parnaíba -1950, p. 309; Georgina Bittencourt dos Santos/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 327; Gonçala M. Costa e Mathilde Rodrigues Pereira /ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 327; Maria Carneiro dos Santos, Maria de Lourdes P. Ribeiro. Maria Filomena /ALMANAQUE da Parnaíba, 1950, p. 353.

[474] ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 373.

anúncio[475] a - único de mercearia cujo uma mulher aparece como proprietária no período do trabalho – tem-se a indicação dos produtos que ela dispunha e comercializava em seu estabelecimento:

IMAGEM 31. Anúncio de Mercearia
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1951, p. 208.

A localização desses estabelecimentos de vendas a retalho e a condição de suas proprietárias influía no tipo e na variedade de produtos oferecidos.

Com relação à distribuição desse pequeno comércio pelo centro da cidade, mulheres aparecem envolvidas em diferentes atividades, como armarinho, loja de miudezas, calçados, óptica e confeitaria, além das mercearias e vendas a retalho.

A primeira narrativa sobre mulheres que exerciam atividade e pertenciam ao espaço do centro foi o de D. Tunica[476] - moradora de local privilegiado da cidade, que se sobressai na

[475] Esse foi único anúncio de mercearia, que encontramos, cujo uma mulher aparece como proprietária, no período do trabalho.
[476] Mãe de Goethe Pires de Lima Rebelo, seu nome era Antônia Pires Rebelo. Esta fundou a loja com o seu genro, Antônio Borges Machado. A loja negociava tecidos, mercadorias em geral e produtos farmacêuticos. Depois o negócio ficou restrito à Farmácia, dirigida pelo farmacêutico Genésio Pires de Rebelo até a sua morte em 1935. Ver PASSOS, Caio. **Casa rua sua história**. Parnaíba: 1982. p.160.

memória de Goethe Pires de Lima Rebelo, que dentre outros sinônimos descreve a dona da "pequena loja A Parnahybana"[477] como lendária, mulher de preceitos católicos rígidos, de grande fibra, prática, econômica, corajosa, com ampla capacidade de trabalho e mulher "que não levava desaforo para casa"[478].

> À testa da pequena loja comercial chamada de A Parnahybana, de propriedade da família, ficou então a mãe do jovem Zé Pires, D. Antônia de Lima Castelo Branco Pires Ferreira, mais conhecida como "D. Tunica".
> Mulher de grande fibra, dignidade impoluta, enorme capacidade de trabalho e imensa crença religiosa. A tal ponto que, quem não era CATÓLICO APOSTÓLICO ROMANO praticamente era no seu conceito, apenas um animal irracional ou filho irracional.[479]

Imagens são reforçadas no relato, a da moralidade, a de força e determinação, e, em geral tentam caracterizar e explicar, uma situação que era tida como atípica, para uma mulher à frente de um estabelecimento comercial, tendo a necessidade de muitas vezes saber se defender, bem como os seus empreendimentos, em meio a um universo comercial notoriamente masculino, que de forma predominante, relegava a imagem do feminino ao espaço doméstico.

Os conceitos de coragem e rigidez de costumes também podem estar associados à condição civil das mulheres que assumiam atividades comerciais como proprietárias, sendo em alguns casos, impelidas pela necessidade, muitas vezes decorrentes da viuvez[480], que exigia uma movimentação para o trabalho em favor da sobrevivência, a exemplo de D. Tunica: "Viúva aos 32 anos, jovem, bela, minha avó, com sua coragem nordestina, abriu a pequena loja de tecidos e armarinhos, em Parnaíba, para ganhar a vida e sustentar os filhos, quatro dos quais, faleceriam na primeira infância".[481]

Os adjetivos de coragem revelam considerações sobre uma ordem adversa à condição de fragilidade, geralmente imputado ao sexo feminino, e exaltam a iniciativa diante da necessidade de melhor amparar a família. Também expressam elementos representativos que

---

[477]Cf.: MELO, Hildete Pereira d; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **A partilha na ordem patriarcal**. Disponível em: em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%205/REC_5.2_06_A_partilha_da_riqueza_na_ordem_patriarcal.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2015.

[478]REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [s.d.], p. 13.

[479] Ibid., p.12.

[480] RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

[481] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.p.37.

parecem antagônicos com relação ao ideário dominante, apresentando outra categoria, às das mulheres que se movimentavam em funções associadas tradicionalmente a homens.

Além de D. Tunica, Carlos Araken faz referência a Clodes Mota de Araújo, personificada como atenciosa, solidária, observadora, e pela descrição, bastante comunicativa. A sua loja se traduz para o autor, como espaço que agregava pessoas devido o caráter da sua proprietária:

> Clodes Mota de Araújo, ou simplesmente Cocó, como lhe apelidavam carinhosamente seus amigos, durante o tempo que residiu em nossa cidade, foi uma distribuidora de sonhos.
> Em sua lojinha na Praça da Graça, modesta, porém sempre cheia, ela praticamente ajudava e arrumava a vida de muitos. Dos problemas sentimentais, casamento, briga de casal, problemas de família, todos mereciam sua atenção e seu carinho. [...] Pequenina, rosto bonito, sorriso mais ainda, olhos brilhantes e observadores, voz maviosa, chegara a cantar no rádio em seus bons tempos. Existia uma energia boa de fada madrinha, uma auréola à sua volta, que ninguém podia permanecer sério ou triste em sua companhia.[482]

Araken prossegue nos elogios a Clodes Mota, ou Madame Clô, como ele chega a chama-la, e anuncia que ela foi embora de Parnaíba para o Rio de Janeiro e lá conseguiu juntar em torno da sua pessoa, uma colônia parnaibana.

Conseguimos identificar Clodes Mota entre registros oficiais em 1949[483] à frente de um estabelecimento identificado como "Tecidos, armarinhos, etc"; em 1951[484] a sua loja assumiu a denominação de "Comércio com vendas a retalho"; e em 1956, quando ela aparece nomeada como "Armarinhos, calçados e perfumes"[485]. O seu estabelecimento localizava-se na Rua Pires Ferreira, e fazia intercessão com a Praça da Graça.

Clodes Mota integra-se a um grupo que negociava aviamentos e miudezas, atividade assumida por algumas mulheres no centro da cidade.

Entre os anos de 1946 até 1950, uma firma denominada Maria dos Anjos & Filhos, responde pela comercialização de produtos identificados com atividades e necessidade femininas, "Tecidos e Armarinhos", aparecendo mais tarde com a denominação "Comércio com fitas, miudezas e retalhos", tal como a loja de Clodes Mota. Localizava-se em uma importante artéria comercial da cidade a Rua Marechal Deodoro[486], logradouro fronteiriço à

---

[482] Cf.: ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1995.
[483] ALMANAQUE da Parnaíba, 1949, p. 354.
[484] _____, 1951, p. 313.
[485] _____, 1956, p. 304.
[486] Antes de receber essa denominação tinha o nome de "28 de julho". Atualmente essa rua é conhecida como calçadão e concentra casas comerciais e camelôs em toda a sua extensão.

Praça da Graça (IMAGEM 32). Em sua entrevista a Sra. Neusália dos Santos Mavignier fala da importância da loja para a cidade:

> D. Dona dos Anjos, ela era conhecida como Dona dos Anjos, tinha uma loja de armarinho muito sortida viu. E era muito frequentada a lojinha dela, nessa rua que você falou ai. Hoje em dia é chamada de calçadão.
> [...] ela e umas filhas que ajudavam.
> [...] Armarinho mesmo, botão linha. Perfume eu não sei se tinha. Essas coisinhas miúdas que a gente necessita muito né.
> A dela era a mais conhecida né.

A lembrança dessa loja e de sua proprietária deve-se, em muito, á sua localização privilegiada e ao tipo de produto que vendia: "coisinhas miúdas que a gente necessita muito", como bem observa D. Neusália. Eram utensílios que serviam aos imperativos cotidianos da maioria das mulheres que, independente dos serviços de uma costureira profissional, eram as responsáveis pela manutenção do vestuário, e às vezes confecção, de toda a família. Além da referência à loja e sua proprietária, o relato torna visível uma empresa cujo trabalho era compartilhado com a família, mãe, filhas e outras mulheres. Dentre esse mundo de trabalho, encontramos mulheres como Neusa de Melo Mousinho[487], que se tornou sócia efetiva da União Caixeiral desde 1942, indicando como profissão comerciária, e colocando na área destinada à local de trabalho a "Casa dos Anjos"; e Maria de Lourdes França Rodrigues que em 1964 era também funcionária da Casa dos Anjos.

IMAGEM 32. Imagem da Rua Marechal Deodoro[488].
Fonte: *Jornal da Parnaíba*, 26 de jan. 2014.

[487] Nasceram em 25 de dezembro de 1925 e 3 de julho de 1941, respectivamente. Ver: Livro de sócios da União Caixeiral

[488]Imagem disponível em: <http://jornaldaparnaiba.blogspot.com.br/2014_01_26_archive.html>. Acesso em: 10 jan. 2015.

Ainda sobre a Rua Marechal Deodoro, era uma artéria comercial da cidade que além do comércio de miudezas e armarinhos, contava com Cine Teatro Éden em uma de suas esquinas. Na imagem (IMAGEM 32) esse cinema, assume um espaço de destaque sobressaindo-se lateralmente, fazendo com que outros prédios desapareçam do seu entorno. Pelo letreiro, que convida para exibição do filme "Meu segredo", a foto é de 1928[489].

Em 1944, Sofia Facury também negociava, com uma loja de "Tecidos e Miudezas", localizada à Rua Sousa Martins (atualmente Almirante Gervásio Sampaio), que ficava nas proximidades da Rua Humberto de Campos. Em 1947 mudou-se para um local mais propício para esse tipo de atividade, a Rua Marechal Deodoro (IMAGEM 32), a mesma que D. Dos Anjos mantinha o seu armarinho, sendo uma artéria comercial que concentrava, e ainda mantém a mesma característica, a comercialização de aviamentos e miudezas na cidade. Desloca-se, portanto, para uma área mais apropriada para essa modalidade de comércio, e parece ter tido sucesso em sua atividade, pois ampliou os negócios para o de "Tecidos e Calçados".

Os ramos de comércio perscrutado por mulheres, como o de hospedagem e armarinhos, costumavam movimentar outros pequenos empreendimentos disseminados em campos afins. Com relação aos armarinhos, cruzam-se atividades como corte e costuras, serviços artesanais de confecção de chapéus, flores, renda e crochê. E sobre esses mundos que se cruzam - embora já tenhamos apresentado, no primeiro capítulo, nomes de mulheres e relatos sobre o trabalho de corte e costura na cidade - faremos uma ressalva.

Em uma parte de sua entrevista, D. Neusália, identificou algumas "senhoritas", que mereceram o registro fotográfico – (IMAGEM 33) - do *Almanaque da Parnaíba*. Embora a intenção desse periódico não tenha sido demarcar o trabalho, e sim as fantasias bem elaboradas de um bloco de carnaval, chamado de "Boa Bela", a memória acabou por construir outro sentido à foto (IMAGEM 33). Ou seja, em meio a um registro festivo e de prestígio social, revelaram-se histórias de trabalho de algumas mulheres parnaibanas.

[489] O Cine Teatro Éden, embora tenha permanecido no mesmo lugar, passou por reformas que alteraram a sua fachada (29).

IMAGEM 33. Senhoritas fantasiadas para festa de Carnaval.
Fonte: *Almanaque de Parnaíba* de 1934, p. 111.

Duas, das três senhoritas fotografadas em trajes carnavalescos (IMAGEM 33), a Francisquinha (Francisca Antunes Barreto) e a Abgail, (Maria Abgail Antunes Barreto) eram filhas de D. Dodó[490], costureira da cidade de Parnaíba, assim como era também costureira, uma das filhas, a Abgail, que talvez estivesse pondo em prática, o seu ofício, elaborando a sua fantasia e a das outras que aparecem na fotografia.

> Conheci todas essas três, eu conhecia a mãe delas, dessas Barreto. Era costureira da minha mãe. Costurava pra fora. Abgail também fazia a mesma atividade, costureira. A Rosires...acho que era professora. A Francisquinha era filha de D. Dodó, ela chamava Dodó. Era costureira conhecida como D. Dodó. Tinha essas duas filhas né. (Entrevista com a Sra. Neusália Mavignier)

Sobre Abgail, D. Neusália dos Santos Mavignier ainda observa em tom de admiração: "Costurava muito, Ave Maria!". Sobre as "Barretos" no Jornal *A flâmula*[491] é feita uma alusão as duas, quando noticia o aniversário de Abgail: "Transcorrerá a 26 do corrente o aniversário natalício da distinta senhorinha Abgail Antunes Barreto, irmã de nossa colega

[490] Não encontramos o nome de registro de D. Dodó.

[491] A FLÂMULA, 12 jun.1936.

Francisca Antunes Barreto"[492]. Sobre esta, em 1936 fazia o terceiro ano do Curso Comercial do Colégio Nossa Senhora das Graças[493].

Os afazeres desenvolvidos por mulheres, voltados para trabalhos manuais e de costura, com clientelas e endereços determinados, assumiam um ar de estima e elegância na cidade. Além disso, elas guardavam, ou não, segredos, como o de uma pequena reforma em um vestido, que deveria passar como novo, um namoro, um noivado, ou uma novidade da moda para clientes especiais. São comuns relatos das festas no Cassino, de vestidos magníficos. Alguns chegam a dizer que estes nunca se repetiam, porém, Renato Castelo Branco, faz uma menção, que talvez seja inconfessável, para uma mulher da sociedade local: "Quando havia baile no Cassino, o clube de elite da cidade, a festa passava a ser o objeto de todas as palestras. [...]. As moças retocavam seus vestidos, alteravam-lhe o aspecto para parecerem novos [...]".[494]

Em torno dessas atividades, edificava-se uma rede de trabalhos, protagonizados em sua maioria por mulheres, que faziam o intercâmbio mais imediato com a imagem de elegância e com a moda que tomava a rua das grandes capitais, trazidas por elas para Parnaíba, pondo em uma evidência visual respeitosa, as mulheres da sociedade local.

Na Praça da Graça e seus arredores, além do comércio de armarinhos, miudezas e vendas a retalho, outras mulheres eram proprietárias de negócios com funções distintas. Maria Rodrigues da Silva[495], com um espaço de bilhares e *snookeres* e Haydée de Araújo Vaz que tem seu nome associado a uma Agência de Jornais e Revistas[496] e aparece coligada com negócios de "Confeitarias"[497], não sendo informado maiores detalhes sobre a atividade. Além da função comercial, Haydée Vaz colaborava eventualmente com o *Almanaque da Parnaíba*. Escrevia contos tendo dois deles, "Um relógio antigo" e "Cativa", publicados neste anuário[498]. O fato de ter uma agência de jornais e revistas na cidade talvez explique a proximidade com o mundo da publicação na localidade.

A cidade ainda tinha outras mulheres ocupando lugares no mundo comercial. No perímetro do centro, Maria José Meireles é identificada como a proprietária da Tipografia São José que funcionou na cidade em dois endereços, Travessa da Glória e posteriormente na Rua

---

[492]A FLÂMULA, 7 de jun. de 1936, p. 4.
[493]_____. 12 de jul. de 1936, p. 2.
[494] CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L R Editores, 1981.p.90.
[495]ALMANAQUE da Parnaíba, 1950, p. 353.
[496]O NORTE, fev. de 1940.
[497]ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 329.
[498] No ALMANAQUE da Parnaíba,1933, p. 139.

Sousa Martins[499]. Esta rua ficava próxima ao Mercado Público, local mais central, como era necessário para esse tipo de atividade com impressão de blocos de notas fiscais, muito utilizados nesse período, nas atividades comerciais, além de outros serviços de impressão.

Ainda no perímetro do centro, Ana Maria Frota aparece como dona de uma "Fabrica de bebidas artificiais", não sendo possível a identificação do produto. Esta fábrica localizava-se na Avenida Álvaro Mendes, que fazia limite com o Bairro São José e a Nova Parnaíba, dependendo da altura, ou localização, era considerado mais distante ou não da Praça da Graça, dada à situação de deslocamentos, dificultadas pelo areal que cobria áreas mais distantes.

A Nova Parnaíba, área de transição entre "a Parnaíba propriamente" e a outra cidade, ainda convivendo com áreas não pavimentadas, casebres e casas amplas bem construídas, contava com seis estabelecimentos de vendas a retalho. Esse número expressivo se justifica pela extensão e dificuldades de deslocamentos que ainda eram comuns à cidade.

No comércio denominado de mercearia, vendas a retalho, na região que compreendia o centro da cidade, tendo como referência a Praça da Graça, são poucas as mulheres envolvidas com essa atividade. Mapeamos Idalina Ferreira do Carmo[500] na Avenida Getúlio Vargas -além do já citado Pavilhão Bar - Maria Júlia na Rua Riachuelo, que era lateral à Praça da Graça, Edmea Araújo Monteiro da Silva e Maria Francisca da Conceição, que tinham seus estabelecimentos na Rua Humberto de Campos, que ficava na lateral ao Mercado Público. E ainda na mesma rua, Arminda Araújo que trabalhava com fumo.

No Mercado Público - que já contava com o trabalho de mulheres que vinham do outro lado do Rio Igaraçu, principalmente dos Morros da Mariana, quatro mulheres marcavam a sua presença neste espaço. Três tinham comércio com vendas a retalho. Maria Mercedes de Ataíde, Maria Salustiano de Jesus e Zuleide Maria da Conceição. Já Casemira de Oliveira Santos tinha uma atividade pouco comum às mulheres, no espaço comercial do Mercado de Parnaíba, um açougue que vendia carne suína. A comercialização de carne abatida em área pública não era acontecimento corriqueiro entre mulheres.

Embora haja exceções claras como o comércio praticado na rua e junto às bancas no mercado, estes pequenos estabelecimentos geralmente funcionavam como apêndice da casa, possibilitando a junção do trabalho no comércio com as atividades domésticas, que geralmente ficavam sob a responsabilidade das mulheres. O que para alguns lugares, significava permanências, em Parnaíba ainda era uma tradição. Um tipo de situação que Antoine Prost, analisando o contexto francês chama de "antiga empresa familiar" foi

[499] Atualmente é a Rua Almirante Gervásio Sampaio.
[500] ALMANAQUE da Parnaíba, 1951, p. 329.

preservado mantendo-se, principalmente na periferia da junção de trabalho e casa no período em questão:

> Assim, os fundos da loja serviam ao mesmo tempo de depósito e de habitação. Os estoques da loja, os alimentos de casa e os utensílios domésticos se amontoavam lado a lado nos armários da despensa. Lá comiam, lá faziam as contas e lá os meninos preparavam as lições: às vezes até dormiam[501].

O grande comércio que abastecia tanto a cidade quanto outras praças comerciais, supria essas pequenas vendas, mesmo que camuflassem para o poder público outras funções. Embora fossem pequenos, esses estabelecimentos faziam a intercessão entre o grande comércio e uma gama de consumidores distribuídos pela cidade.

Eram as mercearias que serviam às necessidades mais imediatas das casas próximas e dos locais, tidos na época como afastados do grande comércio, dadas às dificuldades de deslocamentos existentes na cidade como observa a Senhora Neusália Lima dos Santos Mavignier[502], que nos apresenta uma cidade que convivia com segmentações agravadas por conta das dificuldades de deslocamentos: "Nessa época tudo era muito distante, muito areal ai a gente ficava só no centro. Não havia transporte, era difícil de chegar. O bairro tucuns era muito longe. Havia muita alagação, agora a comunicação ficou mais fácil". Quem morava no centro, tinha-o como referência de cidade. A periferia e seus moradores, distanciados, acabam por serem supridos pelos pequenos estabelecimentos comerciais que também possibilitava uma renda eventual aos seus donos e donas.

Além dos Bairros São José e Carmo, que põe em evidência o nome de diversas mulheres em meio a labor comercial, o afastamento do centro, contraditoriamente, assegurava a sobrevivência de muitas delas, que, protegidas pelo isolamento que marcava a topografia natural e social, se espalhavam pela cidade trabalhando com o que aparecia como alternativa mais viável de sobrevivência. Em outros dois bairros, Macacal e Guarita, bem mais distantes, integrados à cidade por conta da linha do trem, mulheres também atuam em mercearias "vendendo exclusivamente a retalho".

A zona rural da cidade aparece igualmente como espaço de efetivação da labuta comercial de mulheres, tanto na atividade que era mais corriqueira para elas, as vendas a retalho, e em outras, ligadas ao comércio de pequeno porte, embora com menor indício. No bairro Bebedouro, Luísa Machado de Siqueira[503] era a dona de uma vacaria. A atividade se

---

[501] PROST, Antoine. **Fronteiras e espaços do privado**. In. PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias. v. 5. Companhia das Letras, 1992, p. 29.
[502] Entrevista concedida em 24 de nov. de 2014.
[503] ALMANAQUE da Parnaíba, 1950, p. 345

justificava por conta do local, que surgiu em volta de uma lagoa que era bebedouro de gado. "Em tempos remotos, esse lago servia de bebedouro para o gado que pastava nessa zona quase rústica"[504]. Tal situação justifica a presença de uma vacaria no local. E mais um nome de mulher é identificada com atividades da área rural, Maria de Moura[505] que era mercadora de leite na localidade Sabonetal[506].

A despeito da dúvida que podia pairar sobre as funções de trabalho, ligados a mercancia exercida por mulheres em Parnaíba, a má reputação que poderia pairar sobre uma atividade qualquer, não parecia estava associada necessariamente ao trabalho em si, realizado dentro ou fora de casa. Algumas donas de comércio são apresentadas com morais impolutas. Trabalhar em locais públicos, dependendo de onde fosse, geograficamente falando, o tipo de atividade que era exercida, e com quem esta mulher estivesse acompanhada, poderia isentar ou comprometer a imagem/reputação desta trabalhadora ou proprietária.

Sendo o trabalho, desenvolvido em balcões de comércio, escritórios ou à frente de funções com responsabilidades que exigiam formação específica, a ideia de zelo com a aparência e comportamentos aumentavam, pois isso geralmente exigia deslocamentos e contatos com pessoas estranhas ao convívio imediato dessa mulher.

3.2.2 Comerciária, caixeira e auxiliar de comércio.

A ampliação dos espaços de trabalho e serviços para as mulheres em Parnaíba, em setores profissionais do comércio, evidencia-se a partir da década de 1940, perdurando e aumentando nas décadas subsequentes. Essas profissionais, qualificadas por experiência ou educação - podendo-se somar as duas prerrogativas – adquiridas em algum estabelecimento educacional ou comercial, não foram encontradas no *Almanaque da Parnaíba*, em textos que fizessem menção ao trabalho no comércio, mesmo sendo um periódico que em muito, gravitava em torno dessa atividade. No entanto, nas listas que indicavam os nomes dos profissionais que integravam as instituições públicas e de classe, vão surgindo pistas sobre a de suas existências.

---

[504] PASSOS, Caio. **Cada rua sua história**. Piauí; Parnaíba: 1982 p. 23.
[505] Jornal **O Norte**, 22 de fev. de 1940.
[506] Não conseguimos identificar essa localidade.

Os arranjos[507] para ocuparem esses espaços eram muitos, Indicação, uma empresa familiar ou o destaque escolar, frente às demais colegas. Para algumas a formação escolar vinha primeiro, outras ocorriam concomitante ao trabalho ou já depois de uma experiência profissional mais dilatada, como podemos observar na trajetória de algumas dessas trabalhadoras, que conseguimos vislumbrar timidamente.

A eficiência nos estudos poderia ser um passaporte para o trabalho, conforme podemos vislumbrar na fala de Neide Oliveira (2010) que foi aluna do Curso Comercial no Colégio Nossa Senhora das Graças - em entrevista apresentada por Gilberto Escórcio[508]:

> Terminei o Curso de Guarda-Livros no Colégio das Irmãs e fui trabalhar em 1941 na Empresa Franklin Véras, onde fui a primeira mulher a trabalhar lá. Fui indicada pelas irmãs como melhor aluna da turma o que me levou ao trabalho no começo como caixa e depois passei para a parte de contabilidade.

Além do estudo como um passaporte para um espaço de trabalho formal, fica-nos a evidência de uma memória de orgulho, melhor aluna, primeira mulher a trabalhar e o progresso profissional. A memória desses tempos resguardam-lhes aspectos de projeção e importância social.

Maria de Lourdes da Costa França[509], que entrou como Auxiliar de Comércio na Loja Rosemary[510], em 14 de dezembro de 1945, conforme constatamos na sua Carteira de Trabalho (IMAGEM 34) e aposentou-se como gerente na mesma loja já na década de 1980[511].

---

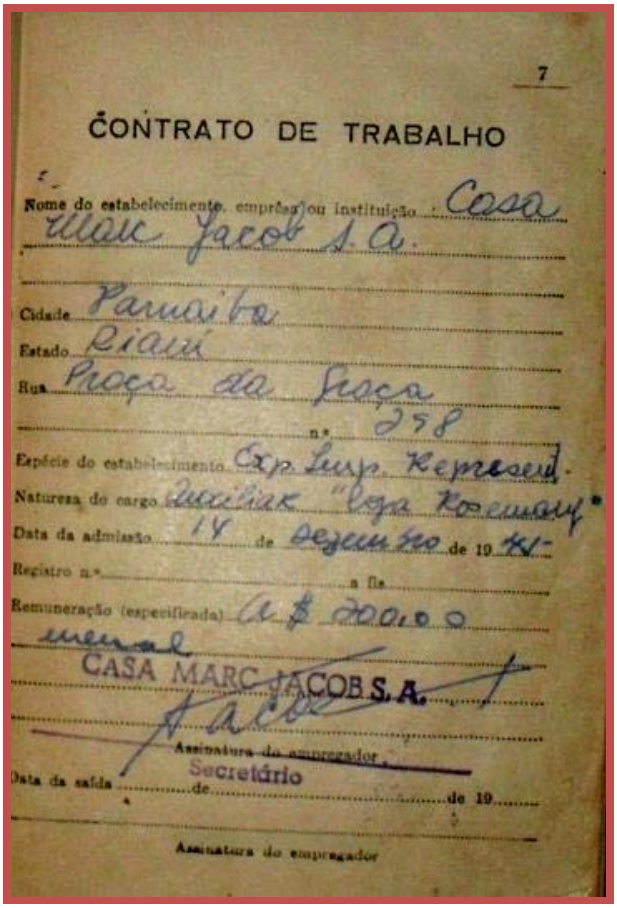
[507] No sentido de construir uma ordem múltipla, a partir dos elementos que se tem à mão.

[508] DUARTE FILHO, Gilberto Escórcio. Dissertação. **Porta-vozes da conquista da riqueza**: o ensino comercial e a Escola União Caixeiral de Parnaíba (1918-1950). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Mestrado em Educação, 2010.

[509] Maria de Lourdes França nasceu em Parnaíba – PI em 19 de novembro de 1925. A entrevista foi concedida a Mary Angélica Costa Tourinho em 19 de nov. de 2013.

[510] A Loja Rosemary, que ainda existe, integrava os negócios e atividades desenvolvidos pela Casa Marc Jacob, uma Sociedade Anônima que atuava em serviços, de exportação, importação, despachos, representação, indústrias de beneficiamento. Ainda hoje integra a cena comercial da cidade. Ver: *Almanaque da Parnaíba*, 1951, p. 14.

[511] Na Carteira de trabalho de Lourdes França não consta a folha com a data exata da dispensa e ela não soube precisar a data exata desse acontecimento.



7

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, emprêsa ou instituição Casa Marc Jacob S. A.

Cidade Parnaiba

Estado Piauí

Rua Praça da Graça

n.º 258

Espécie do estabelecimento Cap. Sup. Representação

Natureza do cargo Auxiliar "Loja Rosemary"

Data da admissão 14 de dezembro de 19 41

Registro n.º a fls.

Remuneração (especificada) a $ 200,00 mensal

CASA MARC JACOB S.A.

Assinatura do empregador

Secretário

Data da saída de de 19

Assinatura do empregador

IMAGEM 34. Pagina da Carteira de Trabalho de Lourdes França com a data de admissão.
Fonte. Acervo pessoal de Maria de Lourdes França.

Lourdes França condensou diversos arranjos na conquista e manutenção do trabalho, pois manteve um esforço que demandava na manutenção do mesmo e na continuidade dos estudos, ao mesmo tempo. Além disso, narra o ingresso e a vivência do trabalho de modo positivo, considerando-se eleita, em meio à oportunidade que lhe surgiu.

> Ai então quando eu, quando ele era um dos diretores, conforme eu já falei, ai então ele mandou me chamar. Porque a mulher dele a Dona Denize... Ele é que era o meu padrinho, ela não era. Porque tinha uma época que o homem, o dono da casa era padrinho, mas a esposa já não era, era madrinha de outra pessoa. Ai Francisco Fontenele de Araújo falou: Denize olha nós abrimos uma loja e a minha afilhada poderia trabalhar na loja Rosemary. Ai eu sei que no dia seguinte eu... ela mandou me chamar. Ai eu comecei a chamá-la de Madrinha Denize, mas ela não era madrinha. Só ele que era. Ai era madrinha Denize pra cá e ela gostava, eu acho que ela gostava disso de ter uma afilhada. Eu era até graciosa, muito novinha, né. Ai então ele disse Denize fale com a Lourdes, que nós abrimos uma loja... ela até poderia trabalhar lá. Minha filha com três dias eu já estava era trabalhando. (Entrevista de Maria de Lourdes França).

O ato da indicação, prática comum nessas relações, não significou nesse contexto, manter-se fora de um processo de especialização. Os estudos facultavam a manutenção e melhoria das condições de vida para quem ingressava no mundo do trabalho. Embora Lourdes França, tenha começado a trabalhar no comércio em 1945, só concluirá o curso de Contadora em 1952, como podemos observar na imagem (35) e no quadro de colação de Grau do Curso de Contabilidade da Escola Técnica da União Caixeiral.

.

IMAGEM 35. Lourdes França com as roupas paramentais de concludente da Escola Técnica de Comércio no ano de 1952.
Fonte: Acervo particular Maria de Lourdes França.

O expediente de trabalho, que deveria ser comum ao comércio, segundo Lourdes França, ia das sete e meia às dezoito horas, com o intervalo de duas horas para o almoço, no entanto, a conciliação desse trabalho com os estudos desaparece diante da importância que a loja e o trabalho assumiram para ela.

> Porque era apreciada na época (A Loja Rosemary). Quando a pessoa queria comprar uma joia, não ia a outra parte, ia direto à loja.
> [...]
> Aquelas pessoas quando queriam comprar coisa boa, joia, até móveis também, houve uma época que a gente vendia móveis. (Entrevista de Maria de Lourdes França)

A Rosemary, localizada na Praça da Graça, era uma loja de variedades que vendia produtos sofisticados de casa e consumo pessoal, além de joias e relógios, traduzindo-se em um espaço de realização para Lourdes França, que além do relato de uma experiência de trabalho, põe o processo de ascensão dentro da empresa como centro da sua vida.

> Eu trabalhei na Casa Marc Jacob, eu fui a terceira funcionária da loja Rosemary.
> [...]
> Eu fui vendedora e depois eu passei para diretoria da loja.
> Aí quando eu sai lá da loja, eu já era diretora, ai eu já estava com bastante tempo, ai então eu sai com saudade, mas eu, eu... sai espontaneamente. (Entrevista de Lourdes França)

O trabalho conferiu-lhe referenciais de identificação na cidade. Os entrevistados mencionados no trabalho relacionavam seu nome à loja, sempre que se perguntava sobre a presença de mulheres nas lojas da cidade. Um tempo mais próximo, uma função de gerência, em uma loja tão em destaque na cidade, aliado é claro ao mérito do seu trabalho pessoal, congregam elementos de identificação entre a sua pessoa e trabalho, incorporando-se o seu nome à função, "gerente da loja Rosemary" (IMAGEM 36).

IMAGEM 36. Maria de Lourdes França entre as vitrines da Loja Rosemary.
Fonte: Acervo particular da Sra. Lourdes França.

A imagem remete à ideia de visibilidade feminina em meio a uma função que lhe conferiu *status* profissional. O trabalho também foi o lugar que Lourdes França elegeu, como

elemento de realização, pois, quando perguntada sobre uma boa lembrança dos tempos em que trabalhou, responde:

> Com toda sinceridade, eu acho que a lembrança mesmo era quando era vendedora e de repente, quando eu menos esperei fui chamada pela diretoria, para passar para diretoria da loja. É uma lembrança boa, não e Socorrinho[512]. Diretora da Loja... (Entrevista de Lourdes França)

Além de elemento de distinção, a experiência de Lourdes França, põe em evidência a ideia do trabalho como centro da vida, bem de acordo com o que observa Eliane Gonçalves, ao analisar contemporaneamente, a importância do trabalho na vida de muitas mulheres, solteiras - como era o caso de Lourdes França, que nunca casou - de diferentes segmentos sociais: "o trabalho emerge como uma categoria marcante, tanto como ocupação, emprego, em diferentes fases da vida, como também profissão, carreira"[513].

Não existe o lamento, e sim um grande orgulho no relato sobre o trabalho. A despeito das idealizações de um tempo idílico, cabe considerar o trabalho como elemento de sobrevivência, o que põe em xeque o conceito comumente difundido, de que o salário feminino tinha uma função complementar à renda da casa, expondo-se situações onde era a mulher a sua própria mantenedora.

Cabe considerar a Loja Rosemary, como ambiente de trabalho para outras mulheres – com a Matriz, localizada em Parnaíba, e uma filial na capital, Teresina, inaugurada em 1951 - como nos assevera Lourdes França e as imagens que mostram outras funcionárias, com o fardamento (IMAGEM 37) descrito por ela, mesmo com a sua ressalva de que devido ao tempo, não lembrava: "Era uma saia e uma blusinha, que agora eu não me lembro, que já faz tanto tempo". (Entrevista de Maria de Lourdes França)

---

[512] Dona Lourdes França cita Socorrinho porque ela estava ao seu lado durante toda a entrevista. O nome de Socorrinho é na verdade, Maria Costa do Nascimento. É amiga de Lourdes França e trabalhou durante alguns anos na mesma loja que a Sra. Lourdes. Iniciou o trabalho na Loja Rosemary em 1958, segundo o seu relato feito no mesmo dia da entrevista feita com a Sra. Lourdes França, 19 de novembro de 2013.

[513] GONÇALVES, Eliane. **"**Remar o próprio barco": a centralidade do trabalho no mundo das mulheres "sós". **Cadernos Pagu** (34), jan.-jun. 2010, p 240.

IMAGEM 37. Funcionárias da Loja Rosemary[514].
Fonte: Acervo particular de Maria de Lourdes França.

Nesse contexto de indecisões e fragmentos de memória, que o tempo e a idade põem em questão, a fotografia, acaba por apontar, se não toda a história, uma história. Não sendo a história em si, e sim "um suporte da necessidade de vínculos entre momentos desencontrados do todo impossível, como documento da tensão entre ocultação e revelação, tão característica da cotidianidade"[515]. Nesse caso específico, pondo em evidência uma imagem perfeita de um momento e de parte da sua vida, dedicada ao trabalho.

Questões como a tradição de trabalho da família na área do comércio, também justificam a presença feminina, de forma respeitosa e consensual, no mundo do comércio. Dois relatos, sobre a mesma família, se sucedem sobre essa relação trabalho e família, comuns à praça comercial da cidade, que envolvem mulheres como partícipes dessas atividades.

O primeiro tem uma alusão demarcatória, quando Benjamim Santos, chama atenção em seu artigo, para "Mulheres na Parnaíba de outrora"[516] relata uma participação ínfima de mulheres na cena de trabalho cotidiano da cidade : "Já no mercado financeiro, apenas as filhas

[514] A Loja Rosemary tinha uma filial em Teresina.

[515] Sobre a relação da fotografia com o cotidiano, o autor considera este artefato como um elemento "que tece uma história" não é a história propriamente. Cf.: MARTINS, José de Souza. **A sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008, p.36.

[516] O BEMBÉM, Parnaíba, 21 de out. de 2008, p. 10.

de seu Marco Melo, Maria Alba e Maria Lina, que trabalhavam no Banco da Parnaíba, ali na Praça da Graça". Embora Marcos Melo não fosse proprietário, da referida empresa, o Banco da Parnaíba, tendo a função de gerente da instituição, tinha-se a presença de um parente, nesse caso o pai.

No segundo as reiteradas preocupações que determinadas mulheres deveriam ter com a moral, os cuidados por estar em público e ter que lidar com homens, em situação de trabalho e estranhamento: "Araken fala do Sr. Marcos Melo, o homem forte do Banco da Parnaíba. Família legal, mas de um olhar grave e severo. No Banco, além da seriedade do gerente, a das moças, Maria Alba e Maria Lina, Funcionárias, que não "soltavam" um sorriso sequer"[517]. A ideia é sempre a do distanciamento para evitar equívocos e ações que comprometessem as mulheres em ambiente de trabalho.

Eram comuns as narrativas de filhos e parentes próximos, que seguiam o mesmo ramo de atividades de trabalho, embora raras menções sejam feitas às mulheres, que também seguiam essa prática.

Além dos exemplos citados anteriormente, reiteramos outros onde se desenvolvia essa prática: Alba Alves de Souza[518] trabalhou como comerciária, na Casa Cícero José de Souza, cujo proprietário era o mesmo Cícero, o pai de Alba; Maria do C. Machado de Sampaio[519], Comerciária de Anísio Moreira de Sampaio, também parece guardar um parentesco com o proprietário, assim como Angélica Maria Ribeiro[520], comerciária da M. N. Pinto Ribeiro, cujos pais eram Antônio Castro Ribeiro e Maria de Nazaré F. Ribeiro; e Marila de Morais Espindola[521], filha de Josino Espíndola da Silva e Maria de Morais Espíndola, trabalhavam como comerciárias da Casa José Espíndola da Silva. Todas estavam no exercício da profissão na década de 1940, e à época em que se efetivaram como sócias, eram solteiras.

Sobre o uso do termo Casa, "é significativo que falem de sua "casa": o mesmo termo designa, o domicilio e a empresa"[522], demonstrando ligações entre trabalho e família, e a imagem paternalista do patrão.

Mesmo como parentes, teriam que estar aptas sob o ponto de vista de alguma instrução, ou buscando concomitante ao trabalho, ou posteriormente, uma profissionalização, como os cursos na área do comércio. Outras foram levadas a determinados espaços de

[517] FREITAS, Rubens. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba, PI: Gráfica e Cópias, 2007.
[518] Nasceu em 18 de fevereiro de 1920. Cf.: Livro de Sócios da União Caixeiral.
[519] Nasceu em 1º. de agosto de 1923. Cf.: Livro de Sócios da União Caixeiral.
[520] Nasceu em 4 de dezembro de 1925. Cf.: Livro de Sócios da União Caixeiral.
[521] Nasceu em 8 de maio de 1922.Cf: Livro de Sócios da União Caixeiral.
[522] PROST, Antoine. *Fronteiras e espaços do privado*. In. ARIÈS Philippe & DUBY. Georges. **História da vida privada:** da primeira guerra aos nossos dias. v. 5. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. In: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do Privado, p. 47.

trabalho só pelo mérito e conhecimento. O acesso da mulher ao espaço formal de trabalho em Parnaíba, se não abundante, foi diversificado, assim como as nominações e funções, em caráter profissional que mereceram receber.

Outros exemplos e experiências de trabalho no ramo comercial e áreas afins se sucedem, e o estudo acaba sendo um elemento importante, para que fosse possível a obtenção de uma vaga entre os diferentes postos de trabalho existentes nesse setor. Detectamos diversas mulheres que conseguiram alçar à categoria profissional de comerciárias de empresas modestas ou mais proeminentes da cidade, desenvolvendo funções diversas (QUADRO 8). Além de outras, que embora desconheçamos a formação[523], integraram o cotidiano de escritórios e balcões dos empreendimentos comerciais da cidade e instituições públicas, além de outras funções que exigiam conhecimento, adquirido no âmbito da prática, ou de uma formação escolar. No quadro segueinte (8), embora extenso, mais necessário para situar a atividade de mulheres na área do comércio formal, extraído do Livro de sócios da União Caixeiral, tem-se exemplos dessa presença.

QUADRO DEMONSTRATIVO 8. Mulheres com funções no comércio formal da cidade de Parnaíba 1940 /1950

Nome	Data e local de nascimento/Filiação	Formação	Local de trabalho
1. Adélia Véras	Piauiense de Teresina/nasceu em 4 de junho de 1887. Filiação: César Collaço Veras e Lavínia L. Veras.		Caixeira da Casa Pires Rebelo e Cia. E Genésio Pires e Cia.
2. Angélica Maria Ribeiro	Piauiense de Parnaíba/ nasceu em 4 de dezembro de 1925 Filiação: Antônio Castro Ribeiro e Maria de Nazaré F. Ribeiro.	Formada em Guarda Livros em 1944 do Centro Caixeiral	Comerciária da M. N. Pinto Ribeiro.
3. Artemísia Coelho Pires	Piauiense de Barras nasceu em 27 de junho de 1908 — Filiação: Valdivino Correa Pires e Umbelina Coelho Pires		Caixeira da Farmácia Parnaibana

[523] Elas podem ter buscado formação fora do Estado do Piauí ou em outras instituições do estado, como por exemplo, a Escola Normal.

4. Benedita Nogueira da Costa	Piauiense de Parnaíba nasceu em 8 de março de 1924/Filiação: Raimundo Nogueira da Costa e Maria Nogueira de Oliveira.		Comerciária do Instituto de Aposentadoria e Pensões
5. Edith Seixas	Piauiense de Parnaíba nasceu em 1895 Filiação: Colimério Seixas e Cecília Seixas.		Comerciária da Chaves& Cia.
6. Edmilça Candeira Cunha	Maranhense de Brejo, nascida em 4 de julho de 1924. Filiação: Euclides da Cunha e Angélica Candeira Cunha (já falecida).	Formada em contabilidade em 1948 no centro Caixeiral	Comerciária da R. Machado e Cia.
7. Ester Furtado de Carvalho	Piauiense de Parnaíba/ Filiação: Amadeu Ferreira de Carvalho e Eugenia Furtado de Carvalho.	Formada no Curso de Guarda – Livros do Curso Comercial doColégio N.S.G em 1936	Comerciaria da Moraes e Cia/Foi Rainha dos comerciários em 1935.
8. Helenita de F. Mendes	Maranhense de Remanso nasceu em 11 de fevereiro de 1925. Filiação: Hilton Mendes da Rocha e Maria de Jesus F. Mendes.		Comerciária da Casa Inglesa.
9. Inez Lopes de Souza	Maranhense de Brejo nascida em 24 de julho de 1926 – comerciária de Ivo Piauiense de S.Expedito Leitão.Filiação: Jerônimo Lopes de Souza e Ana Damasceno Lopes.	Formada Guarda livros em 1944 no Centro Caixeiral.	Comerciária de Ivo Piauiense de S.Expedito Leitão.
10. Júlia Silva de Sousa	Piauiense de Parnaíba nasceu em 13 de junho de 1926 Filiação: Salustiano Lopes de Sousa e Clara Silva de Sousa.		Comerciária da Casa Miguel Baluz.
11. Lucimar Veiga	Piauiense de Parnaíba. Filiação: Raimundo Veiga de Almeida e Dora Pinheiro		Caixeira da Narciso Machado & Cia

	Almeida		
12. Luiza Anaités de Morais	Piauiense de Piracuruca nasceu em 26 de maio de 1925 Filiação: Luiz Mendes de Morais e Anaites Almeida de Morais –		Comerciária da Casa Marc Jacob
13. Margarida Marques Machado	Piauiense de Marruás nascida em 22 de fevereiro de 1922. Filiação: Gregório Machado Ribeiro e Odelia Castro Machado.		Auxiliar de comércio da James Frederick Clarck Casa Inglesa.
14. Maria Auxiliadora Tupinambá	Piauiense de Parnaíba – piauiense de Parnaíba nasceu em 13 de março? Filiação: João de Brito Tupinambá e Virginia da Silva Tupinambá.	Formada Contabilidade em 1946 no Centro Caixeiral.	Comerciária da Casa Joaz Rebelo de Souza.
15. Maria Carminda de Castro Marinho	Cearense de Ipú, nasceu em 8 de agosto de 1924 de 1963. Filiação:João Crescêncio Marinho e Enoe Saboya de Castro Marinho.	Formada Guarda Livros no Curso Comercial do C. N. S. G. em 1943.	Comerciária da Casa Milton Magalhães.
16. Maria do Socôrro Oliveira	Piauiense de Parnaíba nasceu em 22 de abril de 1922 Filiação: Antônio Oliveira e Maria de Castro Oliveira.	Formada Guarda Livros em 1943 no Centro Caixeiral.	Comerciária de Manoel Castelo Branco e Cia.
17. Maria Ivone Silva	Cearense de Macapé nasceu em 15 de junho de 1925. Filiação: Antônio Silva e Amália Silva. Sua associação foi considerada sem efeito.	Formada Guarda Livros em 1943, no Centro Caixeiral.	Comerciaria da Ludgren& Cia Alemã (Casas Pernambucanas).
18. Maria Miriam Rocha	Cearense de Granja nasceu em 27 de fevereiro de 1925. Filiação: Antônio Alcino Ramos e Cassiana Rocha Ramos		Comerciária da Casa Inglesa.
19. Maria Olinda Serejo Gomes	Piauiense de Parnaíba, nasceu em 20 de janeiro de 1927. Filiação: Anacleto		Comerciária da Rio anil.

	Gomes e Olinda Gomes.		
20. Marieta Ramos	Cearense de Camocim nasceu em abril de 1904. Filiação: Só aparece o pai Joel Ramos.		Profissão comércio,trabalha no Tesouro do Povo.
21. Marila de Morais Espindola	Maranhense de São Bernardo, nasceu em 8 de maio de 1922. Filiação: Josino Espíndola da Silva e Maria de Morais Espíndola.	Formada Guarda Livros em 1944, no Centro Caixeiral.	Comerciária de José Espíndola da Silva.
22. Marivone de Oliveira Carvalho	Maranhense de Magalhães de Almeida nasceu em 7 de outubro de 1938. Filiação: Rosendo Ferreira de Oliveira e Maria de Lourdes Oliveira Carvalho.		Comerciária da Morais S/A Indústria e Comércio.
23. Neusa de Melo Mousinho	Piauiense de Parnaíba nasceu em 25 de dezembro de 1925 Filiação: Elviro Roque Mousinho e Clotildes de Melo Mousinho.		Comerciária da Casa dos Anjos.
24. Olivia de Oliveira Pinho	Piauiense de Piracuruca nasceu em 26 de maio de 1925. Filiação: Luiz Mendes de Morais e Anaites Almeida de Morais.	Formada em Contabilidade em 1946 no Centro Caixeiral.	Comerciária da Casa Marc Jacob.
25. Teresinha de Araújo Pinto	Maranhense e Tutóia nasceu em 7 de maio de 1925. Filiação: Pedro Araújo Pinto e Isabel Araujo Pinto.		Comerciária da Farmácia Santo Antônio.
26. Yone Foseca Pinto	Piauiense de Parnaíba nasceu em 1º. De agosto de 1917. Filiação: João Vieira Pinto e Orsina Fonseca Pinto.	Formada Guarda Livros em 1937 no Colégio N. S. G.	Comerciária – Guarda – Livros de F. Linhares/Professora do Centro Caixeiral

Caixeiras, Auxiliares de Comércio, Comerciária e Guarda – Livros, de Casas[524] importantes, ou médias, e pequenos empreendimentos comerciais e instituições públicas, cabe destacar que as mulheres conquistavam lugar em diversos estabelecimentos comerciais. Só nesse quadro (8), elas se encontram em dezenove instituições, com diferentes ações e importância, sob o ponto de vista do volume de negócios, além de duas instituições públicas, em Parnaíba.

Poucas ascendem à condição de gerente, como Lourdes França e a de Guarda – Livros, ápice da carreira de um funcionário do comércio dentre os serviços de contabilidade de uma empresa. No universo de vinte e duas trabalhadoras do comércio, identificamos uma, que alçou o posto de Guarda- Livros. E mesmo que outras tenham exercido essa função, a proporção é indicativa de quanto era restrita a atuação feminina nesse ofício.

Das mulheres que são indicadas (QUADRO 8), apenas Yone Fonseca Pinto (IMAGEM 38) chegou ao ápice da carreira no setor de serviços do comércio, além de ter sido professora da Escola da União Caixeiral recebendo homenagem dos alunos no ano de 1942.

IMAGEM 38. Yone Fonseca Pinto. Professora e Guarda Livros.
Fonte: Quadro de formatura da Escola de Comércio da União Caixeiral.

[524] O termo Casa antecede o nome da maioria das empresas.

Além de professora Yone Fonseca Pinto, assumiu a função de Guarda Livros, um cargo, majoritariamente sob o domínio masculino, cuja importância é assim descrita[525]:

> E o commercio, para expandir-se, para espalhar-se em larga peripheria, precisa imprescindivelmente de guarda livros. O commerciante compra ao industrial e vende ao consumidor; o industrial produz para vender ao negociante; o consumidor compra a este o que precisa para a sua manutenção. Este guro constante de producções, esta troca continua de coisas, não está, na rigorosa expressão de phrase, a cargo do industrial, do commerciante ou do consumidor. Aquelle dirige, o segundo é o intermediario, e este gasta, mas a operação, o resultado d'ella, o lucro ou o prejuizo, de cada um e de todos tres, está exclusivamente a cargo do guarda- -livros. Elle recebe do industrial a nota dos dispendios feitos com o operario, com o machinismo, com a materia prima: compara as despezas com o resultado obtido e diz ao industrial quanto ganhou ou quanto perdeu. O commerciante diz ao seu guarda-livros por quanto comprou e por quanto vendeu, e este diz-lhe quanto ganhou ou quanto perdeu. E o proprio consumidor, se quer ter a sua casa bem governada precisa tambem de ter um guarda-livros ou de o ser – o que é o mesmo.

Ser Guarda – Livros, portanto, assumia um ar de distinção, no meio comercial. Reforçando essa importância, tomamos análise de Lenira Menezes[526], sobre o trabalho dos caixeiros na corte, que apresenta-nos a hierarquia das funções dos trabalhadores do comércio. Mesmo se tratando de um período distinto, as funções apontadas pela autora - caixeiro de balcão ou atendente de balcão; caixeiro de fora, encarregado de compra, venda e cobrança fora do estabelecimento comercial; caixeiro de escritório, serviços de escritório e Guarda-Livros, ou primeiro caixeiro, sendo este, o mais importante na hierarquia, responsável pelo livro-caixa – continuam presentes no período analisado no trabalho.

Além de se destacar em um espaço ainda dominado pelos homens, Yone Fonseca Pinto, que se movimentava entre diversos afazeres profissionais, constrói outro sentido, no exercício cotidiano do trabalho das mulheres, geralmente pensado como preso o único local, durante uma jornada de trabalho. É interessante atentar para um universo de mulheres que se movimentavam entre, trabalho e estudo, trabalho e lazer, trabalho e família.

Paranaíba, como já observado, acabava sendo um atrativo para localidades vizinhas, inclusive de outros estados. Em um total de vinte seis associadas, com emprego, onze se declaram como parnaibanas. O restante - cinco, distribui-se entre outros municípios

---

[525] ESCOLA PRATICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. **O Guarda-Livros**. n. 2, 20 Agos. 1908, 1.º ano, pp. 17-18. In: GUIMARÃES, Joaquim Fernando da Cunha. Guarda-Livros, Contabilista e TOC. Revista Electrónica INFOCONTAB, n. 8, de Abril de 2006, p. 6. Disponível em: <http://www.infocontab.com.pt/download/revinfocontab/2006/08/GuardaLivrosTOC.pdf>.Acesso em: 23 mar. 2015.

[526] Cf.: GORESTAIN, Lenira Menezes Martinho e Riva (orgs.). **Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. v. 4, p. 38-39. (Coleção Biblioteca Carioca, nº. 24).

piauienses; quatro são do Ceará; e seis do Maranhão – ou seja, maioria vem de outras localidades.

Através dos anúncios feitos do Almanaque local, é possível observar atividades desenvolvidas por caixeiras e comerciárias das lojas que admitiam o trabalho feminino. As lojas de miudezas, armarinhos, joias e artigos de casa – Pêndula Parnaibana, Manoel Castelo Branco, Casa dos Anjos, R. Machado e A Brasileira, M.N. Pinto Ribeiro – eram empregadoras de mulheres.

Sobre os locais de trabalhos existentes na cidade, é importante destacar a presença de mulheres nas três maiores empresas de Parnaíba[527]. Duas na Moraes e Cia; Três na Marc Jacob e três na Casa Inglesa. Deve-se salientar que além desses nomes, outras mulheres são citadas, fora desses quadros, como trabalhadoras do comércio formal, o que amplia a participação feminina no universo de trabalho local.

Ainda sobre as mulheres ligadas a essas atividades, havia um elemento em comum entre elas, quadro (8) à época do trabalho. Todas eram solteiras. O casamento possivelmente fosse uma situação, não propriamente uma regra, que levava ao afastamento do trabalho, para a maioria.

Essas mulheres, oriundas do espaço formal das atividades comerciais, ao contrário das donas de pensão, comércio a retalho, de gêneros e de bebidas, além dos registros já apontados, garantiram uma presença visual, fotográfica, nos periódicos da cidade, a que tivemos acesso. Os donos desses estabelecimentos comerciais eram os grandes mantenedores dos veículos de comunicação existentes na época. Para trabalhadores homens e mulheres, "das fimbrias do capitalismo", uma câmera fotográfica era um luxo inacessível, só sendo possível o seu uso para registros de momentos solenes e festivos, na maioria das vezes, com o pagamento de um profissional, diferente dos grandes empresários e comerciantes da cidade, que tinham acesso mais fácil a essa quase ostentação da tecnologia contemporânea.

Algumas dessas imagens, as de trabalhadoras de escritórios, por exemplo, podem ser visualizadas (IMAGEM 39). Celso Augusto de Moura, pessoa ligada - como foi destacado na legenda - ao alto comércio, se posta de maneira centralizada e a imagem de família se interpõe. A indumentária da época, que se carregava para o trabalho, tanto deles quanto delas, a desproporção numérica entre os gêneros, podem ser percebidos através dessas fotografias.

[527] Imagens referentes às casas comerciais da cidade de Parnaíba.

IMAGEM 39. Funcionário(as) da Casa Inglesa em Parnaíba.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1937, p. 147.

A condição de gênero, de homens e mulheres, se evidencia. As mulheres estão como que protegidas, próximas ao casal anfitrião. Ainda se demonstra a presença feminina - seis estão presentes, onde três podemos confirmar serem funcionárias. O conteúdo simbólico da imagem propõe também uma visualidade do poder[528], personificada na pessoa Celso Augusto de Moura Nunes, que recebe em sua casa, os empregados e empregadas da Casa Inglesa, passando uma imagem familiar, assemelhando-se às fotografias dos patriarcas com seus filhos e apadrinhados.

Em outra imagem (40), três funcionárias da Casa Inglesa, em um momento de "esquivada", das convenções do espaço de trabalho. Parecem estar em horário de trabalho, embora estejam fora do prédio. Cientes que uma câmera apontava a lente para elas, onde por as mãos? Para onde dirigir o olhar? O posar para foto é tímido, mas não vergonhoso, afinal são funcionárias de uma grande empresa, lembrando o que Roland Barthes nos diz sobre a fotografia: "Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-

[528] MICELI, Sérgio. **Imagens negociadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

me a "posar", fabrico-me instantaneamente em outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem."[529]

IMAGEM 40. Funcionárias em frente à Casa Inglesa em Parnaíba.
Fonte: https://www.flickr.com/photos/10208762@N05/5737402337.

A imagem (40) também pode aludir sobre condutas vigiadas. O encarar tímido e sorridente para a câmera, da que está à esquerda, um olhar de cima para baixo da que esta ao meio, e o fitar em sentido contrário ao do fotografo, da que está à direita, revelam o embaraço diante das sistemáticas reprovações às exposições em demasia, ainda mais em local próximo ao do trabalho. Isso é quase uma ousadia, se permitir fotografar na rua, em um momento de folga, almoço ou atividade, fora dos muros da empresa. Os fardos de mercadorias nos dizem que algum carregamento chegou, ou está prestes a ser despachado para uma das praças comerciais da cidade.

Outras imagens vão mostrar mulheres, postadas para fotos, quase oficiais, entre colegas de trabalho, onde a imagem, as questões de gênero e do poder se evidenciam, e quase sempre vão estar acompanhadas do teor laudatório do retratista, dando destaque à figura que significa a mais alta hierarquia. Vamos observar em outras imagens extraídas do *Almanaque da Parnaíba,* esse quase cerimonial fotográfico, como reitera a imagem (41) seguinte:

[529] BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 22.

IMAGEM 41. Funcionários(as) das Casas Pernambucanas.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 274.

No texto que está sob a foto (IMAGEM 41) lê-se: "Lojas Pernambucanas. Fotografia dos funcionários das Casas Pernambucanas, vendo ao centro o gerente Sr. Ramiro Aguiar". Ternos para os homens, alguns com funções consideradas mais subalternas, só com camisas e a expressão de recato das mulheres são evidentes, apesar do desgaste que o tempo impôs à imagem.

No comércio formal, praticado pelas grandes empresas da cidade, podia-se garantir registros de patrões e trabalhadores(as) empregados nas mesmas, embora a visualização fosse excedida pela negação dos nomes, visto que só era dado o crédito da identificação, para os chefes. Se fosse de grande importância para a sociedade local, principalmente em datas festivas, garantia-se o nome da esposa, quando esta se fazia presente no momento que a fotografia era tirada.

O trabalho em determinadas empresas da cidade de Parnaíba, garantia uma visibilidade maior às mulheres, sob o ponto de vista do registro da imagem, além é claro, da permanência dos seus nomes como parte dos registros oficiais desses espaços.

Em instituições públicas ou de classe, o termo "profissão comércio", também podia acompanhar trabalhadores de gêneros indistintos. O trato com cálculos, a formação em área comercial, facultavam esse tratamento. Ademais, algumas instituições públicas se cruzavam com o mundo comercial. E nessas instituições as mulheres – além das duas mulheres citadas

anteriormente - vão conquistando gradativamente, postos de trabalho, embora tenham principiado pelas funções de datilógrafas e escriturárias[530] (Quadro 9), nesse universo de trabalho.

QUADRO DEMONSTRATIVO 9. Mulheres no Serviço Público em Parnaíba.

Nome/Fonte	Função/Local de Trabalho[531]	
1. Angélica Mota de Almeida/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1939. p. 386/ 1940, p. 385; 1944, p. 322/	Datilógrafa (1940); 4ª. Escriturariа da Recebedoria do Estado	
2. FlorisaMazulo de Melo/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1944, p. 337	Auxiliar de datilógrafa/ Prefeitura de Parnaíba	
3. Luiza Almendra/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1940, p. 385.	Auxiliar de datilógrafa/ Prefeitura de Parnaíba	
4. Maria Clara de Seixas/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1941, p. 335; 1947, p. 433; 1948, p. 340; 1949, p. 343; 1950, p. 319.	Datilógrafa/Administração Judiciária	
5. Maria da Conceição Assunção/ ALMANAQUE da Parnaíba,1947, p. 433; 1948, p. 340; 1949, p. 343; 1950, p. 319.	Ajudante de Tesoureiro e depois Tesoureira Auxiliar/ Arrecadação Geral da Alfândega	
6. Maria Helena Serra Vieira/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1947, p. 437	Datilógrafa/ Do Serviço de Classificação e Inspeção de Produtos Agrícolas	Formada Guarda Livros no Curso Comercial do C. N. S. G. em 1943.
7. Maria Tabita Viana Moreira/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1947, p. 439; 1948, 335; 1950, p. 321.	Datilógrafa/ Recebedoria do Estado em Parnaíba.	
8. Nair da Silva Santana/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1944, p. 322.	4º. Escriturariа/ Recebedoria do Estado	
9. Neide Gonçalves/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1944, p. 322.	Datilógrafa/ Alfândega	
10. Neyde Rodrigues de Cerqueira Lima/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1947, p. 433.	Restauradora de Processo/ Alfândega de Parnaíba	
11. Zuíla P. V. de Almeida/ ALMANAQUE da Parnaíba, 1939, p. 384/1944, p. 333.	Datilógrafa /Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários.	

[530]Sobre a função de escriturária tem-se o seguinte conceito: "Profissional que trabalha com escrituração, que é a elaboração sistemática e metódica, em livros próprios, das contas de uma casa comercial". Cf.: Brasil profissões; escriturário. Disponível em: <ttp://www.brasilprofissoes.com.br/profissao/escriturario/>. Acesso em: 18 mar.2015.

[531] Na documentação pesquisada só foi possível identificar a formação de uma das mulheres que aparecem nessa lista.

Sendo essas atividades, espaços de trabalho, progressivamente ocupados por mulheres, acabaram por assumir o sentido de feminização, ou, dito de outro modo, de subvalorização, impondo-se mais uma das muitas assimetrias que caracterizam funções sob o encargo feminino, pois:

> Se a estatística estabelece que as profissões ditas qualificadas caibam, sobretudo aos homens, ao passo que os trabalhos atribuídos às mulheres sejam "sem qualificação", é, em parte, porque toda profissão, seja ela qual for, vê-se de certo, qualificada pelo fato de ser realizada por homens, que, sob este ponto de vista, são todas por definição de qualidade.[532]

Apesar da "feminização" e da imagem de datilógrafa identificada com mulheres, os dados do censo de 1950, como já observado anteriormente, mostram homens e mulheres dividindo essa função, em proporção quase igual, o que demonstra a divisão desse espaço profissional entre ambos. Em um total de 76 profissionais identificados como datilógrafos, no estado do Piauí, trinta e oito são mulheres e vinte oito homens. Uma diferença que demonstra a conquista desse espaço como processo de formação/instrução, e não, como dádiva ou aptidão inata.

A imagem (42), de funcionários de uma casa comercial de grande porte na cidade, Ranulpho Torres[533], permite-nos perceber uma mulher (à esquerda) - entre homens de suspensórios, gravatas e manga de camisa, vestuário habitual dos homens que trabalhavam em escritório - ao lado de um colega (à direita), que assim como ela, estava manejando uma máquina de datilografia. Apesar das ranhuras e pouca nitidez da imagem, uma mulher divide uma mesma função com um homem em um escritório.

---

[532] MARUANI In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.p.75-76.

[533] Editor do *Almanaque da Parnaíba* dava nome a uma empresa de representações com uma ampla variedade de produtos, nacionais e internacionais; trabalhava também com comissões e consignações. Tinha filiais em Teresina e Fortaleza. Em todas as edições do Almanaque, no período do trabalho, encontra-se propagando dessa empresa.

IMAGEM 42. Empregados(as) do escritório de Ranulpho Torres Raposo.
Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1950, p. 71.

Essa mulher, assim como o seu colega, habilitou-se de alguma forma, para ocupar tal função, embora, persistentes ideias de que mulheres não tivessem competência, e sim, jeito, fazendo-se crê que o exercício de determinadas funções, era da natureza feminina, permitiu que se corporificassem assimetrias favoráveis aos homens, impondo-se cotidianamente essas "verdades", nas relações sociais e no trabalho. Daí a importância dos estudos das relações de gênero, dando-se "ênfase ao caráter fundamentalmente social e cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização"[534].

De modo geral, a imagem da datilografia, da máquina de escrever e da secretária vai ficar em muito, associada à mulher. Só com a sistemática adoção dos concursos públicos[535], para provimento de vagas, é que essa realidade vai sofrer, em longuíssimo prazo, uma alteração. Deve-se ainda levar em conta, que apesar da crescente instrução entre o público feminino, a maioria, vai seguir com uma formação limitada por padrões comportamentais e

[534] PEDRO, Joana & SOIHET, Raquel. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 288.

[535] Essa prerrogativa iniciou-se pela educação, quando a Constituição de 1934 tornou obrigatório o concurso público para o provimento de cargos no magistério. Cf.: GHIRALDELLI, P. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1995.
Apesar dos concursos já fazerem parte do processo de provimento de inúmeras funções, só, em 1967, com a sexta Constituição do Brasil, validou-se a obrigatoriedade do concurso público para o ingresso em todos os cargos, exceto para os cargos em comissão (cargos de confiança), norma mantida pela atual Constituição. Ainda assim, em nível estadual e municipal essas regulações não foram imediatas, mantendo-se a prática de indicações pessoais. Fonte: História dos Concursos. Cf.: Disponível em: <https://www.iobconcursos.com/noticias-sobre-concursos/a-historia-dos-concursos-publicos-no-brasil/1127>. Acesso em: 23 mar. 2015.

por discursos, que referiam sobre o que seria ideal como atividade para uma mulher, como já observamos anteriormente.

A despeito dessas questões, as mulheres vão garantindo espaço entre fotos e funções de trabalho no espaço privado e público. A frase, "era a única mulher trabalhando", assim como a existência de tal situação começa a perder o sentido, nos diversos espaços de trabalho do mundo comercial, e os que se cruzavam com este. O exemplo de Angélica Mota de Almeida, única mulher a trabalhar na Recebedoria do Estado em Parnaíba, que aparece rodeada só por colegas homens (IMAGEM 43), começa a ficar escasso nos anos vindouros. A Recebedoria do Estado, que já em 1944, contará com a presença de mais mulheres: Maria Tabita Viana Moreira, Nair da Silva Santana, e outras mais que chegaram e contribuíram para mudar o perfil de diversos espaços de trabalho.

IMAGEM 43. Funcionários e uma funcionária da Recebedoria do Estado - Parnaíba – PI. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 129.

Para além dos nomes elencados, outras mulheres ocuparam funções diversificadas no mundo do trabalho em Parnaíba, com suas diferentes possibilidades de colocação, estimulado no período, por uma dinâmica produtiva que pôs em evidência, a atividade comercial. Dividiam espaços e competências profissionais com homens, mesmo que sob a tônica da

diferenciação e da assimetria das competências, tenha sido a pauta de todo esse processo, tão marcante nessa convivência, ainda em dia atuais.

3.3. Um pouco de lazer

O mundo do trabalho em Parnaíba, também tinha as suas festas e, trabalhadores e trabalhadoras, em momentos de folga, desfrutavam do lazer que era possível à cidade, e as suas condições. O passeio na praça, o cinema, as conversas na porta, as festas nas casas, clubes e quermesses religiosas, faziam parte do dia a dia dessas pessoas.

Uma das festas, que acontecia no dia do comerciário[536], incorria na escolha da rainha e princesa do comércio, entre alunas dos cursos comerciais ou trabalhadoras do comércio. E as escolhidas, eram parte desse modelo social, que erigia modelos, a partir da estética que dominava cada contexto.

O meio onde se desenvolve atividades comerciais se estetiza a mulher, de acordo com as referenciais de boa aparência, que ratificam modelos de beleza, com padrões específicos para cada geração, e negações de outras estéticas, danosas principalmente às mulheres[537], que não se enquadram nesses estereótipos[538]. Nesse mundo de trabalho, com padrões estéticos, uma dentre muitas trabalhadoras eram escolhidas para representar a beleza das mulheres do comércio em Parnaíba.

---

[536] Sobre a instituição do dia do comerciário tem-se o seguinte: Foi através das organizações dos trabalhadores que no dia 29 de outubro de 1932, cinco mil comerciários, no Rio de Janeiro, organizaram uma grande manifestação e seguiram em passeata em direção ao Palácio do Catete. Então o presidente Getúlio Vargas os recebeu da sacada e nesse mesmo dia assinou o Decreto Lei n°4.042, de 29 de outubro de 1932, que acabava com a carga horária de 12 horas diárias, para 8 horas. O decreto-lei foi publicado no Diário Oficial do dia seguinte, 30 de outubro de 1932, e por esse motivo se se comemora dia 30 de outubro o "Dia do Comerciário". Cf.: Sindicato dos Comerciários de São Paulo. Disponível em: <http://www.comerciarios.org.br/index.php/artigos/2078-Dia-do-Comerciario,-hoje-temos-muito-a-comemorar>. Acesso em: 26 maio.2015.

[537]Analisando a relação da boa aparência como metáfora da cor, Caetana Maria Damasceno observa que:"a boa aparência" não como um sinônimo natural de "só para brancos", mas, antes, como uma construção social negociada e expressivamente empregada nas situações de recrutamento de mão de obra, ao longo dos anos 30 e 40 do sec. XX". Cf.: DAMASCENO, Caetana Maria. 'Cor' e 'boa aparência' no mundo do trabalho doméstico: problemas de pesquisa da curta à longa duração. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682879_ARQUIVO_2013_TEXTOanpuh_CaetanaDamasceno.pdf>. Acesso em: 11 maio. 2015.

[538] Sobre essa questão Cf.: PAIM, Altair dos Santos. **Aparência física, estereótipos e inserção profissional**: um estudo sobre a profissão de secretário executivo segundo a percepção das estudantes de secretariado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2007.

Duas mulheres vão ter seus nomes e imagens preservados, como rainhas do comércio em Parnaíba, por conta da permanência desses registros. Ester Furtado de Carvalho e Spés Fontenele de Carvalho. A primeira, no ano de 1935 e a segunda em 1943.

Sobre Esther (IMAGEM 44) tem-se um fragmento, parte de uma representação, por meio da memória de Rubem Freitas, que exalta a sua beleza, além de destacar parte da experiência de estudo e trabalho:

> Temos aqui em Parnaíba, um exemplo de beleza e de coração magnânimo, e que também foi rainha: D. Esther Mavignier.
> Foi a rainha e ainda é: "Quem foi rei não perde a majestade". Nascida Esther Furtado de Carvalho, filha de Eugênia (Genoca) e Amadeu Carvalho, Esther é uma das oito irmãs bonitas e prendadas: Yone, Ezilda, Luísa, Mariinha, Anita, Zaira e a irmã Maria Eugênia. E os irmãos Carlos Carvalho, João Carvalho e Joacy Carvalho e Padre José Carvalho.
> Os estudos, no Colégio Nossa Senhora das Graças. Formou-se Guarda – Livros, o que é hoje, Técnico em Contabilidade.
> De posse do Diploma, trabalhou na empresa Moraes, forte poderosa na época. No ano de 1953[539], foi eleita Rainha dos Comerciários e coroada em grande festa [...][540].

Esther apresentava as insígnias de distinção, que a formação em uma escola tradicional da cidade, o Colégio Nossa Senhora das Graças, permitia, um emprego em uma grande empresa local e uma beleza dentro dos padrões estéticos do período[541].

[539] O ano correto é 1935.
[540] FREITAS, Rubens. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba: Gráfica e Cópias, 2007, p. 119 – 120.
[541] Em anexo temos uma imagem da Miss Parnaíba de 1932 com as mesmas características estéticas de Esther.

IMAGEM 44. Esther Furtado e as princesas, 1935; Esther Furtado. *Miss* Caixeira 1935.
Fonte: Acervo do Centro Caixeiral sob a guarda do SESC.

Ainda como Esther Furtado[542], como *miss* e como caixeira, surge uma rainha esbelta, com ares nórdicos seguida de um séquito. A esbelteza era um símbolo de beleza desses tempos onde o movimento e o dinamismo, ganham espaço, sendo expressivos os discursos sobre a saúde e beleza do corpo feminino, como analisa Francisco Romão Ferreira:

> Desde as primeiras décadas de século XX o peso é decretado "elemento primordial da beleza feminina" e o excesso de peso jamais deve ser considerado como sintoma de saúde. Ao contrário, ele pode ser perigoso, provocar riscos sanitários e até a mortalidade. A gordura se transforma em inimigo número um da elegância e da felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza e os concursos de beleza popularizam esse novo padrão estético. Os concursos de miss se multiplicam no entre guerras e fazem com que as modelos exibam seus corpos perfeitos popularizando a nova silhueta.[543]

Mudam-se os anos e os padrões, embora a ideia seja a mesma nesses concursos, erigir símbolos estéticos que se impõem, motivados por alguma referência. Chama atenção o fato da "miss caixeira", ter características muito semelhantes à Miss Parnaíba de 1930 (IMAGEM 45).

---

[542] Casou-se com Carlos Furtado de Carvalho, Prefeito de Parnaíba (1970/1971).
[543] FERREIRA, Francisco Romão. Corpo feminino e beleza no século XX. **ALCEU**, v. 11, n.21, jul./dez. 2010. p. 191.

IMAGEM 45. Neusa Nunes Miss Parnaíba de 1930
Fonte: Jornal *O Bembém*, 21 de out. p. 10.

Os concursos acabam pondo em pauta, o reforço de determinadas modelações estéticas. Mais do que visibilizarem mulheres, evidenciam modelos.

> A partir do entre guerras os padrões de beleza e o imaginário acerca do corpo vão sofrer também uma grande influência da nascente indústria do cinema. [...] Novos padrões de beleza são estabelecidos, novos produtos cosméticos e novos modismos são criados a partir de um mercado editorial que se expande e leva a novas "tendências" a diferentes lugares do planeta. [...] A aparência passa a ser submetida a um controle operado pelo próprio sujeito, um exercício da vontade que tem como referência o imaginário sugerido nas telas. O mercado de trabalho cada vez mais burocratizado e hierarquizado também valoriza a aparência e cobra dos sujeitos uma adequação às novas regras.[544]

Na década de 1940, Spés Fontenele de Carvalho (IMAGEM 46) foi um desses modelos para o período, sendo a escolhida, em 1943, como símbolo da beleza entre as mulheres trabalhadoras do comércio, já denominadas de comerciárias.

[544] Ibid., p.192-193.

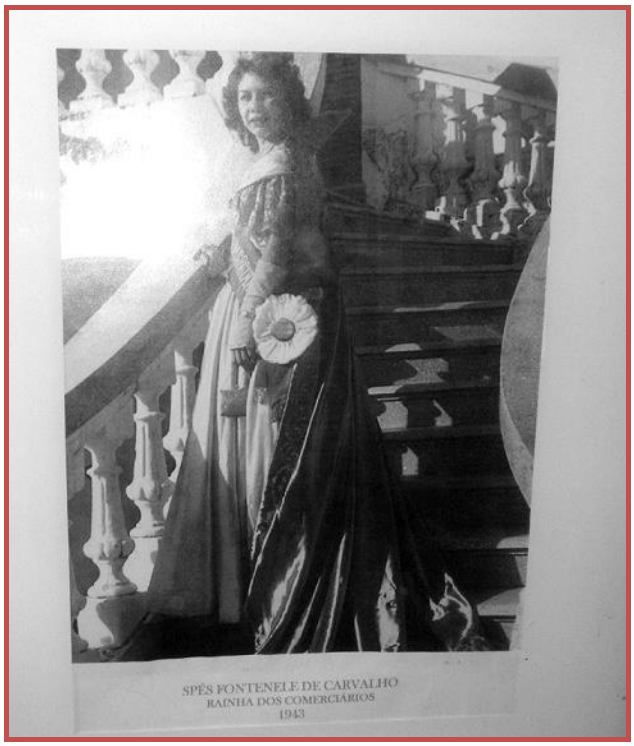


IMAGEM 46. Spés Fontenele de Carvalho.
Rainha dos comerciários do ano de 1943.
Fonte: Acervo do Centro Caixeiral sob a guarda do SESC.

Trabalhar em atividades comerciais formais era exigência para conquistar o titulo de rainha dos comerciários[545]. Spés[546] trabalhou no comércio local e assim como Ester Furtado de Carvalho, casou-se abandonando o trabalho junto ao comércio. Carlos Arakem faz uma alusão a ela ao elencar o que ele considerava à luz dos seus padrões estéticos - como ele próprio ressalta - uma mulher bonita, destacando-o dentre outras: "As filhas de D. Evarinta, mulher de grande inteligência e personalidade forte, das quais a estrela maior era Spés"[547].

Além das festas oficiais as trabalhadoras usavam os espaços de lazer comuns à cidade, cinemas e praças, como observamos em relatos de memorialistas e em algumas entrevistas: "Tinha a retreta que a gente ia lá para passear, na praça da graça, aí então as moças vinham assim e os rapazes vinham assim para se encontrar". (Ela faz um gesto

[545] As festas alusivas ao dia do comerciário acontecem no dia 30 de outubro. O dia marca a lutas dos caixeiros na luta pela jornada de oito horas de trabalho, quando foi assinado o Decreto de Lei nº 4.042, de 29 de outubro de 1932, determinando a jornada de trabalho para 8 horas por dia e o repouso remunerado aos domingos para todos os comerciários. Cf.: SINDICOMERCIÁRIOS.
Disponível em: <http://www.comerciarios.com.br/dia_do_comerciario.htm>. Acesso em: 10 maio. 2015.
[546] Conseguimos essa informação com a filha de Spés Fontenele de Carvalho, que não tinha maiores informações sobre o trabalho da mãe.
[547] ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1995.p.45.

mostrando que os grupos circulavam em sentido contrário para se cruzarem posteriormente). (Entrevista Sra. Lourdes França).

A Sra. Odelita, pinta e elabora na memória tempos de perfeição tempos coroados com os passeios na praça, que ela também reconhece, como uma das grandes diversões locais no período:

> Quando era de noite, era o pessoal todinho, era caminhando, arrodeando a praça, caminhando, passeando, conversando, e o... tinha o coreto, o coreto muito bonito, eu não sei se ainda tem o coreto, nunca mais eu pisei na Catedral, e agora cega, não dá certo nem eu ir. Aí, a gente toda noite ia, aquele, aquelas famílias tudo e era banca arrodeando, sentava nos bancos, e eram uma..., era muito bonito, antigamente, na antiguidade aqui a Parnaíba. . (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

Para além dos ambientes, facultados por um ingresso, como o cinema, citado como diversão esporádica pelas duas, ou por ser espaço público, havia lugares específicos de diversão, entre as diferentes categorias de mulheres envolvidas como o mundo do comércio. As festinhas entre colegas e em casas de famílias eram mais comuns e cotidianas, que as realizadas em clubes. A Sra. Lourdes França fala sobre elas:

> Era difícil você ir em clube, muito difícil. Só um exemplo, a Socorro tinha a casa dela, uma sala grande e tal e gostava de se divertir ai juntava aquelas pessoas, vamos para casa dela dançar. Ai a gente contratava a orquestra.
> [...]
> A festa era mais em casa de família, mais do que em clube. (Entrevista de Maria de Lourdes França)

D. Odelita também se lembra das festas que frequentava na mocidade, quando ainda trabalhava, sempre ressaltando a respeitabilidade dos ambientes do seu tempo:

> Ninguém ia dançar assim que nem agora, ganha o mundo com o namorado, não sabe?
> Não, no baile não tinha direito de dançar com namorado. Aqui e acolá dançava com o namorado, mas tinha que dançar com todo mundo que tava ali na sala. E eu dançava mais era com os idosos, que eu queria aprender era a dançar valsa. Eu não sabia.
> [...]
> Ave Maria, eu não perdia um baile. Um baile no Fluminense! O melhor baile de Parnaíba era o Cassino e o Grêmio. (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro)

O espaço de encontro da elite, Cassino 24 de Janeiro, fica como referência das melhores festas, embora D. Odelita se divertisse no Clube Fluminense, local distanciado do

centro da cidade, entre os limites que foram sendo impostos pela linha férrea[548]. De certo, ele referenciava o lugar que se encontrava, pois a rua onde estava situado, recebia também o nome de Fluminense. Ao que parece, o clube, também contava com a torcida de D. Odelita que ainda tem a lembrança de um dos seus gritos de guerra: "Mas o FLU FLU, meu bem não brinca não/Surra dez touro, quanto mais só um leão/Que taça bela é esta, da Revolução/Que o FLU FLU trouxe para sede, por derrotar o leão". Ela ainda explica o significado das frases: "Era eles que surravam o Flamengo não sabe?"[549].

Sobre o cassino, e a memória em torno dele, foi para além dos que eram os seus frequentadores, alimentando uma imagem e valores em torno do clube e da classe que o frequentava[550], tornando-o icônico para memória que reina sobre festas da cidade.

O mundo de trabalho de D. Odelita e as diversões, a exemplo das festas, que ficaram marcadas na memória, revelam lembranças mais expressivas das ocasiões em que tinha direito ao divertimento, como nos dias de carnaval. Ela nos apresenta um pedaço de sua memória em forma de música, nos dias em que era admissível brincar e falar de pequenas transgressões, nunca admitidas:

> Brincar não faz mal meu bem/Folgar um pouco nos dias de carnaval também/
> Se no mundo tudo vinga/Vamos tomar uma pinga/Para esquecer esta dor/
> Porque pouco dura a vida/Vamos gozar sim querida um pedacinho de nosso amor
> Sendo a vida muito curta/Vem a morte e nos furta/Não podemos mais sambar/
> Oh Deus, o amor não existe, mas bem sei que fica triste se essa vez não brincar/...
> (Entrevista de Odelita Neves Ribeiro).

Festas, passeios na praça, o cinema e o trabalho, assumem espaços de encanto na memória de um tempo perfeito, que, sendo representativo do real, tem uma densidade histórica[551].

As mulheres da cidade viviam em casa e na rua. Entre funções distintas de trabalho, elas estavam presentes em muitos lugares, advindos de um difícil processo de inserção no mercado de trabalho e de visibilização enquanto trabalhadoras. Vivenciavam inúmeras experiências, conviveram com a subvalorizarão, pobreza, diversão, enfim, necessidades entendida aqui no âmbito do buscar algo que lhes atendesse. No mais, todas essas mulheres

---

[548] Localizava-se no Bairro de Fátima. Atualmente se chama de Rua Marechal Pires Ferreira.
[549] Entrevista da Sra. Odelita concedida em 27 de julho de 2012.

[550] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial: 2003.
[551] PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo. (10). Dez, 1993.

integraram um processo contínuo e complexo, de ajustamentos entre as possibilidades, precisões, imperativos sociais, entre o que era tido como ideal e o vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar aspectos da história de Parnaíba, de 1930 a 1950, verifica-se que (em meio a um processo de transformação urbana, com um incremento produtivo, advindo principalmente do setor de exportação e com inúmeros acontecimentos de ordem social e política), a cidade segue uma lógica comum a outros centros, tanto no âmbito dos discursos quanto das possiblidades de inserção nos inúmeros espaços de socialização e trabalho, que vão se constituindo no período, para as mulheres.

E sobre as mulheres e o trabalho que desenvolviam, elas existiram enquanto presença efetiva no mercado de trabalho, embora se mantivessem como que sossegadas e relegadas, a uma não existência, historicamente posta.

Situando nossa pesquisa de 1930 a 1950, observamos um crescente processo de inserção das mulheres no mundo do trabalho formal e vislumbramos uma gama de atividades com fins comerciais, que envolviam um grande contingente que sobrevivia e criava cotidianamente meios de sobrevivência.

Ao serem observadas em meio ao detalhe de listas, registros de memórias e imagens, elas foram surgindo, com diversos nomes e funções, trabalhando em meio ao cotidiano produtivo da cidade, e revelando-se entre inúmeras atuações e lugares: casa, rua, barracas, quintais, quitandas, lojas, escritórios, armazéns, dos setores privados e públicos. Atendiam, vendiam, compravam, faziam contas, negociavam e se deslocavam entre a casa, rua, balcões e escritórios.

Independente de todas as modelações e prescrições impostas, por instituições de diferentes esferas, o trabalho integrava o dia a dia de uma gama de mulheres, quer por meio de uma tradição de trabalho considerado feminino, quer pela instrumentalização, obtida nos espaços instrucionais, que foram paulatinamente sendo abertos, ao longo da primeira metade do século XX, em instituições que tinham por finalidade formar para o desenvolvimento de funções produtivas no mundo do trabalho.

Um dos elementos representativos da importância do trabalho foi a instrução feminina, tanto para alçar espaços no mercado de trabalho, quanto para observar essa presença de mulheres enquanto sujeitos integrados à história. Essa abordagem surgiu entre elaborações do conhecimento a partir de novas leituras, permitindo destacá-las e considerá-las como de fundamental importância para constituição do mosaico histórico da cidade, retirando-as do ostracismo histórico, em meio ao labor cotidiano. É um perceber, motivado por novas ferramentas metodológicas e teóricas. Visto por esse prisma, o seu trabalho, bem como a sua

efetiva presença em diversificadas funções no cotidiano da cidade de Parnaíba, agrega outras percepções sobre o mundo do trabalho, tão caros à memória da cidade.

Mesmo com os limites prescritos por inúmeras modelações, impostas em forma de discursos e ações, que chegavam por meios das instituições educacionais, sem estas, o trabalho feminino ficaria restrito às imagens persistentes de afazeres menores, miúdos, "naturais", de um não trabalho, pouco significante, sob o ponto de vista de tornar possível a sobrevivência de mulheres e suas famílias.

Sobre esses diversificados afazeres e funções, com alguma finalidade de comercialização ou comercial, cabe considerar algumas questões.

O trabalho de mulheres, no interior das suas casas, não as isentava do mundo exterior. Costureiras saiam às compras, liam sobre as novidades da moda, arregimentavam auxiliares; se plantavam e criavam e vendiam esse excedente, se deslocavam também em um mundo público, como era peculiar em uma atividade de mercancia; teriam que estar atentas a muitas movimentações, para além do ir e vir do mercado ou da rua que mantinham a sua banca; bolos e doces e comidas comercializadas, exigiam compras nos mercados e muitas vezes, o contato direto com os fregueses.

De suas casas também, poderiam dirigir, junto com os afazeres domésticos, uma pequena ou grande mercearia, de vendas a retalho e/ou bebidas. Para vender precisavam comprar, ou seja, sair e ficar em casa fazia parte desse cotidiano. O trabalho em casa, não impunha o limite da casa. Dai talvez porque muitas assumam imagens, feituras de leituras, que as vejam como mulheres fora do "normal".

Também de dentro de suas casas, feitas de hotéis e pensões, trabalhavam e arregimentavam outras mulheres, que talvez fossem oriundas das ruas dos bairros, longe da "Parnaíba propriamente". Eram senhoras em um espaço posto imediatamente como doméstico, mas que sobreviviam em uma relação intrínseca com a rua, com o público.

Sobre esta gama de atividades praticadas cotidianamente por mulheres, pesavam inúmeras ordenações morais, é claro, porém, duas situações se impõem de modo imediato, o endereço e os contatos pessoais demarcadores de inúmeras ponderações sobre a conduta.

Para as mulheres que tinham que trilhar o caminho entre a casa e o trabalho, profundamente integrados ao universo urbano local, os cuidados com a moral pareciam mais intensos. As que praticavam o comércio ambulante vinham de longe, nem os seus nomes costumava-se saber. Algum apelido que as identificava, ou a localidade da qual era provenientes.

As que iam e vinham todos os dias, para os bares, escritórios e lojas, no centro e seus arredores, geralmente moravam nas proximidades, estavam debaixo do olhar vigilante da cidade. Sabia-se de seus pais, de sua casa e de sua condição. Eram mulheres vinculadas á um tempo, sujeitas e reprodutoras, em falas e ações, de toda uma carga discursiva, que esperava delas, que fossem diligentes, no que era estabelecido como moralmente aceito. A atenção com os trajes, o andar, falar, enfim, estar adequada.

Ou seja, em uma localidade onde o comércio era um elemento representativo de ascensão social, como analisamos ao longo do trabalho, mesmo para mulheres, dentro de determinadas circunstancias, ele não era de todo, uma função indigna. Para muitas pessoas, homens e mulheres, o trabalho no comércio foi um elemento indenitário fundamental para a sua existência, enquanto sujeitos.

Foi em meio ao mundo de trabalho em atividades comerciais e de serviços motivados pela mesma atividade, que muitas experiências foram se sucedendo. Proeminência profissional ou não, casamentos ou não, rainhas da categoria comercial, enfim, acontecimentos que as acompanharam, lhes permitiram uma nominação, destaques entre imagens e textos.

No mais, sobre essas mulheres e seus trabalhos, enxergamos e conjecturamos. Foram vidas cheias de experiências que só captamos por impressões esparsas e fragmentadas. Namoraram, casaram ou não; se mudaram para outros lugares ou permaneceram na cidade; morreram jovens ou com mais idade; tiveram sucesso profissional ou seguiram uma rotina sem grandes ambições e oportunidades; circularam entre os espaços sociais e de diversões, ou restringiram suas vidas ao trabalho e a casa.

São muitas as indagações que podem ser empreendidas nessa busca por mulheres, em meio às atividades e funções nas quais se envolveram. Sobre como seguiram em suas vidas nesse mundo da cidade e do trabalho, eis uma resposta que se constitui em um desafio a ser sistematicamente enfrentado, e sobre as quais teremos tão somente fragmentos.

REFERENCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. **A economia brasileira** 1930-1964. Disponível em: <http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td585.pdf>. Acesso em: 30 de maio. 2014.

AGUIAR, Adailton Aragão. **O riso na mídia**: o Barão de Itararé e seus Almanaques – os Almanaques do jornal A manhã. São Paulo: PUC, 2006. Tese (Doutorado). Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3046>. Acesso em: 03 jun. 2014.

AGUIAR, Robério Bôto de; GOMES, José Roberto de Carvalho (orgs.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí**: diagnóstico do município de Parnaíba. Fortaleza: CPRM Serviço Geológico do Brasil, 2004.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar.** Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. História*:* a arte de inventar o passado. **Ensaios de teoria da história**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALVES, Maria Odete; COELHO, Jackson Dantas. **Extrativismo da carnaúba: relações de produção, tecnologia e mercado**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

ARAÚJO, Maria Celina (org.). **Getúlio Vargas, 1883 – 1954**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940 **Cadernos Pagu** (27), jul-dez. 2006: pp.213-254.

BAPTISTA, João Gabriel. **Geografia Física do Piauí**. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1989. Reprodução visual por Giorgio Richard Nunes Silvério". Fonte: GANDARA, Gercinair Silvério. *Memórias do sertão*: o rio Parnaíba dos oitocentos. 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara***:* nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Características do romance histórico. **Via Atlântica**, n. 4: out. 2000. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduação/ecl/pdf/via04/via4 15. pdf>. Acesso em. 28 set. 2012.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Mulher Virtuosa, Quem a Achará***? O* discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV congresso interamericano de educação católica (1951). 2001.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos**: a mulher no espaço fabril curitibano. Curitiba: Artes e Textos, 2010.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial: 2003.

BRANDÃO, Silmária Souza. Riqueza e poderes: mulheres viúvas na condução de suas vidas na Salvador oitocentista. XXVII Simpósio nacional de história, Natal RN. 22-26 jul. 2013. Disponível: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364264067_ARQUIVO_SilmariaSouzaBrandao.docANPUH2013.pdf>.

BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Beira Rio Beira Vida; A filha do Meio-Quilo; O salto do cavalo cobridor: Pacamão. Teresina: FUNDAPI, 2008.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II (Prefácio)**. In: Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BONATO Nailda Marinho da Costa. **A presença feminina no colégio Pedro II**. [s.d.].

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CÂMARA SETORIAL DA CARNAÚBA. **A carnaúba**: preservação e sustentabilidade. Fortaleza: Câmara Setorial da Carnaúba, 2009.

CAPANEMA, Gustavo. **Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937**. GC/Capanema, GUSTAVO, 02.12.37. Série PI. In: SCHWARTZMAN, Simon et. al. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

CARDOSO, Maurício. **A Juventude dos anos dourados**: o tradicionalismo pós-guerra e a ruptura rebelde como prenúncio de revolução e vontade de liberdade. In: LEMAD-Laboratório de Ensino e Material Didático. 2010. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/283>. Acesso em: 03 abril, 2013.

CASTRO, Pedro Jorge; D´ARAÚJO, Maria Celina (orgs.). **Carlos Castelo Branco**: o jornalista do Brasil. Brasília – DF: SENAC: 2006.

CHAVES, Geovano Moreira. A moral católica como sensível compartilhado para o cinema. Anais eletrônicos do **VI Colóquio de História** - ISSN 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/6Col-p.131-138.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano***:* 1 - artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

_____. **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). As mulheres e a história (anais). Lisboa: publicações Dom Quixote, 1995.

CIARLINI, Daniel Castelo Branco. **A face oculta da literatura piauiense**. Parnaíba: (s.e.), 2012.

CIDREIRA. Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

CORRÊA, Rossini. **Mudança social no Nordeste**. São Luís, SIOGE, 1986.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O Livro do centenário de Parnaíba**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946.

DAMASCENO, Caetana Maria. **'Cor' e 'boa aparência' no mundo do trabalho doméstico**: problemas de pesquisa da curta à longa duração. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682879_ARQUIVO_2013_TEXTOanpuh_CaetanaDamasceno.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2015.

D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO; Celso (Orgs). **João Paulo dos Reis Velloso**: memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004. (Coleção Tempos Modernos).

DHOQUOIS, Regine. **O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX). Proteção da produtora ou reprodutora**. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Mulheres sem História. In: **Revista de História**: nova série. São Paulo: USP. n. 112, jan–jul. 1983.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/agamenon_magalhaes>. Acesso em: 18 jun. 2014.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). **As mulheres e a história** (anais). Lisboa: publicações Dom Quixote, 1995.

DUARTE FILHO, Gilberto Escórcio. Dissertação (Mestrado). **Porta-vozes da conquista da riqueza**: o ensino comercial e a Escola União Caixeiral de Parnaíba (1918-1950). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Mestrado em Educação, 2010.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FERREIRA, Francisco Romão. **Corpo feminino e beleza no século XX**. **Alceu**, v. 11, n.21, jul./dez. 2010. p. 186- 201.

FIGUEIREDO, Diva Maria Freire. **Arquitetura e urbanismo no Piauí: formação e identidade.** In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de Araújo; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). Gente de longe: histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006.

GANDARA, Gercinair Silvério. **MEMÓRIAS DO SERTÃO**: o rio Parnaíba dos oitocentos. 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/1645995/MEMORIAS_DO_SERTAO _o_rio_Parnaiba_dos_ oitocentos>. Acesso em 28 de maio de 2014.

GHIRALDELLI, P. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GODINHO, Tatau (org.). SILVEIRA, Maria Lúcia da (org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. (Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8).

GOMES, Ângela Maria de Castro; D`Araújo Maria Celina Soares. **Getulismo e trabalhismo**: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

GONÇALO JÚNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e censura dos gibis. 1933 – 1964. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Eliane. "Remar o próprio barco"*:* a centralidade do trabalho no mundo das mulheres "sós". **Cadernos Pagu**, n.34, jan-jun. 2010.

GORESTAIN, Lenira Menezes Martinho e Riva (orgs.). **Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, v. 4, p. 38-39, (Coleção Biblioteca Carioca, n. 24).

GRAHAM, Richard. **Alimentar a cidade:** das vendedoras de rua à reforma liberal: (Salvador, 1780 -1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES. Joaquim Fernando da Cunha. Guarda-Livros, Contabilista e **TOC.** Revista Electrónica "INFOCONTAB", n. 8, de Abril de 2006, p. 6. Disponível em: <http://www.infocontab.com.pt/download/revinfocontab/2006/08/GuardaLivrosTOC.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2015.

GINZBURG, Carlos. **Fios e rastros**: verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUSTAVO Capanema. Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937. GC/Capanema, GUSTAVO, 02.12.37. Series pi. In: SCHWARTZMAN, Simon Et. Al. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 1994.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Um pirilampo nas páginas do Almanaque**: imagens reluzentes de uma Parnaíba que deseja ser, se vendo. In: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de; LIMA, Frederico Osanan Amorim. Parnaíba: cidade que nos habita. Parnaíba: Sieart, 2013.

LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. UNESP/Assis Pesquisadora do CNPq. Disponível em: <http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2014.

_____. Fontes impressas: **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Lia Zanota. **Estudos de gênero**: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, Mônica Raisa. Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Mulheres, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Paulo César Garcez. **Habitação e vizinhança**: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: História da vida privada no Brasil. NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Org). v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. **O espaço feminino no mercado produtivo**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **Por uma história das sensibilidades: em foco –** a masculinidade. In: História: questões e debates. Curitiba, PR: UFPR, v. 1, n. 1, 1980.

MARUANI In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MELO, Hildete Pereira de & MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. A partilha na ordem patriarcal. Disponível: em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes /rec/REC%205/ REC_5.2_06_A_partilha_da_riqueza_na_ordem_patriarcal.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2015.

MENDES, Iweltman. **Parnaíba***:* educação e sociedade (da colonização ao fim do Estado Novo). Parnaíba: SIEART, 2007.

MENESES, Ana Claudia Pires Fontenele de. **Quem te ensinou a fazer renda**: a cultura dos Morros da Mariana – PI como influência na educação e pela renda de bilros. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Núcleo de História e Memória da Educação. Fortaleza, 2009.

MONTEIRO, Denise Mattos. **O capital mercantil estrangeiro no Brasil no século XIX**: a atuação da casa Boris Frères no Ceará. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José Roberto do Amaral (orgs). História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: HUCITEC, 2002.

MICELI, Sérgio. **Imagens negociadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORO, Nataniél Dal. *Os memorialistas e a edificação de um passado glorioso.* Revista Crítica Histórica. Ano III, n. 6, dezembro/2012. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/144/Os%20memorialistas%20e%20a%20Edificacao%20de%20um%20Passado%20Glorioso.pdf>. Acesso em 28 abr. 2014.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). **Cadernos Pagu** (16) 2001.

MOURA, Mariluce. **Entrevista João Paulo dos reis Velloso**. Pesquisa FAPESP, jul. 2008.

NERIS, Wheriston Silva. Itinerários religiosos e engajamento político no Maranhão. 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2011. GT 16: Grupos Dirigentes e Estruturas de Poder. (1940-1980): catolicismo, mediação cultural e militantismo político - religioso.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. Projeto História 10. **Revista do Programa de Estudos dos Pós – Graduados em História e do Departamento de História**, n. 10. PUC/SP: Dez. 1993.

NUNES, Maria Cecília S. da Almeida. **A influência britânica em Parnaíba PI**. In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). Gente de longe: histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006.

OLIVEIRA, Olímpio Olinto de. Sociedade Brasileira de Pediatria. Academia Brasileira de Pediatria. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1276&tipo=D>. Acesso em: 20 fev. 2014.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. **O Sentido Estratégico das Relações Bilaterais Brasil - Alemanha**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2011.

OSTOS, Natasha Stefania Carvalho. **A questão feminina**: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930 – 1945). In: Cadernos Pagu, n.39, jul– dez.

PAIM, Altair dos Santos. **Aparência física, estereótipos e inserção profissional**: um estudo sobre a profissão de secretário executivo segundo a percepção das estudantes de secretariado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2007.

PEDRO Maria Joana; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2007, v. 27.

PEDRO, Maria Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, 2005, v.24, n.1, p.77-98.

PELEIAS, Ivan Ricardo et.al.. Evolução do ensino de contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **R. Cont. Fin. USP.** São Paulo. 30.ed. Anos de Doutorados, p. 19-32, Jun.2007.

PERROT, Michelle**. Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSK, Carla Bassanezi. **A era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das mulheres no Brasil. PINSK, Carla Bassanezi et. all. (orgs). São Paulo: Contexto, 2012.

POLLACK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. Proj. História, São Paulo. (22). Jun. 2001.

_____. **Sonhos ucrônicos**: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Proj. História, São Paulo. (10), dez. 1993.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**. São Paulo, 27 (2), 2008.

PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro:** os árabes em Floriano, PI. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal

do Piauí; Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

PROST, Antoine. **Fronteiras e espaços do privado**. In. PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias. v. 5. Companhia das Letras, 1992.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República***:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*:* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e sexualidade**. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002. p. 607–639

RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

RAMOS, José de Nicodemos Alves (org.). **Parnaíba de A a Z***:* Guia Afetivo. Brasília: Multicultural Arte e Educação. 2008.

RIBEIRO, Francigelda. **Sapiência**. mar. 2007, n. 11. Ano IV.

RIBEIRO, May Waddington Telles (coordenador) Produção artesanal e práticas socioculturais associadas à cajuína no Piauí. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Out. 2008 – set. 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_cajuina_piaui.pdf>. Acessado em 35 de mai. De 2015.

RODRIGUES, Cândido Moreira. Por uma nova disponibilidade: o intelectual Alceu Amoroso Lima e o rompimento com o Estado Novo. **Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH**, Ano II, n. 4, Maio, 2009. ISSN. 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao - Artigos>. Acesso em: 18 jun. 2014.

RODRIGUES, Walter et.al. Comunicação apresentada às VI Jornada de Comunicação e Cultura no ISCTE e promovidas pelas CIES em janeiro de 1987.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997.

ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. A presença estrangeira no Piauí no século XIX. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009.

SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org.). **Piauí***:* Formação, desenvolvimento, perspectiva. Teresina: FUNDAPI, 1995.

SANT'ANNA, D. B. **Políticas do Corpo**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, Gervásio; KRUEL, Kenard. **História do Piauí**. Teresina: Haley/Zodíaco, 2009.

SANTOS, Vicente Saul Moreira. **Entidades filantrópicas & políticas públicas no combate à lepra,** Ministério Gustavo Capanema (1934 – 1945). Fundação Oswaldo Cruz. Dissertação (Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz, Programa de Pós–Graduação em História das Ciências de Saúde. Rio de janeiro, 2006.

SARLO, Beatriz. **O tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007.

SAVIANI, Dermeval (Org.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminin*a*. OPSIS - **Revista do NIESC**, v.l. n.6, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon Et. Al. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Tradução: Lúcia Hadad. Revisão técnica: Marina Maluf. Projeto História, São Paulo, 16 fev., 1988.

_____. Gênero: "uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez., 1995.

SILVA, Aldairis Pereira da. **A mulher e o século**. Anais do I Colóquio Internacional de Literatura e Gênero – Relações de Poder, Gênero e Representações Literárias. Set. de 2012 – Teresina – Piauí – Brasil – ISBN: 978-85-61946-63-0.
Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.694.pdf>. Acesso em: 29 maio, 2014.

SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o avesso da Belle Époque**: cotidiano e pobreza (1930 -1950). Dissertação. (Mestrado).Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas de Letras. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Mestrado em História do Brasil. Teresina – PI, 2012.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres brancas no fim do período colonial. **Cadernos Pagu**, n.4, 1995.

SILVA, Sabrina Aparecida da. **A Gênese da Assistência Social em Santa Catarina:** Estado, ideologia e classes sociais. Florianópolis. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://cress-sc.org.br/wp-content/uploads/2014/03/A-Genese-da-Assistencia-Social-em-Santa-Catarinense.pdf>. Acesso em: 12 de maio. 2015.

SILVA, Zélia Lopes da. **Os carnavais dos paulistanos entre 1938 e 1945**: imagens e representações. História e retórica da imagem: a visão do acontecimento. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa, 2003.

SIMILI, Ivana Guilherme. Políticas de gênero na segunda guerra mundial: as roupas e a moda feminina. A**cervo,** Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 121-142, Jul.- dez. 2012.

SIMÕES, Iná. **Roteiro da intolerância**: a censura cinematográfica no Brasil. São Paulo. SENAC, 1999.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismo e representações sociais**: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". História: questões e debates. Curitiba, PR: UFPR, n. 34, p. 11-44, 2001.

TAJRA, Jesus Elias; TAJRA FILHO, Jesus Elias. **O comércio e a indústria no Piauí**. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). Piauí: formação, desenvolvimento e perspectiva. Teresina: Halley, 1995.

TEDESCHI, Antonio Losandro. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológico. Dourados, MS: UFGD, 2012.

_____. O fazer histórico e a invisibilidade da mulher. **OPSIS**, v.7, n. 9. Jul.– dez., 2007.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor – a americanização do Brasil, a época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRUZZI, Oswaldo. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos: um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

Unilever: uma história de sucesso. Disponível em: <http://www.unilever.com.br/Images/HISTORIA_DA_UNILEVER_FINAL_tcm95-112364.pdf.> Acesso em: 18 jun., 2014.

VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra**: um retrato da França ocupada. Rio de janeiro: Zahar Editor, 2004.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Lugar de mulher é na fábrica**: Estado e trabalho feminino no Brasil (1910 – 1934). In: História*:* questões e debates. Curitiba: UFPR, v. 1, n. 1, 1980.

VIANA, Marly de Almeida Gomes, SILVA, Érica Sarmiento da, GONÇALVES, Leandro Pereira. **Presos políticos e perseguido, estrangeiros na era Vargas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

FONTES

ALMANAQUES

ALMANAQUE da Parnaíba. Parnaíba, 1924.
_____. Parnaíba, 1932.

_____. Parnaíba, 1933.

_____. Parnaíba, 1934.

_____. Parnaíba, 1937.

_____. Parnaíba, 1938.

_____. Parnaíba, 1939.

_____. Parnaíba, 1940.
_____. Parnaíba, 1941.

_____. Parnaíba, 1942.

_____. Parnaíba, 1943.

_____. Parnaíba, 1944.

ALMANAQUE da Parnaíba. 1945.

_____. Parnaíba, 1950.

_____. Parnaíba, 1951.

_____. Parnaíba, 1955.

_____. Parnaíba, 1956.

DOCUMENTOS DA UNIÃO CAIXEIRAL

LIVRO de Sócios da União Caixeiral. Parnaíba: (s.n.), (s.d.). (Manuscrito).

Regulamento da Escola de Comércio da União Caixeiral. Aprovada em 2 de junho de 1938. (Mimeografado).

Estatutos da União Caixeiral, aprovado em 7 de março de 1946. Parnaíba – PI: Comercial, 1947.

LEIS

BRASIL. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1938**. v.1. Decretos Leis (janeiro a março). Cap. XVII – das empresas jornalísticas, p. 228.

BRASIL. Decreto Lei n. 4.244, 9 de abril de 1942. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/>. Acesso em: 14 abr. 2013.

CIRCULARES

Circular n. 43. Sobre Recenseamento. 4 de jul, 1940. Documentos da Paroquia de Parnaíba.
PAPA PIO XI. **Carta Encíclica Vigilanti Cura**. Sobre o Cinema. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CENSOS DEMOGRÁFICOS

Censo Demográfico de 1950. IBGE, Conselho Nacional de Estatística, Serviço Nacional de Recenseamento. Série Nacional, vol. I. Rio de Janeiro: 1956. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XX_t1_RS.pdf. Acesso em: 15 de maio. 2014.

Censo Demográfico: população e habitação. Série Nacional – vol. II. 1º. de setembro de 1940. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950.
Disponível:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf>. Acesso em: 15 de maio. 2014.

RELATÓRIOS

PIAUÌ. **Relatório do Estado Piauí apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas**, D. D. Presidente da República. Pelo Interventor Federal do Estado Dr. Leônidas de Castro Melo. D. E. I. P: 1943.

ENTREVISTAS

ATHAYDE, Cândido de. Entrevista. [17 de jan. de 1984]. Parnaíba. Entrevista concedida ao Núcleo de História Oral da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO.

FRANÇA, Lourdes. Entrevista. [19 de novembro de 2013]. Parnaíba. Entrevista concedida a Mary Angélica Costa Tourinho.

MAVIGNIER, Neusália dos Santos. [24 de novembro de 2014]. Parnaíba Piauí. Entrevista concedida a Mary Angélica Costa Tourinho.

PRADO, Raimundo Nonato Lopes do. Entrevista. [18 de junho de 2012]. Parnaíba. Entrevista concedida a Mary Angélica Costa Tourinho.

RIBEIRO, Odelita Neves. Entrevista. [21 de junho de 2012]. Parnaíba. Entrevista concedida a Mary Angélica Costa Tourinho.

SANTOS, Maria José Ferreira. Entrevista. [06 de julho de 2012]. Parnaíba. Entrevista concedida a Mary Angélica Costa Tourinho.

JORNAIS

O BEMBÉM. Parnaíba, 21 jan. 2008.

_____. Parnaíba, 21 mar. 2008.

_____. Parnaíba, 21 out. 2008.

_____. Parnaíba, 21 nov. 2008.

_____. Parnaíba, 21 nov. 2010.

O CAIXEIRO. Parnaíba. 7 set. 1944.

_____. Parnaíba. 30 out. 1944.

A FLÂMULA. Parnaíba, 6 set. 1936.

_____**.** Parnaíba, 7 jun. 1936.

_____**.** Parnaíba, 12 jun. 1936.

JORNAL DA PARNAÍBA (online). 23 julho. 1977.

_____. 05 Jul. 2013.

O NORTE. Parnaíba. 1 jun. 1932.

_____. Parnaíba. 27 dez. 1939.

_____. Parnaíba. 22 fev. 1940.

_____. Parnaíba. 25 fev. 1941

_____. Parnaíba. 25 fev. 1944.

O Sino. Piauí. 30 mar. 1930.

Voz do Estudante, Teresina, ano 1, n. 1, p. 8, 30 dez. 1940.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ. 20 jan. 1932.

_____. 23 jan. 1932.

_____. 3 maio. 1942.

_____. 5 maio. 1942.

PRÓ – PARNAÍBA (online). 30 abr. 2009.

VOX. Parnaíba, 29 jan. 1950.

MEMORIALISTAS

ANDRADE, Emir Correia de. **Retalhos de uma vida**. (s.l): (s.e.), 1999.

ANDRADE, Luiza Thereza Neves de Andrade. **As meninas do sobrado**. (s.l): (s.e.), 1999.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** Parnaíba: 1995.

BOTTO, Penna. **Meu exílio no Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (memórias).** São Paulo: L.R. Editores, 1981.

FREITAS, Rubens. **Parnaíba tem memória**. Parnaíba: Gráfica e Cópias, 2007.

LIMA, Raimundo de Sousa. **Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias**. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987.

MACHADO, Yeda de Moraes Souza. **Joaz e Joanete**. Uma história de vida e amor. Parnaíba: SIEART, 2010.

PASSOS, Caio. **Casa rua sua história**. Parnaíba: (s.n.), 1982.

REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, (s.d).

RIBEIRO, Antônio Rodrigues. **Parnaíba**: presente do passado. Parnaíba: Gráfica Ferraz, 2003.

SILVA Maria da Penha Fonte e. **Ademar Gonçalves Neves:** o remodelador da cidade. Parnaíba – PI. Americanas: out. 1983. (memórias).

_____. **Parnaíba minha terra (crônicas).** Parnaíba: (s.d.)

REVISTAS

Revista Electrónica “INFOCONTAB”, n. 8, de Abril de 2006, p. 6. Disponível em: <http://www.infocontab.com.pt/download/revinfocontab/2006/08/GuardaLivrosTOC.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2015.

REVISTA HISTÓRICA. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba. Parnaíba out. 2009.

REVISTA TST. Brasília, v. 77, n. 2, abr-jun, 2011.

REVISTA VOZ DO ESTUDANTE. Teresina, ano 1, n. 1, 30 dez. 1940.